

---

**||| GIL**   
**V I C E N T E**

---

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE  
MANUEL ALVES DE OLIVEIRA  
RUA DE FRANCISCO AGRA, 161 — Guimarães

---

COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES OFICINAS  
GRÁFICAS «MINERVA», DE GASPAR PINTO DE  
SOUSA & IRMÃO VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1939

---

# VIGIL VICENTE

■

**REVISTA —  
LITERÁRIA —  
DE CULTURA  
NACIONALISTA**

■

XV VOLUME  
N.º 1 a 12

GUIMARÃIS  
1939

JANEIRO

DEZEMBRO

Directores: \_\_\_\_\_

**D. José Ferrão  
Manuel Alves de Oliveira**



## PRO REGE NOSTRO

Foi fértil de acontecimentos vários o ano de 1938, que findou. E de todos êles se podem tirar lições preciosas que muito devem aproveitar à Nação Portuguesa.

É evidente que as Democracias, por mais que as queira salvar o presidente Roosevelt da *livre* América, entraram em considerável declínio, no que, valha a verdade, nada se perde.

Na Espanha continua a acentuar-se nitidamente a vitória de Franco, que o mesmo é dizer a vitória da Espanha e da Latinidade sôbre o comunismo. E a vitória de Franco conduzirá a Nação vizinha aos seus destinos gloriosos e imortais.

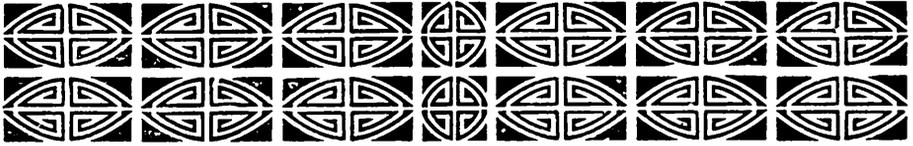
Entretanto a Alemanha, aproveitando o descontentamento austríaco criado pela política do Chanceler Schuschnigg que não soube, a tempo, entregar a Austria ao seu legítimo Rei e salvador, realizou a obra colossal sonhada por Guilherme II, e alargou as suas fronteiras ocupando os territórios sudetas que estavam em poder da Checoslováquia.

Por tôda a parte vai alastrando a reacção vigorosa contra os desmandos e contra os desatinos da Democracia que têm posto em perigo a paz interna da França e aba-

lado até aquêlê proverbial bom senso inglêz. É certo que a Inglaterra tem sôbre a França a vantagem de viver em regime monárquico que lhe assegura o sentimento de orgulho nacional e a integridade do seu império. Porque a verdade é que a Europa, — e será só a Europa? — está na sazão dos Césares ou das Democracias e são bem felizes as nações que sabem compreender a vantagem dum Rei que as liberte de um e de outro perigo.

Entre nós trabalha-se afincadamente nas comemorações centenárias, na comemoração de oito séculos de independência conquistada e três de independência restaurada conservadas sempre através de todos os sacrifícios e dos maiores heroísmos. Mantenhamos, assim, bem vivo e levantado, o nosso património espiritual até que chegue a ansiada hora de unir, sob o pendão das Quinas, todos os portugueses *pro rege nostro*.





## COUSAS DA MADEIRA

# Lendas de outrora, e de sempre...

por FERNANDO DE AGUIAR

### II

**C**AMINHEIRO inglório pelas quási inexploradas e vastas ravinas do folclore madeirense, prossigamos no desbravar de mais umas tantas — das muitas que pululam contadas e vividas entre almas sãdias — lendices islenhas, tôdas elas prenhes de tam refulgente beleza ingénita e, de tam suma grandeza.

Convencidos de que na lenda algo de vero se encerra já que, *lendar* será *narrar factos*, factos que embora deformados pela humana tendência da formosura deixaram gravada a ingente e simplista sentimentalidade dos povos campesinos, acrescentamos, nesta segunda parte do nosso estudo, mais uma mão cheia dêsses engenhosos atestados de quanto pode e de quanto vale a invenção pueril e crédula das gentes, nobres arautos e mantenedores das tradições avoengas.

Nesta compostura, sempre apartados de preocupações literárias, curaremos sòmente daquilo que, revelmente, houve, e sempre haverá em família, tal como em seroadas de invernã contam aos de seu hospício...

### Lenda do senhor São Roque

: : do Vale do Faial : :

Em paragens nortenhas demora formoso «talveque» onde, pagamente e mercê coito abençoado entre as águas e a gleba, nasceu o verde bucólico e ameno das aliciantes paisagens de São Roque do Faial.

E ali, entre rochas ciclópicas, o espírito de rimança do bom vilão da Madeira, tam típico e tam humano, criou delicado assunto de fé ao redor de seu milagreiro Santo patrono.

A lenda acompanha desde começo a formação desta pequena república de almas sãs e corpos rudes que viveram, em remotas eras, a despreocupação própria de pastores e, em nossos dias, se extremam em adoração perpétua à terra e a Deus na divina fecundação de suas leiras donde procuram tirar safra abundante.

Em séculos pretéritos agrupavam-se os moradores em volta da paróquia de Nossa Senhora da Natividade do Faial.

Espalharam-se para o vale, mais e mais, cada vez mais, as famílias sempre em aumento e estas, à falta de recursos de vida, breve se dedicam à pastorícia.

Começaram então estes povos a reclamar do bispo lhes enviasse médico da alma, pois distantes se achavam do mais próximo dispenseiro das graças cristãs.

Foram ouvidos seus rogos e, como pastores, assinam em que o orago dêste novo curato seja o Senhor São Roque, conhecido e havido protector de suas rezes e cuidados (1).

A alegria, determinando exaltação nas delicadas crenças daquelas gentes, junta, em dia aprazado e como era no costume dos homens bons por certo damos que nalguma encruzilhada fora da vila, os vizinhos em magna reunião para assentarem no levantar do Templo.

Mas, na mais acalorosa das teimas, — maravilha de almas meninas! — eis que, nas fráguas da Penha de Águia, se recorta a imagem do santo.

Era indicação a seus protegidos do desejo que tinha em ficar naquelas proximidades!...

Acorrem os povos com suas economias, mais seus braços robustos e mãos calosas e, prestes, brota do leito da ribeira, modesta morada de Deus.

Nela é instaurado o culto e logo se pensa em ir de longada, com grande luzimento e devoção, buscar a imagem aparecida.

Invocado com apêgo a todos auxiliava com seus portentos, mas não lhe ia do aspeito ténue sombra de melancolia que trazia os fregueses em sobressalto por julgarem preságio de desgraças iminentes.

Até que um dia, alpardinho, no tocar das Trindades, certo cabreiro astuto e contemplativo julga ver, de novo e no lugar da aparição, o Santo.

Espalha-se a notícia velozmente e, como natural, correm à compita até seu altar.

---

(1) Embora comumente se tenha São Roque como defensor contra o letífero flagelo que é a peste, a lenda apresenta-no-lo como protector dos pastores.

---

Uma vez ali, depara-se-lhes a triste realidade: o Santo se fôra de fugida. Choram os homens a desdita pois, em sua rudimentar imaginativa, se convencem de tormenta anunciada.

Decorridos dias, após chuvada nunca vista, é arrastada pela cheia a igreja onde Roque tivera gasalho.

A razão da tristura do bemaventurado estava agora manifesta: era a sabença antecipada do desmoronar de sua Casa.

Pelas redondezas sentiu-se desde logo a necessidade de novo hospital para reconforto das almas e, por via disso se procede à fabrica de nova igreja, ainda no leito da ribeira, mas um pouco mais para riba da encosta, e sempre com o concurso das gentes, breve se acha apta a abrigar, sob seus modestos tetos e junto de um vão de luz, o defensor de suas riquezas.

Nova romagem à Penha de Águia, e, novo rapto do Santo à anfractuosidade do rochedo onde costumava dormir.

Passam-se tempos e eis, senão quando, se dá, como da vez primeira, por sua ausência no altar donde recebia, sempre de choroso e comovente semblante, as homenagens de seus devotos.

Lastima-se por todos os cantos, com certa freima, mais esta desapareição, prenúncio de novo transtôrno . . .

E, verdade seja, a desgraça se mostrou mais uma vez: as águas da ribeira subiram, subiram como jamais fôra visto e arrastaram o corpo daquela edificação até o mar.

A atestar esta fatalidade lá estão, ainda hoje, restos das fundações dêste segundo habitáculo de Roque (1).

Não desanimam os perseverantes fregueses na posse de terceira casa para fortalecimento de sua religião e, assim, levantam pequena e desprezenciosa Ermida, em terrenos marginaes à ribeira: esta, agora em derrocada, serviu o culto até nossos dias (2).

Desta Ermida também se partiu o Santo e, perante tamanha teimosia, desistiram os povos, para todo o sempre, alijá-lo a seus ingluviosos montes.

E, em dias soalheiros julga-se ver o Senhor São Roque que, despreocupadamente, lá continua a deambular pelos agrestes e escarpados rochedos da Penha de Águia.

---

(1) Haverá bons dez anos existiam, de facto, algumas colunas e alvenarias dum templo em ruínas.

(2) De pouco cuida-se do culto em nova Matriz construída por esmolas entre os paroquianos.

---

Forasteiro que lá aporte, encontra sempre um faialense que, de indicador em riste direitura àquela penha, o força a descobrir seu vulto... que não existe.

\*

No séc. XVIII, o memorialista Henrique Henriques de Noronha revela-nos uma curiosa lenda ocorrida com a Senhora da Natividade do Faial:

«Huã das mais célebres Rumagens antigas desta diocesi, foi a de N. S. do Fayal /ou da Natividade/ cujo nome lhe deo o sitio, onde está fundada a sua Igreja, hoje Parrochial, entre duas Ribeyras cobertas de grandes fayas.»

«Ali dis a Tradiçam antiga, ã appareceo a Imagem da S.<sup>ra</sup> a mesma ã hoje se venera na quelle logar, e tanto por esta rezam, como pellos prodigios, ã obrava antigam.<sup>te</sup> foi tam frequentada dos votos de toda a Ilha, ã pello seu dia, a outo de Setembro, e pello seu outavario concorria innummeravel Povo, de des ou de doze legoas mais vezinhas, com grandes festas, e danças, e se fazia huã grande festa de todos os viveres comestiveis a ã se ajuntavaõ passante de outo mil almas, como com mayor extençãõ refere gaspar Fructuozo.» (1).

### Lenda da Capela das Almas

Entre as vielas estreitas e irregulares da antiqüissima e mui nobre vila do Funchal, senhorio dos capitães donatários e tributo dos Senhores Reis de Portugal, um sitio havia, nesses felizes e descuidosos tempos perdidos na louca correria do século, que, por gatenho e desamparado da pública opinião, muito se prazia à vélha e tam característica «espera» nocturna, na qual se cevavam ódios e malquerenças, em rival por usurpação da posse em amor precário ou, em herel menos escrupuloso no desvio de herança.

Quem, direitinho à Achada, topando pela ilharga com o mosteiro das Claristas, trepava por esconsa e pedregosa quelha, que esbarrando de um lado rochas abruptas, tinha do outro, em ripanço e acotovelamento do espaço livre para serventia, ao Convento das Mercês, encontrava forçosamente, em volta sinuosa de aquêlê córrrego invio, a esconderijo natural que, por metido na rocha e encoberto de viridante ervado, muito prestadio se tornava para escarmento de incauto, mòrmente de ricaço falto de guarda-costas, quando tarde transitava por aquelas bandas.

---

(1) *In-Memorias Ecclesiasticas e Seculares*: Cap. IV do Titulo IX, « onde se referem as processões, votos, e Romagens desta Diocesi ».

Muitos seriam os juramentos de amor que em tam abandonadas vizindades se teriam trocado, ou perjurado, inveterado como está entre as gentes o concêrto de lugares recônditos e solitários para o conchavo ou menoscabo do comércio de seus corações.

Mas, em maior quantidade seriam os tratantes que buscavam a escuridão de tam tranqüilo refúgio para altar sacrílego da vindita, pois apartado como estava da falácia do mundo jamais appareceria quem lhes descobrisse o rasto.

Demolido em nosso século o Convento das Mercês, serve-se a população por nova e recente rua que, em sua descuidada passagem nada deixa supor da via estreita e dispar de tempos idos, continuando, todavia, a permanecer — agora em moderna curva saliente — encravada na rocha uma modesta Capelinha das Almas.

Não é mais do que um daqueles tantos nichos que, em encruzilhadas de mau agoiro, costumavam colocar, a fé e a crença dos portuguezes de antanho para, memorando alguma aparição, pedir ao viandante um Padre Nosso e uma Avé-Maria, tôda *cheia de graça*, pelos mortos das cercanias.

Santo e vetusto costume êsse, nos bons tempos que lá se foram! . . .

Mas, a candidez e singeleza de nossos irmãos insulanos, procurando inteira satisfação ao motivo daquela construção deram jeito a uma interessante traça, da qual algumas reminescências chegaram à actualidade.

E, é assim, conforme narra piedosa lenda, que homem conspícuo e escrupuloso, muito dado a práticas e caridades cristãs, residindo em lar cristianíssimo propínquo ao sítio, diária e serôdiamente recolhia fazendo seu caminho através de aquela asperesa de cascalho.

Já de propecta idade, era, desde menino e moço, pessoa mui devota das pobres alminhas do purgatório, e raro passava dia que suas rezas não as lembrassem.

Mas, como a amizade, sendo uma qualidade da alma, está exposta ao desquite dos laços que a prendem quando não sòlidamente atados, breve viu êste virtuoso varão a rutura de velhusca amizade com um homem, mofino e tamanino de alma, que durante grande número de anos fôra acalentado e trazido, como bom, em privança.

E, como nosso pior inimigo é aquêle que em algum tempo sentamos à mesa, o infido não pensa senão em desfazer-se de seu bemfeitor e amigo.

Sabedor de seus passos e mandados forja em sua ruim consciência, jse é que a possuia! . . ., desaparecer com o homem.

Fortalecido de qualquer modo, de rugífero cajado ou de arma traiçoeira — a tradição não nos diz qual a sua aparelhagem ofensiva! — vem até àquele páramo e sempre tento ao menor rumor, espera a tornada de sua vítima.

Febril, amalgama de ódio e de desassossêgo, vê aproximar-se esta mas, contrariamente ao estabelecido em seus hábitos, não vem só: acompanha-a um outro homem que, em cavaco amistoso, a conduz até à porta de casa, onde dela se aparta.

Teimoso na sua pequenez pertenta a cilada e, lá continua a aguardar naquele escondidoiro, — lutando contra o receio das almas do outro mundo, seu companheiro inseparável quando em solidão, — a passagem de seu inimigo para cobardemente tirar desforço de agravo vivido sòmente em sua febricitante e maldosa cogitação.

Inerve, transido de cansaço e de medo espera-o, durante três noites seguidas, no êrmo costumado.

Baldadamente porém o faz pois, embora passante ao alcance de sua mão criminosa, êle vê, assombrado de tôdas as três vezes, surgir o antigo amigo despreocupadamente acompanhado, sempre com essa nunca vista personagem, a qual com êle trazia a mais animosa das conversações.

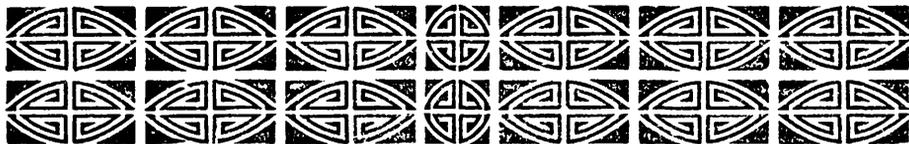
E êle, conhecedor de todos os amigos do seu actual inimigo mas não atinando naquele desconhecido, desiste finalmente de seu vil intento e, tomado de supersticioso respeito, mixto de arrependimento e de curiosidade, esquecida a ira que em tam má hora encontrou guardada em seu seio mesquinho, procura aquêlo com quem injustamente se zangara e, narrando-lhe o sucesso, diz-lhe entre receioso e contrito, do mesmo passo em que pede lhe seja perdoador, não o haver matado como era de seu intento, por via da companhia que trouxera naquelas noites.

Contesta o outro a veracidade dessa afirmativa pois, sòzinho com seu valor mais seu credo e como era em seus modos, caminhara por aquêles locais.

Trocam impressões sôbre o sucedimento e, breve chegam à conclusão de que, o assecla com quem noctambulara e assim o houvera salvado de ferida mortal, fôra, nada mais nada menos, do que uma alminha penada que, graças a orações e missas do justo, merecera o reino dos céus e que, desta arte, quisera mostrar-lhe o seu reconhecimento.

E então, para comemorar para todo o sempre, o milagre de ter escapado à morte, êle, homem de fartos cabedais, mandaria levantar, na própria gruta, aquêlo modestíssimo altar.

*(Continua).*



# O FASCISMO

E' possível em Portugal dentro da república? (\*)

por ROLÃO PRETO

*Em 1922 foram publicados no diário de Lisboa «A Época» os artigos que agora se reúnem nesta Revista para estudo do que, entre nós, se pensou e escreveu acêrca do movimento chefiado por Mussolini, e ao qual a Itália deve o lance histórico que a engrandeceu e a salvou do caos comunista.*

## I

**A** GORA que se fala muito em «Fascismo», embora a organização anti-revolucionária de Mussolini tenha já mais de dois anos de acidentada e brilhante história, oportuno se torna esclarecer um pouco a opinião que muitos portugueses se fazem do «Fascio» pelos telegramas da «Havas» ou da «Stefani». Sobretudo, urge desfazer as ilusões daqueles que, não tendo um justo conhecimento da organização renovadora italiana, julgam já possível e fácil conseguir em Portugal um movimento semelhante... dentro do actual regime.

Ora, o «Fascismo» não é, como muitos espíritos simplistas julgam, uma espécie de sociedade por acções, de responsabilidade limitada, para combater as greves e o bolchevismo. *Il Fascio* é, acima de tudo, um profundo movimento de pensamento e acção nacionalistas.

Sindicalistas neo-mediévicos de formação corporativista, os «fascistas» são estruturalmente anti-democratas e anti-liberalistas e o seu intento de renovadores é assim o mais vasto e complexo, nesta hora de decisões supremas.

---

(\*) De *A Época*, 24-8-1922.

Decerto a maior força de acção e os melhores feitos da história do «Fascismo» têm sido directamente apontados ao coração do bolchevismo italiano. Mas êste é apenas um aspecto da batalha.

Para Mussolini como para os seus aliados, os integralistas da *Idea Nazionale*, o problema italiano tem de ter uma solução bem mais vasta do que a neutralização dos manejos da *Alleanza del Lavoro* ou das manobras de Modigliani, Turati ou Treves e mais do *colaboracionismo*. Não! E' o próprio aspecto do problema político de Itália que êles encaram e pensam resolver pela sua maneira e segundo as suas ideas e doutrina. Para o «Fascismo» como para o Integralismo italiano, seu companheiro e colaborador constante, o sistema político por que se rege e governa o seu país está caduco e condenado. Urge transformá-lo, adaptá-lo às necessidades e à inteligência dos tempos que correm e que são, segundo êles, tempos *nacionalistas* e *corporativistas*.

Assim, o seu pregão constante envolve na mesma condenação e repulsa todos os partidos políticos de Itália. Da Monarquia italiana só êles querem, no seu plano de restauração nacional, o *Rei*. Êsse sim! ainda na movimentada e quási trágica sessão parlamentar da semana finda, quando o deputado integralista Rocco aclamava e desafrontava o Rei contra os comunistas, relembando o insulto bolchevista dentro do próprio Montecitorio em 1919, foram os «fascistas» que mais se salientaram, gritando alto: *Viva il Re*. Com isto não se intimidam, porém, de clamar bem alto e forte, se é preciso, quando os erros dos políticos constitucionais empurram o chefe da Nação para algum passo em falso. Não vai longe, pois que, há menos dum mês ainda, tendo o Rei visitado uma cooperativa sindicalista revolucionária, logo ali teve a prova do desassombro «fascista» que, enquanto aclamava e saúdava o chefe de Estado à saída, ia quási na sua presença destruir e queimar o antro anti-nacional.

Monárquicos, pois, porque nacionalistas, são os fascistas, porém, contra a situação actual que, pelos vícios do sistema parlamentar e pela inacção a que condena o Rei, é uma situação perigosa para os destinos da Nação.

Assim, enquanto assaltam e conquistam a preço de sangue os baluartes *comunistas*, êles fazem tremer, nesta hora de torva inquietação para a Itália, os detentores constitucionais do Poder. Roma constitucional, Roma parlamentar e politicante olha com sobressalto e receio a ameaça «fascista», tanto que é o próprio d'Annunzio que de novo se sente obrigado a sair do seu *eremo di pace senza pace* para bradar a Aldo Finzio, seu camarada nas aventuras da guerra aérea sôbre Viena

e sôbre o Corso, hoje deputado do «Fascio»:— ... *Ogni parola oggi deve essere pesata, ogni atto deve essere meditato, ogni errore deve essere evitato. Ricordato dell' orazione concisa sotto la Tetoia di San Pelagio: Donec ad metam.*

Roma treme diante da Ditadura fascista anunciada, sem reservas, naquelas misteriosas palavras de Mussolini, na sessão em que caíu o primeiro ministério Facta. Vão os «fascistas», na verdade, marchar sôbre Roma?

Cêdo será, talvez. No entanto, o receio de que essa perspectiva enche os políticos prova de sobejo como o «fascismo» significa uma fôrça e uma doutrina em marcha. Uma vontade enérgica e decidida se mostra na acção «fascista», exactamente, porém, porque uma idea brilhante e alta, uma doutrina fecunda e generosa a anima, orienta e conduz.

Como poderia, pois, dentro do pensamento que criou e propulsiona o movimento do «Fascio» conseguir-se uma organização portuguesa dentro do regime actual? Não vemos nem supomos que se possa ver uma possibilidade.

Um movimento português género «fascio» que se limitasse apenas a desfazer as greves e a inutilizar as manobras bolchevistas do nosso país estava naturalmente votado a uma liquidação, a breve prazo. Nenhuma formação se pode conseguir com probabilidades de triunfo, que não se crie e ordene em volta duma bandeira de combate, de princípios e doutrina estabelecidos.

Nacionalistas e sindicalistas, os companheiros de Mussolini vão agora conquistando a terra de Itália aos comunistas a soldo de Moscú, vão nacionalizando a terra da Nação, à maneira antiga, pela violência, pelo sacrifício. Mas êles sabem bem para onde vão e como os combates de hoje são meras etapas para a conquista definitiva do Estado, o Estado que êles querem «mais forte, mais responsável e mais italiano».

Que objectivo real se poderia dar à acção dum «Fascismo» sem atentar contra o regime actualmente em vigor? Que princípios, que ideas dirigentes para o braço duma renovação nacional à maneira de Itália, sem liquidar os princípios e as ideas da Democracia e do Liberalismo ora triunfantes?

O «Fascismo» está na maior parte das vezes fora da lei. A sua violência tem sanções na lei italiana. Dentro da lei estão os *comunistas*, quando pelo sufrágio conquistam os lugares da administração do país e, no entanto, o «Fascismo» assalta e dissolve por suas mãos êsses baluartes, o que a lei, no entanto, lhes proíbe. *Greve legalitária* — tal era a

fórmula dos bolchevistas italianos nos recentes acontecimentos. E estavam dentro da lógica constitucional. Juridicamente tinham razão. Juridicamente estavam assim justificados no seu combate contra a Nação.

Juridicamente, ainda, o «Fascismo» não tinha direito de existir, por que não tinha o direito de agir. É contra a ordem constitucional, contra a Lei estabelecida, contra os princípios que orientam o próprio Estado que o «Fascismo» batalha e impõe a sua razão, o seu direito, a sua Lei — o Nacionalismo.

Era semelhante cousa possível em Portugal? Que respondam aquêles que de política e de história política nacional conhecem ao menos o *a b c*. Dentro da república seria estéril e condenada; como organização monárquica iria parar ao Limoeiro...

Alguém se lembra ainda da famosa Cruzada Nuno Alvares Pereira?...

\*

Este artigo suscitou uma curiosa polémica nas colunas de *A Época*. Publicamos, com a devida vénia, os artigos de Santa Cruz, a título documental:

## O FASCISMO

### Dúvidas acêrca de algumas afirmações de um artigo com êste título (\*)

*O nosso distinto e prezado colaborador Santa Cruz enviou-nos o presente artigo. que publicamos gostosamente, tanto mais que tencionávamos versar o assunto com análoga orientação.*

*Publicamos o artigo do nosso amigo Snr. Dr. Rolão Preto, em que há apreciações valtosas do papel do Fascismo, que não podem, porém, ser aceitas sem as restrições que lhes faz Santa Cruz. Agora mesmo lemos no « Osservatore » uma carta da Federação das Associações do Clero Italiano acusando os fascistas de brutais agressões a eclesiásticos. Assim um grupo penetrou na casa do pároco de Sassetta, na provincia de Pisa, e destruiu quadros sacros e a imagem do Redentor.*

*Dois dias depois, em Montepulciano, na provincia do Sena, o pároco de Valiano, três vezes condecorado como tenente de bombardeiros, foi agredido e gravissimamente espancado pelos rapazolas Fascistas.*

*O pároco de Vicolo Martheu, na provincia de Piacenza, foi mortalmente ferido em*

---

(\*) De *A Época*, 31-8-1922.

*sua casa por três energúmenos, trazendo as côres nacionais, que lhe quebraram a cabeça e espancaram brutalmente a pobre mãe, octogendria.*

*A carta protesta contra estas manifestações de anarquia que projectam luz sinistra sôbre certos ramos do Fascismo.*

*Em Monte Cassano foi invadido por oito fascistas o circulo católico, sendo queimada a mobília.*

*Há no Fascismo elementos bem intencionados e que se propuseram salvar a Itália da tirania bolchevista, mas também há lá elementos pouco recomendáveis, que aos excessos comunistas substituem as brutalidades da violência fascista... que arroga a si os direitos que só pertencem à autoridade constituída.*

*Há, pois, que separar o trigo do joio.*

Senhor Director de *A Época* :

Ao abrir há dias, na cidade do Pôrto, *A Época* deparou-se-me, logo na primeira página, um artigo do Snr. Rolão Preto sôbre o fascismo, a que peço licença de fazer algumas anotações e reparos.

Com o autor do artigo eu estou de acôrdo em ser impossível estabelecer em Portugal alguma cousa, como o Fascismo italiano, por não haver dentro dos partidos da república ninguém capaz duma organização como a do «Fáscio», estar assegurada a cadeia ou o degrêdo como resultado final de qualquer tentativa de defesa séria da ordem que emprendessem os monárquicos.

Quando, por isso, vários diários do país deram a notícia de que lá para o Alentejo se esboçava uma organização, modelada nas bases do Fascismo e orientada pelos seus princípios, não pude deixar de rir-me do disparate, tanto mais que se afirmava ser o novo organismo inspirado e dirigido por oficiais do exército, os quais, se queriam decididamente manter a ordem, ameaçada pela greve revolucionária — e devemos crer que assim era — tinham naturalmente marcado um lugar no seu regimento ou unidade militar a que pertencem.

Sempre gostei de ver cada qual no seu lugar, cumprindo aí o melhor que pode o seu dever, condição que reputo essencial para sairmos dêste período de anarquia brava em que temos vivido. Por que cada qual tem andado fora do seu lugar, por isso o país tem andado aos baldões da má sorte e não devem ser os que reclamam ordem quem para restabelecê-la preconize o emprêgo de processos que têm sido causa de tanto mal. Comigo estará de acôrdo, creio, neste ponto o ilustre autor do artigo sôbre o «Fascismo», como inteiramente de acôrdo com êle estou eu e está tôda a gente, que tem reparado nos acontecimentos políticos dos últimos anos, sôbre a impossibilidade do «Fascismo» em Portugal.

Mas sem intuito de estabelecer polémica com o Sr. Rolão Preto, — que não sou ninguém para atrever-me a tanto — permita o ilustre autor do artigo sôbre o «Fascismo» e consinta V. . ., senhor director de *A Época*, que eu duvide da exactidão de certas afirmações nesse artigo feitas sôbre a índole e carácter do «Fascismo» e o intuito social e renovador dos seus dirigentes.

Não nego que o «Fascismo» tenha prestado à Itália um grande serviço com a sua intervenção enérgica na última greve revolucionária, que certamente teria causado dias de amargura e luto aos italianos.

Sob êsse aspecto admiro os fascistas e reconheço que o processo por êles adoptado

é o único meio de manter a ordem em países de governos fracos, corroídos pelo liberalismo e sempre dispostos à transigência com os que se convencionou chamar *avançados*, posto que o seu *avanço*, não seja outra cousa mais do que o retrocesso às práticas selvagens dos primitivos tempos. Mas a minha admiração pela energia fascista, que poupou o solo da Itália de ser regado de sangue inocente, não me inibe de condenar abusos desnecessários e de separar este aspecto da acção fascista do que o Fascismo representa como movimento de doutrina e renovação social.

O Snr. Rolão Preto afirma que o Fascismo «é acima de tudo um profundo movimento de pensamento e acção nacionalistas». Será. Sem querer atrever-me a desmentir as afirmações do ilustre autor do artigo a que me venho referindo, ousou contudo opor as minhas dúvidas a tais afirmações, dúvidas que, estou certo, o Snr. Rolão Preto não hesitará em desfazer de pronto.

E' que são do meu conhecimento actos da acção fascista que me autorizam a tais dúvidas e têm levado a julgar que o Fascismo é acima de tudo um grupo de combatentes da grande guerra, decididos a opor à violência do comunismo italiano uma violência maior.

E' um erro lutando contra outro erro, um excesso tentando por meios condenáveis impedir outro excesso. E o meu espírito que condena todos os erros e excessos é logicamente forçado a envolver na mesma condenação o *bolchevismo*, seja qual for a sua cor, seja elle *bolchevismo* da extrema esquerda ou *bolchevismo* da extrema direita.

Certamente que o Fascismo se tem esforçado por organizar as massas operárias mas com o mesmo intuito com que as organiza o comunismo, para constituírem uma força a vencer pelo número e pela violência outra força, sem intuitos de pacificação e muito longe do espírito de concórdia de que hão-de estar animadas as organizações operárias.

E são os factos últimos, posteriores ao fracasso da greve revolucionária que vêm dar-me razão. Os jornais referem que os operários inscritos nas associações revolucionárias *esquerdistas* vão filiar-se em massa nas organizações operárias *fascistas*.

Por convicção, por sinceridade ou por se encontrarem animadas do alto «pensamento de acção nacionalista» que o Snr. Rolão Preto atribue ao Fascismo?

Não. Apenas por medo ou porque a vitória fascista e o fracasso da greve revolucionária os convenceu de que do lado do Fascismo se está melhor para dar mais e levar menos, para mais à vontade satisfazerem o desejo de violência de que se encontram animados.

Estão animados os fascistas dum alto espírito de renovação social?

Mas como explicar então que as suas violências atinjam os membros do *Partido Popular Italiano*, católico, de tendências francamente sociais, e animado também dum alto e fecundo espírito de renovação?

Nunca os membros do *Partido Popular Italiano* perturbaram a ordem. A que vem as violências e até os ataques pessoais a alguns dos seus membros?

E' que o Partido Popular condena violências e não pode por isso aplaudir certos actos de acção fascista e o facto irrita os fascistas, que sendo pela ordem, são principalmente contra todos os que os não aplaudem incondicionalmente.

Sindicalistas neo-mediévicos de formação corporativista chama o Sr. Rolão Preto aos fascistas. Mas «sindicalistas neo-mediévicos de formação corporativista» são os do Partido Popular. Mussolini, o chefe fascista, fez contra elles uma declaração de guerra no último congresso de Milão.

Diz ainda o Snr. Rolão Preto que os fascistas são anti-democratas e anti-liberais. Isto não impede, porém, os fascistas de terem acompanhado nas votações parlamentares

os partidos liberais contra os *populares*, que são «sindicalistas neo-mediévicos de formação corporativista».

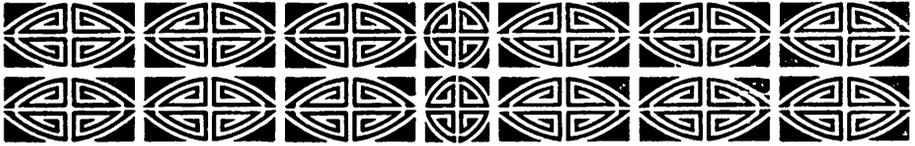
Muitos outros factos poderia eu trazer em abôno das minhas dúvidas quanto à exactidão das palavras de elogio do Sr. Rolão Preto aos fascistas, mas o que fica dito é suficiente para legitimar os meus reparos.

Porque eu que sou também sindicalista neo-mediévicico de formação corporativista, não descubro nos fascistas êsse carácter e tenho os meus receios de que venham a ser um perigo para a paz social igual ou ainda maior ao perigo *bolchevista*.

Idênticos processos conduzem a idênticos resultados.

SANTA CRUZ.





# Florbela Espanca e a Crítica

(Réponse à M. Silva-Junior)

Monsieur,

permettez-moi encore un mot (ce sera le dernier de ma part) à propos de Florbela.

Quand je parle de sa «vie torturée», de son «dur chemin de pierres», je n'entends pas faire allusion à sa vie matérielle (qui, heureusement, a été toujours entourée de soins, de confort et même d'un certain luxe); mais je parle de la vie de son âme, de ce drame obscur, dont elle même nous a révélé l'existence, dans un passage d'une de ses lettres à Júlia Alves. *«Nasci num berço de rendas, rodeada de afectos, cresci des preocupada e feliz, rindo de tudo, contente da vida que não conhecia, e de repente, amiga, no alvorecer dos meus 16 anos compreendi muita coisa que até aí não tinha compreendido, e parece-me que desde êsse instante cá dentro se fêz noite. Fizeram-se ruínas tôdas as minhas ilusões, e como todos os corações verdadeiramente sinceros e meigos, despedaçou-se o meu para sempre.»*

L'enfant qui se promenait parmi les fleurs, a découvert tout-à-coup le serpent caché dans l'herbe. Elle a soulevé le masque, et a aperçu le visage hideux de la vie. C'est l'hypocrisie, la bassesse, la méchanceté, la lâcheté des hommes qui l'indignent et lui arrachent son cri de douleur, de protestation et de révolte. Hélas, cette même bassesse, cette même hypocrisie poursuivente aujourd'hui encore sa mémoire, et empêchent l'erection, dans le Jardin de Evora, de son buste, admirablement sculpté par Diogo de Macedo.

Si j'ai retardé jusqu'au 1941 la lecture de ses lettres, ce n'est pas par crainte de révéler un roman qui (je vous en assure) n'existe pas, mais seulement parce que ces lettres contiennent quelques jugements, qu'il est bon de faire connaître après quelque temps.

Quant au prétendu *narcisisme* de Florbela, permettez-moi de vous

dire que nous sommes très loin de partager notre admiration pour les doctrines fort suspectes de Freud, ce juif allemand qui sent tant soit peu le charlatan! Je crois même que la vente de ses oeuvres est interdite chez nous, de même que en Allemagne.

On a bien le droit de se méfier d'une doctrine qui prétend réduire tous les sentiments les plus nobles de l'esprit à une simple manifestation de l'instinct sexuel!

Vous paraissez vous formaliser de ce que je dis de certains de vos écrivains, et vous m'accusez d'ignorer le milieu littéraire de votre pays. Hélas, monsieur, je le connais bien mieux que vous: j'ai vécu quatre ans au Portugal; j'ai fréquenté la direction des journaux, et j'ai vu de quelle manière on y fait la critique des livres! Au reste, la phrase «*elogio mútuo*» n'a pas été inventé par moi: je l'ai entendue répéter des centaines de fois par vos compatriotes!

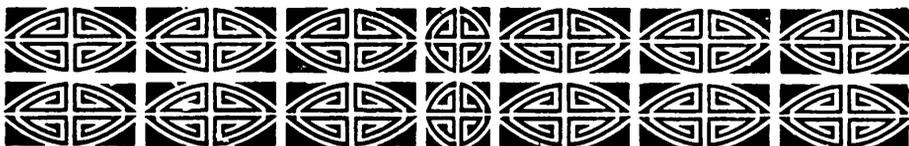
Quant à votre boutade finale contre D'Annunzio, permettez-moi de vous dire qu'elle a fait monter à mes lèvres le plus gai des sourires: le sourire de Gulliver assistant aux vains efforts des Pygmées...

J'ai fini. Il ne me reste plus qu'à souhaiter que à la memoire de cette grande poétesse que fut Florbela Espanca, soit enfin rendue la justice à laquelle elle a droit, et que son oeuvre admirable continue à exciter l'admiration universelle.

*Florence, janvier 1939*

GUIDO BATTELLI.





# ARTE E HISTÓRIA (\*)

por ARMANDO DE MATTOS

EX.<sup>MA</sup> DIRECÇÃO DO COLÉGIO BROTERO  
SENHORES PROFESSORES E ALUNOS  
MINHAS SENHORAS  
E SENHORES:

*Arte e História* é o tema da palestra que vou ter a honra de vos apresentar.

Julgo oportuno, neste momento, trazer perante o vosso espírito, a necessidade indiscutível de nos preocuparmos com assuntos de ordem espiritual, quando a maior parte daquilo que nos rodeia só nos fala de um grosseiro materialismo que mais não é do que o fruto bravio e amargo de uma época sem ideal e sem beleza, em que não se acreditava em Deus e se troçava da palavra Pátria.

O entregarmos o espírito ao correr das paixões e à liberdade dos instintos, e o deixá-lo sem o amparo superior de uma luz espiritual é a mais vergonhosa atitude do homem, porque, nesse momento, esquecendo-se de que é uma sombra da bondade de Deus, abandona a melhor riqueza terrena que a Providência lhe deu: *a dignidade!*

Sem querer, porém, obrigar-vos a ouvir-me uma dissertação demasiado longa e filosófica sobre êste aliás bem interessante assunto, demonstrar-vos-ei, em meia dúzia de citações, que é exactamente nas épocas em que os povos se preocupam mais pelas coisas do espírito que êles vivem! os seus melhores esplendores.

---

(\*) Conferência realizada no Colégio Brotero, de S. João da Foz do Douro, em 7-XII-937.

Folheai ao acaso a nossa história tam gloriosa, ou mesmo a de qualquer outro povo. Haveis de reparar que nos momentos em que êsse povo comunga uma fé mais viva é quando mais alto leva os destinos da Nação.

Não foi o socorro espiritual da crença que nos deu a vitória do recontro de Ourique?

Em Aljubarrota a fé do Condestável?

No domínio da India a palavra evangelizadora de S. Francisco Xavier?

O milagre da pátria brasileira não se deve à maravilhosa catequese de Anchieta e dos seus companheiros?

Ainda hoje o prestígio nacional da colonização portuguesa não advém da actuação das nossas missões católicas que a Fé alenta?

Aponto de preferência estes factos em que a crença em Deus nos aparece bem evidente, porque a considero a mais alta e mais completa concepção espiritual que foi dado chegar ao raciocínio humano.

Procurando orientar os destinos da Pátria pelo exemplo das horas grandes da nacionalidade, que podem ser valiosa lição para amanhã, criou-se o culto do passado, alicerçado no respeito pela tradição. Esta atitude, fazendo escola consciente, toma o nome de *nacionalismo* em que hoje tanto se fala, e com razão, pois tem agora a sua maior oportunidade.

Na incerteza do instante que vivemos, constantemente soa a nossos ouvidos a palavra *nacionalismo*.

Qual a razão?

Porque estamos assistindo ao ataque sistemático dos inimigos das pátrias, que provoca, felizmente, a reacção vital dos elementos humanos que as compõem.

E' por isso que todos nós, em qualquer sector em que desenvolvamos a nossa actividade, mesmo sem darmos por isso, estamos prestando à nossa Pátria um verdadeiro culto, desde que nos anime o desejo de fazer trabalho útil e português.

Simplemente, quando, em consciência, queremos agir dentro desta orientação, devemos procurar tomar uma atitude que nos garanta o conseguimento daquilo que desejamos atingir e ao mesmo tempo seja uma lição proveitosa para os nossos concidadãos.

Assim, nunca é demais o fazer *nacionalismo*, visto que êle é o melhor assunto mental para quem reconheça lustre e honra em ser português.

E' claro que temos de entender por *nacionalismo* aquêlo culto à Pátria a que me referi ainda agora.

Como prestar êsse culto?

Amando esta linda terra portuguesa, tam variada e expressiva na sua paisagem; respeitando as tradições honrosas que fizeram grande o nome português; e, mais ainda, tendo a consciência dos nossos valores, das nossas qualidades, das nossas virtudes, e de que com trabalho, com dignidade, com fé, e sobretudo *vontade*, teremos o direito a confiar no futuro.

Compreendido desta forma o *nacionalismo*, fica bem claro que êle pode entrar em equação com qualquer assunto.

Procurando, pois, a maneira de dizer algumas palavras que possam lembrar-vos horas grandes da nossa terra, e ao mesmo tempo encostá-los à sombra de um assunto que bem merece a atenção de todos aquêles que lidam com a mocidade, decidi-me a escolher por tema desta palestra — que vos prometo não ser longa — a legenda de *Arte e História*.

Tanto a *arte* como a *história* devem ter um lugar no nosso espírito, que seja como que a base de tôda a nossa vida mental.

A história é o pregão sempre cantante que nos alenta como parte que somos de uma Pátria; ela nos diz se fomos grandes; ela nos aponta, com censura, algumas passagens mais desbotadas das memórias da Raça; ela nos convence a lutar e justifica o nosso sacrifício à terra; é, enfim, a enorme roda dentada que o tempo acciona, à qual pertencemos e da qual não nos podemos afastar com honra.

A *Arte* é a síntese das belezas do espírito; a mais elegante das emoções humanas; a mais elevada opposição às atitudes materiais; tam ampla como o pensamento; tam subtil que chega a ser uma cintilação da própria Divindade!

A história dá-nos a fôrça, a coragem, o dinamismo social, enfim! A arte oferece-nos a delicadeza espiritual, a galanteria do pensar, faz-nos homens bem sensíveis à ideia de Deus!

E ditas estas palavras à guisa de intróito, vou fazer passar perante a vossa benevolente atenção, um friso de motivos de *arte e história* que seja como que um rápido volver de olhos pela série bem característica dos nossos monumentos, cujas pedras gratamente simbólicas bem se podem comparar às páginas apergaminhadas dos nossos velhos cronistas.

Lembremos primeiramente que as construções monumentais portuguesas se integram fundamentalmente em três estilos: o *românico*, o *gótico* e o *renascentista*. Incluo eu mais um entre os dois últimos indicados: o estilo *manuelino*, totalmente português. Adiante me justificarei.

Interessa-me fazer-vos esta referência já de princípio, a-fim-de chamar a vossa atenção para o facto de cada estilo corresponder, na sua generalidade, é claro, a quatro fases bem nítidas da nossa vida nacional.

Ao românico corresponde a época de formação; ao gótico a de organização; ao manuelino a das realidades; ao renascentista o estacionamento e, depois, ... o declínio.

A catedral românica dá-nos em suas linhas positivas e fortes, nos seus arcos de meio-ponto, na decoração a um tempo desordenada e bizarra, um pouco da sociedade portuguesa de então, formada por elementos bem diversos, com índices opostos, vária no seu pensar cristão e violenta no pitoresco das velhas usanças.

Mas num como noutro, no estilo como na nação, já uma vontade estranha e superior procurava unir estes materiais, desejava ordená-los de maneira que tivessem um perfil moral bem definido.

E assim vemos nós a alma de Portugal levando a arte a conceber a nossa primeira catedral, e o povo português a modelar o primeiro esbôço da Pátria.

O gótico já nos mostra na contextura da sua fábrica a evolução do espírito inicial, criador, destacando-se na disciplina das suas atitudes e no arrôjo consciente das suas flechas, que nos apontam o ideal superior, divino, que o anima e o orienta.

O gótico, na unidade do seu desenvolvimento, representa-nos bem o dogma católico, como já alguém o surpreendeu e sintetizou num momento de observação feliz.

Entre o românico e o estilo gótico não há uma nítida linha divisória, como será lógico compreender.

Há, sim, um período de transição em que — numa estranha contradição, pois os dois estilos são de sentidos diversos — os arcos de meio ponto se quebram mas sem que atinjam o ângulo da ogiva máxima em que a graça do estilo católico veio espiritualizar um pouco a rudeza da arte cristã.

Na simbólica histórico-artística pode o estilo gótico indicar-nos, pelo admirável equilíbrio dos seus valores, como o ambiente social da época estava já organizado em moldes de nação que ambiciona en-

contrar seu rumo, num enormíssimo desejo de esforço próprio e de perfeição.

O movimento pagão do renascimento veio trazer-nos novo estilo, se é que novo se pode chamar. Não vem agora o discutir êste assunto.

Penso, no entanto, que pela mesma razão que se diz estilo renascentista deveremos dizer estilo manuelino.

Em boa verdade não passam ambos de notabilíssimas escolas decorativas dos estilos clássicos ressurgidos.

O manuelino, com a representação exuberante da flora oriental de mistura com os cabos dos galeões, com as rêdes e mais utensílios náuticos, *esferas* do rei venturoso e cruces de Cristo, a cuja sombra redentora a espada nacional talhou impérios — é bem a expressão plástica da realidade portuguesa no mundo!

O estilo renascentista não conta em nossa fala de hoje. Fica já na outra vertente do nosso brio histórico. Apenas num ou noutro ponto merece a demora de um olhar, no aspecto simbólico por que eu o estou encarando. Começa com êle a maré baixa da nossa história!

Seria difícil encontrar na arte simbolismo histórico mais completo do que êste que vos aponteí.

Vemos, pois, como a vida social se reflete nos estilos; mesmo ainda hoje todos nós o podemos constatar!

E assim é compreensível que nêles, e mais do que nêles, nos monumentos que dêles são documentário precioso, haja muito de tradições, causas e lembranças históricas.

Atentemos então como os nossos padrões artísticos e monumentais andam de braço-dado com as páginas mais altas da vida nacional.

Começaremos, portanto, com o panorama românico em Portugal.

Primeiro reparemos na irregular distribuição dêstes monumentos pelas diversas regiões do nosso país; depois nas causas que teriam dado origem a êste facto.

O românico é mais denso ao norte, rareia no centro e é escasso no sul, chegando a desaparecer.

Das causas desta pouco uniforme difusão, duas se destacam: a primeira é o facto de o território continental português, tal como hoje o consideramos, só com D. Afonso III, ao incluir êste monarca o reino do Algarve no âmbito nacional, se ter completado. E quando isso aconteceu o período áureo do românico estava passado.

Portanto, quanto mais para o sul, mais afastado se estava da

arquitectura românica e em especial da fase aguda das grandes construções, além de que já chegavam umas vagas notícias de outra arte que parecia vir revolucionar as tradições architectónicas de Cluny.

Por outro lado temos de ter em conta o material de construção, cuja plasticidade está numa razão directa com o estilo, o que é fácil de demonstrar.

*(Continua).*



# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1839

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Janeiro

**Dia 4** — Em sessão da Câmara dos Deputados, Avila, no seu discurso respeitante ao parecer da Comissão de Poderes, disse: «que em Guimarães se procurasse por todos os meios obter conhecimento de quem haviam sido os deputados eleitos na primeira eleição e se proclamassem estes, estigmatizando assim o horroroso atentado que naquela vila tinha tido lugar.»

**Dia 7** — O *Periódico dos Pobres do Porto*, d'este dia, em folhetim, diz: — «o vigário capitular de Braga, pôs fóra da igreja dos Gémeos o pároco (cartista) que o povo amava, e pôs em seu lugar um creancelho ordenado este ano em Lisboa, ainda inabilitado, que dizem ser um ignorante, e que nenhuns serviços tem feito á igreja, a não ser os que o Pai fez em tocar todos os dias ás Ave Marias em Guimarães, vestindo defuntos e assistindo aos funeraes.»

**Dia 8** — Tendo sido eleitos deputados por Guimarães, em sessão da Câmara dos Deputados, José Fortunato Ferreira de Castro, António Fernandes Coelho e Manuel Justino Marques Murta, a comissão verificadora de poderes propôs que se alterasse a ordem dos deputados e substitutos por Guimarães, visto que a junta definitiva d'este círculo fêz várias alterações, e que ficassem na ordem seguinte: Castro, que teve 3.617 votos; Murta, 3.339; J. V. Lopes, 2.784; Fernandes Coelho, 3.571; Pinto Basto, 3.314; e 1.º substituto Conde da Taipa.

Observou que os dois primeiros eram naturais do círculo de Guimarães e este

da Lixa, e que como F. Coelho preferiu por Bragança, onde foi mais votado, devia ser chamado em seu lugar o Conde da Taipa e que se preferisse José Vaz Lopes a Gregório Lopes Sinval, pôsto que menos votado, «por ser da primeira».

Passos Manuel pediu para que não entrasse já em discussão a parte que dizia respeito a Sinval e Lopes, por depender de uma questão geográfica que devia ventilar, mas que se votasse sobre a primeira parte. A Câmara aprovou a divisão e votando-se a primeira parte foi aprovada.

Achando-se nos corredores da Câmara J. da Costa Sousa Pinto Basto e o Conde da Taipa, foram introduzidos na sala e prestando juramento sentaram-se, aquêle na extrema esquerda e este no centro esquerdo.

## Fevereiro

**Dia 1** — Os officiaes de infantaria 18, aquartelados no convento dos Capuchos, mudam-se para o de S. Domingos que a Câmara mandara consertar para esse fim, estabelecendo-se naquele o hospital militar. As despesas do conserto correram também por conta dos mesmos officiaes.

A Câmara, em 2 de Março, mandou pagar-lhes 62\$705 réis e em 12 de Junho mais 12\$000 réis, importe das despesas dos concertos. — P. L.

**Dia 11** — O capital do hospital da Ordem Terceira de S. Domingos estava na quantia de 2:015\$340 réis e na construção do edificio, que ia muito adiantada, tinham sido gastos 2:710\$385 réis, tendo rendido as esmolas para isso apenas 1:240\$120 réis.

\*

A Lista 464 M-II das desamortizações, anunciava: Arrematação perante o administrador de Guimarães, no dia 11 de Fevereiro de 1839 — Convento de Nossa Senhora das Neves, da Ordem dos Prêgadores em Guimarães. — 2.179 — O campo da Botica, o qual parte do norte com o edificio do convento, poente com a igreja do mesmo convento, sul com casas térreas que fazem frente para a praça do Tournal, e do nascente com o muro e rua de Trás-o-Mosteiro. — Avaliação 60\$000 réis.

**Dia 13** — De madrugada pegou em armas a polícia juntamente com soldados do

n.º 18, prendendo alguns rapazes dos que estavam sorteados para soldados. Foram remetidos para Braga. — P. L.

**Dia 24** — Procedeu-se no círculo eleitoral desta vila à nomeação de um senador proprietário e outro substituto para preencher os que faltavam em côrtes por este círculo, saindo eleitos o Visconde de Pôrto Côvo da Bandeira, e Laborim. Nesta eleição houve pouca concorrência de votantes. — P. L.

JOÃO LOPES DE FARIA.





ESTUDOS VERNÁCULOS—I, por Vasco Botelho de Amaral. Editora Educação Nacional. Pôrto, 1939.

O sr. V. B. de A. é já bem conhecido, embora ainda bastante novo, pelo seu trabalho tam útil *Dicionário de Dificuldades* com que, suponho, se estreou nas letras e com o qual se manifestou logo de entrada um decidido paladino da Língua Portuguesa. O êxito que tal obra alcançou não o fêz adormecer sôbre os louros conquistados, e ei-lo que no limiar dêste ano nos brinda com novo trabalho no qual colige preciosas e elucidativas observações acerca da linguagem de Camilo, de Castilho, de Herculano e de Camões, bem como outros artigos sôbre transformações idiomáticas, modos de dizer, elipse prepositiva e dialecto telegráfico dos jornais.

Obra de estudo, é auxiliar precioso para os estudiosos, que nela encontram fartos ensinamentos ministrados, sobretudo, através de muitíssimas citações dos quatro escritores e de outros, tornando-a ainda mais proveitosa um índice alfabético que muito facilita a consulta da obra.

Eu tenho razões para crer que o sr. V. B. de A., a quem nunca vi, supôs algum dia houvesse da minha parte qualquer animosidade por ter vindo à estacada fazer algumas observações discordantes a quando da aparição do 1.º vol. do seu *Dicionário de Dificuldades*. Também tenho razões para crer que tal juízo é erroneo, porquanto sempre louvei, e louvo, a referida obra, como louvo a sua tenaci-

dade e inquebrantável coragem manifestadas na defesa da nossa língua. Neste lugar, e aproveitando esta oportunidade, aqui lhe manifesto publicamente a minha simpatia, louvando-o pelo que já fêz e incitando-o a que continue para bem da língua e exemplo aos novos.



OCIDENTE. Revista portuguesa, volume III (n.º 8), 1938; volume IV n.ºs 9, 10 e 11), 1939.

Continuo a ser visitado gentilmente por esta preciosa revista que Manuel Múrias e Alvaro Pinto dirigem e a que êste último dá todo o seu carinho e todo o seu entusiasmo consciente... e experiente.

Os quatro números que tenho presentes encerram bela colaboração literária e artística, na qual sobressaem: *Origem e evolução da cartografia náutica portuguesa*, por António Barbosa; *Genesis do movimento restaurador de 1640*, pelo Abade de Baçal; *Músico caminheiro*, interessantíssimo estudo folclórico-musical do prof. Armando Leça; *Uma comédia inédita de D. Francisco Manuel de Melo*, por António Correia de Almeida e Oliveira; *Autógrafos e Recordações de Escritores e Artistas*, por Joaquim Costa; *O Espirito Missionário de Portugal*, pelo Padre M. Cruz Boavida.

*Occidente* continua desta forma a marcar um lugar de vanguarda entre as revistas portuguesas, e pode dizer-se que, depois

da extinção de *Lvsitania* (facto que é dos mais tristes e lamentáveis nos anais das letras portuguesas e um índice desanimador que nos envergonha aos olhos do mundo), não há outra que tenha vasta projecção no estrangeiro e nos honre perante a intelectualidade mundial. No meio sáfaro português uma revista da índole desta, que consegue chegar ao seu 4.º volume e prosseguir em ascensão constante, é um êxito inédito mas consolador. A situação de Alvaro Pinto à frente desta revista é a garantia de êxitos futuros e de constante progresso.



BOLETIM CULTURAL. Suplemento trimestral ao Boletim da Câmara Municipal do Pôrto. Vol. I, 1938.

Eis uma obra que não honra só a cidade em que viu a luz, mas o próprio país em que se publica. O *Boletim Cultural* da C. M. P. é um trabalho de utilidade imensa para o estudioso e até para o simples curioso. Repositório de fartos materiais para a história do Pôrto e para a de Portugal, apresenta-se com aspecto magnífico, bom papel, tipo perfeitamente legível e copiosas ilustrações, algumas delas reproduzindo desenhos de valor a representarem aspectos do Pôrto antigo ou da cidade contemporânea.

Como portuense, que me honro e prezo de ser, desvanece-me a aparição desta revista em cujas páginas transparece o intenso amor que todos os seus colaboradores votam à terra onde nasceram, à terra que me foi bêrço e que eu amo sobre todas as demais.

Segue-se o elenco de alguns dos estudos mais valiosos que se publicam no volume I: *Cabido da Sé do Pôrto*, pelo Cônego A. Ferreira Pinto; *Registos paroquiais do Pôrto*, pelo prof. Basílio de Vasconcelos; *Geopolítica da Península Ibérica*, por H. Lautensach; *Origens e tradições do Mutualismo Português*, por A. de Magalhães Basto; *O papel de Mousinho na Civilização Contemporânea*, por Francisco Pereira de Sequeira; *O Pôrto de ontem e de hoje na vida económica nacional*, por A. de Magalhães Basto; *Origem da navegação astronómica*, por António Barbosa; *O Pôrto na Restauração*, por Fernando Guimarães; *João Pedro Ribeiro. Professor e Cônego doutoral*, por A. Ferreira Pinto;

*A personalidade estratégica e disciplinadora do Marquês das Minas*, por F. Pereira de Sequeira; *A lição da vida do «Generoso Henrique»*, por A. de Magalhães Basto.

Contém mais os relatórios do movimento da Biblioteca Pública Municipal do Pôrto e o registo das publicações nesta entradas.

Não seria despicienda a inserção de um índice onomástico e de assuntos no final do volume, o que muito facilitaria a sua consulta.

ANTÓNIO A. DÓRIA.



NUNO ALVARES, por *Mário Gonçalves Viana*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada 125. Pôrto, 1938.

Nas «Figuras Nacionais» consagrou-se o vol. 10 à biografia dessa gigantesca figura da nossa História, que é Nun'Alvares.

Até há pouco tempo, Nun'Alvares era quasi ignorado da maior parte do nosso povo. Só depois que a igreja o elevou aos nossos altares é que essa figura heróica começou a ser lembrada e a ser restituída aos portugueses.

Mas quantos e quantos não sabem ainda a sua história tão encantadora?

Este trabalho do dr. Gonçalves Viana é digno de todo o louvor pela maneira como nos descreve a vida do grande herói, dêsse moço destemido e crente que é motivo de orgulho da nossa Raça e modelo de patriotismo e de abnegação na hora que passa.



ORIENTÁLIA, por *António da Silva Rêgo*. Edições José Fernandes Júnior. Lisboa, 1938.

Não sabemos se se trata da estreia de um novo poeta ou se o A. tem já outros trabalhos publicados. Este é o primeiro que conhecemos e devemos confessar que nos deixou a melhor impressão. Silva Rêgo dedica-se, na *Orientália*, a fazer quasi que um confronto entre o que é o *orientalismo* e o *ocidentatismo*. O Oriente com os seus mistérios:—Nirvana, Karma, Brama, Mahan-Atmá, a mitologia hindú, — e o Ocidente, com a sua velha civilização, são motivos de bela inspiração, cheia

de harmonia e de evocações de arte e de espiritualidade, a que Silva Rêgo, soube dar forma, ritmo e suavidade.



MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, por *Mário Gonçalves Viana*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1938.

Figura grandiosa da nossa epopeia de Africa, Mousinho reúne em si o valor, a intrepidez e a heroicidade dos cavaleiros antigos, nossos antepassados.

A sua acção, a sua individualidade, o seu critério, a sua valentia indomável, são-nos descritas neste novo livro de Mário Gonçalves Viana, trabalho que é um capítulo importantíssimo da nossa história militar nas campanhas de Africa, onde tantos e tantos valores se revelaram.

Valiosíssimo serviço prestou o Autor com a publicação deste trabalho que é de grande interesse para a história das armas portuguesas nessas paragens distantes do nosso vasto Império. A vitória sôbre o Gungunhana, a campanha que aventureiros internacionais fizeram contra o nosso país, o génio cavalheiresco de Mousinho, a epopeia de Chaimite, de Magul e de Coolela, que trouxe a derrocada do poderio vátua, tudo nos é descrito neste portuguêsíssimo 11.º volume das *Figuras Nacionais*.



PENA SEM PRISÃO, por *J. C. Ataliba Nogueira*. Empresa Gráfica da «Revista dos Tribunais». São Paulo (Brasil), 1938.

E' cheia de interesse esta tese do distinto escritor e professor brasileiro.

Embora sejamos profanos em assuntos de tal magnitude e de tanta responsabilidade, lêmos, com o maior prazer os diversos capítulos em que se divide, desde a maneira como outrora se puniam os delinquentes à transição que se foi operando até aos dias de hoje.

Circunscrevendo-se, especialmente, à análise do direito repressivo no Brasil, o A. é defensor da pena de multa para os pequenos delitos e da pena de degrêdo temporário ou perpétuo para os delitos maiores, contra a pena de prisão que considera «torturas escusas e horrorosas mortes lentas pelo atrás sofrimento moral, pelo doloroso sofrimento físico, por toda a coorte de desgraças, infortúnios e moléstias contagiosas que só o cárcere sabe propalar, com requintes de caprichosa maldade».

São páginas inspiradas em novos métodos do sistema penal, obedecendo a nobres intuítos de morigeração dos costumes e de colonização do interior do Brasil.



ARTUR BIGORDON — DE PROLETÁRIO A BURGUEZ, por *Jean Drault*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125 — Pôrto, 1938.

*Ridendo castigat mores.* Aqui está um escritor que segue bem as pisadas de Sant-eul. Ainda não há muito que tivemos ocasião de nos referir a um outro livro do mesmo A., livro que causou justificado sucesso. E' que poucas vezes se vê, em trabalhos humorísticos, aquêlê critério crítico acompanhado, ao mesmo tempo, de um fundo moral que se nota nos livros de Drault.

Neste, conta-nos êle a vida agitada de um militante comunista iludido, como tantos outros, pelos apóstolos da emancipação. E numa viagem de recreio que faz num improvisado automóvel pintado de vermelho tendo desenhados, em cada lado do carro, uma foice e um martelo entre-cruzados, pôde saborear as delícias das *greves* que o acolhiam por toda a parte onde existiam bons camaradas de ideal.

O livro está cheio de situações cómicas e deve ser lido pelos proletários ludibriados que não deixarão de colhêr nêle uma proveitosa lição.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.



# Tu es Petrus

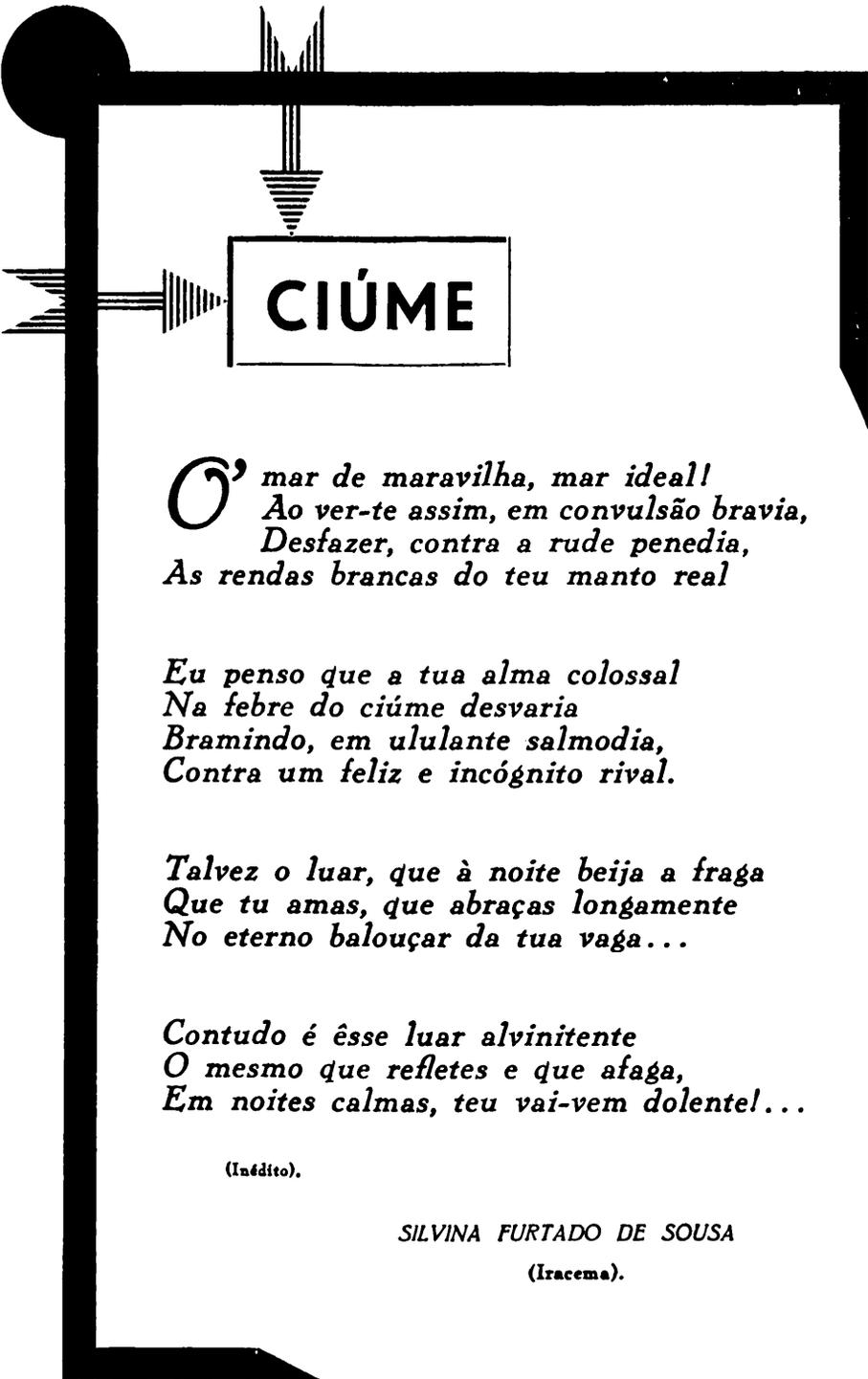
**N**A madrugada de 10 de Fevereiro faleceu Sua Santidade Pio XI. No mesmo mês em que se completavam 17 anos da sua eleição, desapareceu da terra um Pontífice que fez uma extensa obra de renovação interna e de actuação externa, de tal modo que todo o mundo se associou ao pesar dos católicos tributando ao Pontífice da Paz as homenagens respeitosas de uma saúde bem viva e bem profunda.

Os 17 anos de pontificado de Pio XI foram de uma operosidade extraordinária e a sua acção benéfica fez-se sentir muitas vezes quando tudo parecia caminhar para um novo desvario. As suas Encíclicas encerram ensinamentos preciosos e não houve um único problema relacionado com a vida humana que Pio XI não enfrentasse com clareza e energia.

Sucede-lhe, em eleição de breve conclave, o Cardeal Pacelli, Carmelengo da Santa Igreja Romana e, agora, Papa Pio XII. E' uma figura marcante, de inteligência viva, e orador de uma eloquência persuasiva e simples.

*Opus justitiae pax* é a palavra do novo Pontífice que será um digno continuador da obra do saüdosíssimo Vigário de Cristo. Palavra de Paz que é obra de Justiça.

Que a paz renasça entre os homens para que existam a justiça, o direito e a verdade, protegidas pelas fôrças do Espirito, libertando as consciências do grosseiro materialismo do século em que vivemos.



# CIÚME

*O' mar de maravilha, mar ideal!  
Ao ver-te assim, em convulsão bravia,  
Desfazer, contra a rude penedia,  
As rendas brancas do teu manto real*

*Eu penso que a tua alma colossal  
Na febre do ciúme desvaria  
Bramindo, em ululante salmodia,  
Contra um feliz e incógnito rival.*

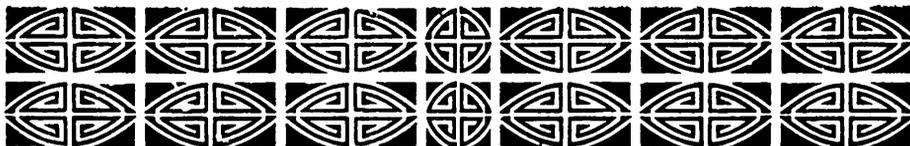
*Talvez o luar, que à noite beija a fraga  
Que tu amas, que abraças longamente  
No eterno balouçar da tua vaga...*

*Contudo é êsse luar alvinitente  
O mesmo que refletas e que afaga,  
Em noites calmas, teu vai-vem dolentel...*

(Inédito).

SILVINA FURTADO DE SOUSA

(Iracema).



# ARTE E HISTÓRIA

por ARMANDO DE MATTOS

(Continuação da página 27)

Vejamos o românico servindo-se do granito duro do norte; o gótico, com o granito mais fino e ainda os calcários rijos do centro; o *manuelino* e o renascentista, tirando o máximo partido dos calcários moles do centro e sul.

Quanto mais ductil fôr a pedra, mais o homem a aproveita para levantar as suas imorredoiras obras de arte.

Apontarei exemplos para melhor fixação de ideias.

Basta reparar no esforço, que parece corporizar-se, do trabalho de desbaste de um portal românico, como o da igreja de Cette, por exemplo; atentar, depois, no da Sé Vélha de Coimbra ou nos capitéis figurados do claustro do convento de Cellas, da mesma linda e vélha cidade!

Ressalta aos olhos a dificuldade do canteiro em afeiçoar as figuras ou em lançar ornatos; mas nota-se, também, como êsse esforço parece diminuir de Cette para Coimbra, que é como quem diz, do granito para o calcáreo.

Se olharmos as pedras da *Batalha* — êsse milagre de proporção e equilíbrio, de estética e de discreta grandeza, de concepção e de emotividade — na sua arte admirável, temos de concluir que são verdadeiras *rendas*, perdõem-me o lugar comum da expressão. Isto, porém, foi possível graças ao calcáreo da região, que se pode modelar com um simples canivete.

Por muito arrojada que pareça a hipótese, é a plasticidade das pedras, dando largas à imaginação e talento dos artistas, que explica, melhor, talvez, do que quaisquer outras razões de ordem cultural e material do meio ambiente, o ter sido Coimbra a afamada escola de escultura do século XVI.

Reparando depois em tôda a zona onde o renascimento dominou, constatamos que são os calcáreos que, de uma maneira geral, permitiram a modelação da prodigalidade decorativa do manuelino e a muito menos simbólica razão do *plateresco*.

Neste rápido esboço que procuro dar-vos, com a clareza que os meus recursos podem consentir, creio fazer destacar bem como a arte se prende à história e até, mais do que à história, à própria Pátria.

Desde a ideia que pôde concebê-la até ao material de que se serve; da emoção que a sentiu à própria adaptação de correntes estranhas, a particularização é evidente e bem uma prova de que a Arte não é internacional como alguns proclamam.

Que importa que a *emoção estética*, quer dizer, a possibilidade de ser impressionável por uma qualquer manifestação de arte, esteja ao alcance de *todos*, se um asiático, por exemplo, não *sente* com a mesma razão de arte, que sensibiliza um ocidental? Se, dois temperamentos, capazes de compreenderem a arte, admirando a mesma obra prima, a *recebem* de maneira diferente?

A *arte, não é internacional*; é-o, claro está, na generalidade, como *paradoxalmente* o próprio nacionalismo o pode ser.

Mas a *arte*, como expressão exterior que é, está, de princípio, sujeita a receber características do meio ambiente; por isso, *cada região, cada povo, cada Pátria*, embora mais ou menos individualizada, tem a *sua arte*.

Esta, quando, porventura, salta as fronteiras políticas, respeita sempre a fronteira das tradições sociais no campo histórico e filosófico.

Quando assim não é, a conclusão a tirar é pouco honrosa para o povo cujo sentimento de arte é submetido ou absorvido por outro estranho: está, evidentemente, em decadência, pois não tem a resistência, a impermeabilidade, que dá sempre a melhor nota de *personalidade nacional*.

Por isso, nós bem podemos dizer que temos uma *arte portuguesa*, em qualquer dos seus principais sectores.

Não basta, porém, convencermo-nos disto.

*E' preciso que todos nós o sintamos; é necessário* que a Mocidade de hoje, a *Mocidade Portuguesa*, certa garantia da continuidade histórica da nação, assim pense e sinta, numa alta e culta compreensão do que vale a cultura artística e de qual é a infinita superioridade da arte, como manifestação de espírito, sôbre a actividade dispendida em inutilidades materiais.

Se a vida de espírito é a melhor *marca* da primazia do homem sobre todos os seres vivos que povoam a terra, *o desleixá-la*, é tender, vergonhosamente, para uma vida sem brio, puramente animal.

Cérebro onde não perpassa a leveza de um pensamento de arte; onde não se tenha feito a luz de uma emoção de brio patriótico; bem digno é de lástima, porque é, certamente, um cérebro esquecido por Deus!



Pelo que vos tenho dito, em célere corrida a recear estar-vos importunando em demasia, fica bem patente como são infindáveis os aspectos como poderia encarar convosco, nestas rápidas palavras da minha palestra, as *relações da arte com a história*.

Presentimos, porém, o sentido de evocação histórica que nos dão as obras de arte nacionais.

Já vimos como as ideias de arte e história se interpenetram.

Portanto, é natural, é lógico, que, ao sentirmos a beleza de uma obra de arte, instintivamente sintamos em nós o sortilégio de uma lembrança de facto ou figura histórica que ela nos traz ao nosso espírito português.

Nos monumentos, correndo Portugal de norte a sul, o que vemos nós? O que nos dizem êles? Vejamos:

Começando pela Sé de Braga, encrustada na paisagem minhota, tam rica de côr, encontramos, à sombra das suas pedras velhinhas e destacando-se luminosamente da poeira do tempo, os nomes do Conde D. Henrique e de sua mulher a leonesa D. Tereza; ali dormem as suas cinzas no justo e eterno descanso de uma vida agitada e sacrificada à causa do embrionário sentido da independência portuguesa.

Concentremo-nos um pouco e um friso heróico, de vultos medievais, perpassa pelo nosso espírito sugestivamente evocador, destacando-se a figura bem nacional do véelho arcebispo D. Paio.

E, a nossos ouvidos, através dos séculos, parece chegar ainda o tinir dos ferros temperados no ambiente honrosamente nacional do castelo de Guimarães, no esfôrço viril e autonomista de S. Mamede.

Depois é Paço de Sousa em terras durienses.

Três naves de bom românico, já hoje salvo da ruína, guardando com o túmulo de Egas Moniz as mais altas tradições da dignidade portuguesa, de uma época de preconceitos pouco firmes.

Segue-se nesta ronda tam ligeiramente feita, *Leça do Bailio*, nos arredores verdejantes do Pôrto.

E' a casa-mãi dos cavaleiros de Malta em Portugal, num belo românico de transição, cheio das nobres sombras dos freires-cavaleiros; lembramo-nos do refúgio que ali tomou a alucinada paixão do rei D. Fernando, o formoso, por aquela D. Leonor, que o cronista chamou a *Flor de altura*.

Em seguida a Sé do Pôrto recorta-se no horizonte do nosso espírito, viciosamente evocador.

E uma longa teoria de prelados, capitaneados pelo arteiroso D. Hugo, animam esta ideal paisagem medieva.

Bispos-soldados, êsses primeiros bispos portuenses, perdidos numa intérrmina luta de interesses, afrontando o rei, desafiando a nobreza e trilhando o povo!

Senhores do seu burgo, alcandorado nas fragas de *Penaventosa* por mercê de D. Tereza, quási esqueciam Deus, para atenderem, sòmente, às rendas e privilégios da mitra, uma forma material das tentações do Satanaz medievo.

Viviam à lei da época; e à luz inquieta e amarelada dos tocheiros de duzentos e trezentos têm que ser julgados pela História.

Recordo, seguidamente, o mosteiro cruzio da Serra do Pilar, com as águas turvas do Douro correndo-lhe ao sopé, orgulhoso de um notabilíssimo claustro circular, de rara beleza e equilíbrio de motivos, em renascimento do maior aprêço.

E' exemplar único na Península; e, ainda hoje, ao ouvir gorgolejar a água na taça de pedra da sua fonte lavrada, no silêncio de um abandono que já não volta a ser interrompido, o nosso espírito sente-se acompanhado pelas sombras dos monges que por ali gastaram suas vidas, em meditação e estudo. Depois é a derrocada de tudo, com um futuro agitado, que chega de imprevisto, e caímos na lembrança das horas bem pouco liberais da guerra da *usurpação*.

Continuamos para o sul; e, não muito longe de Grijó, onde se guarda a bem relevada arca tumular de Rodrigo Sanches, irrequieta e ilegítima vergôntea real, topamos com o vèlho castelo da Feira, enquadrado na massa verde-escura dos pinhais, altaneiro no aprumo das suas tórres quadradas e na soberbia que lhe advém da linhagem dos Pereiras,

dessa ilustre gente, mais antiga do que a Pátria portuguesa e que deu à história nacional a figura imortal do condestável D. Nuno.

Depois da Feira, Viseu; coração da Beira-Alta, plétórica de tradições, orgulhosa dos nomes de Viriato, de D. Duarte, de João de Barros e outros, guardando com zelos a sua catedral, de que me apraz destacar a incomparável abóbada manuelina, sóbrio exemplar desta nacional decoração, pois, somente com a cordoalha das velas e nós por ela formados é obra arquitectónica digna de grande aprêço e estudo.

A' sua construção se liga o nome glorioso na história das ciências em Portugal, de D. Diogo Ortiz de Vilhegas, conhecido pelo «Calçadilha», que veio de Castela no séquito da Excelente Senhora, chegando a cosmógrafo de D. João II, *o homem*, como lhe chamava Isabel a católica.

Foi êle o orador sagrado em S. Domingos de Lisboa, quando o grande capitão Duarte Pacheco chegou da India, coberto da glória e da inveja dos palacianos.

De Viseu e antes de chegarmos a Coimbra, — à Coimbra do Mondego, a que fazem sentinela choupos nostálgicos e saudosos — detenhemo-nos em Lourosa da Serra, com a Estrêla à vista, perante a sua igreja do tempo da reconquista, onde o arco ultrapassado — o arco em ferradura dos árabes — deixou vestígio, e saúdemos um exemplar quasi único no país.

Depois Coimbra. E' a Sé Vélha, — românico do mais puro que temos em Portugal — de cuja penumbra, ainda fresca pelo vidrado dos azulejos andaluzes que lhe forram as paredes e feitos ao jeito árabe, um cortejo de brilhantes personalidades que ali estão, em descanso sepulcral, perpassa, perante os nossos olhos, devassadores do passado.

Bispos, infantes, cavaleiros... perfis heráldicos de gente de algo portuguesa!

E' o mosteiro vélho de Santa Clara, num estilo de transição, onde, à meia noite, ainda deambula o santo espírito da rainha D. Isabel, a cuidar das suas rosas de milagre, saúdosa dos doirados entardeceres coimbrões, quando, no côro e de mistura com as monjas claristas, enlevada, salmodiava ao Senhor!

Em Santa Cruz, sugestiva na sua pátina doirada, encontramos a homenagem de D. Manuel I às cinzas dos nossos dois primeiros reis, a que deu monumentais túmulos. Esta, é a referência histórica; pela arte, temos o célebre púlpito, lavrado com requintes por João de Ruão, que é orgulho do renascimento em Coimbra.

Por último a Universidade, envolvendo nas suas tradições architectónicas as mais vélhas e honrosas lembranças da cultura nacional.

Sigamos, em romagem, sempre para o sul; e temos diante dos olhos a nossa melhor apoteose ao passado glorioso da Raça:

*A Batalha!*

Aqui, o nosso espírito, cede o lugar ao coração.

Perante a razão histórica do voto do Mestre de Aviz, que levantou esta maravilha, verdadeira prece materializada e rezada pela alma heróica na Nação, a ternura que nos toma, ao lembrar os nomes de tantos portugueses grandes da geração de Aviz, que tam dedicados foram à sua pátria, faz-nos vibrar em estranha comoção.

Não há português — verdadeiro português e nacional — que a não sinta!

Mas se houver alguém, cuja indiferença resista ao eflúvio do passado que transpira do ambiente sagrado da Batalha, — muito embora tenha nascido em Portugal — não passa de um *estranho* na nossa terra!

(*Conclue no próximo fascículo*)





# O FASCISMO

por ROLÃO PRETO

(Continuação de pág. 19)

## II

*«... il Fascismo si propone di governare la Nazione per fare degli italiani un' anima sola tutta intensa al lavoro ed alla ricostruzione della Nazione.»*

MUSSOLINI.

Senhor Director de *A Época*: (\*)

Mal poderia eu supor, quando há dias inviei à *Época* as breves notas do meu artigo sôbre o Fascismo, que elas haviam de merecer os reparos do seu colaborador Santa Cruz, de quem sou admirador por justo título. Assim foi, porém, para talvez se confirmar o vêlho aforismo popular que faz conter na própria simplicidade das cousas a sua maior complexidade de aspectos...

Insurge-se o Rev. Santa Cruz contra a minha defesa do Fascismo por duas razões maiores: — o seu método de combate violento e exagerado e a sua injusta atitude para com o Partido Popular, — ou seja o partido católico. E, depois pergunta, então, Sua Rev., como justificar a minha defesa diante destas objecções sumárias?

Respondo e fàcilmente, como o ilustre articulista me concede. O método de combate do Fascismo, por mais exagerado e violento, por mais ilegal e temeroso que êle tenha sido, é o único método que, nesta hora de fremente batalha entre a Nação e a Anti-Nação, entre o bolchevismo

---

(\*) De *A Época*, 18-9-1922.

e o Nacionalismo, pode trazer a vitória às *élites* activas que formam quadro em tórno da bandeira da Pátria. Inútilmente alinharia o illustre colaborador da *Época*, em coluna cerrada, todos os seus argumentos contra o método « fascista ». Inútilmente agruparia eu os meus.

Uma razão há que os vence, que os varre a todos: os factos. Todo o poder, e enorme é êle, do Partido Popular, tóda a serenidade, tóda a bondade, tóda a legalidade e tóda a justiça da sua acção foi impotente para salvar a Itália.

O Fascismo salvou-a. Discutir isto, seria negar a realidade; não tem, pois, discussão.

O método é, pois, o único que serve, o único que se pode advogar neste momento, em que a decisão suprema dos destinos das Nações se aproxima como uma fatalidade a que se não pode fugir. Mas, porque o método é bom, quere isto dizer que se absolvem todos os erros e todos os excessos incidentais a que a sua aplicação dá lugar? Evidentemente, não! E aqui está a minha estranheza pelos reparos que a redacção da *Época* junta ao artigo do seu colaborador Santa Cruz. Nunca eu poderia advogar, nem passagem alguma do meu artigo o autoriza, os excessos condenáveis do Fascismo contra o P. P. italiano.

Decerto, o hábito de incessante combate que exalta permanentemente os fascistas compromete-os muitas vezes em escusadas e absurdas tropelias. A batalha pode ser uma desculpa, não, porém, uma justificação.

O Fascismo é, porém, hoje um fenómeno histórico duma vasta e profunda influência económica e social.

*Il fascismo*, disse-o há dias, no Parlamento italiano, o deputado nacionalista Alfredo Rocco, *ha soprattutto un contenuto altamente morale: tende a ricondurre nelle masse assecate dalla demagogia socialista il sentimento nazionale. Esso risponde anche alla mutata situazione economica di molti contadini che, divenuti piccoli proprietari, non intendono piu seguire il socialismo che ogni forma di proprietà vuol distruggere.*

E, mais adiante, falando da crise italiana, Rocco afirma ainda: « que o país não atravessa uma crise de velhice mas sim uma crise de renascimento », concluindo, então: « *Quest'azione di rinnovamento é quella che piu specialmente si é assunta il partito nazionalista e il partito fascista.* »

Assim o carácter da vasta intenção nacionalista do grupo de Mussolini se demonstra e prova para os próprios extremistas do nacionalismo italiano hoje seus aliados.

Mas quere o Sr. Santa Cruz mais provas para desfazer as suas dúvidas que reduzem o Fascismo à situação duma guerrilha de veteranos do Corso, sem ideias gerais que dirijam a sua marcha político-social? Leia, então, estas passagens dum discurso do próprio Mussolini, proferido em Spezia, no dia 25 do passado mês. Ali êle disse — que *i fascisti devono esser l'aristocrazia degli italiani operanti: che il Fascismo si propone di governare la Nazione per fare degli italiani un' anima sola tutta intensa al lavoro ed alla ricostruzione della Nazione — il nostro programma è semplice: vogliamo governare l'Italia.*

*Se il Governo non ha manie suicide non ci impedirà a battere le vie legali altrimenti quando il colpo di campana sarà suonato, il Fascismo balzerà como un solo uomo per l'ultima e decisiva battaglia, il cui scopo effettivo é Roma. Ma non la Roma, città antica, com le sue stradè, le sue curiosità, i suoi Ministeri vogliamo occupare: intendiamo parlare di Roma, della Capital della Nazione, che deve diventare il faro del Mediterraneo, che deve essere guidata da noi all'avanguardia delle Nazioni civili per la grandezza e la prosperità dell' Italia per la pace d' Europe.*

Julgo não serem precisas mais citações e mais provas sôbre a intenção do «Fascio», que é, como eu afirmara, «acima de tudo um profundo movimento de pensamento e acção nacionalista».

Santa Cruz não tem, a meu ver, portanto, o direito de lhe chamar um novo bolchevismo. Não há bolchevismo branco, porquanto o contrário do Bolchevismo vermelho — único Bolchevismo — é o «Nacionalismo» que sempre, através da História, outro meio não teve de romper o seu caminho que não fôsse através do sangue, da violência e das lágrimas do sacrificio.

Pregunta ainda o Sr. Santa Cruz se as adesões em massa que noticiaram as agências terem vindo ao Fascismo, depois do fracasso da última greve comunista, são sinceras ou motivadas pelo «médo» ou pela «vontade de satisfazerem o desejo de violência de que estão animados».

E depois? que provavam essas adesões contra o Fascismo? não significariam elas, pelo contrário, o último esfacelamento do comunismo italiano que já não tinha a força necessária para polarizar os elementos trabalhadores da Itália?

Melindroso é êste segundo aspecto da nossa conversa. No entanto,

procurarei resumir aqui algumas das razões que me parece serem da sua índole. Vejamos:

O problema da política católica organizada em partidos é nesta hora grave um dos mais complexos e difíceis de solucionar. E' de resto um problema geral.

O Centro alemão como o Partido Popular italiano, como o nosso próprio Centro Católico português, têm sido criticados e consoante defendidos ou atacados rudemente, mesmo pelos partidos da Direita. Quem uns que os partidos católicos façam mais política, outros encontram que êles a fazem de mais. Desejam alguns que vão para a Direita, reclamam outros que êles se inclinem para a Esquerda.

O Partido de Dom Sturzo tem sido atacado àasperamente pelos partidos da Direita do seu país. E não só os Fascistas, e nem só os Integralistas da *Idea Nazionale*. Tam pouco não só os italianos têm atirado as suas pedras ao Partido Popular. Com razão? sem razão? não temos que responder. O Fascismo acusa, porém, o Partido de Dom Sturzo, entre outras cousas, de ter deitado Nitti abaixo para depois acamaradar com êle, de ter impedido a organização do ministério Bonomi e, sobretudo de conivência com o Comunismo na manobra do *Colaborazionismo*.

Tem razão o Fascismo? ainda uma vez, não temos que o saber aqui. Resulta, porém, que o Fascismo como o Integralismo não concordam com a política do Partido Popular e daí a luta. Intervêm então os conflitos e os exageros da batalha? Não o negamos. E' sabido, porém, que de ambas as partes tem havido violências condenáveis. Ainda há dias em Ravena, segundo os fascistas, foram os operários do Partido Popular que os provocaram e agrediram. *Chi lo sa?*

Não deviam os fascistas atacar o P. Popular, diz o Sr. Santa Cruz, porque êste Partido tem também propósitos sociais e corporativistas.

Pois há quem afirme que nas organizações do Partido Popular há muito comunismo e muito bolchevismo condenável.

Leia, por exemplo, o Sr. Santa Cruz um interessante livro do Sr. Maurice Vaussard — *L'Intelligence catholique dans l'Italie au vingtième siècle*. Nêle encontrará dados afitivos sôbre a formação social do P. Popular italiano.

Não vai longe a data em que várias organizações criadas pelos católicos se passaram com chefes e bagagens para o comunismo sovietista... Já vê o Sr. Santa Cruz que nem tudo o que luz é oiro e que andaremos mal avisados em discutir estas cousas distantes...

ROLÃO PRETO.

# O FASCISMO

## Reparos às explicações a um artigo

*Gostosamente publicamos o belo artigo do nosso distinto colaborador Santa Cruz em resposta ao do Sr. Dr. Rolão Preto, que há dias inserimos.*

*E', sobretudo, instrutiva esta discussão entre dois espíritos cultos e amantes da verdade e animados de rectas intenções.*

Senhor Director de A *Época* : (•)

Os reparos com que anotei um artigo de Rolão Preto, publicado na *Época*, sobre o Fascismo, deram lugar a outro artigo em que S. Ex.<sup>a</sup> se dignou vir esclarecer as minhas dúvidas sobre a exactidão de certas afirmações que havia feito.

Por feliz me posso dar eu por haver provocado as declarações que o Sr. Rolão Preto faz no último artigo e ter dado lugar a que o ilustre defensor do Fascismo revelasse a vastidão de conhecimentos que possui sobre política italiana e a paixão com que acompanha a acção de um grupo político, cujos processos e programa de acção tanto o entusiasma e seduzem.

E' talvez por esse excesso de paixão que o Sr. Rolão Preto não logrou convencer-me, pois que em vez de vir desfazer as minhas dúvidas, veio aumentá-las sensivelmente, dando lugar a reparos maiores que, com o consentimento de V... , exporei nas colunas do seu jornal.

Começa o Sr. Rolão Preto por encimar a sua carta-artigo com uma afirmação de Mussolini, tendente a demonstrar o carácter e finalidade do Fascismo, pelas palavras do seu Chefe.

Poderia notar ao Sr. Rolão Preto que palavras são palavras e que raras vezes em política estão elas conformes com os actos dos que as pronunciam solenemente em congressos, reuniões ou discursos de propaganda.

Se fôssemos a julgar os partidos políticos pelos seus programas, não digo que todos nos satisfariam, mas com certeza não haveria reparos de maior a opor a qualquer deles.

Julgue o Sr. Rolão Preto a obra da república portuguesa pelas afirmações dos caudilhos da propaganda, compare as afirmações então feitas com os actos dos seus homens e diga-me depois que certeza de critério pode haver na maneira de julgar uma doutrina pela forma por que S. Ex.<sup>a</sup> a aprecia.

Eu, como costume julgar os movimentos de ideias pelo que elles têm de verdadeiro e justo, não me prendo a palavras e aprecio os factos, porque só estes valem e manifestam com segurança as intenções dos homens e o valor das ideias.

O que é de estranhar é que o Sr. Rolão Preto, positivista e pragmatista, julgue as ideias da revolução pelos actuais homens que a representam e julgue o Fascismo pelas de-

---

(\*) De A *Época*, 25-9-1922.

clarações dos seus chefes, alheando-se por completo do quanto na prática os factos desmentem os princípios.

Que, quanto a princípios, eu insisto na doutrina da minha primeira carta. O Fascismo está actualmente muito longe de ser o movimento de renovação social que nêle vê Rolão Preto. Poderá vir a sê-lo um dia, mas nunca o foi nem o é presentemente. Nunca o foi, porque o Fascismo, bem o sabe Rolão Preto, organizou-se mais como grupo de ataque e defesa contra o bolchevismo do que como grupo de ideias e princípios.

Perdeu já muitíssimo do carácter primitivo, que nos seus princípios respeitava o clero e protegia-o e hoje ataca o clero, saqueia e incendeia os presbitérios e massacra vêlhos inocentes, só porque são pais do sacerdote, que é homem de paz, da paz que os fascistas não querem, pois é o próprio Mussolini quem no último congresso do Partido declara guerra aberta a tôdas as organizações operárias, católicas, ou socialistas.

Usando, pois, do critério que o Sr. Rolão Preto emprega para julgar o Fascismo apenas pelas palavras do seu Chefe, posso eu servir-me dessas palavras para ver nas doutrinas do Fascio exactamente o contrário do que nêle vê o meu illustre contendor.

Porque Mussolini tanto é o Chefe quando diz para o Sr. Rolão Preto as palavras com que êste encima a sua carta-artigo, como quando diz no congresso do Partido que o Fascio tende a acabar com tôdas as organizações operárias católicas ou socialistas.

Eu não nego em absoluto ao Fascismo um pouco de verdade e de justiça; nego-lhe o carácter de movimento renovador que Rolão Preto lhe atribue. Um pouco de verdade há-a em todos os movimentos e em tôdas as doutrinas. Os excessos, os exageros é que constituem o erro, porque êste não é senão um abuso da verdade. E em qualquer sentido que êle se dê, para a direita ou para a esquerda é sempre abuso e, por isso, condenável. O bolchevismo é o exagêro internacionalista, como o Fascismo é o exagêro nacionalista. Há um internacionalismo justo e defensável a que até católicos podem e devem dar a sua adesão, mas há o internacionalismo anárquico e brutal que gera fomes e horrores, a que todos os defensores da ordem nos sentimos obrigados a dar combate.

Devemos, porém, fazê-lo sem cair no extremo oposto, mal que tenta curar outro mal, exagêro da verdade nacionalista e do sentimento pátrio, que não produz menos ruínas nem encerra menos perigos do que o exagêro internacionalista.

A verdade e a justiça têm os seus direitos aplicáveis aos indivíduos, às pátrias e à humanidade e não há razão, por mais forte, de patriotismo que possa invocar-se contra os direitos da verdade e da justiça.

Para mim tanto crime representa perturbar a ordem em nome do internacionalismo, como em nome do mais acendrado patriotismo. Não se serve a Pátria, tornando-a teatro de lutas sangrentas; assim procedendo, serve-se a desordem; não é nacionalismo matar vêlhos inofensivos e atacar o principal factor do prestígio nacional — a Igreja.

Entregues a si mesmos, e deixados à vontade na sua acção, os fascistas constituirão em pouco tempo na Itália um perigo igual, se não maior que o perigo bolchevista. Em que se distinguem êles dos bolchevistas? Simplesmente em se encontrarem num campo oposto. Mais nada. Perfeitamente iguais no resto. O mesmo critério, os mesmos processos, a mesma ânsia de vingança e a mesma sêde de sangue. O mesmo exagêro da verdade e o mesmo desprezo da justiça. Ora o bem, o bem do indivíduo, das pátrias, de tudo, não consiste numa parcela da justiça e na profissão de meia verdade.

*Bonum ex integra causa.*

A verdade ou se professa tôda ou se cai no erro. A justiça não é cousa que se possa

acomodar nem ao sabor da paixão internacionalista, nem aos caprichos dum exagerado nacionalismo. Todos os que a ultrajam merecem a nossa reprovação e censura, porque a observação vagarosa dos preceitos da justiça é base e condição *sine qua non* do equilíbrio social.

Com que direito virá Rolão Preto acusar de criminosos os homens da revolução porque foram as suas ideias que desencadearam no mundo tantas lutas sangrentas e causaram tantos cataclismos sociais, defendendo como justo o princípio de que a violência é permitida e a injustiça deixa de o ser, quando posta ao serviço do engrandecimento nacional?

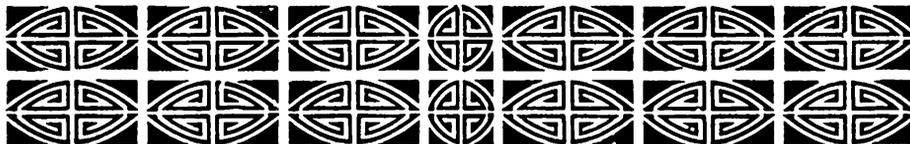
Quem estranharia, admitido tal princípio, que o direito do mais forte seja proclamado lei suprema do progresso social e do equilíbrio internacional?

A quanto nos obriga a paixão e ao que nos conduz o exagêro da verdade!

E para terminar, e enquanto vou analisar algumas das afirmações do Sr. Rolão Preto na sua carta-artigo, a que perei os meus reparos, logo que me chegue um momento de vagar, permita-me Sua Ex.<sup>a</sup> que, afirmando-lhe a minha muita consideração, lhe indique a leitura do trabalho de *M. l'abbé Beauregard* apresentado à 1.<sup>a</sup> sessão do Congresso Internacional Católico de Luxemburgo, em 31 de Agôsto do ano corrente, intitulado *Dever internacional dos católicos*. Nêle encontrará excelentes reflexões sôbre o *nacionalismo exagerado, moderno e pagão* que poderia com resultado aplicar ao *Fascismo*.

SANTA CRUZ.





## COUSAS DA MADEIRA

# Lendas de outrora, e de sempre...

por FERNANDO DE AGUIAR

(Continuação de pág. 12)

### Lenda de Santo António

: : : da Serra : : :

Fazendo partilha do Norte com o Sul da Ilha e pertença dos dois Concelhos manos de Machico e de Santa Cruz, situa-se, em nevoenta e regélida altitude, a antiga Aldeia da Rainha, assim chamada por mercê régia feita aos povos primeiros que, da vizinha e cálida Ilha do Pôrto Santo, ali vieram ter por ocasião de seca e de fome que as gentes padeceram.

Novêlos <sup>(1)</sup> de tôdas as côres, as mais variegadas, trepando, vestem os muros de pedra sôlta que, a olhares sempre ávidos do devassamento alheio, encobrem as culturas, e a perder de vista, marginam em abastança a estrada nacional que em subida de encosta vai a par de renques intermináveis de árvores de folhêdo viridente, esbarrar no *Sancta Sanctorum*, não sem que, antes, num desvio de rota, o caminhante deslumbrado assista do alto do Balcão da Junta ao emergir de oásis bem-dito, perdido entre o infindo escumoso de mares atlântidos e a vastidão do azul de terras portuguesas: — é Pôrto Santo.

E se, desfitando essa longínqua silhueta de ínsula adormecida, encarar em baixo, para o fundo do vale, ficarão seus olhos surpresos pelo vicejar pompeante das fôlhas virentes do inhame <sup>(2)</sup> que, em quási tôda

---

(1) Na Madeira são as hortenses conhecidas com êste nome.

(2) *Colocasia esculenta*: tubérculo aquático que depois de cozido constitue alimento predilecto a indígenas e mesmo a alienigenas. De Machico dizia-se, a-pesar-de grande zanga entre os naturais, a sentença que ficou célebre e na qual se mostra a grande quantidade de inhame e a maior abundância de larápios: *em Machico cada fôlha de inhame abriga sete ladrões e meio.*

a sua extensão, cobrem a ribeira do Machico: mais para Deus, temos a Portela que, olhando os mares do norte, divide Machico do Pôrto da Cruz.

Entre nuvens e chuviscos, entre a sombra afectuosa de anosos eucaliptos e o religiosismo de umas tantas gerações, nasceu e tomou vulto a lenda que ora descrevemos, tôda ela tam rica da micante ingenuidade das cousas populares, formada pelo povo com a costumada beleza da sua alma de artista da perfeição.

Em parte alguma foi o glorioso taumaturgo português de tam grande concurso e romagem como nestas álgidas alturas donde, em seu altar, obrava a torto e a direito milagres de Santo casamenteiro e de achador de cousas perdidas (1).

Pois, não seria sem razões que o povinho tanto amava a seu patrono já que, a êle, eram devedores do desbravamento daquelas montanhas, donde merecer gratidão eterna (2).

Sói dizer-se que em primórdios do povoamento desta Ilha abençoada por Deus e pelos homens, havia naquelas vizindades um tal Diogo Saldanha (3), homem bem nascido e de grossos haveres, o qual todos os dias mandava um seu escravo negro, pelas serras mais propinquas, buscar lenha e feiteira com que cozinhar para a prole numerosa e com que aquecê-la em dias de nortada rija.

Aconteceu, que rara era a tornada, para o solar de seu amo, da qual não topasse aquêle negro com circunspecto frade franciscano, a cuja vista os bois, ou condutores da carga, ajoelhavam de umas vezes, ou festejavam seu encontro com saltos e outras brincadeiras de menos vezes.

Amofinado de aquêle entulho que lhe provocava atraso de chegada, pelo que merecia castigo a mór das vezes, e, ainda por custar-lhe manter os bois naqueles momentos, zanga-se o prêto com o frade.

---

(1) Noutro estudo que se seguirá a êste, falaremos de alguns dos prodígios de Santo António de Lisboa, ou melhor, do nosso Santo António da Serra: in *Romagens, & Romarias, Milagres & outros Sucimentos* . . .

(2) Ainda na actualidade as romagens que de todos os pontos da ilha acorrem aquelas altitudes por ocasião da festa do Santo constituem per si motivo do que afirmamos. Nestas e noutras romarias dispersas pelo arquipélago encontramos a tam característica e regional « espetada » no que — parece-nos — restam vestígios dos antigos sacrificios. Não serão?! . . . Se o religiosismo de um povo se faz acompanhar sempre de algo de paganismo nas suas práticas exteriores! Para mais desenvolvimento: vid. *Romagens & Romarias*.

(3) Escusado se tornaria dizer que o povo não menciona o nome do fidalgo, mas como o encontramos em H. H. Noronha (séc. XVIII) dámo-lo por curioso.

---

Mas êste, na mais celestial das vozes, pede-lhe não se enfade pois a isso não deu aso e ser pessoa de paz: se ali está é por seu bem querer à humanidade.

Dá-se a conhecer o Santo e, perante o pasmo do prêto prostrado, pede-lhe seja mensageiro, entre as gentes e, mui em especial, junto do abastado Saldanha, de suas querenças.

Quere que lhe seja erigida uma Igreja para que os povos sejam consolados e encontrem arrimo em Deus contra as fraquezas da carne. Em troca promete ser socorro e alívio da populaça em todos os seus trabalhos.

E o escravo, ainda trémulo de emoção, vai a correr em busca de seu amo de quem, narrado o milagre e jurada e trejurada a sua veracidade, implora a feitura de casa condigna a tam glorioso português.

Saldanha, homem experimentado por sua provecta idade e ainda pelos magníficos ensinamentos que colhera em tantos anos de bem fazer, cedo acreditou nos dizeres do intermédiário de António e, como homem temente a seu credo, resolve dar-lhes pronta execução.

Despacha correios por tôdas as partes com novas dos acontecimentos, e pede a todos os válidos ajuda para o levantar da Igreja. Ajuntam-se os materiais e prestes se contrata, nos contornos, a pedreiros e outros muitos mesteirais para, ràpidamente e com a sabença de seus officios, seguirem com a obra.

No melhor terreno de pertença do nobríssimo Saldanha se iniciam os trabalhos, mas mal eram lançadas as fundações para o novo templo, o Santo não satisfeito com a escolha do local, torná a procurar o negro pedindo-lhe mande sustar as obras por não estarem em lugar de seu contento <sup>(1)</sup>; e indica-lhe o coração daquelas serras como chão de repouso para aquêlê levantamento. E como na Roma antiga em que a lenda diz terem sido os bois que, arando a terra, delimitaram a cidade sagrada, também aqui, serão os bois que indicarão o sítio eleito para o conjunto arquitectónico.

Postergam-se as obras começadas e, por mandado do amo, todos se dirigem com os bois para o mais intenso da serra, onde dão liberdade aos animais. Surpresos assistem — milagre de ontem, lenda de hoje! — ao ajoelhar dos irracionais em sítio isolado, onde havia uma pequena planície.

---

(1) Noronha nas suas Memórias, escrevia em 1722 que, a êsse tempo, haviam vestígios dêstes fundamentos.

---

Aguilhoam os bichos, mas por muitas pancadas que lhe dêem não conseguem demovê-los, arrancá-los ao chão onde hoje se encontra a Matriz, enquanto não se assinalou o local com algo de visível, não viesse mais tarde a haver engano! . . .

Recomeçam-se com os trabalhos, já nestes novos sítios, mas ao disporem-se os materiais, notam com descontente esforço que naquelas proximidades não existiam, nem a cal, nem a areia.

Entram em cuidados os mestres de obras pela lonjura a que se encontravam dêsses produtos e pensosos perante tamanha dificuldade chegam mesmo a propender para o sustar da construção; mas António é que não sai de seu arraigado intento, e assim é que, fazendo cair aquêles nos braços de Morfeu, lhes acode o Santo em sonhos a ordenar a busca em terreno fronteiriço.

Catam ali e, em abundância, encontram o desejado.

Finalizadas as obras, para todo o sempre dali levam sumiço êsses materiais, não vão êles servir a cousa profana!

E assim appareceria o núcleo populacional que viria a formar o curato de Santo António da Serra, por algum tempo também chamado de Aldeia da Rainha, por graça e mercê de uma bondosa Rainha de Portugal.

### **Lenda do Senhor dos Milagres de Machico**

Já aqui falamos de Machico.

Em Machico nasceu a primeira lenda quasi ao mesmo tempo em que Machico nascia para Portugal.

Machico, filho maior da Madeira e primogénito na hierarquia da colonização quinhentista portuguesa, é hoje, com seus densos arvoredos, sua praia de banhos e suas esplêndidas águas medicinais, uma das mais aprazíveis estâncias balneares da Ilha, para onde no verão abalam muitas famílias fugidas aos calores citadinos e talvez — quem sabe! — para, naquelas noites de céu estrelado quando a lua coada através o arvoredo vem espalhar sôbre os bancos das alamedas a luz madrinha dos noivos, reviverem essa lenda, já contada nas portadas dêste estudo, dos amores de Roberto que para ali veio viver e morrer com o amor enorme da sua Ana, com êle fugida da Escócia.

O arraial mais popular em tôda a Ilha tem sua sede neste lugar: o Senhor Bom Jesus dos Milagres.

No próprio local onde se celebrou a primeira missa em acção de graças foi, pelos anos de 1450, levantada uma Capela que num altar lateral possuía um lindo Senhor Crucificado.

Passando-lhe a ribeira pela porta foi, na aluvião de 1803, arrastada pelas águas a edificação, salvando-se somente a parte trazeira onde estava o altar-mor.

Em 1878, iniciou-se por subscrição pública, a construção de nova Capela. Esta, ainda ao culto, foi benzida em 8 de Outubro de 1883 pelo Bispo do Funchal D. Manuel Agostinho Barreto.

Diz a tradição que a Cruz e Imagem do Senhor dos Milagres, então expostas em altar lateral, foram arrastadas pelas águas do terrível dilúvio até os mares dos Açores, onde três dias depois a tripulação de uma galera americana as recolheu a bordo. E, milagre dos milagres!, nem os escombros daquela Casa em derrocada, nem o bater de pedra em pedra no leito da ribeira, nem a torrente impetuosa das águas, conseguiram causar-lhe o mais pequeno estrago.

Recolhida a imagem, transportaram-na a esta Ilha por os tripulantes não poderem continuar na rota das Americas, para onde se dirigiam, por a isso se opor o querer do Senhor.

Dizem então as gentes em história simples, e porisso mesmo formosíssima, que desde o momento em que aquela veneranda Imagem entrou a bordo o mar se tornou calmo e chão como o azeite sempre que voltavam rumo à Madeira mas que tam depressa o desviavam para o seu verdadeiro destino êle se tornava rijo e de difficil navegação.

Era a Imagem que desejava regressar à sua moradia...

Perante tamanha dificuldade no conduzi-la para terras estranhas, deixaram o leme e o destino entregues àquele Senhor Crucificado. E assim viriam tocar a Madeira, onde, cheios de mágoa pelo desamparo em que ficavam, deixaram aquêl tesouro aos cuidados do cabido da Sé do Funchal. Mais tarde seria reconduzida à Capela de Machico, onde lá continua a encher de bênçãos e de graças os inúmeros fiéis que ali acorrem em devoção.

A festividade do Senhor dos Milagres, que se realiza nos dias 8 e 9 de Outubro de cada ano, é revestida de especial característica pela procissão comemorativa da aluvião, sendo então a Imagem transportada solenemente e à luz flamejante dos archotes, pouco depois das Avé-Marias, à Igreja paroquial, para no dia seguinte, depois de imponentíssima festa, voltar novamente em triunfo à sua casa, donde sairá no ano próximo.

Seguidamente começa a debandada dos «romeiros» de tôdas as freguesias da Ilha, que lá acorreram com seus raminhos de manjerição e cravos atados com juncos e que, depois de tocados no Santo Crucifixo, servirão para queimar em ocasião de tempestade. Depois dum dia e uma noite de folguedos, voltam alegremente a seus lares, tocando em suas gaitas de foles, em seus rajões e em seus machetes e trovando ao desafio com as moçoilas da companhia. A seus chapéus orna-os a Imagem do Senhor, onde no verso se comemora o acontecimento.

*(Continua).*



# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1839

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Março

**Dia 18** — E' declarada sem efeito a portaria de 12 de Novembro de 1838 que concedeu o sino maior do convento dos Capuchos à Junta de Paróquia de S. Cris-tóvão de Riba de Selho, concedendo-se-lhe, em substituição, um dos sinos me-nores da Costa.

**Dia 20** — Por decreto da Rainha, foi nomeado cavaleiro da Ordem de Cristo o egresso José Mendes de Oliveira, da Rua de Couros, por ter servido, gratuitamente, como coadjutor da freguesia de S. Sebastião, desta vila, em que foi substituído pelo prior de S. Torcato, Padre Francisco António do Souto. « Assim foi indemnizado um egresso que tinha jus a ficar pároco duma igreja que tinha servido de graça cinco anos, e a quem por todo o direito pertencia!... » — P. L.

**Dia 26** (Terça-fera Santa) — Com grande acompanhamento de confrades, que formavam duas grandes alas, no meio das quais iam alguns anjinhos, saiu da Colegiada o SS. Sacramento aos entrevados. Iam, também, bastantes padres e uma escolta e música do batalhão do n.º 18. Muito concorreu para o brilhantismo d'este acto, tam fora do costume, o Juiz secular

da Confraria, Visconde da Azenha. O Juiz eclesiástico era o cónego magistral Domingos de Sousa Guedes Aguiar. — P. L.

**Dia 29** (Sexta-feira Santa) — Saiu à noite da Igreja do Campo da Feira (pela 2.ª vez e como é costume desde a extinção dos frades de S. Francisco), a procissão do Entêrro. Atrás da procissão ia, em pouca fôrça porque a maior parte estava destacada, o batalhão de infantaria n.º 18, com bandeira, e a banda de música que tocava marchas fúnebres.

## Abril

**Dia 4** — Por passar mais um aniversário de Sua Majestade a Sr.ª D. Maria II, veio a pouca fôrça existente do batalhão do n.º 18 à Praça do Toural, em parada, no maior asseio e sob o comando do coronel Mesquita. Deram-se as salvas e os vivas do costume e houve, à noite, iluminação geral. — P. L.

**Dia 19** — « A' noite representaram os estudantes uma tragédia em 5 actos, com entradas gratuitas. O entremez, obsceno em demazia, não era próprio para se representar no teatro duma vila como esta, em que ainda há muita gente que olha com respeito para a boa moral. Mas que era

de esperar do seu director e ensaiador o Tomaz das Hortas!...» — P. L.

**Dia 21** — Na casa do Arco, onde, na companhia de seu marido, se tinha recolhido por não terem meios de subsistência, faleceu a mulher do tenente-coronel miguelista Septer. — P. L.

Num dos dias dêste mês foi apurado para Senador, em 2.º escrutínio realizado na cabeça do círculo eleitoral de Braga, João Baptista Felgueiras que obteve 1.523 votos. Foi, de todos, o mais votado.

JOÃO LOPES DE FARIA.



# PENSAMENTOS, PALAVRAS & OBRAS

DA VIDA ■ DOS FACTOS ■ DAS LETRAS

*« O século XIX, aquêlo século esterilmente revolucionário, quis erguer-se como verdugo da Tradição. Para nós, senhores, trazia de fora, importado de França, um imponente carregamento de liberalismo e de liberdade e de lutas de classe e trazia-nos a grotesca carripana da deusa Razão e os cem volumes da enciclopédia. E trazia, também, a guilhotina para guilhotinar e assassinar publicamente nas praças de Espanha a imortal Tradição. »*

FERMIN YZURDIAGA.

## FRANCO VENCEU!

Terminou a luta na Espanha.

Franco, como não podia deixar de ser, venceu. E' que Franco representava a verdadeira e sã Espanha, aquela que se não deixara contaminar pelo mal estrangeiro, e teve a seu lado uma mocidade horóica, indomável e disciplinada, que foi o melhor penhor da vitória.

Venceu a Espanha e, vencendo a Espanha, venceu a civilização ocidentalista e cristã, contra a qual se tinham levantado, de mãos dadas, o comunismo ateu e o catolicismo criminoso dos Aguirre e dos Mauriac.

Venceu a Espanha, porque derrotou a República. A Espanha venceu porque vai ser encaminhada no sentido da sua imortal tradição, irmã gémea da nossa, para que possa ser grande, una e livre.

Esta redenção custou perto de três anos de angústias e de dores, em que a mocidade espanhola escreveu, com o seu sangue generoso, a mais bela página da História dos nossos dias. Mas, assim redimida e vitoriosa, a Espanha antevê já a luz auroral da sua futura grandeza, que se tornará sol esplendoroso quando a vitória se completar com a proclamação do chefe hereditário, que lhe dará continuidade e fé.

Cruzada de resgate foi esta heróica emprêsa que o Caudilho levou à vitória. Porque se se chamaram cruzadas as expedições militares que, na Idade Média, se formaram para libertar o sepulcro do Redentor do domínio muçulmano, a de agora, esta nova cruzada, libertou do domínio republicano-marxista a Espanha gloriosa, tradicionalista e cristã. E ao festejar a vitória, não se pode esquecer essa figura quasi lendária que foi José António Primo de Rivera, êsse lutador intemerato que foi Calvo Sotelo e a pléiade brilhante de heróis, quer os que caíram nos campos de batalha, quer os que foram assassinados nos cárceres em holocausto ao resgate da Pátria, que, com o seu exemplo, com o seu esforço, com o seu sacrifício, prepararam a glória da Espanha e o seu triunfo da barba-ria comunista.

Réquetés, falangistas, mocidade da Espanha: — mantei sempre bem alto a bandeira da Vitória. Só assim, como um dia Yzurdiaga afirmou em Saragoça: — « Não triunfará a política sobre a Falange, porque a Falange é luta, e a luta é o único sacrário onde se refugiou o patriotismo durante os anos asquerosos da República. »

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.

---

### Joaquim Romano

No dia 17 de Fevereiro faleceu em casa de sua mãe, nesta cidade, contando apenas 20 anos de idade, o sr. Joaquim de Jesus Cardoso Romano, a quem estavam confiados os serviços de Administração desta Revista, cunhado do nosso Director sr. Manuel Alves de Oliveira.

Joaquim Romano era filho do saudável capitão António Romano que teve uma acção preponderante na proclamação da monarquia em Vila Real, a quando do movimento monárquico do Norte, chefiado pelo valoroso comand.<sup>te</sup> Paiva Couceiro.

Sentimos a morte do nosso infelizmente companheiro de trabalho e apresentamos a todos os seus os nossos cumprimentos de profundo pesar.

---

### Prémio Dr. António Sardinha

Na festa de 9 de Março, realizada, como de costume, na Sociedade Martins Sarmento, foi o «Prémio Dr. António Sardinha» — criado pela nossa Revista — distribuído à aluna mais distinta do 5.º ano do Liceu de Guimarães, Ana Maria Flores de Matos Chaves.

Felicitemos a inteligente aluna-

## José Fernandes Júnior

No «Bazar» de *A Voz*, de 20 de Janeiro, foi, pelo nosso distinto colaborador sr. Fernando de Campos, prestada justíssima homenagem ao nosso querido amigo e bom companheiro Fernandes Júnior, arrojado editor nacionalista.

Bem a merece o dedicado e desinteressado editor da *Nação Portuguesa* e de outros trabalhos valiosos.

De facto, como afirma Fernando de Campos, «numa hora em que tudo era frieza ou hostilidade à volta daqueles que, com sacrifício dos seus interesses materiais, e muitas vezes com risco da própria vida, se lançavam no bom combate às superstições funestas do demoliberalismo empenhando o seu melhor esforço na propaganda das doutrinas contra-revolucionárias, nunca José Fernandes Júnior faltou onde quer que a sua acção ou a sua experiência fôsem precisas».

Por isso e porque «no nosso reduzido meio editorial, onde aquêles que defendiam os bons princípios do nacionalismo português difficilmente encontrariam quem lhes divulgasse os trabalhos, correndo o risco de os editar, a obra de José Fernandes Júnior constitue um caso digno de registo; representa um acto de benemerência espiritual a que nos é grato prestar justiça, numa hora em que algumas das

nossas reivindicações de há vinte anos transcendem já dos domínios do Espírito para o campo das realidades nacionais».

Sinceramente nos associamos a êste acto de justiça.

## Um novo romance de Nuno de Montemor

Um livro de Nuno de Montemor é sempre motivo de justificado interêsse.

Com o novo romance — *Maria Mim* —, aperfeiçoando ainda mais a feição literária que tem seguido nos trabalhos anteriores, Nuno de Montemor marca uma nova fase da sua vida de escritor.

Dentro dela enquadrou Nuno de Montemor a vida popular da sua Beira, em especial, costumes e tipos dos seus quadrazinhos, e tudo quanto pode interessar um romancista moderno de maneira a poder dar-nos os mais belos quadros da paisagem, das lendas e das romarias dos povos que se agasalham à sombra da majestosa Estrêla.

A edição dêste livro é embelezada com uma capa que D. Raquel Gameiro, consagrada artista, desenhou.

## Dr. Afonso Lopes Vieira

A cidade de Leiria vai prestar uma justa homenagem ao ilustre poeta Dr. Afonso Lopes Vieira, que

legou à Biblioteca daquela cidade a sua biblioteca composta por mais de sete mil volumes.

Nela há exemplares raríssimos o que representa um auxílio valioso para a referida Biblioteca.

A grande obra patriótica e nacionalista de Lopes Vieira é aumentada, agora, com êste gesto nobilíssimo. Bem merece, por tudo isto, o grande poeta e grande português, o tributo grato da admiração, que será não só o da sua terra natal, mas, também, o de todos os portugueses cultos.

### Guido Battelli

As letras portuguesas devem muita gratidão ao Sr. Dr. Guido Battelli que começou a amar a nossa literatura e a nossa arte, quando esteve professor de italiano em Coimbra, e continuou a amá-las, depois do seu regresso à Itália.

Dêse amor falam alto muitos dos seus escritos. Ainda recentemente publicou um trabalho sobre «Dois célebres monges portugueses em

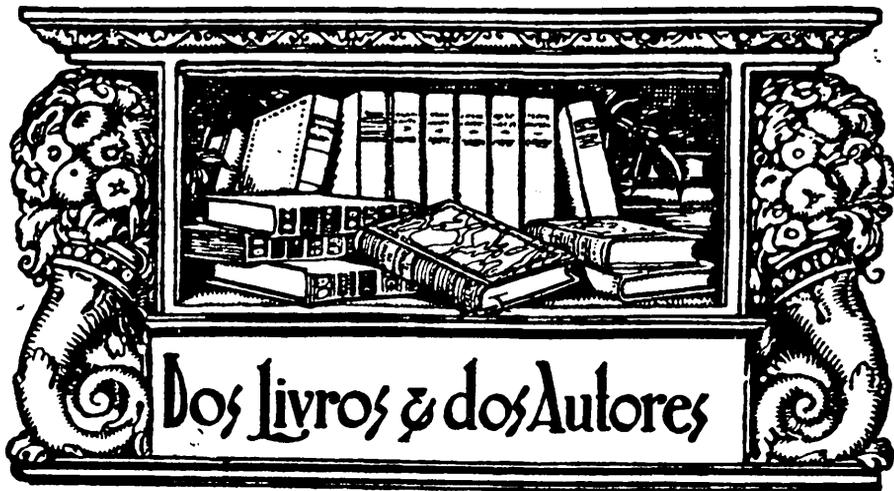
Florença, na primeira metade de Quatrocentos».

Esses monges são Dom Gomes Ferreira da Silva, que nasceu em Lisboa, foi estudar direito a Pádua e, durante 25 anos, regeu o Mosteiro de Santa Maria in Via del Proconsolo, em Florença, donde veio para o Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra, onde morreu; e «aquele Velasco de Portugal, que Vespasiano de Bisticci retratou com tanta vivacidade nas suas *Vidas dos homens ilustres*». Também Velasco foi «estudar direito em Itália, atraído pela fama de que gozava a Universidade de Bolonha e, depois de ter exercido com grande êxito a advocacia em Roma, em Siena e em Florença, recebeu as ordens religiosas e acabou os seus dias no claustro».

Bem haja o Sr. Dr. Guido Battelli por nos descobrir estas figuras portuguesas, que honraram duas pátrias.

O mesmo ilustre professor pronunciou há pouco uma conferência sobre «As águias de Francisco de Holanda» no Instituto Germânico de História da Arte, em Florença.





DICIONÁRIO INGLÊS-PORTUGUÊS, por  
*Eduardo Pinheiro*. A. Figueirinhas,  
Limitada. Pôrto, 1938.

Aqui temos um novo trabalho do prof. Eduardo Pinheiro e a que está destinado grande êxito entre quantos pretendem adquirir um guia seguro no conhecimento perfeito da língua inglesa, cujas dificuldades são notórias. Trata-se duma obra clara, séria e completa (pelo menos tam completa quanto é possível nesta espécie de trabalhos) e que conseguirá esclarecer tôdas as dúvidas que o estudante ou o estudioso sinta em presença dum texto inglês. A-de-mais há que notar que a pronúncia figurada é rigorosamente transcrita por meio dos símbolos da «Associação Fonética Internacional» e cuja utilidade já hoje não me parece possa ser posta em dúvida.

A edição, em bom papel e em tipo perfeitamente legível, é ótima.



O SENTIMENTO DE SOLIDÃO NA OBRA  
DE FLORBELA ESPANCA, por *Diogo*  
*Tavares*. Separata da revista *Gil*  
*Vicente*. Guimarães, 1938.

A poesia de Florbela Espanca vem sendo estudada há algum tempo por alguns dos seus mais fervorosos admirado-

res à frente dos quais devemos pôr o prof. Guido Battelli. A todos os críticos da falecida poetisa tem impressionado a espécie de desolação que ela revelou e a que o sr. Diogo Tavares chama «solidão» e que procura explicar pelo facto de o poeta se encontrar isolado «no meio da normalidade da vida» por lhe não bastar o amor desregrado a que por vezes se entrega para fugir ao exílio a que está condenado na vida. E documenta copiosamente com muitas passagens da obra de F. B., notando em muitos pontos a quasi identidade perfeita que há entre Tónio Kröger, o herói dum dos romances de Thomas Mann e a falecida poetisa portuguesa.

De resto os leitores de *Gil Vicente* já tiveram ocasião de apreciar o excelente trabalho do sr. D. T., em tempos publicado nas páginas desta revista. Isso não impede que eu possa classificar êste opusculozinho como um trabalho a que terá de recorrer todo o que pretender estudar a obra de F. E.



IBERO-AMERIKANISCHES ARCHIV. Heft  
2, Juli 1938, heft 3, Oktober 1938.

Continuo a ser visitado por esta excelente revista, órgão do Instituto Ibero-americano de Berlim, e repositório de fartos materiais para o conhecimento da

história, língua e costumes dos povos de língua espanhola e portuguesa. Nos dois fascículos em meu poder e referentes aos dois últimos trimestres do ano findo, entre variados e importantes estudos há o seguinte referente ao Brasil: *Dil drite brasilianische Verfassung* (A 3.ª Constituição brasileira) por Ingeborg Richarz—Simons; *100 Jahre Instituto Historico e Geographico Brasileiro* (centenário do I. H. G. B.), pelo prof. Otto Quelle; *Das Deutschtum in brasilianischen Amazonas-Gebiet im 17 und 18 Jahrhundert* (Os alemães no território do Amazonas brasileiro nos séculos XVII e XVIII), pelo mesmo autor.

Como de costume publica apêndices com copiosas indicações bibliográficas sobre os países de língua portuguesa e espanhola e a crítica às obras que são remetidas ao Instituto Ibero-americano.



OCIDENTE — Revista portuguesa, vol. v, n.º 12, 1939.

Este n.º 12, o 1.º do volume v, é extraordinariamente valorizado pela reedição do notável estudo *Vida e Obras de Gil Vicente*, da autoria do falecido erudito Anselmo Braamcamp Freire, que dedicou uma parte da sua vida operosa a destrinçar o intrincado problema da dualidade dos dois supostos Ois na corte de D. Manuel. *Occidente* torna-se, dêste modo, ainda maior credor de quantos se interessam por esta espécie de trabalhos que hoje só os grã-senhores se podem permitir adquirir dado que a sua raridade os tornou *aves raræ* dos leilões e alfarrabistas. Oxalá que *Occidente* continue, de futuro, a proceder de igual modo para com outras obras esgotadas e de difícil aquisição, o que terá o duplo condão de valorizar ainda mais as suas páginas e satisfazer os desejos dos estudiosos que não têm tempo para frequentar as bibliotecas. Dêste fascículo queremos destacar ainda *Erasmus antipoda espiritual de Gil Vicente*, por Mário de Sampaio Ribeiro; *Coordenadas modernas para um Esquema de Estrutura mental*, por Luiz Cardim e *Pintura da Renascença em Portugal*, por L. Reis Santos.

DO GOVERNO DOS PRÍNCIPES *Ao Rei de Cipro* seguido do opúsculo DO GOVERNO DOS JUDEUS *A' Duquesa de Brabante*, por São Tomás de Aquino. Trad. do latim por Arlindo Veiga dos Santos. S. Paulo, 1938.

E' esta obra o bem conhecido *Do Regimine Principum* do Doutor Angélico, talvez a sua mais divulgada depois da *Suma Teológica*. A crítica dêste trabalho está feita, embora a sua actualidade seja hoje tam flagrante como naquele recuado século XIII em que S. Tomás a escreveu. Podemos dizer com verdade até, que hoje é livro mais oportuno do que quando o Santo o escreveu; desde o século XIII passou Lutero, passou o Renascimento, passou o Despotismo esclarecido, passou a Revolução Francesa e passou o Liberalismo, passou tudo emfim que velada ou descobertamente combatia a instituição da Realeza temperada de que S. Tomás foi, com êste opúsculo, o mais decidido defensor. E na verdade, no «século das luzes» em que vivemos, depois de assistirmos aos delírios da Democracia elevada ao rubro (o rubro do sangue que correu da guilhotina e o rubro dos incêndios das cidades mártires da Espanha) parece-me que só almas inconcebivelmente românticas e ingénuas ou refinadamente hipócritas poderão clamar ainda pelos obsoletos Direitos do Homem que são a carta magna dos que se esquecem dos homens, realidade viva que sente e pensa, para se deixarem cair extáticos perante o homem, abstracção funesta que leva ao maior dos despotismos. Quere dizer: hoje mais do que nunca impõe-se, nos estados totalitários como nos democráticos, o regresso puro e urgente à Realeza.

Esta tradução portuguesa (cuido que a primeira edição integral do texto do Aquinatense em português) é feita com esmerado cuidado. Os capítulos estão divididos em parágrafos, o que muito facilita a consulta, sendo para lamentar que um índice remissivo não a valorize mais ainda. Aqui e ali há pequenos deslizos de linguagem provenientes apenas da diferença da coloração dos pronomes no Brasil, o que fere por vezes a vista ou os ouvidos dos portugueses de Portugal. De resto não se poderia exigir melhor trabalho de quem procurando dar um S. Tomás em

português são e escorreito, procurou sobretudo não atraíçar o pensamento do Santo afastando-se do texto latino.



AS FESTAS DOS CENTENÁRIOS, por *Alfredo Pimenta*. Lisboa, 1939.

O eminente escritor e ilustre colaborador de *Gil Vicente*, dr. A. P., publicou em separata do jornal *A Voz*, os três artigos que ali publicou em 7, 11 e 22 de Janeiro deste ano, e nos quais sugere a ideia de que às próximas comemorações do duplo centenário da Independência e da Restauração de Portugal assista um representante da Casa de Bragança e herdeiro legítimo do Fundador e do Restaurador, pois «convidando os Descendentes dos Reis comemorados, a colaborar, com a sua presença, nas festas, o Estado português afirma a perfeita compreensão do seu papel, e da sua posição na hora que passa».

E' digna de aplauso a ideia do sr. dr. A. P. e o Estado Novo, que assenta em bases tradicionalistas, não deixará de ter êsse *gesto* que o dignificará, quebrando para sempre a recente tradição liberal e democrática que votou ao ostracismo os Descendentes dos Reis de Portugal. Nesta hora grandiosa que vivemos é de toda a justiça evocar o que nos une e não me parece que nada possa unir mais os portugueses senão a ideia de terem entre si o Representante daqueles Reis que fizeram Portugal e o engrandeceram e tornaram o seu nome respeitado e conhecido nos quatro cantos do mundo. «Sem êles — êsses Representantes — as festas podem dizer-se acéfalas, vagas e indefinidas».

ANTÓNIO ALVARO DÓRIA.



AS MARAVILHAS CELESTES, por *Camilo Flammarion*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1937.

Camilo Flammarion foi um escritor romântico e, por isso, a sua obra ressen-te-se de influência do romantismo. *As maravilhas celestes* conquanto não sejam a última nem a melhor *maravilha* em assuntos astronómicos tem tido diversas edições em várias línguas, sendo esta a quarta edição portuguesa.

Há já, sôbre o assunto, trabalhos mais modernos e mais em relação com os últimos progressos das ciências astronómicas. *As maravilhas celestes* têm um carácter vulgarizador e dão umas noções de conjunto do que é a astronomia. Embora se não possam perfilhar inteiramente, abrem os espíritos às revelações da Natureza e deve ser êsse, talvez, o segredo do interesse que se tem criado à volta do livro.

Esta quarta edição portuguesa é enriquecida com um apêndice de Frederico Oom, o falecido director do Observatório da Ajuda. A versão é de Alexandre da Conceição, inserindo notas complementares do sábio professor e grande homem de ciência, também falecido, dr. F. da Costa Lôbo.



O ESCARAVELHO DE OIRO, por *Edgar Poë*. Livraria Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1937.

E' o vol. n.º 5 da «Colecção Juventude». Poë foi um escritor que conquistou renome universal, sendo os seus livros traduzidos em quasi tôdas as línguas. *O escaravelho de oiro*, que agora se nos apresenta em tradução cuidada de João Meireles, é um dos mais conhecidos dos seus contos.



ALMANACH AÇÓRES. Livraria Editora Andrade. Angra do Heroísmo, 1939.

Coordenado por Manuel Joaquim de Andrade, entrou êste Almanaque no 32.º ano de publicação. E' um Almanaque valiosíssimo, com indicações gerais acêrca das ilhas que constituem o arquipélago açoreano. Encerra magnífica colaboração, em prosa e em verso, escolhidas anedotas e receitas diversas.



O VAGÃO DE 3.ª CLASSE, por *Jean Drault*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1938.

Neste volume descrevem-se cenas banais passadas em carruagens de 3.ª classe, com um poder de verdade admirável. O autor

soube focar bem estes quadros de realidade flagrante, com seus diálogos cheios de naturalidade, onde o humorismo se casa bem com a moralidade que se extrai de cada cena.

E' valorizado por graciosas e expressivas ilustrações de Gerbault e Guido, realçando mais a graça dos quadros que a tradução, de José Maria Gaspar, na boa aplicação do calão próprio de cada personagem, mais avulta.



DOM QUIXOTE DE LA MANCHA, por Miguel de Cervantes. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1938.

A obra imortal de Cervantes tem tido já várias edições no nosso país e deve ser bem conhecida dos portugueses. E' que o *Dom Quixote*, o livro que deve ter sido mais lido no mundo, mantém sempre bem vivo o interesse do leitor que nunca se fatiga por mais que o leia. Este facto deve ter influído para que a Editora Educação Nacional o incluísse na «Colecção Juventude». Não é — claro está — a obra completa de Cervantes, mas sim uma tradução abreviada, esmeradamente feita por João Meireles que pode ser lida, sem receio, pela juventude, a que se destina, e, com proveito, por tódas as outras pessoas, quer conheçam ou não esta obra prima do genial escritor espanhol.

A' maneira de prefácio publica um valioso estudo do notável escritor francês Duhamel sôbre a obra, sôbre a personalidade e sôbre a influência do autor do *Dom Quixote*.



D. ANTÓNIO COELHO (notas biográficas). Edição do Colégio das Missões Beneditinas. Depósito na Pax. Braga, 1939.

*In-memoriam*. E bem o merece D. António Coelho, há pouco falecido. Homem superior, inteligência clara posta ao serviço da melhor causa, a sua passagem na terra constitue um exemplo que não deve ser esquecido porque precisa de ser imitado. E' essa a missão destas notas biográficas que o Colégio das Missões Beneditinas editou e nas quais se narra, em

tôda a sua edificante simplicidade, de que ressalta maior grandeza, a história desse grande homem, dessa alma pura e cristalina, desse zeloso beneditino a quem o estudo e a história da Liturgia tanto e tanto devem. Incansável na sua missão de apóstolo, missão espinhosa e tantas vezes incompreendida, o liturgista cria uma obra que não mais perecerá, uma obra que por ser *Opus Dei* será, também, a par desta salidade dos seus irmãos beneditinos e dos seus admiráveis livros litúrgicos, eterno *in-memoriam*.



SANTO ANTÓNIO DE LISBOA, por Mário Gonçalves Viana. Editora Educação Nacional, Pôrto, 1938.

Afirmou Afonso Lopes Vieira que, como Santo António, «Nenhuma figura da história atingiu semelhante irradiação». De facto o Taumaturgo Português é universalmente conhecido e à sua volta, com a fama dos seus milagres, foi-se tecendo a mais bela e a mais enternecedora lenda que se vem mantendo através dos séculos.

Já muito se tem escrito sôbre o nosso glorioso Santo, mas é tam grande a sua figura que o assunto se não esgota e o milagre dos livros vai-se sucedendo ininterruptamente para maior glória e maior louvor do Taumaturgo.

Assim, Mário Gonçalves Viana veio dar-nos, neste seu livro, novos elementos para um melhor conhecimento desse grande português da Idade-Média. Não foi esquecida a tradição popular que nos apresenta Santo António como santo folgazão e galhofeiro. E se há quem possa discordar de que, num trabalho desta natureza, exista um capítulo que nos apresente o Santo tal qual o vê e o compreende o nosso povo, entendo que só assim Mário Gonçalves Viana nos podia dar um trabalho perfeito, consciencioso e profundamente português.



BARCELOS NAS FESTAS CENTENÁRIAS, pelo Doutor Adélto Marinho.

Com a aproximação das festas centenárias vão surgindo as propostas e os alvitres sôbre o que, cada terra, deverá rea-

lizar para se integrar no significado dessas comemorações. O Sr. Dr. Adélio Marinho, num gesto louvável e cheio de brio bairrista, apresentou à Junta da Província do Minho, em sessão de 25 de Abril de 1938, uma proposta no sentido de se incluir Barcelos no programa das comemorações projectadas, advogando o restauro do Solar dos Braganças que se ergue, como sentinela vigilante, naquella histórica terra da nossa província.



1640 EM BARCELOS, por *J. Mancelo Sampaio*. Barcelos, 1938.

Outro trabalho sôbre a integração de Barcelos nas comemorações centenárias.

Gostamos de ver esta conjugação de esforços no sentido de dar realidade a uma aspiração justa. Barcelos, pelo seu passado, tem direitos adquiridos. O senhor Major Mancelos Sampaio fornece-nos, neste valioso trabalho, elementos curiosos sôbre o levantamento de 1640 em Barcelos.

Perdidos os livros de actas da Câmara desde 1640-1644, perderam-se, com êles, as melhores informações sôbre a acção de Barcelos no movimento restaurador. No entanto os documentos agora publicados constituem subsídios preciosos para a história da « Dona do Cávado ».



ALDEIAS PORTUGUESAS, por *Gustavo de Matos Sequeira*. Edições S. P. N., Lisboa.

No intuito de valorizar a aldeia mais portuguesa de Portugal e dar estímulo para que as nossas aldeias continuem a ser bem portuguesas, criou o Secretariado

da Propaganda o *Galo de prata* que coube, desta vez, a Monsanto, na província da Beira Baixa.

Para isso foi necessário percorrer diversas aldeias e em tôdas elas o sr. Gustavo de Matos Sequeira encontrou motivos para a colectânea de sonetos que o S. P. N. publicou numa edição primorosa, com ilustrações de Paulo.

Todos os sonetos são felizes e em todos êles se foca um motivo que caracteriza a aldeia visitada. Dêste modo se reúnem, na harmonia do verso, elementos etnográficos muito apreciáveis.



LIÇÕES DE LINGUAGEM, por *Augusto Moreno* (vols. II e III). Editora Educação Nacional, Rua do Alameda, 125. Pôrto, s/d.

Já tivemos ocasião de nos referir aqui ao primeiro volume destas admiráveis *Lições* e, nessa altura, manifestamos o nosso contentamento e a nossa gratidão pelo benemérito esforço do prof. Moreno, um dos nossos melhores mestres em filologia.

Os dois volumes, agora publicados, tornam a obra muito valiosa e prestadia, necessária a todos os que se dedicam ao estudo da nossa língua e gostam de escrever em bom português.

São indispensáveis, por isso, na biblioteca de todos os estudiosos que só terão vantagem nestas *Lições* preciosas. Há nelas observações curiosas e ensinamentos úteis que a todos aproveitam.

Nestes volumes foi reparada uma lacuna que tinha sido notada no 1.º volume, pois inserem um índice das matérias, o que facilita muito a consulta.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.





# ARTE E HISTÓRIA

por ARMANDO DE MATTOS

*(Continuação da página 40 — Conclusão)*

O Mosteiro da Batalha é o nosso melhor altar-pátrio. Para nós, portugueses, tudo representa: a vitalidade da Nação, a Fé na Vitória, o sonho do Império, o valor do Espírito, a imortalidade da Raça!

E' Aviz e todo o sortilégio desta palavra enorme que ali está, nas pedras trabalhadas, nas cinzas dos heróis, no campo sagrado de Aljubarrota — que fica próximo — na própria imagem gloriosa de Santa Maria da Vitória que a tudo preside!

E tôdas as lembranças mais caras da nossa história ali se guardam como exemplo de alto civismo, naquele cofre preciosíssimo que é uma verdadeira síntese da arte nacional daquela época famosa.

Depois é Alcobaça no seu gótico impecável, guardando na paz das cousas mortas, em túmulos cinzelados como jóias, os calcinados restos dos amores desvairados de Pedro e Inez.

Leiria ainda nos dá nas ruínas do seu castelo roqueiro o preciso para evocarmos o rei poeta e lavrador, duas qualidades que representam sinteticamente e com honra a sua inconfundível figura de monarca.

Em Santarém — pleno Ribatejo — ao vermos a mancha ameaçada das suas muralhas tão altaneiras como a insulência muçulmana, vem-nos à mente as páginas de Herculano ao traçar, em palavras de bronze, o arrôjo e audácia do primeiro Afonso, ao tentar, por surpresa, o assalto da cidade.

Saüdemos agora Lisboa, a celebrada cidade de *mármore e granito*.

Primeiro curvemo-nos perante o castelo de S. Jorge, coevo do nosso primeiro rei, cuja porta ficou sagrada com o sangue heróico de Martim Moniz.

Depois, o convento do Carmo, onde nos arcos ogivais descarnados desde o terremoto de 1755 nos parece ver ainda a sombra do hábito carmelita com que o beato Nun'Alvares escondeu a sua gloriosa cota de armas e que foi a síntese perfeita da sua vida admirável: a Fé imprecívél, Graça do céu a envolver o heróico amor da Pátria que sempre o alentou!

E a visão desta inconfundível figura de português, começada ao olharmos as ruínas do Carmo a recortarem-se no espaço, visão que é uma prece às virtudes do nosso passado, vai acabar na lembrança do castelo da Flor da Rosa, onde o nosso beato condestável, descuidoso, passou a sua primeira infância.

Seguidamente os Jerónimos, gigantes, erguem-se diante de nós, fantasmas de lendária grandeza. São o assombro da arte manuelina, rica de labores, pródiga de decoração, cathedral indiana da maior grandeza, floresta encantada dos nossos sonhos de conquista; documentário maravilhoso da mais brilhante época da maior história do mundo!

Na penumbra doirada das suas naves repousa a alma heróica do império, *não só* pela simbólica de todos os labores, *como também* pelas cinzas-reíquias dos Grandes da nossa terra que ali se guardam em verdadeiro panteão de glória!

E a tórre de Belém?

Espelhando-se airosa sôbre o Tejo — que já em tempos idos a cercou — é o melhor monumento levantado pela gente portuguesa ao *Mar tenebroso*, seu rumo consciente, para onde foi contra vontade do *Vélho do Restelo*, mas forte nas razões que decidiram o seu futuro.

E a vélha tórre ainda hoje sonha com as caravelas da Índia!...

De Lisboa saltemos a Vila Viçosa, passando, de caminho, à vista de Almourol, o baluarte dos templários!

Ao contemplarmos o Paço Ducal dos Braganças recordemos tóda essa Família de primeira grandeza na sociedade internacional, cheia de tradições gloriosas e trágicas, das quais destaco, como a maior de tódas, o gesto emocionante da oferta da coroa real de Portugal à Virgem, desde então de facto e de direito a *Padroeira*. E desde então, também, nunca mais a coroa real assentou na cabeça dos soberanos portugueses!

Entre os membros desta régia Família encontram-se nomes que, quer como monarcas, quer como homens de espírito ou de cultura, políticos ou artistas, foram dos primeiros do seu tempo.

Façamos depois um desvio até Sintra e saúdemos outra relíquia manuelina nas maravilhas do Castelo da Pena, que a sensibilidade de um régio contemporâneo, português pelo coração, o príncipe-consorte D. Fernando de Saxe-Coburgo, recheou de preciosas colecções de Arte.

De Sintra passemos a Palmela, em homenagem aos freires de Santiago, heróico penhor da conquista do Algarve, e dirijamo-nos seguidamente a Beja a acarinhar com olhos condescendentes a fachada maciça do Convento da conceição, onde teve lugar o tormento de amor de Mariana Alcoforado.

Endireitemos à Sé de Silves, onde será lembrado o perfil vigoroso de D. Sancho e nos curvaremos perante a lembrança do Príncipe Perfeito, que ali esteve depositado alguns meses depois do seu passamento em Alvor.

Depois de avistarmos as colunas romanas de Evora — a cidade-museu — que nos trazem ao pensamento o povo que criou a civilização grandiosa do Lácio, da qual somos filhos, chegamos finalmente ao têrmo desta viagem de devoção patriótica, através o Portugal nosso, e achamo-nos em *Sagres!*

*Sagres?! Mas porquê?*

Que monumento encontramos nós em Sagres, nesse promontório alcantilado e deserto, onde só vegeta em rasteira humildade o *carrasco* do Infante? Que nos fala em Sagres de arte ou história, perguntar-meis vós?!...

Não existe, na verdade, nenhuma obra de arte ou monumento histórico que o homem tivesse criado ou produzido, mas um grande motivo de devoção patriótica ali encontramos: *é o Mar!*

E' a êsse *monumento* da mais pura arte e cenário gigantesco da história humana que a natureza nos deu e que foi o teatro real das mais alevantadas manifestações da raça lusíada, que eu quis levar o vosso espírito.

E' o mar, e em especial o horizonte marítimo de Sagres, o grande templo da tentação da alma nacional, a sempre-noiva do nosso feito inquieto; o trunfo com que soubemos oportunamente e num lance de inteligência ganhar uma cartada, que nos trouxe às mãos os destinos do mundo de quinhentos e nos deu nova imortalidade!

Vimos num galope de fantasia o que nos podem fazer pensar os nossos monumentos histórico-artísticos. Mas nós temos outras manifestações de Arte, cujos testemunhos igualmente nos prendem de alma e coração às páginas iluminadas dos pergaminhos honrosos da gente portuguesa.

Nosso dever é citá-los também, embora só chame a depor os mais importantes e simbólicos, pois que o tempo vai passando e, com êle, a vossa condescendente atenção.

Na pintura já não quero falar-vos senão nas tábuas chamadas de Nuno Gonçalves. E' um conjunto de quadros, um políptico, em que se retratou o Portugal da África e da Índia.

E' uma apoteose à política nacional de então. Um mostruário de tipos portugueses na sua fisionomia e na sua indumentária, na sua extensão e nas suas atitudes!

Basta que nelas se representasse o infante D. Henrique, o culto precursor da nossa grandeza, para serem essas tábuas de Nuno Gonçalves um dos mais estimados padrões da nacionalidade.

E na iluminura?

Devemos, porventura, esquecer os livros dos reis-de-armas de D. Manuel I, onde, na policromia exuberante dos escudos de armas debuxados, nós temos em curiosa e vélha simbólica quasi tôda a história portuguesa?

Na ourivesaria (certamente todos me adivinham) quero citar-lhes a custódia de Belém trabalhada por mestre Gil, figura do renascimento português.

Essa jóia litúrgica, feita com o oiro de Quiloa que primeiro veio ao reino e sagrado pelo nosso esforço sem fim, representa, por êste facto, uma attitude emocionante de Fé!

Fôra a confiança em Deus que nos levou à glória de descobridores, de senhores do nosso Império de além-mar; a Êle, que tal consentiu em Sua bondade, gratamente se ofertou em comovente tributo o primeiro oiro alcançado, que foi o iniciador do célebre ciclo da pimenta de que reza a nossa história económica.

Na tapeçaria, os panos da colegiada espanhola de Pastrana historiam a nossos olhos sequiosos de heroísmo e beleza tôda a nossa epopeia do norte de Africa.

Na escultura, que dizer?

Lembrar, ao menos, depois dos nomes dos imaginários renascentistas de Coimbra, o nome de Manuel Pereira com o S. Bruno e Machado de

Castro, o mais delicioso modelador de presépios que tivemos em Portugal, são nomes que bem se prendem ao nosso brio histórico e artístico.

Tudo isto na arte culta, erudita, digamos assim.

E na *arte popular* como hoje se diz?

Também nela nós podemos encontrar a contrapartida da história?

Talvez com surpresa para muitos, podemos responder afirmativamente.

Porém, é uma história mais antiga, é a história da nossa terra, é certo, mas já anterior à nacionalidade portuguesa.

Na galeria bizarra de côr e forma da nossa arte popular o friso histórico com que nossos olhos deparam são as lembranças das civilizações já idas e que são como que o subsolo daquela em que hoje vivemos. E' a arte dos primitivos, das ingenuidades rupestres, dos celtas, dos iberos, dos motivos árabes, góticos e romanos!

#### MINHAS SENHORAS E SENHORES:

O facto de vir falar a um núcleo da Mocidade, correspondendo assim ao penhorantíssimo convite que me foi feito e desvanecido agradeço, obrigava-me a orientar as minhas pobres palavras num sentido bem português.

Procurei dar-lhes êsse cunho na vibração que imprimi ao desenrolar motivos e ideas de exaltação perante o vosso entusiasta nacionalismo.

Mal cerzidas foram as imagens que busquei trazer-vos, a fim de que a sua lembrança revolva no fundo do vosso ânimo, de maneira proveitosa, a intuição dos altos exemplos do passado, o sentido nacional que se evolva da experiência de séculos.

Mocidade, que me honrais com a vossa atenção:

— meditai com sincero recolhimento na lição espantosa, escrita com mestria, nos monumentos que ennobrecem a vossa Pátria;

— reparai no valor moral que êles representam com as suas sugestões de arte e de história;

— lembrai sempre, em vosso brio de portugueses, que êles são o documentário insofismável da existência de Portugal no mundo durante oito séculos de vida nacional!

Os nossos monumentos são, como as tradições gloriosas, aquilo que os antigos chamavam os *bens morais ou do espírito!*

Cumpre-nos conservá-los, acarinhá-los, compreendê-los !

Cumpre-nos ainda a honrosa tarefa de apontarmos aos portugueses novos o seu valor moral e histórico.

Eu sei que tenho falado para jovens nacionalistas cujo espírito já está bem formado e orientado nas directrizes modernas do momento português.

Sei que vós não ouvisteis com indiferença as minhas palavras, não pelo relêvo literário que lhes dei, que nenhum foi, mas pelas ideas que as animaram.

Não ignoro também a consciência que tendes da vossa posição presente e futura dentro da sociedade portuguesa.

E é na certeza disto que eu vos pergunto, confiado em que me sabeis responder com a vibração própria da vossa idade e da pureza do vosso sentir, com vossos corações firmemente confiados nos destinos da Pátria :

Mocidade: quem Vive ?





# AVÉ, VIRIATOS!



Ressurge ó estro meu da mórbida canseira  
E tange pelo espaço, em vibração tamanha,  
Que dos Lusos confins passando, além fronteira,  
Leves a minha voz ao coração da Espanha!

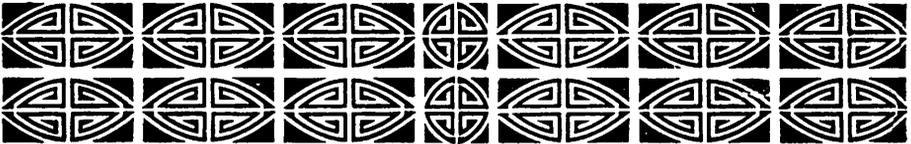
Está Portugal em festa — E' parada altaneira!  
Já os Viriatos são de volta da façanha,  
Que de alegria encheu a Cristandade inteira —  
Porque era contra Deus o fim desta campanha!!

Vamos pôr-lhes na frente uma c'roa de louro,  
E ora da Pátria a voz se elevará em côro,  
Para alegre os saüdar num grito maternal.

O comando de Franco os levou à vitória:  
Seja esta aliança um elo mais da história  
Que ligue estreitamente a Espanha a Portugal!

19-5-939.

MÉCIA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE.



# Cartas sem franquia <sup>(\*)</sup>

VIII

a MADALENA Z...

Amadora, Outubro.  
Querida Amiga :

Aqui estou, em plena região saloia, a 20 minutos de Lisboa, mas longe dos seus irritantes ruídos. Deixei o Pôrto por entre uma chuva miúdinha, uma daquelas chuvas características e impertinentes dêsse querido Norte, a qual me acompanhou até além de Coimbra que mal pude entrever, tão cheia de névoas estava. Ainda procurei, com curiosidade saudável de tempos passados, descobrir a vélha tôrre da *cabra* tão familiar e tão grata à minha alma. Mas o mau humor dêste desabrido outono não me permitiu ver senão as árvores meio despidas do vandalizado choupal, as águas sujas e já impetuosas do sossegado Mondego e a Baixa de casas incaracterísticas, borrão a manchar a Colina Sagrada. O vélho castelo de Pombal, já restaurado, mal o vi; a chuva caía impetuosa e fustigada por vento colérico, escorrendo pelos vidros largos do *rápido* e tornando impossível qualquer visão para além de escasso palmo.

Aborrecido, mal-humorado, com um comêço de enxaqueca impertinente, atirei-me para o meu canto, indiferente ao mundo e aos homens, deixando doidejar o pensamento que, invariavelmente, queria fixar-se em pormenores insignificantes. Abri os jornais de Lisboa comprados em Pombal e passei uma vista distraída sôbre êles. Insensivelmente invadiu-me suave modôrra que me fêz recordar de-repente do canto suave do lume quando, o ano passado, me encontrei em Londres num dia de chuva e de nevoeiro como êste. Não sei se dormi-

---

(\*) Vide XII vol. (1936), pág. 170.

tei, se dormi. O facto é que fui despertado no Entroncamento por um ruído de vozes vindas de fora. Olhei através dos vidros e tive a satisfação de notar que a chuva cessara, o nevoeiro desaparecera e o sol, embora pálido, brilhava entornando a sua luz de oiro sôbre a Natureza e os homens, com a mesma indiferença com que eu os olhava a êles. O céu tomara uma côr azul-desmaiado, e lá para o norte, as nuvens corriam empurradas pelo vento que ainda soprava e levava para longe o mau tempo e o mau humor que êle provoca.

Levantei-me e preparei-me para rever Lisboa, após dois anos de ausência no Estrangeiro e aí no Norte, em repousadas vilegiaturas, por entre o verde do Minho, o castanho de Trás-os-Montes ou o azul-e-verde da Beira Litoral. A' medida que o *rápido*, em velocidade cautelosa, avançava marginando o Tejo, eu ia readquirindo nova alma com o brilho intenso do sol, que aumentava de momento a momento, e, embora as côres monótonas desta paisagem do Sul não sejam propícias à alegria dos olhos, já me sentia quási contente. Cheguei a Entre-Campos com uma tarde linda e, depois de atravessar durante quatro intermináveis minutos o abominável túnel do Rossio, entrei em Lisboa onde me esperavam os braços amigos do H. C. a cujo convite vim desta vez.

Mal houve tempo para retirar do *rápido* as malas e metê-las logo numa 1.ª do trâmuei de Sintra. E novamente tive de aturar a sufocação mal cheirosa do tenebroso túnel, a melhor cousa que os lisboetas poderiam ter descoberto para predispor mal o estrangeiro contra a nossa pretensa civilização. Felizmente depois de Campolide (cujos ruídos, imundície e chateza de horizontes me recordaram Campanhã) a paisagem alargou-se e o combóio principiou a correr por entre colinas arredondadas e campinas de erva rasteira, matizadas de pequenas vivendas numerosíssimas que punham na paisagem monótona uma nota alacre de branco e vermelho. De um lado somos acompanhados por uma ramificação do célebre aqueduto joanino que logo nos deixa passada a Damaia. O forte de Monsanto, espécie de pão-de-açúcar de via reduzida, levanta-se numa iminência mais alta, e o casario branco de Bemfica vai-nos acompanhando à direita, ao mesmo tempo que a estrada de Lisboa a Sintra.

Eu não conhecia êste pedaço de paisagem portuguesa. Quando há anos estive em Sintra, foi pela estrada de Cascais que, em rápida viagem, lá fui. Não podia adivinhar que êste recanto da região saloia possuísse qualquer espécie de encantos, pelo que, durante as minhas andanças pela minha terra, jamais me senti tentado a vir aqui.

Quis a muita amizade do H. C. proporcionar-me a oportunidade de

conhecer a região e uma das suas pérolas: a Amadora. Decidi-me então à viagem, pondo de parte uma projectada excursão por terras de Barroso e de Orense, em cata de notas etnográficas inéditas e outras frioleiras em que passo agora o tempo, impossibilitado de voltar à minha querida Madrid por causa dos tristes acontecimentos em que tem sido fértil a pobre terra espanhola.

Depois de Bemfica, nova paragem na Buraca, pequenina povoação abrigada pela serra de Monsanto, e a seguir a Damaia junto dum lança do aqueduto. Novamente em marcha, eis que o combóio, com silvos estridentes, corta a estrada de Sintra, já em plena Amadora, e logo, por entre altos eucaliptos e jardins verdejantes, rescendentes e acolhedores, chegamos à antiga Porcalhota tão conhecida da estúrdia lisboeta de há 50 anos atrás. A estação é duma banalidade desesperante, mas as vivendas que a rodeiam para o norte e o encantador jardim que encontrei à saída, predispuseram-me bem para apreciar a linda aldeia suburbana de Lisboa.

A Amadora é um paraíso, minha querida Amiga. A' parte a estrada de Sintra, constantemente cortada em ambos os sentidos pelos ruidosos automóveis, tôda a povoação é um lugar de repouso propício aos que, como eu, querem descansar os nervos tensos por uma vida de civilização intensa. Tôda a aldeia é constituída por casas baixas, térreas na sua maioria por causa da aviação, muitas delas encantadoras, acolhedoras e frescas, mais parecendo *bibelots* de toucador do que habitações humanas. As ruas, embora mal calcetadas, são bordadas de árvores, quási sempre tílias, que lhe dão um aspecto de jardim, e raras são as casas que não têm o seu jardimzinho, cheio de verdura, a despeito da proverbial *secura* da região.

E' que quási não há casa alguma na Amadora que não possua o seu moínho de tirar água, o que a torna também muito pitoresca pela abundância de rodas munidas de palhetas para accionarem os motores. Da janela do meu quarto, que olha para o sul, para o norte e para o poente, já eu contei cêrca de trinta moínhos, nota absolutamente inédita aí no Norte onde a água surge em cada volta de caminho e brota de cada rocha, pura e cristalina, como bênção da Natureza ao homem sedento.

Ontem, animado pelo maravilhoso sol que rompia esplendoroso e triunfante dos lados de Lisboa, saí a dar um passeio pelos arredores. Apesar de correr uma aragem incomodativa, meti pela estrada que contorna o quartel do grupo de esquadrilhas de aviação « República » e lá adiante se bifurca em dois ramos, um para Carnaxide e outro para

Queluz. Nenhum ruído, a não ser de vez em quando o silvo das locomotivas dos combóios que ligam a capital à pitoresca Sintra. Para os lados de Lisboa a paisagem de côr castanho-esverdeada tinha a espaços largas manchas brancas e vermelhas produzidas pelo casario da Damaia, de Bemfica, de Campolide e de outras povoações mais afastadas e cujos nomes ignoro. O forte de Monsanto não se via, occulto por uma prega de terreno, mas os dois postes rádio-telegráficos erguiam, ao longe, os seus dois braços erectos e severos como a alma dum puritano. Em volta, e encimando os outeirinhos que me cercavam, duas ou três dezenas de moínhos arruinados, davam ao conjunto um carácter de rusticidade absolutamente desconhecido nesse Minho abençoado. Para o poente o casario de Queluz dominado pela Tôrre do Relógio, a única nota religiosa em tôda a região, e logo a seguir a mole imponente do palácio em que ainda parece pairar o espírito elegante e cerimonioso do século XVIII. Mais longe o terreno começa a dobrar-se mais e assim vai continuando até Sintra, cuja serra altaneira surge lá ao longe, de verde-negro, severa, no meio da côr castanha de tôda a terra saloia. No alto o palácio da Pena, espécie de castelo encantado, a recortar-se elegantemente no azul puríssimo do céu e com o zimbório a brilhar intensamente sob a luz dêste sol outoniço mas que conserva ainda todos os ardores do verão que passou.

Pela estrada, ninguém. Só, entre a natureza amiga que em tôda a parte como amigo me acolhe, vou caminhando devagar, deixando-me penetrar da paz ambiente e da beleza que meus olhos bebem a largos tragos, sorrindo ao verde desmaiado das ervas, ao castanho carregado dos montes escavados, ao branco das casitas espalhadas pela campina como se esta fôsse imensa cascata a que só falta a côr branca dos carneiros a pastar para a ilusão ser completa. Um avião corta repentinamente o ar, com um resfolegar de monstro com cio, e eleva-se a grande altura logo desaparecendo por detrás das colinas que me ocultam a Barcarena. Ao longe, correndo em direcção a Sintra, o combóio é um brinquedo animado de criança, deixando atrás de si um breve penacho de fumo logo esvaído.

Uma ou outra avezita corta célere o azul do céu, em que pequenas nuvens esfarrapadas simulam leves flôres de algodão suspensos do firmamento. As velas dum moínho — o único que as possui entre tantos arruinados — vão girando devagar, e pela estrada de Lisboa passam vertiginosamente os autos e as caminhetas. Na Amadora os inumeráveis moínhos da água giram em todos os sentidos numa competição original

de velocidade e o avião há pouco subido ao ar, evoluciona agora sôbre a Barcarena, perdendo-se daí a pouco no azul em que é um ponto negro e indeciso. O sol arranca ao zimbório da Pena cintilações estranhas, e o verde da serra toma um tom negro carregado entre o castanho das colinas e o azul puríssimo do céu.

O ventinho impertinente da manhã amainou e o ambiente começa a aquecer. O azul do céu tornou-se mais carregado e o castanho das colinas parece adquirir um tom mais desolado, entre o amarelo-torrado e a sépia. O branco das casas espalhadas pelo vale é agora dum amarelo de oiro a chispar e as leves nuvens, que pareciam coladas ao firmamento, desapareceram, volatizaram-se, e em tôda a imensidade celeste só reina, soberano e magnífico, sua majestade o Sol!

E depois de ter descansado um momento sôbre uma pedra, e de ter contemplado todo o quadro admirável que me cerca e me deslumbra, principio lentamente o caminho do regresso, enlevado, esquecido, bem-dizendo a hora em que meus olhos puderam pela primeira vez pousar maravilhados sôbre uma paisagem de tão poucas côres, mas de tão belos efeitos. Ocorre-me o nome de Corot e mentalmente comparo as suas paisagens nostálgicas com o que ora tenho diante de mim e conluo que por muito grande que seja o pintor e por muito génio que o anime escapa-lhe sempre aquêlê *quê* que é a alma das cousas e nos prende e nos maravilha.

Adeus, boa Amiga, até breve.  
Beija-lhe as mãos rendidamente o

JOÃO DA EGA.

Pela cópia: A. A. Dória.





# O FASCISMO

por ROLÃO PRETO

(Continuação de págs. 47)

## III

Sr. Director de *A Época*: (1)

Devo primeiro que tudo agradecer a V... a bondade com que me tem aturado nesta caturreira amena com o seu colaborador Sr. Santa Cruz. Não será, porém, demasiado continuar?... Assim o creio e temo.

No interesse, pois, de V... e dos leitores do seu jornal que não de-sejo importunar indefinidamente, apresso-me a pedir hoje ao Sr. Santa Cruz que, atendendo à minha situação de intruso na colaboração da *Época*, me convém, sobremaneira, *abreviar* para *concluir*. E, isto sem desdouro para S. Rev.<sup>ma</sup>, pois muito e muito me honro e muito folgaria em não interromper nunca esta nossa palestra a pretexto do Fascismo. Simplesmente, porém, tudo tem um limite e a paciência dos leitores da *Época*, quanto a aturarem-me a mim, pode esgotar-se.

Vem isto a propósito do artigo que S. Rev.<sup>ma</sup> insere na *Época* de 25, o qual abre à nossa discussão um caminho tão longo que dificilmente atingiríamos uma meta antes de por minha parte ter aborrecido completamente os amáveis leitores... Assim eu quero significar a Santa Cruz que tendo pela sua conversa o maior aprêço, não posso, porque não devo, acompanhá-lo na interminável via para onde parece querer empurrar-me.

Para esclarecer, pois, eu proponho a S. Rev.<sup>ma</sup> voltarmos ao ponto donde partimos a ver se nos entendemos ainda:

- 1.º — E' ou não o *Fascismo* um movimento de pensamento e acção nacionalista?
- 2.º — O método de acção do *Fascismo* é ou não o único que

---

(De *A Época*, 7-10-1922).

*serviu* os interesses do nacionalismo italiano na hora mais crítica da conquista bolchevista?

3.º — O facto da luta aberta entre o **Fascio** e o Partido Popular italiano é razão para uma crítica nacionalista e corporativista condenar aquêlo movimento?

Tais são as razões que levantaram dúvidas ao Sr. Santa Cruz. Tudo o mais agora será derivar. A nossa opinião pessoal, de resto, é para aqui completamente inútil por mais alta e ilustre que seja como é a do Sr. Santa Cruz.

A estas três perguntas eu respondi com *dados italianos* e com *razões nacionalistas*, pois era exactamente nesse ponto que eu me collocava no meu primeiro artigo, aquêlo que suscitou os reparos do ilustre colaborador da *Época*.

Assim, no primeiro ponto, eu trouxe em apoio da minha afirmação as palavras do Chefe do Fascismo e aquelas dum deputado integralista italiano, Alfredo Rocco. Deveria eu trazer, para demonstrar as intenções nacionalistas do **Fascio** as opiniões do comunismo ou dos outros partidos seus adversários? Não, decerto. Isto quanto ao pensamento, ao *contenuto morale* do Fascismo. Santa Cruz concede. Afirma que palavras são palavras e programas são programas. Que a julgar por êsse critério as intenções dos nossos republicanos nacionais do tempo da propaganda teriam sido excelentes. Perdão. Palavras são palavras e programas são programas, mas, quanto ao *Pensamento*, são elas e êles uma indicação: a primeira. A acção só vem depois. E assim como os nossos republicanos quando falavam ou escreviam programas nos indicavam o seu pensamento democrata ou liberalista, assim os homens do **Fascio**, quando escrevem ou falam nos mostram se são ou não *pela Nação*.

No que toca, pois, ao *Pensamento*, Santa Cruz está de acôrdo comigo em que o **Fascio** é pelo Nacionalismo e não pelo seu contrário — o Internacionalismo. Simplesmente Santa Cruz quer mais, exige mais provas, factos que atestem êsse desejo nacionalista. E estamos, então, no segundo ponto da nossa conversa: — a acção fascista. Esta é tão nacionalista, afirmo eu, que foi ela quem **salvou a Itália** na opinião de toda a gente de ordem da Europa que conheça a política italiana contemporânea.

Mas, clama Santa Cruz, é verdade que o Fascismo está cheio de serviços à Itália — logo a sua acção é nacionalista como o seu pensamento,

— todavia, essa acção é violenta, é injusta muitas vezes. A Moral, o Direito e a Justiça sangram.

Não se trata, pois, mais do primeiro ponto, que Santa Cruz me concede já como provado por suas próprias palavras. Trata-se agora do método, da maneira por que os fascistas salvaram a sua Pátria em perigo. Santa Cruz lança-se, então, por aquêlê caminho eloquente dos paladinos da Moral Social e do Direito das gentes, que, à fôrça de ter sido tão percorrido pelos estadistas aliados da última guerra europeia, já não tem quási um passo onde se não caia em lugar comum. O Direito? a Justiça? mas terei eu necessidade de lembrar a Santa Cruz como essas palavras sabem a ficção, quando se escrevem ou pronunciam perante a marcha dos nacionalismos através da história?

Quanto a mim e quanto aos nacionalistas que comigo sofrem e gemem a desgraça nacional, o momento que se aproxima é um dêsses graves períodos que a história regista com um traço de sangue, o sangue do martírio, o *sangue do Resgate*.

Na Itália, essa hora decisiva soou mesmo já e foi só graças à violência fascista, que ela não marcou o seu *Dies irae*. Quando 150 deputados extremistas eram a cota por onde se marcava a tensão revolucionária dentro das fórmulas constitucionais, quando as organizações comunistas e sindicalistas revolucionárias ocupavam à mão armada as fábricas e grandes estabelecimentos industriais do norte de Itália, quando o vento anárquico e soviético era tão impetuoso que o próprio Giolitti, o velho mação, o grande conhecedor da política italiana, se sentia impotente e com êle o Estado, quando do próprio seio do Partido Popular 25 formações operárias se passavam com *chefes* e bagagens para o outro lado da barricada, quando, numa palavra, a violência e a desordem estavam já senhoras da península sagrada, — que restava fazer aos nacionalistas italianos? Prêgar a boa moral, tentar pela bondade, pela legalidade, pela justiça, demover a anarquia? Decerto que não.

Ninguém impediria a derrocada final. O Fascismo entendeu-o e, agindo, agindo como em tôdas as conquistas nacionalistas, salvou o seu país, reconquistando a boa terra do Lácio. Decerto, seria preferível que os meios generosos e justos que Santa Cruz recomenda fôsseem suficientes; mas não o foram e recorreu-se à eterna maneira de salvação.

*O Direito, a Justiça, a Verdade!* — *A verdade completa, não só um pouco de verdade.* Onde se encontra essa Verdade cá neste mundo? Nada há que não seja relativo e transitório neste mundo sublunar. Deus só é absolutamente a Verdade.

De resto, porém, ainda uma vez, a questão do método pacifista é uma questão inútil. Palavras, são palavras, como diz Santa Cruz, ou se concorda com êle ou não. Discutir o quê? Discutir factos. Discutir que foi êle a salvação de Itália, enquanto os outros todos se consideravam impotentes? E' inútil.

Para um nacionalista, e foi sob êsse critério que defendi o Fascismo, o método é bom. E não suponha, Sr. Rev., que é paixão. Eu não sou fascista, sou integralista.

Para findar, pedia ainda a Santa Cruz que não insista na sua má vontade contra o Fascismo, porque êle está em guerra com o Partido católico neste momento. Os excessos fascistas são condenáveis, são absurdos; não falemos mais nisso.

Coloque-se, porém, Sr. Rev., dentro da nossa questão. Como nacionalista defendi o Fascismo. Tôda a razão que Santa Cruz tenha *a priori* e dentro da Justiça e do Direito absolutos nada vale para a crítica nacionalista. Os excessos da Revolução são condenáveis porque foram contra a Nação, sendo contra a família, a propriedade e a ordem, seus sustentáculos naturais.

ROLÃO PRETO.

## O FASCISMO

### Aclarações após uma polémica

*A falta de espaço tem dado lugar à demora involuntária na publicação de alguns artigos do nosso prezado colaborador Santa Cruz acêrca do Fascismo na Itália, assunto de incontestável interesse e actualidade. Começamos hoje a publicá-los.*

Recordemos o caminho andado para que, feita a síntese do que se disse, se possa compreender bem o que vai dizer-se.

Proclamara-se que o Fascismo era um movimento de renovação social neo-mediévico, de carácter corporativista, um grupo de decididos combatentes sem ideais precisos e definidos, tendo apenas como programa a defesa da ordem contra as audácias do bolchevismo.

Opus a essa afirmação os meus primeiros reparos numa carta que a redação da *Época* se dignou anteceder de palavras de concordância com a doutrina por mim sustentada, carta à qual foram contrapostas extensas citações em italiano, feitas no intuito de provar as intenções do Fásccio pelas palavras e afirmações dos seus chefes e principalmente de Mussolini.

Trouxe a público pela minha parte palavras de chefes fascistas e mostrei a necessi-

dade de distinção entre palavras e actos. Indiquei o trabalho de *M. l'abbé Beauregard*, apresentado à primeira sessão do Congresso Internacional de Luxemburgo em 31 de Julho do ano corrente, trabalho que, intitulado-se *Internacionalismo Católico*, tem passagens duma precisão e justeza admiráveis sobre o nacionalismo *exagerado, moderno e pugão*.

Para mim e para muita gente, pois tenho comigo o que há de melhor no jornalismo católico de todos os países da Europa, o Fascismo representa um erro grave de doutrina que é a causa dos processos condenáveis de que os membros do Fásccio se tem servido.

E não se alegue a distinção entre método e princípios. O método é inseparável dos princípios porque é uma consequência deles. Ora o método fascista é o conjunto de actos de violência e de sacrilégio até, praticados por este grupo da política italiana. Condenar os processos dos fascistas e aplaudir o método fascista é, salvo o devido respeito, a afirmação da identidade dos contrários.

Garante-se que o método fascista salvou a Itália, esquecendo a distinção entre a acção fascista, ao intervir nos acontecimentos provocados pelas audácias do bolchevismo e agora que a Nação italiana se não encontra a braços com a desordem, nem precisa de processos extremos que, como tais, têm de ser de curta duração.

O grande erro do Fascismo é querer converter processos de ocasião em meios constantes de acção e propaganda, mantendo assim a Nação sob uma pressão de violência que a prejudica enormemente.

Os organismos das nacionalidades podem, como o do individuo, admitir e exigir até, em determinadas circunstâncias, uma operação cirúrgica; nenhum cirurgião se atreveria, porém, a tentar, para salvar uma vida, o uso duma violenta operação cirúrgica todos os dias. E' o que pretende o Fascismo, agitando constantemente a vida nacional italiana e pondo em sobressalto e alarme os membros da família doente — que são os italianos sensatos — por causa da operação violenta como se obstinam em curá-lo.

O Fascismo como grupo combatente numa hora de perigo nacional compreende-se e desculpa-se até num que noutro excesso; o método fascista arvorado em movimento social e em programa de governo é detestável e prejudicialíssimo. O período agitado da convulsão social italiana passou.

Agora do que se precisa é de organizar e de orientar, para evitar a eclosão duma nova tempestade. Organizam e orientam os fascistas? Não. Desorientam e desorganizam. A sua acção está sendo uma ameaça constante à ordem.

Começaram por defender a Igreja, o clero e a propriedade; não sentem escrúpulos em praticar actos do maior desrespeito por tudo isso que, por ser no começo por elles defendido com valor, envolveu o Fascismo numa nuvem de simpatia que vai desaparecendo.

O Fascismo não é hoje uma barreira contra os desmandos do bolchevismo, é uma ameaça a tôdas as classes sociais da Itália. Ameaça ao governo a quem estorva uma acção pacificadora de conciliação; ameaça aos católicos contra quem se volta, sempre que estes se negam a colaborar nos abusos fascistas; ameaça ao clero, que tenta impedir até na sua acção espiritual; ameaça aos bispos, intrometendo-se na nomeação de párocos e no governo das Dioceses e ameaça aos próprios nacionalistas, sempre que estes discordam dos camaradas do Fascismo.

Salvar uma Nação é, creio eu, restitui-la ao domínio da normalidade, pelo triunfo completo da justiça.

Contra a salvação operada pelo Fascismo se insurgem, defendendo a justiça desrespeitada e o direito menosprezado, os italianos de várias crenças e partidos. De todos os

lados partem os clamores contra o *bolchevismo branco*, que os oprime, mudança nominal apenas do outro *bolchevismo* que lhes fêz passar horas de sobressalto e pavor.

Estranha salvação, que vem impedir o regresso à normalidade e faz das cidades dum país autênticos teatros de guerra, onde os fascistas despejam metralha, não já contra os representantes da « Anti-Nação » — os bolchevistas — mas contra as autoridades, contra os membros do Partido Popular e até contra os aliados nacionalistas, como sucedeu em Tarento!

Estranha salvação, que faz que o Pontífice Romano levante a sua voz de conciliação, o grito da sua alma amargurada e dirija aos bispos de Itália a sua Carta Apostólica « *I Disordini* », em que condena « *essa guerra fratricida, a mais oposta aos elementares princípios da civilização cristã* » e vê com mágoa « *multiplicarem-se as facções, exasperarem-se cada dia mais os partidários, a ponto de se chegar, quer dum lado quer doutro, às violências sangrentas que terão como consequência uma série interminável de represálias que desorganizam por completo a vida social e hão-de produzir como resultado último uma decadência intelectual inevitável.* »

Eu posso ser acusado de andar *mal avisado em discutir estas cousas distantes*, mas o Pontífice Romano creio que não.

E andaria também mal avisado o Cardeal Maffi, Arcebispo de Pisa, em discutir com a orientação com que eu o faço a obra dos fascistas, e não só em discuti-la, mas censurá-la e protestar contra a tirania fascista que impediu uma procissão na sua Diocese e assaltou, sem motivo, a casa dum sacerdote seu súbdito espiritual? Também estes factos serão « *cousas distantes* » para o Cardeal Maffi?

O método fascista, o tal método que salva, tem produzido destas e doutras maravilhas, que nenhuma diferença fazem das maravilhas da Rússia bolchevista. Fêz mais. Intrometeu-se até na administração das Dioceses, invadindo a esfera dos bispos e negando-lhes a liberdade na escolha e nomeação dos párocos.

Tem uma grande virtude êsse método: é a de mostrar as *boas intenções* do Fascismo para com a Igreja, a primeira força social dos nossos tempos. O tal método que salva não o faz sem queimar públicamente o retrato de Sua Santidade.

Mas não é somente a Igreja e as cousas que à Igreja pertencem que os fascistas tratam com desprezo. A propriedade particular que, como nacionalistas, devia representar para o Fascismo um direito sagrado, inviolável, não tem sido mais poupada aos furores dos fascistas. Triste ironia do destino: foi para defender a propriedade particular contra as audácias do bolchevismo que o Fascismo se organizou e, passado tempo, a propriedade particular corre às mãos dos fascistas os mesmos perigos de que estava ameaçada pelos bolchevistas.

A violência fascista que começou por ser empregada contra os inimigos da ordem, é hoje usada contra todos os que pela ordem trabalham e se vêem forçados a unir-se contra o novo perigo que hoje representam os libertadores da primeira hora. Hoje não há duas opiniões sensatas que discordem na apreciação do Fascismo. A simpatia geral da primeira hora converteu-se em crítica severa à qual se associa a imprensa de todos os países, a católica unânimemente e com ela quasi toda a imprensa que do Fascismo fêz estudo demorado e seguro e tem conhecimento exacto dos factos dos últimos tempos.

*El Debate*, o belo diário católico do país vizinho, põe a questão a rigor e nos seus precisos termos.

Vejamos, fora do campo católico, o artigo em que *El Sol* escreveu o Sr. *Gomez de*

*Barquero.* Nunca um jornal independente escreveu um artigo tão sensato e tão cheio de rigor lógico e de exactidão doutrinária. Para aniquilar o Fascismo bastaria deixá-lo ir ao poder. Como tudo nêle é o método e o método é puramente negativista, de ataque à desordem, o Fascismo é incapaz de governar e de fazer obra construtiva, « *pues estas agrupaciones batalladoras, sin suficiente contenido ideal, que sirven a ciertas necesidades publicas momentaneas ou transitorias, suelen naufragar cuando se ven ante los magnos y complejos problemas que supone el gobierno de una gran nacion* ».

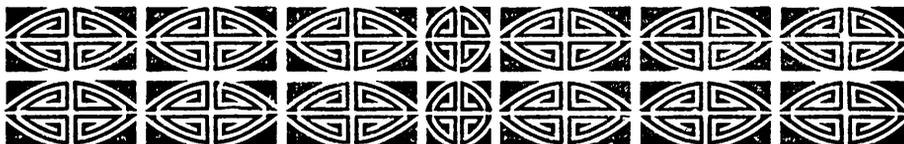
E' o que desde principio sustentei: o Fascismo foi no começo um simpático movimento de defesa nacional, é hoje um grupo de perturbação interna e o seu valor é nulo como movimento de ideas e de obra reconstrutiva. Direi mais que além de nulo é prejudicialíssimo.

E demonstrarei as minhas afirmações.

SANTA CRUZ.

(De *A Epoca*, 25-10-1922).





# A COR DO SAMBA...

por **FRANCHINI NETTO**

Director da *Imprensa Brasileira Reunida Ltda.* — 1BR)

**R**ABELAIS escreveu trinta paginas para explicar que a esperança é verde, a tristeza é negra e a alegria branca.

Desceu para isso, da prateleira historica, as opiniões mais sisudas do mundo: desde Aristoteles até São João Evangelista.

Então todo o mundo acreditou na cor da alegria, da tristeza e da esperança.

A musica, essa excelsa linguagem das almas bem formadas, vive tingindo a alma da gente.

Sob a influencia lethargica de' uma harmoniosa melodia, de uma dolorida canção, a alma se sente ensombrecer, mergulhando na penumbra sombria, onde o coração guarda o segredo ingenuo das puras affeições.

Essa acção colorida da musica sentimental, para o azul ás vezes, para o violeta quasi sempre, como o quer Claudio de Souza, essa acção é indiscutivel.

No entanto, até hontem ninguem era capaz de dizer a que cores no espirito correspondem um nocturno de Chopin ou um minuetto delicioso de Beethovem.

Que côr tem o samba?

Hoje já se sabe.

\*  
\* \* \*

Conta a psychologia do phenomeno synesthetic que dá, a certas pessoas, pela audiçõ da musica, uma impressõ deliciosa das mais lindas cores e, a outras, pela visõ retilinea de uma figura geometrica, a sensaçõ curiosa, dos mais variados sons.

Ha gente capaz de tudo, nesse mundo, disse o Conselheiro.

A audição colorida ou synopsis, — desculpem —, na linguagem dos eruditos, é todavia, a mais frequente.

Henry Laures no seu extraordinario tomo «Les Synesthesies» conta e enumera exemplos os mais curiosos.

Assim Canghofer, o celebre escriptor alemão, narra com sinceridade o caso extranho que se dava habitualmente consigo. Toda vez que lhe chegava aos ouvidos o som de um órgão, via tudo, de repente, colorir-se de um vermelho vivo, forte, impressionante.

Se Lombroso lesse esse depoimento por certo morreria de odio. Canghofer foi um sujeito honesto sem pretensões descabidas a criminoso nato.

Goethe, depondo, conta tambem que *via*, as côres que desejava quando a musica lhe chegava ao alcance.

Fechner explica o phenomeno pela irradiação nervosa e Vignoli, de modo semelhante, suppõe a existencia de anastomoses entre os centros cerebraes das sensações auditivas e visuaes.

O phenomeno, dos mais atrahentes da psychologia, não é tão raro porem, como se pode pensar á primeira vista.

Uma recente estatistica, publicada por Blender e Lehman, accentua a verificação do phenomeno na proporção de 30 % nas creanças e de 12 % nos adultos.

Essa humilhante injustiça vae ser reparada. Os homens de sciencia cuidam de resolver o problema generalizando o phenomeno. Ou melhor, mecanizando-o, para uso domestico.

A. Lugones, no seu «Fuerzas Estrañas», brinca de H. G. Wells. E abordando as leis da synopsis, conta, em forma de novela, das possibilidades com que o homem moderno conta, para gozar das vantagens da synopsis.

Dá elle, ao phenomeno, — invenção preciosa do heroe do romance — o nome de metamusica. E a metamusica tem sua theoria sustentada por impressionante raciocinio. Assim, diz Lugones, pela theoria da unidade da força, o movimento é, segundo os casos, luz, som, calor, etc. conforme o numero de vibrações da onda etherea.

Por exemplo: em todo o som, ha luz, calor e electricidade, em estado latente.

Isso é indiscutivel.

O ultra violeta do espectro, assignala o limite maximo da luz, o

qual já é calor. Este, por sua vez, chegando a certo grau de intensidade, é luz também... Com a electricidade o raciocínio se repete.

Ora, pergunta Lugones, porque não occorrer o mesmo com o som, se vemos a cor da luz, percebemos o seu calor e medimos sua electricidade?

E o seu heroe, baseado por certo, na «chimie Nouvelle» de Louis Lucas, constroe um extranho aparelho, pelo qual ha de obter a cor, atravez da musica.

\*  
\*   \*  
\*

Tudo que um homem pensa, o outro pode realizar disse o nosso amavel visitante Stefan Zweig.

O snr. Tomaz Welfred dando razão a Zweig acaba de construir, nos Estados Unidos, o seu Clavilux, que realiza, de verdade, o sonho do moço heroe, da imaginação de Alfred Lugones.

O aparelho, segundo noticias, imita direitinho um piano. Desde porem que se accionem as teclas, projecta sobre um ecran, adaptado, uma verdadeira interpretação polychromica das melodias.

A principio, o ecran reflecte, durante a execução musical, uma impressão monochrona; intensificando-se porem as vibrações, tem o espectador a impressão encantada de ver subir a tela, toda uma harmonia colorida, representando bem, as sensações azues, brancas ou violetas com que os sons abemolados vão almofadando o seu coração...

A uma nota mais alegre, a um susenido mais estridente, na tela, surge, o verde claro, o branco resplandecente, contando a historia intima daquella sensação.

A tela se transforma então numa palheta principesta em que as tintas correspondem aos sentimentos coloridos mais emocionaes do coração.

O resultado esthetico, é deslumbrante: a união perfeita dos sentidos mais nobres do homem sentimental: a forma e a cor.

O resultado pratico... esse talvez que não seja tão agradável á nossa esplendida vaidade moça... E' que, com o passar dos annos, as cordas finas, nervosas, sensiveis do nosso coração, talvez, que não vibrem, com a mesma intensidade firme. As cores não serão, certamente, tão vivas...

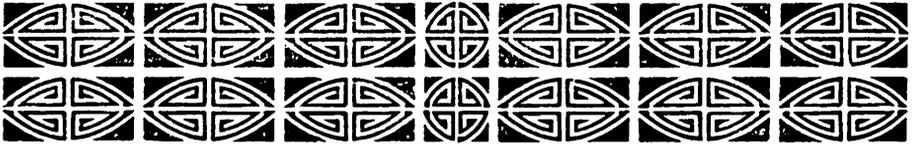
As rugas das illusões acinzentarão, por certo, dentro do coração humano, os sons todos da alma, num daltonismo cruel, cruel como a inevitavel velhice...

A historia do ecran não será, então, o reflexo daquella que se exhibe na tela do coração... Será apenas a sosia moça de uma desmaiada sensasão...

Que côr terá um samba, aos oitenta annos?

(Copyright da *Imprensa Brasileira Reunida Ltda. (I. B. R.)*  
— distribuído pela Delegação de Lisboa —





# OS AÇORES

## As ilhas do Faial e do Pico

por AGNELO CASIMIRO

**D**E situação geográfica privilegiada, quasi eqüidistante de três grandes Continentes, surge o Arquipélago dos Açores das águas revoltas do Oceano Atlântico, a trezentas e quarenta léguas dos Estados Unidos da América do Norte, a trezentas do noroeste da África e a duzentas e cinqüenta do ocidente da Europa. Dom providencial da Natureza, que à nostalgia do mar imenso deu o sorriso perene destas ilhas floridas.

Històricamente as ilhas dos Açores são dos mais antigos pergaminhos da nobreza heróica dos Navegadores Portugueses; geogràficamente são das mais ricas e das mais formosas Terras de Portugal. Nunca a Natureza foi tão pródiga em tão pequenos pedaços de terra!

De natureza vulcânica encontram os homens de ciência nestas ilhas um campo magnífico para estudos de geologia, zoologia e botânica; e, sob certos aspectos, pode de facto dizer-se que existe já uma vasta bibliografia, onde figuram nomes dos mais celebrados na ciência, tanto nacionais como estrangeiros; de clima atlântico, fecundada a riqueza do solo pela natural humidade e pelo calor das regiões vulcânicas ainda em actividade, oferece a flora as mais surpreendentes belezas panorâmicas cantadas nos versos dos poetas e glorificadas na prosa dos melhores escriptores.

Compõe-se o arquipélago de nove ilhas, verdadeiros padrões do heroismo e do espírito religioso dos portugueses do século xv, agrupadas pela sua maior proximidade em três grupos distintos: o oriental, o central e o ocidental. Do primeiro fazem parte as ilhas de Sam Miguel e de Santa Maria.

**Santa Maria**, uma das mais pequenas do arquipélago, oferece à geologia um aspecto diferente das outras ilhas pela sua estrutura calcárea, como salientou Tomaz Hunt, encontrando-se nas «conchas» das suas rochas indícios seguros da primitiva vida animal e podendo-se com segurança determinar a era geológica a que pertence. Sob o ponto de vista histórico conserva esta ilha alguns monumentos que recordam o nome de Frei Gonçalo Vélho, que na epopeia dos descobrimentos e colonização dos portugueses ocupa um lugar primacial.

**Sam Miguel** é a maior ilha do Arquipélago. Pelo seu desenvolvimento comercial e industrial e pelas suas inegaláveis belezas naturais é aquela que mais comodidades e atractivos oferece ao visitante dos Açores. Os fenómenos estranhos do seu vulcanismo dão-lhe particular interesse científico. As suas abundantes águas medicinais agrupadas em diversos feixes dispersos pela ilha são, em cada um deles, tão variadas, quer na sua composição química, quer no grau da sua termalidade, que o químico Fonqué e o analista Charles Lepierre não duvidaram afirmar que só no feixe do Vale das Furnas, com pouco mais de cem metros de raio, se encontram representadas muitas das águas minero-medicinais de toda a Europa. Mais recentemente ainda, tendo uma missão de médicos hidrologistas de reputação mundial visitado aquêlê Vale, deixaram êsses médicos exaradas pelo seu próprio punho, no Livro de Honra do seu principal Estabelecimento Termal, frases como estas: «um mundo termal único no seu género», «a guarda avançada das hidrópoles europeias», «a romagem miraculosa da humanidade sofredora». Mas não é somente o interesse científico que a caracteriza. Caracterizam também esta ilha os seus formosos aspectos panorâmicos, sendo especialmente celebradas as lagoas das Sete Cidades, do Pico do Fogo, do Congro e das Furnas, largas crateras bem definidas de vulcões extintos e onde agora adormecem águas tranqüilas de tonalidades várias, recolhidas das montanhas envolventes e bordadas de uma flora pujante e colorida.

**Terceira**, antes chamada de Jesus Cristo, é a capital do grupo central, onde avulta a cidade de Angra do Heroísmo de gloriosas tradições históricas nas suas linhas heráldicas de cidade pombalina. Ali encontrou a dominação filipina a última resistência nacional do Prior do Crato; ali alvoreceram as liberdades constitucionais nas lutas do liberalismo português. Séde do Bispado e do Comando Militar dos Açores conserva ainda uma vida social de grande distinção. Não lhe faltam também bele-

zas naturais na sua formosa paisagem e no característico architectónico dos vólhos solares fidalgos.

**Graciosa** tem o encanto que justifica o seu nome. Rica também de águas medicinais, são especialmente afamadas as chamadas Águas do Carapacho de benéficos efeitos terapêuticos. Numa das suas Igrejas, onde outrora resaram os cavaleiros de Cristo, encontram-se quadros valiosos para a história da pintura nacional.

**Sam Jorge**, que como uma larga faixa de terra se espreguiça pelo mar, é especialmente rica de pastagens, que a tornaram um importante centro industrial de laticínios, bordados os seus campos de sebes floridas de pujantes hortenses, que descendo das colinas até aos vales lhe dão aspectos de rios azuis serpenteando pelas encostas.

**Corvo**, outrora ilha de Santa Iria, é a mais pequenina do Arquipélago e a mais afastada do grupo ocidental. De interessante aspecto social é habitada por um número de pessoas, que pouco passa de meio milhar; mas a vida simples e sã, que ali se vive, dá o formoso exemplo duma «verdadeira democracia cristã de lavradores» como já alguém a classificou. Geograficamente guardou para ela a Natureza um dos seus mais curiosos caprichos: — numa cratera de vulcão extinto, denominada o Caldeirão, existem, emergindo da água, algumas ilhotas que pela sua configuração e posição relativa formam um mapa fiel do Arquipélago. E' na sua pequenez tão bela que tomou o nome, que hoje tem, para obedecer à lenda que resava que ali ficara o *corvo* que Noé soltara da *Arca* e que não voltou mais, preso da beleza da terra, em que pousara.

(*Continua*).



# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1839

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Maio

**Dia 6** — « Houve n'esta villa, repiques de sino ao amanhecer, ao meio dia e á noite por ser o aniversário do juramento da Constituição de 1838. Ao meio dia houve parada do batalhão de infantaria n.º 18 no Campo do Toural, e deram-se os vivas seguintes : à Santa Religião, à Constituição de 1838 e á Rainha. Os vivas foram dados pelo coronel Mesquita, comandante do batalhão ; porém foram pouco correspondidos pelo Povo que estava a ver a Parada. A' noite houve luminárias, convidando a Câmara os habitantes da villa a pol-as por um pregão que mandou deitar, como outro que pela manhã tinha mandado deitar para posturas do pão... »  
— P. L.

**Dia 10** — Chegaram cêrca de 200 recrutas do batalhão de infantaria 19. Vinham de Viseu e marcharam no dia seguinte para Viana para se unirem ao seu batalhão. — P. L.

**Dia 18** (Véspera do Espírito Santo) — Sai da igreja de S. Domingos o « andor das candeias », com marafonas, segundo o antigo costume. Não tinha saído desde a restauração do govêrno da Rainha e da Constituição. A despesa foi feita pelos actuais camaristas. — P. L.

**Dia 30** — Safu a procissão de « Corpus Christi », como é antiqüissimo costume, levando S. Jorge e o seu Estado (o que já não acontecia desde a aclamação da Constituição). Era acompanhada do batalhão de infantaria n.º 18, em grande uniforme, comandado pelo seu coronel José Teixeira de Mesquita. Ao recolher, foram dadas pelo batalhão 3 descargas, na Praça de Nossa Senhora da Oliveira. Depois e por ser o dia do nome de S. M. El-Rei D. Fernando, veio aquêlê batalhão para o Toural, onde fêz Parada, sendo, pelo coronel, levantados vivas ao Snr. D. Fernando, a S. M. a Rainha, à Constituição de 1838 e à Santa Religião. — P. L.

## Junho

**Dia 6** — Na Câmara dos Deputados foi lido um officio do Ministério do Reino, transmitindo outro do administrador geral do distrito de Braga, com as respostas da Câmara Municipal e administrador de Guimarães sôbre a supressão do concelho de Barrozas.

**Dia 17** — Em beneficio de um egresso, filho do Pedro da rua de Couros, ao qual faltavam meios para se ordenar, foi realizado, pelos estudantes, um espectáculo em que se representou a tragédia em 5 actos « Júlio ou o Assassino ». — P. L.

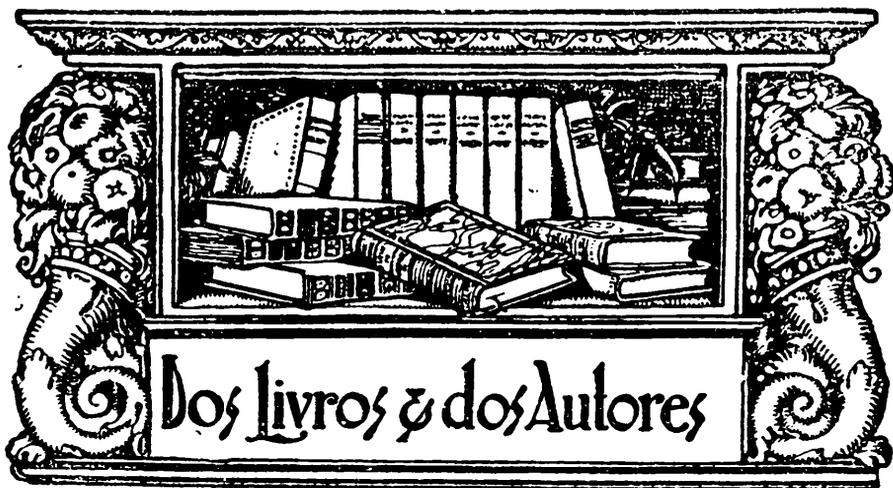
**Dia 23** — Quando recolheu a procissão do SS.<sup>mo</sup> Sacramento, de S. Sebastião, travou-se, dentro da igreja, uma desordem entre dois individuos, por causa de uns cravos. Desta desordem resultou ser um dêles ferido com uma chave. Em consequência dêste incidente o pároco declarou interdita aquela igreja e mudou o SS.<sup>mo</sup> Sacramento para a de S. Pedro. A igreja foi encerrada e deu-se participação ao vigário capitular de Braga para providen-

ciar, como é costume, em casos semelhantes. — P. L.

**Dia 26** — Por ordem do vigário capitular de Braga foi levantado, de manhã, o interdito à igreja de S. Sebastião. De tarde saiu o SS.<sup>mo</sup> Sacramento da igreja de S. Pedro, acompanhado pelas irmandades e por bastante povo. — P. L.

JOÃO LOPES DE FARIA.





TÚMULOS PORTUGUESES, por *Nuno Catharino Cardoso*. Edição do autor. Lisboa, 1937.

E' mais um número, o XX, da colecção «Arte Portuguesa» que o sr. N. C. C., com louvável esforço vem publicando no sentido de tornar conhecido o nosso património artístico, tão rico e por vezes tão maltratado. Este volumezinho constitue a «relação de cento e cinqüenta e sete dos mais belos ou curiosos túmulos e sarcófagos existentes em Lisboa e em diversas cidades e vilas de Portugal» e ordenada alfabeticamente por terras, o que o torna de fácil consulta. Encerra, mais, algumas gravuras elucidativas de alguns dos mais artisticos túmulos, tais como: o de D. Duarte de Menezes, em Santarém; o de D. Pedro I, em Alcobaça; o de Camões e o de Vasco da Gama, nos Jerónimos; o de D. Fernando, em Lisboa; o do infante D. Afonso Sanches, em Vila do Conde; o de Fernão Teles de Menezes, em S. Marcos; e o de Santa Joana Princeza, em Aveiro.

Talvez por esquecimento deixou o Autor de mencionar, na parte referente a Braga, o belo túmulo de bronze do infante D. Afonso, que existe na Sé e que, devido à restauração a que se está a proceder naquele templo, se encontra presentemente numa das capelas que ladeiam o claustro.

CLAMOR DA TERRA — Exortação simbólica legionária, pelo *Conde de Aurora*. Pôrto, 1939.

Constitue este opusculozinho uma nova edição da peçazinha que o sr. Conde de Aurora escreveu «para uma única representação na linda e clara Vila do Conde, ao sol-pôr do dia 3 de Setembro de 1938, em favor do núcleo local da Legião Portuguesa». Segundo as palavras do A. êle quis «expressar o sentir de uma familia portuguesa das terras bemditas do vêlho Condado Portucalense, e trabalhar as possibilidades da pequena teatrada nos exíguos limites do seu elenco caseiro». E isto porque todos os seus intérpretes foram os sete filhos do sr. Conde de Aurora que incarnaram o Minho, o Lima, o Neiva, o Cávado e o Ave, e, com um Luzito e uma Infanta, a nova geração que vai chegar e já vem de posse do espirito novo que enche o mundo.

Tôda a pequenina peça constitue um hino em louvor dêste pequenino rincão minhoto, onde nasceu, medrou e cresceu Portugal, e do qual em todos os tempos têm partido a maior parte das ideas generosas de que o nosso País se tornou o paladino. Nervosamente escrito, como todos os trabalhos do A., *Clamor da Terra* deve ter sido bem sentido pelos pequeninos corações que encarnaram as sete figuras da peça, duplamente sentido pelo que

êle significa e por causa de quem o escreveu.



SERMÕES E LUGARES SELECTOS, pelo P.<sup>o</sup> António Vieira. Bosquejos histórico-literários, selecção, notas e índices remissivos, por Mário Gonçalves Viana. Editora Educação Nacional. Pôrto, 1939.

A benemérita livraria editora Educação Nacional acaba de lançar no mercado, com infatigável zelo, nova colecção a que deu o nome de «Autores Clássicos» e que tem por fim, ao que se depreende do volume publicado, divulgar entre estudantes e estudiosos as belezas da nossa literatura. Inútil será encarecer tão louvável iniciativa. Nos tempos que correm, a par de escassa meia dúzia de nomes de valor, herdeiros dos que ennobreceram a língua portuguesa, enxameiam os plumitivos sem valor de qualquer espécie e que não só deshonram a língua em que dizem escrever como a mancham e abastardam pelo mau uso que dela fazem transformando-a numa espécie de dialecto com vagas semelhanças com o português. Por isso, tudo o que seja concorrer para a depuração da nossa língua, dela expungindo o joio que vem parasitando há mais de um século, é obra meritória que devemos aplaudir e auxiliar. A livraria Educação Nacional há muito já que vem batendo-se por essa depuração e muitas são já as obras publicadas em defesa da língua portuguesa. Hoje lança ombros a maior empresa: a de tornar acessíveis todos os nossos clássicos em edições baratas mas cuidadas.

O volume com que inicia a referida colecção é dedicado ao P.<sup>o</sup> António Vieira que, com Camões, forma indiscutivelmente na vanguarda dos nossos maiores clássicos. Tarefa difícil era a de coligir em um só volume o que de mais representativo deixou o grande orador sagrado, mas dela se saiu airoosamente o dr. Mário Gonçalves Viana (a quem foi confiada a direcção da colecção) reunindo neste agora publicado três peças notabilíssimas de Vieira: o *Sermão de Santo António*, o

*Sermão pelo bom successo das Armas de Portugal contra as de Holanda e a Carta ao rei D. Afonso VI*, tudo isto acrescido de passagens da obra do grande jesuita, algumas bastante extensas e expressivas.

Antecede esta colectânea um *Bosquejo histórico da Oratória Sagrada em Portugal* e um *Bosquejo biográfico e histórico-crítico do P.<sup>o</sup> António Vieira* em que a personalidade do ilustre orador é analisada sob múltiplos aspectos: o pregador, o clássico, o moralista, o diplomata, o missionário e o patriota, terminando com um bem equilibrado confronto entre Vieira e Bernardes. Este bosquejo pode considerar-se exhaustivo se tivermos em conta que o volume se destina aos que não têm tempo de se pôr em contacto com as obras de exegese vieiriana nem com o imenso e riquíssimo material que nos deixou. Trabalho honesto e consciencioso, laudatório da obra e da pessoa do P.<sup>o</sup> Vieira, revela-nos as qualidades apreciáveis do dr. M. G. V. que espero se acentuem nos volumes que devem seguir êste.

Cada sermão é antecedido duma *Nó-tula explicativa* dos factos que lhe deram origem, para que o leitor possa viver e compreender o momento em que tal peça foi pronunciada.

A edição é elegante e ilustrada com um belo desenho que retrata o ilustre jesuita.



TERRA SEM MULHERES. Novelas por Barros Ferreira. Editora Educação Nacional. Pôrto, 1939.

Barros Ferreira é um moço escritor português cujo talento para a arte de escrever desabrochou no Brasil. A sua *Maria dos Tojos*, obra com que se estreou como romancista e que quis publicar na Mãe-Pátria e o tornou conhecido no nosso restrito meio intelectual, é posterior de factura a êste livro agora publicado. Vai êste aviso para os que, alvarmente, julguem que no moço escritor houve retrocesso quando afinal houve (e muito coerentemente) progresso. Este é o maior, direi mesmo o único defeito de *Terra sem mulheres*: ter sido publicado após a *Maria dos Tojos* em que B. F. se revela possu-

dor da «garra» do escritor neste dessorado meio português em que cada um ou copia o escritor francês mais em voga ou lança às urtigas mestres e mentores e procura ser original à força de idiotia.

*Terra sem mulheres* aparece assim esporadicamente, induzindo os críticos apressados a falsos juízos que, digamo-lo, em nada influem por certo na marcha ascensional do escritor.

*Terra sem mulheres* é constituído por sete novelas: a que dá o título ao livro, *Fascinação da Selva*, *Ai, ai, ai...*, *Almas à procura dum rumo*, *O mistério do professor Ivanof*, *Uma tragédia sem importância* e *Crêdulidade*. O Autor parece que, propositadamente, os dispôs com um senso muito acertado pela ordem da sua importância, pois que na verdade o melhor é o que abre a colectânea. É uma história selvagem duma vingança selvagem no meio da natureza selvagem do Amazonas, lá para os lados do Acre onde tudo é misterioso desde o mais pequenino riacho que corre a esconder-se, já rio caudaloso, no leito do Rio-mar, até à alma do homem tão enigmático e tão traiçoeiro. B. F. atinge, em certos passos da sua narrativa, um poder de descritivo que empolga ou esmaga; consegue comunicar ao leitor algo da majestade da selva amazónica e algo do tétrico das paixões selvagens à solta, livres do freio da lei.

A segunda das novelas é, também, impressionistamente descrita, com aspectos interessantes da paisagem brasileira. Os temas das restantes, um pouco banais, destoam destas duas primeiras, as que na realidade têm originalidade e vigor, e em que o Autor é realmente êle próprio.

B. F. revela-se-nos um contista de mérito e de largos recursos e contraiu para conosco uma dívida que não pode ficar em aberto. E' de esperar que muito breve o possamos ler de novo em obra de fôlego onde nos apareça já em toda a pujança do seu talento que não é já hoje simplesmente prometedor.



CONGRESSO ESPÍRITA INTERNACIONAL.  
Extracto do relatório. Versão portuguesa. Pôrto, 1930.

Com nove anos de atraso chega-me às mãos êste relatório constituído pelas teses de alguns congressistas e por simples re-

latos de sessões. Algumas das teses são interessantes e perfeitamente honestas (ou pelo menos parecem-no...), outras são apenas um amontoado de afirmações em que há ou muita crêdulidade ou pouco escrúpulo.

Como quere que seja não é êste livro para ser lido, ainda que despreocupadamente por quem não possua sólida cultura científica ou filosófica, aliás voltaríamos aos tempos de Simão o Mago ou de Apolônio de Tiana, em que a crêdulidade campeava pelos quatro cantos do mundo.

ANTÓNIO ALVARO DÓRIA.



MARIA MIM, por *Nuno de Montemor*.  
Edição da «União Gráfica». Lisboa, 1939.

A estreia de Nuno de Montemor foi feita em 1923 com a publicação do *Flávio*. E logo se notaram nas páginas fortes desse romance que falava bem ao coração de todos os contra-revolucionários, as qualidades extraordinárias do novo romancista.

Assim, quando em 1927 *A paixão de uma religiosa* veio lançar os fundamentos de uma nova e sã literatura, remando contra a maré alta dos romances realistas, onde a arte se misturava com a obscenidade, Nuno de Montemor viu bem coroados os seus esforços e louvada a sua atitude de escritor e de português.

Outros trabalhos se seguiram, e em todos êles Nuno de Montemor se manteve à altura do nome que criara e dentro daquele critério moralizador que iniciara entre nós.

Agora é *Maria Mim* que vem enriquecer a galeria preciosa dos seus romances.

Já em alguns outros seus livros N. de M. nos tinha focado cenas e costumes da sua Beira, quadros coloridos do viver do povo beirão.

Neste, dá-nos, em pinceladas fortes e vigorosas, novos quadros de beleza.

Creio bem que todos conhecem os quadrazenhos, homens que aparecem em toda a parte a vender os tecidos das nossas fábricas. Mas não conhecem, certamente, essa terra distante da raia, para lá do Côa, a mirar a Espanha e os Cântaros da Estrêla, com cegonhas ativas na tórre da igreja paroquial.

Por lá andei um dia, já muito distante, e pude sentir bem de perto a dedicação e o sacrifício dos quadrazenhos. Ao ler agora *Maria Mim* voltei a viver essas horas numa evocação saúdosa de tempos que já lá vão. E' que êste romance é tão real que todos nós vemos no Perricho, no Chibinho, no Zagulho, no Lareia, na Maria Mim, tipos perfeitos do povo que vive, entre soitos verdes de castanheiros centenários, do produto do contrabando, em conflito constante com a guarda fiscal e apertado num destino negro de privações, de lutas e de incertezas.

Nuno de Montemor é bom artista e bom observador. As personagens têm vida e a acção decorre com simplicidade e naturalidade.

*Maria Mim* é, assim, um romance que distingue uma literatura e faria a reputação de um escritor se Nuno de Montemor a não tivesse já justamente alcançado.



RÍTMOS DE SEMPRE, por José Trêpa.  
Lelo & Irmão. Pôrto, s/d.

A estreia dêste poeta foi feita com o livro *Pátria Eleita*, onde revelou as suas apreciáveis qualidade.

A poesia não é, como muita gente supõe, uma maneira fácil de criar nome. Os nossos poetas — aquêles que o sabem ser — têm-se imposto pelos trabalhos que produzem, cheios de ritmo, de suavidade e de beleza.

José Trêpa é um poeta perfeito. A sua poesia alcança nos *Ritmos de sempre* o mais alto grau de sensibilidade a que um poeta perfeito pode aspirar.

José Trêpa adora

o Belo — e esta adoração  
Eleva a alma pela mão divina.

Não admira, pois, que o sett livro, que *a Arte doura*, seja uma afirmação do Belo, no que a poesia tem de mais elevado, de mais puro e de mais arrebatador.

Os seus sonetos são bem trabalhados e expressivos. O poeta canta a vida, a paisagem, as flores, o mar. E as imagens realçam e movimentam-se num cenário encantador de colorido e graça, de ritmo e de ternura, de simbolismo e de religiosidade, em que estremece uma alma admirável de artista.



O MAIOR AMOR, por Mário Gonçalves Viana. Editora Educação Nacional. Pôrto, s/d.

Mário Gonçalves Viana, trabalhador infatigável que nos tem dado já tão valiosos trabalhos, surge-nos, agora, romancista de merecimento.

O seu primeiro romance incluiu-o a Editora Educação Nacional na colecção «Série Vermelha» que conta já grande número de obras primas da literatura, tanto nacional como estrangeira.

*O maior amor* é um romance bom, sadio, bem português, psicológico e de crítica de costumes.

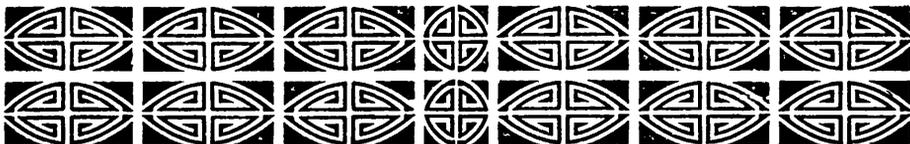
A sua forma, bem trabalhada e ao mesmo tempo simples e atraente, afirma a existência de um romancista com qualidades para triunfar neste difícil género literário.

Mário Gonçalves Viana venceu, mais uma vez porque, nestas páginas traçadas com mão firme, conseguiu, como desejava, «mostrar que não se pode viver sem uma certeza e sem um ideal».

Que essa certeza, êsse ideal e êste triunfo sejam estímulo para que o dr. Gonçalves Viana nos volte a dar novas e belas páginas, cheias de frescor rural e de sã moral.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.





# Os olhos falam!

por MÁRIO GONÇALVES VIANA

A linguagem dos olhos não é, de modo algum, uma figura de retórica. Todos os sentimentos — desde o amor ao ódio — perpassam pelo olhar. Às vezes a chama que brilha nas pupilas é instantânea ou passageira, mas nem por isso deixa de exprimir um mundo de impressões ou de sentimentos. Nos olhos, espelha-se, freqüentemente, a alma dos indivíduos. As pessoas leais olham de frente; os homens falsos ou traiçoeiros olham de revés. Lá diz um provérbio português: *Olha de soslaio? Desconfia dele!* Quando alguém pretende cometer um acto reprovável ou tem a consciência comprometida não se atreve a encarar aquêle a quem fez mal ou a quem pretende atraiçoar. A própria filosofia das nações previne: *Quem, ao falar, olha para o chão, tem medo ou vergonha; é malvado ou ladrão.* Os olhos denunciam, muitas vezes, a astúcia, a hipocrisia ou a manha: *Os que falam com os olhos fechados, querem ver os outros enganados.* Há expressões mudas que revelam as intenções das criaturas, muito melhor do que o mais prolixo dos discursos. Quantas ocasiões a bôca está a dizer uma coisa, e os olhos desmentem as afirmações dos lábios. Não faltam — é certo — pessoas dissimuladas, que conseguem esconder os seus refalsados sentimentos. Mas isto constitue, felizmente, uma excepção. Em geral, por mais que se pretenda ocultar os pensamentos, os olhares são indiscretos: tanto denunciam o rancor, a inveja e a má fé, como a bondade, o carinho, a ternura e a amizade. Os olhos retratam a alma: as pessoas duras de ânimo têm, nas pupilas, uma expressão cortante; os sonhadores, os idealistas, as consciências generosas têm, no olhar, os alheamentos de quem procura, para além desta vida, a beleza e a bondade que em redor de si não encontram. ¿Haverá olhar mais belo do que o olhar das mãis contemplando, embevecidamente, os filhos bem-amados?

Os próprios estados psíquicos transitórios reflectem-se, também, no olhar: a tristeza, a mágoa, a saúde, a dor, produzem o amortecimento e a perda da vivacidade dos olhos, dando-lhes uma evidente expressão de cansaço e de sensível constrangimento; em compensação, a alegria séria e digna torna os olhos mais brilhantes e mais vivos. Por isso, quando se pretende dizer que uma pessoa ficou muito alegre, é costume afirmar: «Até os olhos lhe riam!» E a tristeza? Há olhares tão dolorosos, tão cheios de amargura, que parece concentrarem um mundo de sofrimento. E de facto, denunciam as longas horas de ansiedade, as esperanças decepcionadas, as vigílias torturantes, o amor sofreado ou mal correspondido. A malícia — quando não descamba para a baixeza — também transmite um certo encanto à expressão das pupilas.

São os olhos que dão beleza e expressão ao rosto. Os traços fisiológicos podem ser correctíssimos; mas se lhes faltar a vivacidade e o encanto do olhar, terão o valor de uma formosura morta.

Não admira, portanto, que os poetas tenham procurado explicar a linguagem dos olhos, os quais, às vezes, num simples e fulminante cruzar, se entendem maravilhosamente. Muitas ocasiões tôdas as palavras são inúteis; basta um olhar para dizer tudo, olhar pelo qual ninguém deu fé, mas que os interessados compreenderam. Os olhos podem dizer ódio até à morte, ou amor até ao sacrifício e até ao sublime; sabem suplicar e pedir com mais ardor e veemência do que tôdas as palavras do mundo! Às vezes, na velhice, são ainda os olhos, fulgurando entre ruínas, que dão o índice de uma beleza passada, o reflexo de um coração magnânimo ou o encanto de uma simpatia. Há olhares de affecto indizível e de angústia torturante; há olhares que perdem ou que salvam! Há olhares que decidem os destinos daquele que uma vez sentiu o seu irresistível influxo. ;Quantas coisas êles podem dizer — os olhos que Amélia Vilar compara ao oceano!

Eu vejo o mar nos teus olhos,  
Nos teus olhos vejo o mar!  
Quem me dera nos teus olhos  
Andar sempre a navegar.

Muitas vezes, são os olhos aquilo que nós evocamos da pessoa amada, quando longe dela:

Meus olhos fontes vèlhinhas  
Não choram por mais ninguém,  
Choram só pelas meninas  
Dos olhinhos do meu bem.

É por intermédio dos olhos que os namorados falam essa linguagem silenciosa que diz um mundo infinito de coisas, sem dizer nada. O poeta quinhentista Cristóvam Falcão, evocando, na égloga *Crisfal*, os seus amores com Maria Brandão, salienta que os olhos enamorados nunca ficam cansados de se mirar:

Algumas horas falavam  
Andando o gado pascendo,  
E então apascentavam  
Os olhos, que, em se vendo,  
Mais famintos lhe ficavam.

Se estamos tristes, descoraçoados, basta um olhar carinhoso e expressivo para levantar as nossas fôrças morais, como revela Eduardo Salgueiro:

Quando me fitas sorrindo,  
Vão p'ra longe as minhas penas;  
E cantam, dentro em minha alma,  
Teus olhos, como andorinhas!

Há olhares que nunca esquecem, tão belos, profundos e expressivos são —, olhares que nos acompanham para tôda a parte, vivos, palpitantes, cariciosos. Ouçamos Vicente Arnosso:

Quando quero despegar  
Estes meus olhos dos teus,  
Tenho mêdo de levar  
Os teus olhos pelos meus.

Nas despedidas, são sempre os olhos os últimos a apartarem-se: ¡que de saúdades êles dizem, que mágoas contam, ao sentirem a proximidade da ausência! Trocam-se então êsses olhares longos, comovidos, que descem e penetram até ao fundo da alma, como que a sorverem a essência do próprio olhar! Já no século XV João Rodrigues Castelo Branco evocava, em belíssimos versos, estes minutos dolorosos, que encerram, muitas vezes, uma eternidade:

Senhora, partem tão tristes  
Meus olhos por vós, meu bem,  
Nunca tão tristes vistes  
Outros nenhuns por ninguém!

Tão tristes, tão saudosos,  
Tão doentes da partida,  
Tão cansados, tão chorosos;  
Da morte mais desejosos  
Cem mil vezes que da vida!

Os olhos são armas terríveis, porque muitas vezes representam a tentação: amor ou pecado. Assim o diz uma quadra de António de Lemos:

Os teus olhos têm encantos,  
Encantos e seduções,  
Que ferem como punhais,  
Nossos pobres corações.

Às vezes, as mulheres servem-se dos lindos olhos que Deus lhes deu para fascinarem os homens e, depois de provocarem a chama da paixão, mostram-se desdenhosas, altivas e frias. ¡Que interessante e formosa quadra escreveu Afonso Lopes Vieira a êste respeito!

Quando tu passas por mim  
Que lindos olhos que fazes;  
Mas depois dizes baixinho:  
«Que doidos são os rapazes!»

Os poetas falam muitas vezes na luz do olhar, e de facto a imagem não é despicienda. Um olhar terno e amorável dá forças, ampara, encoraja. ¿Pois não foi Eduardo Salgueiro quem poetou?

Noite gelada de Outono,  
Fere o vento, como abrolhos,  
E deixas-me ao abandôno,  
Sem o calor dos teus olhos...

Júlio Brandão põe, igualmente, em relêvo o potencial de um olhar terno e meigo. Às vezes, um simples pestanejar, uma lágrima silenciosa, um fugaz tremer de pálpebras bastam para dar alento a um homem:

Eu só peço com carinho  
Áquele olhar meigo e puro:  
Alumia-me o caminho,  
Que, sem ti, é todo escuro  
—Que longo e triste caminho!

A história dos olhares ainda está por fazer, e decerto nunca será inteiramente revelada, porque é, em grande parte, um segrêdo que as almas sensíveis guardam ciosamente.

¿E a côr dos olhos? Cada poeta tem procurado interpretar, a seu modo, com mais ou menos propriedade, o carácter dos diversos olhos. O próprio povo costuma cantar:

Os olhos pretos são falsos,  
Os azuis são lisonjeiros,  
Os olhos acastanhados  
São os leais, verdadeiros!

Por outro lado, Branca da Silveira e Silva (Giesta) estabelece o seguinte e expressivo confronto:

Olhos azuis são safiras,  
Olhos verdes, esmeraldas...  
Os olhos negros são brasas  
Não te chegues, que te escaldas!

Os olhos de iris negra possuem numerosos panegiristas. Mafalda de Castro escreve a seu respeito:

Dizem que é feia a côr preta,  
Irmã da noite cerrada.  
Mas os teus olhos são pretos  
E trazem-me alumiada.

E António Carvalhal louva-os, a êsses olhos de fôgo e de paixão, na seguinte quadra:

Olhos negros são profundos  
E tão divinos mistérios,  
Que me parecem dois mundos  
Pelos espaços sidérios.

De resto, os olhos negros são bem portugueses. O inglês Dalrymple, que visitou Portugal em 1774, já se declarava encantado com os olhos das lisboetas: «Nesta terra as mulheres têm olhos negros brilhantes, dentes brancos e belos cabelos, enchendo-os de tanto pó e de tanta pomada, que o volume da cabeça se lhes torna excessivo; pintam-se pouco, mas usam grande quantidade de sinais.»

Alberto Osório de Castro prefere os castanhos, embora reconheça os encantos de todos os outros olhos:

Olhos azuis são de ruças,  
Não são muito de fiar.  
Pardos ou verdes enganam,  
Os castanhos não têm par.

Ó doces olhos quebrados  
«Que fazeis furtos no ar»  
Sois portugueses magoados  
De o amor vos magoar.

Com olhos negros cautela!  
São olhos para queimar,  
É chama que tudo queima,  
Não é luz de alumiar.

Mas negros, azuis ou garços,  
Que me estais a lembrar!...  
Ai! inda há-de vir quem diga  
A côr mais de enfeitiçar.

¿Quem é que poderá discutir preferências ou gostos? Os castanhos são lusitaníssimos, e por isso não admira que deles diga António Carvalhal:

Olhos castanhos seduzem,  
Matam também muita vez;  
Tantos encantos traduzem,  
Que eu digo que Deus os fêz.

Algumas ocasiões, os olhos são tão formosos que nem se sabe, ao certo, a côr que tem. ¿Que importa isso, se, na realidade, são belos e consubstanciam, em si próprios, um universo de sentimentos, um mundo de promessas, um lampejo dêsse infinito que é a alma humana, uma parcela do mistério que é o amor. Foi Evaristo Basto quem poetou algures:

Eu não sei a côr que tinham  
Uns certos olhos que eu vi.  
O que eu sei é que eram lindos,  
E que por êles morri!

Negros... negros... bem não eram  
Não tinham da noite a côr;  
Como o crepúsculo da tarde  
Falavam meigos d'amor.

Também não eram azuis,  
Não tinham tintas do Céu,  
Mas o brilho das estrélas  
Não fulgura mais que o seu!...

Ah!... já sei... eram castanhos  
Os belos olhos que eu vi...  
Quem por êles não morrera;  
Como eu por êles morri!

O poeta Santa Rita, na esteira de todos os outros, também põe de remissa a lealdade dos olhos azuis:

Olhos azuis, mandarins  
Dum Império côr dos céus,  
Meigos como os querubins,  
Falsos como os judeus.

No entanto, há a-pesar-de tudo, quem, nobremente, os rehabilite. Eis o que deles diz António Carvalhal:

Olhos azuis, côr dos céus,  
Tinha-os a Virgem Maria;  
Por isso êsses olhos teus  
Causam-me tanta alegria!

Por outro lado, Camões fêz o elogio entusiástico dos olhos verdes, calmos e translúcidos, sempre cheios de sonho e de imprecisão:

Dotou em vós natureza  
O sumo da perfeição:  
Que o que em vós é senão,  
É em outras gentileza:  
O verde não se despreza,  
Que agora que vós o tendes,  
São belos os olhos verdes.

Ouro e azul é a melhor  
Côr, por que a gente se perde;  
Mas a graça dêsse verde  
Tira a graça a tôda a côr.

Fica agora sendo a flor  
A côr que nos olhos tendes,  
Porque são vossos e verdes.

Os olhos verdes possuem, de resto, cantores apaixonados. E não admira que assim aconteça, porque eram verdes — da côr da esperança — os olhos formosíssimos da encantadora Joaninha, das *Viagens na Minha Terra*. Ribeiro de Carvalho poetisa, a propósito:

Teus olhos verdes, ¿que dor  
Os turva, tanto ennegrece?  
Porque fugindo a ventura,  
Fecha-se a alma, anoitece!...

E António Carvalhal acrescenta, fazendo o seu elogio, numa interessante quadra:

Olhos verdes, côr de mar,  
Olhos de inquieta meiguice,  
Têm doçuras de luar  
Que nenhum poeta disse.

O encanto do olhar não deriva apenas dos próprios olhos, mas da maneira de olhar e da profundidade e humanidade que os mesmos possam encerrar. Às vezes, há um não sei quê de místico, de doce, de lânguido, que as palavras não podem exprimir. São os olhos poetas de affecto ou de ternura, a que se refere Vicente Arno:

Os seus olhos são tão lindos  
Que me lembram, não sei bem,  
Se a Mãe de Nosso Senhor  
Se a minha mãe que Deus tem.

Os olhos endoidam e entontecem, como revela o amorável poeta do *Crisfal*:

Para ver me fostes dados;  
Vós só a chorar vos destes,  
E, se eu tenho cuidados,  
Meus olhos, vós m'os fizestes;  
Desque nêles me pusestes,  
Do descanso me fugis,  
Olhos, a quem eu tanto quis!

E João de Deus, o dulçoroso *poeta do amor*, também celebra os encantos dos olhos, que torturam e entristecem:

Eu olhos sei d'uns,  
Que desde que os vi,  
Não vi mais nenhuns !  
.....  
Que lindos que são !  
Que modos de olhar  
Que terna expressão !  
.....  
Suspiros e ais  
É quanto tirei  
De ver olhos tais.

O olhar — com a sua linguagem misteriosa e espiritual — é o grande disseminador e revelador dos corações amorosos, como poetisa Manuel de Moura:

Nas meninas dos teus olhos  
Ainda Amor a semear.  
Quando Amor faz sementeira  
Fica a terra a suspirar.

¿E então o que é que acontece? Os olhos procuram-se em silêncio, revelam mútuas confidências, vivem a felicidade dos sonhos queridos e das quiméricas venturas sem par. Vejamos o que diz, num gracioso simbolismo, o poeta Silva Tavares:

Há um harem voluptuoso  
Nesses teus olhos, meu bem,  
E eu sou o sultão ditoso  
Das meninas desse harem.

No entanto, é preciso acentuar que há olhos esquivos, indecifráveis, que fogem como a sombra e que são impalpáveis como o éter. Nada existe pior do que essa dúvida, essa incerteza que eles provocam e geram. A seu respeito, tem Manuel de Moura uma sugestiva quadra:

Não sabes ler? Mas teus olhos  
Lêem de pronto nos meus...  
E eu, que sou culto, não posso  
Soletrar sequer nos teus!

Devemos fugir dos olhos maus, cortantes como o aço e astutos como a intriga, os quais denunciam inquietação, ódio e rancor, e fuzilam malquerença, ou cinismo :

Olhos em brasa, tições  
A saltar, a arremeter!  
¿ Sois a inveja, a raiva, o ciume,  
Ou sois todo o inferno a arder?

Deixemos êsses olhos desgraçados — porque a maldade afeia e infelicita as criaturas —, e procuremos os olhos bons, que são o espelho de almas boas, procuremos os olhos que nos querem bem e com êles façamos uma aliança eterna, conforme aconselha António Carvalhal:

E casados e juntinhos  
Nossos olhos seguirão  
Por luminosos caminhos  
Em constante adoração.





# CANTINHO PRECIOSO

(NO MEU LEITO DE DOENTE)

*Do meu leito, onde há tanto permaneço,  
Vejo um cantinho azul do firmamento,  
E com êsse cantinho me contento,  
Que mais não posso ter nem mais mereço.*

*Mas nesse canto azul, que eu estremeço,  
Cabem mundos de luz, de pensamento;  
Cabem sonhos, esp'ranças que acalento,  
Saüdades, mágoas, que só eu conheço...*

*Farrapitos de nuvens, lentamente,  
Como a dizer-me adeus, vão-se afastando,  
Fugindo de meus olhos tristemente...*

*Depois... de alegres aves passa um bando,  
E à noite vejo a luz resplandecente  
Duma estrêla a sorrir-me cintilando...*

Inédito.

SILVINA FURTADO DE SOUSA  
(IRACÊMA).



# O FASCISMO

## Ultimas palavras duma amigável polémica

por ROLÃO PRETO

(IV — CONCLUSÃO)

*Do nosso ilustre amigo Sr. Dr. Rolão Preto e do nosso prezado colaborador Santa Cruz recebemos mais um artigo sôbre o tema que com notável proficiência aquêles illustres publicistas têm versado nas nossas colunas.*

*A grande falta de espaço com que lutamos não nos permite publicar estes artigos com a regularidade que seria precisa, pelo que nos vemos obrigados a dar dêstes dois artigos os trechos essenciaes, considerando sem desdouro para qualquer daqueles nossos estimados amigos, encerrado o debate versado sôbre o interessante tema que hoje tanto apaixonou o mundo (\*).*

### Em legítima defesa...

.....  
Na discussão travada nas colunas da *Epoca* reconhece-me o meu contendor razão em dois pontos, a saber: o Fascismo era, como eu dizia, um movimento de pensamento e acção nacionalistas; o Fascismo salvou a Itália com o seu método de acção, bom ou mau que êle seja.

É humano.

Objectar ao grande êxito fascista que êle não foi ainda completo segundo as bases da Justiça e do Direito, não é objectar, é conceder quási tudo. O que eu tinha afirmado é que êle tinha salvo a Itália. A Justiça! e o Direito!

---

(\*) (De *A Epoca*, 13-11-1922).

Quem poderá dizer-nos o que seria então neste momento a Justiça e o Direito, se o Bolchevismo tivesse conquistado a Itália, como esteve prestes a fazê-lo?

.....  
O método fascista, portanto, lá porque nem sempre respeitou o Direito e a Justiça, não deixou nunca de ser bom para o Nacionalismo italiano. Prova? salvou a Itália.

— Sim, mas a Itália **agora** já não precisa da violência fascista. — Quem autoriza semelhante afirmação? Quais as razões que lhe marcam o limite até onde devia ir a acção fascista e até onde ela se deve quedar? Até onde chega o accidental e começa o normal na luta pelos interesses da Itália? Responder a estas perguntas seria navegar, pelo menos quanto a nós portugueses, no gratuito e no imponderável.

.....  
No movimento fascista há católicos, agnósticos e ateus. Não é, porém, um partido anti-católico ou sequer anti-religioso. É um partido político e social. Pretende salvar a Itália segundo a sua doutrina e o seu critério de acção, mas nos seus planos não entra combater o Catolicismo ou religião alguma.

— Mas a luta contra o Partido Popular? e os incidentes violentos contra os seus membros? — O Partido Popular italiano é um partido político, como o Centro alemão. A luta política entre estes agrupamentos não atinge nem visa atingir, da parte dos fascistas em Itália como da parte dos nacionalistas alemães, a acção católica.

.....  
Vejamos a razão *actual* porque o Fascismo hostiliza o Partido Popular. Por ela verá o leitor que, à parte os absurdos e condenáveis, mas incidentais excessos do Fascismo contra o Partido Popular, razões políticas eles têm, ou assim o alegam, para se defenderem.

Batidos os bolchevistas, graças e *unicamente* ao esforço dos homens do **Fascio**, não se julgue que o perigo da Internacional Vermelha acabou definitivamente para a Itália. Esmagados e contidos em respeito pela audácia nacionalista, outro perigo surgiu — a manobra do chamado *colaborazionismo*. Que é o *colaborazionismo*? Uma mudança de tática dos extremistas para alcançarem *constitucionalmente* o Poder. Para isso, eles tentaram a manobra duma colaboração ministerial com os outros partidos constitucionais italianos, mormente com Nitti e com o Partido Popular. Repugna conluio tal ao nacionalismo italiano, aos fascistas e aos integralistas que contra esta manobra têm sido estremados irmãos de armas.

*Modigliani*, chefe bolchevista, numa entrevista que concedeu a um redactor do *Atelier*, não teve reboços em afirmar que com a *colaboração ministerial* liquidaria o partido de Mussolini em poucos meses. Os fascistas sabem-no bem e daí o seu combate sem tréguas a essa manobra que, a triunfar, os poderia liquidar.

Há excessos nesta luta que, por vezes, atingem o catolicismo dos membros do Partido Popular? Há. Há e são absolutamente condenáveis.

Nunca defendi o Fascismo como um sectário. Os excessos e as tropelias contra o Partido Popular eu sempre os condenei. Nem eu visava defender o *Fascio* quando escrevi o artigo que causou reparos. Pensando-se fazer em Portugal coisa no género, eu expus apenas a impossibilidade de organizar no nosso país, neste momento, um movimento com as características do partido de Mussolini.

Não é verdade, de resto, que eu tivesse oposto as adesões ao *Fascio* às deserções do Partido Popular. Eu falei dessas deserções para responder à afirmação de que o Partido Popular era *corporativista de formação neò-mediévica*, objectando eu que, ao contrário, muita gente afirmava haver no Partido Popular muito socialismo e citei-lhe o livro do famoso *Vaussard* — *L'Intelligence catholique dans l'Italie au XX<sup>e</sup> siecle*, que é um estudo directo do caso e não como o do *P. Beauregard* que só indirectamente se refere ao assunto. *Socialismo* e *corporativismo neò-mediévico* tudo misturado, que confusão! Eu não encontro no Socialismo, quer seja na sua fórmula *colectivista*, quer na sua concepção *comunista*, quer na mistura das duas ideas no actual *sovietismo*, outra coisa que o êrro e a mentira atrasada e vélha. A ilusão e a utopia cansadas e sem brilho.

O futuro, aquêlo que nós nacionalistas trabalhamos com ardor e sem cessar, é *sindicalista*, *Sindicalista orgânico*, *corporativista neò-mediévico*. A Revolução no sentido socialista vai dar à Internacional e nós somos pela Nação, por amor da verdade histórica, por amor da razão humana e por amor da Inteligência restaurada. O Socialismo é a Democracia em marcha, é uma etapa dela, um ponto de chegada. É a guerra entre os portugueses, a luta de classes, a morte da Produção nacional. Nós queremos a mesma bandeira sagrada para todos: desejamos a paz social; aspiramos a que a Produção nacional seja o *conjunto orgânico*, celular dos seus elementos essenciais e activos: *Capital, dirigentes, operários*.

.....

Simplesmente não somos *socialistas e por isso mesmo*. Não somos pelos patrões contra os operários, assim como não somos pelos operários contra os patrões, como o Socialismo é.

Somos pela íntima coordenação de todos os elementos da Produção nacional. Não fazemos a velha distinção, a velha *destrinça marxista das classes*. Não há para nós nem operários nem patrões em separado e em litígio; há a Produção e há *trabalhadores*. Isto quanto a mim que lancei no nosso país a idea da **Monarquia Social**.

O Fascismo tem a sua política social, sindicalista, operária, trabalhadora. Não se julgue que êste curioso movimento italiano é apenas uma formação de origem *patronal* que quer resolver os problemas operários à *bruta* e sempre no sentido dos interesses dos patrões. O Fascismo é sobretudo uma *formação operária* e os esquadrões do seu enorme exército são na sua totalidade, ou quasi, *soldados rasos* da indústria e da lavoura.

.....  
Quanto ao Socialismo, que hoje todo é *comunista*, significa a III Internacional, a Vermelha, a de Moscovo, donde *Modigliani* e *Turati* na Itália, *Renaudel* e *Cachin* em França, etc., recebem os *fundos* e as ordens.

Para findar direi que me parece iludir-se grandemente quem julgar o Fascismo em decrescimento de simpatias e de fôrça.

Não sei, nem me importa, o que o fascismo fará no futuro; se se perderá no orgulho da sua fôrça ou se levará o seu país à glória máxima por virtude do seu esforço.

O que julgo, porém, incontestável é ainda que o — **Fascismo fará da sé!**

30-X-922.

### **Aclarações após uma polémica**

Na defesa calorosa e brilhante, o que não quer dizer justa, que vejo fazer do movimento fascista, distingue-se entre acção fascista e método fascista.

E assim é que tendo-se-me formulado como pergunta primeira «*é ou não o Fascismo um movimento de pensamento e acção nacionalistas?*» — dirige-se-me ainda esta outra pergunta: «*O método de acção do Fascismo é ou não o único que serviu os interesses do nacionalismo italiano na hora mais crítica da conquista bolchevista?*»

Devo com a máxima franqueza declarar que não sei como, na prática, se possa distinguir o método fascista da acção fascista. Existe sim uma distinção real entre o *método* e a *acção*, porquanto a acção é a realização dum pensamento ou duma idea e o método é o conjunto de processos e meios postos em prática na realização da acção. Na prática, porém, e tratando-se do caso concreto do Fascismo, método e acção confundem-se inteiramente.

Desnecessário será, por isso, que eu repita as razões já aduzidas na demonstração da falta de pensamento e acção nacionalista no movimento do Fascio italiano.

Seja-me permitido afirmar que não há paridade na invocação que eu faço da *Justiça* e do *Direito* e no abuso que de tais palavras e de outras como *Liberdade*, *Civilização*, *Progresso* se tem feito durante a guerra e depois da guerra. Há quem dos termos *Direito*, *Justiça*, etc., se tenha servido para mais facilmente satisfazer os seus caprichos? Certamente. Mas isso que importa? Não tem o *Direito* e a *Justiça* normas fixas, regras inalteráveis, que se não acomodam aos caprichos dos homens, e patenteiam aos olhos de toda a gente que são falsários os que os invocam para fins de maldade, que facilmente se descobre?

Evidentemente que nos indigna ouvir dar vivas à *Liberdade* e, ao mesmo tempo, ver fazer prisões injustas, vitoriar a *Fraternidade* e ver esmurrar o próximo, invocar a *Civilização* e o *Progresso* e ver praticar actos de selvajaria que recordam os tempos pagãos.

Não nos indigna, contudo, menos ouvir invocar o *Nacionalismo* e ver praticar actos que aviltam a Nação. É que também a palavra *Nacionalismo* soa muitas vezes a ficção e é susceptível de ser posta ao serviço das paixões e dos caprichos dos homens como as palavras *Liberdade*, *Civilização*, *Progresso*, *Justiça*, *Direito*.

Ninguém põe em dúvida que os tais «paladinos da Moral Social e do Direito das gentes» tenham praticado muitos desses abusos.

Pode-se, porventura, negar que muitos abusos têm sido praticados pelos fascistas quanto à palavra *Nacionalismo*?

Fala-se, ao defender a obra de Mussolini, no *sangue do Resgate*.

Chamar *sangue do Resgate* à obra fascista, até no que ela tem de injusto, de cruel, de anti-patriótico, isso não! O *resgate* implica a expiação dum erro e a obra fascista, a acção fascista, depois da vitória sobre os tumultos bolchevistas, longe de ser a expiação dum erro, é um avolumar de erros e de desatinos.

Nacionalista sou, pela Pátria e pela Nação tenho dado, se não o sangue, as comodidades, o sossêgo, a liberdade, suportando cadeias e exílio; mas não aplaudo nacionalismos exagerados postos ao serviço das paixões que repugnam a um espírito sereno e afastam as almas boas. Não percamos nunca o sentido das proporções e chamemos as coisas pelo seu nome.

A segunda pergunta:— o método de acção do Fascismo é ou não o único que serviu os interesses do nacionalismo italiano na hora mais crítica da conquista bolchevista? — respondo, dizendo que esse método *serviu* num dado momento os interesses da Itália, mas não os *serve* actualmente. Logo não é o movimento renovador que nos inculcam. Acentuemos uma vez mais que é necessário distinguir a acção fascista no momento dos tumultos bolchevistas da acção posterior a esses tumultos.

A acção do Fascismo na ocasião dos tumultos e excessos bolchevistas foi uma *acção militar*. Fizeram os fascistas o que faria um exército regular que soubesse cumprir o seu dever. Foi de resultados decisivos e benéficos essa acção, porque o Fascismo possui uma *disciplina militar* que trouxe os seus membros do campo da batalha, onde quasi todos serviram. Essa disciplina aplicada no momento preciso e só nêle é decisiva e não serei eu quem condene a intervenção fascista, ao arrogar-se poderes que só ao exército pertenciam.

Na guerra como na guerra. Circunstâncias excepcionais requerem medidas excepcionais de salvação.

Não sou eu tão tolo que me ponha a invocar a lei, clamando que o que o Fascismo fêz representa uma invasão dos direitos do exército. Quando o exército não cumpre o seu dever e a Pátria corre perigo, a todos nós cumpre o dever de sermos soldados. Foi o que fizeram os fascistas com uma *disciplina militar*, sempre necessária nos momentos de grave perigo nacional, mas só nêles aplicável com os seus extremos de energia e violência.

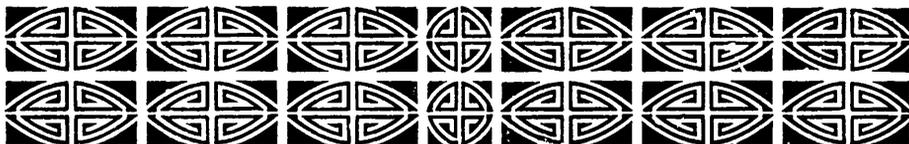
Sucede, porém, que havendo no Fascismo *disciplina militar* e coragem de sobra para os momentos de perigo, em que a obra é de destruição: — sufocar revoltas e reprimir excessos, há absoluta falta de *disciplina cívica* para os períodos normais, em que a obra é de construção e orientação e se carece de ideias e princípios sãos traduzidos numa acção justa, ordeira e disciplinadora.

. . . . .

(De *A Epoca*, 13-11-1922).

SANTA CRUZ.





# Mi adios a los aviadores de España

por JOSÉ PEQUITO REBELO

*No «A B C», publicou o nosso prezado colaborador sr. dr. Pequito Rebelo um artigo deveras notável pelo espírito de soldado da cultura cristã e portuguesa que o anima. Tão fácil é para os portugueses o espanhol, que reproduzimos o artigo no belo castelhano do original. Não o poderíamos traduzir sem lhe apoucar o mérito:*

MÁS espectador que actor en el drama formidable, os dejo al partir todo mi corazón en homenaje a vuestras glorias incomparables: a la gloria organizadora y directiva de los jefes, simbolizada en el nombre de Kindelán, prestidigitador asombroso que ha sacado de su gorrillo militar infinidad de águilas españolas; a la gloria del bombardeo — por ejemplo, Gallarza — *artillería* del aire, a la cual el aire diera movilidad y emplazamiento temerarios, la de los volantes castillos de exterminio con la nobleza de su misma fragilidad, sus trayectorias heroicas rozando volcanes y buscando, sabias, la vertical de predestinación en que la propia ley de atracción hacia descargar la ira de Dios sobre las cabezas de sus enemigos; a la gloria de los cazas — recuerdo a Salas entre los que sobreviven — *escuadrones* de centauros en el aire, avión y aviador en un solo ser, rayo purificador del cielo de la Patria por medio de las luchas arcangélicas en el mundo de las alturas inconmesurables con Dios por testigo y el señorío del aire como premio; a la gloria de las *cadena*s — su nombre lo representa Muñoz — de los temerarios del aire bajo y mortífero, los que echaron fuera el escudo natural de los aviadores, la altura: *Infantería* del aire que osa bajar su vuelo hasta su hermana la Infantería terrestre para mezclarse en su misma efusión de sangre y en idéntica voluntad de conquista.

Y, además de estas glorias singulares del vuelo guerrero, puedo yo también contemplar la *belleza total* de la Aviación. Primero, ese poema de la *unidad* en la *variedad*, que es la multiplicidad de los talleres, escuelas, polvorines, combustibles, transmisiones, transportes, la red de acecho, la antiaérea y toda España jalonada de aerodromos, unos dormidos y expectantes, otros animados del enjambre de aviones y el hormiguero humano, y todo en perfecta obediencia a un solo concepto y a la dirección única, como si la unidad viniera de la unidad infinita del Océano aéreo que todo lo llena.

Después, al ver en un solo cuadro de la fantasía todo el movimiento de la guerra en el aire, todas las trayectorias sobre el mapa en red inextricable; el vértigo de las velocidades, la oportunidad de los tipos, la transformación del personal, los cambios de orgánica, se pone de manifiesto que la Aviación tiene en altísimo grado la virtud de la *movilidad* como comunicada por el aire mismo, pero sin perder la virtud de la *estabilidad*, como asegurada por el contacto con la infra-estructura, de modo que las trayectorias tienen la regularidad del cálculo, el orden de las órbitas siderales.

Por último, si evocamos la formidable orquestación de las ráfagas de metralla, de los estruendos de las bombas, del huracán de los motores, como expresión de las gigantescas fuerzas desencadenadas, si imaginamos todos los materiales eficientes y diversos y la prodigiosa forma de ingenio que revisten; y si al mismo tiempo nos damos cuenta que todo ese complejo de materia super-organizada y cargada de potencia, es llevado en manos de hombres, a los cuales mueven almas dadas a Dios en la máxima exaltación de las facultades al rojo resplandeciente del heroísmo, cargadas de un ideal que es la esencia misma de la civilización cristiana, vemos también en la Aviación la tercera belleza: la de la *espiritualidad* en la *materialidad*.

En la guerra de España ha revelado la «Aviación», esa maravilla nueva, su profundo secreto, el renovado esplendor que toma la vida al conquistar el nuevo elemento más cerca del infinito y hacerlo precisamente en la transfiguración heroica de la batalla; porque ha revelado, en su conjunto, la misma triplice belleza o virtud que tiene ese ser uno —conjunción de avión y aviador—: *complejísima variedad* en *perfecta unidad*, *fulminante movilidad* en *equilibrada estabilidad*, *soberana espiritualidad* en *potentísima materialidad*, y todo resumido en *espiritualidad*.

Pero tales atributos son, en general, los atributos eternos de *la vida*; y en particular los atributos eternos de *la milicia*. Constituyen la esencia

del ser militar, del Ejército victorioso, solamente en Aviación elevados a grado altísimo por el modo de ser intrínseco del nuevo instrumento y del nuevo medio.

Y así, la Aviación no ha traído a la guerra, y tampoco a la civilización general, una revolución anti-tradicional y anti-espiritual; no es un *arma nueva*, ni un *Ejército nuevo*, ni mucho menos un *disolvente social*, pero sí es la renovación de todo el Ejército y de la civilización por la plena expansión en espíritu del aire, de las calidades eternas de la milicia y de la cultura que se fundan en la *espiritualidad*. El aire, por su pureza, por su sutilidad, por su inmensidad, es pariente del espíritu. Por lo cual, los marxistas materializados se han equivocado trágicamente al ver en sus aviones ultra-rápidos del comienzo de la guerra, pura materia, prenda segura de una victoria de la materia; estaban de antemano vencidos, por la propia sutilidad, pureza e inmensidad del nuevo elemento en la prueba de la velocidad vertiginosa, de la maniobra fulminante, de la suprema abnegación, de la soledad con la conciencia: en el aire tenían que triunfar *los caballeros*, fieles al honor militar, último reduto de la espiritualidad.

Porque esta espiritualidad ha sido, en verdad, la sustancia fundamental de vuestra epopeya aérea, luz de gloria cotidiana en que sobresalen las fulguraciones celestiales de los momentos cumbres: el temerario internamiento desafiando el cautiverio y la tortura, el arrojado descenso hasta la boca de los fusiles, las luchas locamente desiguales, aviador y avión heridos, con muertos a bordo, disputándole a la agonía la posibilidad del retorno, la muerte por fulminante sorpresa o por explosión que de un golpe proyecta en la eternidad, el abordaje con holocausto propio, el tormento de las llamas sobre el abismo, la precipitación catastrófica..., espectáculo cuyo horror es sólo aparente, pues en él es soberana la fuerza del espíritu en su nueva majestad, más soberana aún cuando con la gloria de la muerte en el buen combate, es todo un fogonazo de cielo entreabierto que viene a espiritualizar, desde lo alto, la batalla...

\*

Al lado de vuestras glorias aéreas españolas, con rodoblada emoción, evoco la parcela de gloria aérea portuguesa, la de esos aviadores *viriatos* que, en cierto modo, han formado en los aires la guardia de honor al paso de las almas de los numerosos y oscuros muertos portugueses de vuestra Legión... La fraternidad peninsular en la Cruzada,

afirmada desde la primera hora por la batalla radiofónica y diplomática, por el apoyo material, por la frontera segura y auxiliadora, por la simpatía de los corazones suplicantes de hinojos ante Dios, a prisa empezó a escribirse con letras de sangre portuguesa sobre vuestra tierra y no podía dejar de quedar grabada también en la página azul.

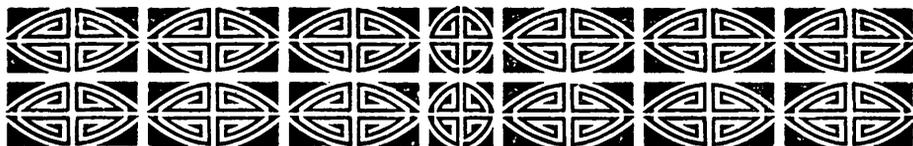
Era nuestro el ensueño de *hermanar viento de mar y viento de tierra en el aire único de Cruzada peninsular*; de traer aquí con nuestros aviadores, además del beneficio de la emulación fraterna, algo original y complementario, para elevar la Aviación, ese nuevo ser todavía en gestación, a su máximo potencial, complementándose en la Aviación españoles y portugueses con sus calidades ancestrales de guerreros y navegantes; porque la Aviación es, en suma, la *navegación* sobreponiéndose a la *guerra terrestre*.

Ancestralidad lejana, porque tuvisteis vosotros el *circus cantabricus*, táctica de la Caballería ibera adoptada por Roma, sucesión de avances disparando las flechas, precursora venerable de vuestra *cadena*; y nosotros tuvimos una *Caballería lusitana* renombrada por galopar sin vertigo sobre las cumbres abruptas. Era la vocación precoz para la audacia iluminada, para la altura y el peligro, que ha dado después las epopeyas del Mar y del Ultramar y ahora deberá florecer por la altísima calidad de nuestras Aviaciones en el mundo, para las guerras santas de la Fe y del Imperio que acaso nos reserva aun la Providencia...

Si nuestro ensueño era mayor que la realidad, nos consuela la idea de que lo de menos era la cantidad en esta guerra de la calidad contra el número: nos consuela pensar, como cristianos, que nuestra buena voluntad haya pesada algo en la balanza de Dios, árbitro de las batallas, y, como caballeros, que hayamos podido abreviar una hora el dolor de una mujer española por la transformación de sus lágrimas de cautiverio en el éxtasis de su liberación...

Sin embargo, los aguiluchos portugueses, voluntarios del servicio de honor de las *cadenas*, volaron limpiamente en el cielo español; y si no volaron más, fue porque no lo necesitaba vuestra abundancia de pilotos heroicos; y si no tuvimos más que dos muertos, es que no hacía falta mayor sacrificio ante Dios.

Que esos dos, en la Gloria con vuestros altísimos Haya y Morato, intercedan para que perdure esta paz triunfal, y para que, si viene guerra, sea, como esta que terminó, una guerra de Dios y de su justicia; porque entonces, sea como fuera, estará Portugal con España, o España estará con Portugal...



# OS AÇÔRES

## As ilhas do Faial e do Pico

por AGNELO CASIMIRO

(Continuação da pág. 90)

**Flores** é o nome da ilha que mais perto fica desta última. E' uma das mais belas ilhas do Arquipélago: e tão formosa que já alguém alvitrou que em vez de *ilha das Flores* se chamasse *flor das ilhas*. E', com efeito, o jardim mais florido dos Açôres. «Açafate de boninas boiando à tona da água» lhe chamou o Visconde de Castilho. Embora o vulcanismo antigo se considere ali completamente morto, não há ilha que mais eloqüente demonstração dê dos grandes cataclismos vulcânicos, como esta. No alcantilado das suas costas marítimas, onde há rochas, como o Morrão Grande, que se elevam do mar a 950 metros de altura, nas suas lagoas enormes, nas suas quedas de água em cascatas de 300 metros, como a da Ribeira Grande, nos seus contrastes de montes e vales largos e profundos, na pujança da sua vegetação há um quer que seja de natureza brava que emociona pela grandeza.

**Faial** a antiga ilha de S. Luiz é a capital dêste grupo ocidental.

Quando, seguindo a rota dos vapores da «Emprêsa Insulana» nos aproximamos da ilha do Faial é a sua costa oriental que nos aparece. Esta costa forma uma enseada bastante pronunciada, limitada pelo norte com o prolongamento da terra que forma o monte da Espalamaca e para o sul prolongada com o monte da Guia e monte Queimado, que no sopé se espraia numa faixa de terra que à maneira dum «istmo» separa a grande enseada duma outra mais pequena, mas muito bem definida e graciosa, chamada o Porto Pim. Pensa-se actualmente em transformar êste «istmo» em canal ligando as duas enseadas para efeitos de aviação.

A grande enseada ou baía em forma quási semicircular não se desenha em cortes abruptos da terra montanhosa, a que se chama falésias — a não ser nos extremos norte e sul, em que aquêles ditos montes a protegem. Pelo contrário a maior extensão desta enseada é baixa terminando por uma fímbria de areia que o mar afaga, formando assim uma excelente praia.

A cidade da Horta, capital da ilha, domina essa enseada. E o panorama que esta cidade oferece do mar é deveras encantador. A cidade é pequena; mas eleva-se gradualmente na suavidade da colina, que sobe para o interior da ilha, no casario disperso, em geral de côr branca, interrompido, aqui e além, por montículos verdejantes aproveitados para instalações da Rádio ou do Observatório, onde também construções habitadas, de ligeira mas elegante arquitectura, se alinham no dorso do longo planalto. A Horta dá assim, vista do mar, a impressão dum altar de recolhido encanto.

Entremos na doca artificial, mais caprichosa do que necessária, porque a natureza abrigou providencialmente com as ilhas próximas aquêlo belo pôrto açoreano. Desembarcamos do cais para um grande largo, que oferece muitas vantagens, a quem embarca ou desembarca, pela facilidade de movimentos e transportes, e que também se presta a recepções ou despedidas solenes e afectuosas tão peculiares à requintada amabilidade hospitaleira dos faialenses.

A cidade da Horta é graciosa e risonha. Não tem o que costuma chamar-se aspecto cidadão; mas tem alguns edifícios apalaçados próprios de cidade, como seja o palácio do Governo Civil, creio que antigo convento, que pelas suas dimensões pode ainda instalar as principais repartições oficiais do Distrito. Edifícios particulares tem também alguns de arquitectura sóbria mas elegante e nalguns véelhos solares encontramos uma característica architectónica muito particular.

O comércio não tem grande movimento, e industrialmente pouco desenvolvida é também. E' sobretudo uma cidade alegre. Tem o melhor clube recreativo dos Açores — o *Amor da Pátria* — e seguramente um dos melhores de Portugal. Clubes desportivos tem três, todos bem instalados, cultivando desportos de verão e de inverno com aquela notável galhardia que torna os faialenses os melhores desportistas açoreanos. Tem mesmo o único jornal desportivo do Arquipélago — a *Horta Desportiva* — cujo serviço de informação da sua especialidade é perfeito e minucioso, além de sensatos artigos doutrinários de moralidade e técnica desportivas.

Mas o que dá à cidade da Horta uma característica singular é a numerosa população estrangeira, que ali reside, em serviço dos «Cabos Submarinos», tendo construído os seus bairros com casas elegantes e formosos jardins, em recintos fechados, na parte mais alta da cidade, o que lhe dá um aspecto um tanto desnacionalizado. Aspecto tão sòmente, porque a população nacional é deveras patriota, orgulhando-se de ter dado à governação pública homens ilustres como o Duque d'Avila e Manuel d'Arriaga.

Se, vista do mar, a cidade da Horta é encantadora, não deixaram os faialenses de descobrir a beleza da sua capital dalguns «miradoiros», que inteligentemente prepararam para o turismo, a que justissimamente aspiram. Sòbre o monte próximo da Espalamaca abriram ainda recentemente uma estrada de turismo formosamente decorada com lindas roseiras — a que chamam estrada do Facho — e que conduz a dois miradoiros de panoramas surpreendentes sòbre o magnífico pôrto da Horta.

A pequenez e a graciosidade da Horta casam-se admiravelmente com a pequenez e a graciosidade de tôda a ilha do Faial. E' uma ilha minúscula. A estrada, marginada de pujantes e lindas hortenses, que dá a volta à ilha, tem, se me não engano, apenas 50 quilómetros em tôda a sua extensão. Mas são muito interessantes as freguesias que atravessa, sobressaindo em tôdas a sua Igrejinha, modesta e arejada, sempre terminada numa tórre em forma de pirâmide cónica ou poligonal. Lembra-rei especialmente a freguesia dos *Cedros* como muito importante pelo seu movimento industrial de laticínios e os *Flamengos*, pela sua beleza e frescura. Este é um vergel delicioso, dum verde tenro e mimoso, com águas cantantes em fontenários graciosos.

De privilegiada situação geográfica para os interêsses internacionais da navegação marítima e aérea, pelos seus serviços do cabo submarino, pela eficiência do seu Pòsto Meteorológico e Observatório, pelo auxílio dos seus dois potentes faróis, a ilha do Faial tem uma grande importância no património nacional por muitos invejada. E os faialenses pelo seu entranhado amor à terra tudo fazem para mais valorizar essa importância.

Não é também indiferente a formosura da ilha. Um panorama vasto, abrangendo numa mirada circular tôda a pequenina ilha, avista-se das cumieiras da «Caldeira». Aquêlê que tiver a felicidade de ali ir, depois de ter percorrido uma estrada profusamente florida com hortenses dum azul purissimo, poderá alongar a vista pelos vales risonhos e verdejantes da Ribeirinha, Salão, Cedros e Flamengos, onde as cearas pulu-

lam, ou pelos montes suaves do Capelo, donde escorrem as sombras do arvoredado frondoso, gozando ao mesmo tempo a paz beatífica daquela eminência solitária, que a seus pés se desdobra lentamente até à cratera profunda e aquosa. Para mais longe, e em redor, divisará o mar envolvente, erguendo aos céus, como açafates de verdura, as ilhas próximas do Pico e de S. Jorge, mais longe a Graciosa, no fundo, esbatida na bruma, a famosa ilha Terceira.

E' êste o panorama mais vasto da ilha do Faial, chocante de grandiosidade. Mas tem muitos outros panoramas mais limitados, mas não menos belos, encantadores pelo recolhimento quási religioso, a que leva as nossas almas, embevecidas na contemplação dos recantos encantados de uma ilha, pequenina e gracil, a que D. Pedro IV chamou com carinho o «botão de rosa» do Arquipélago.

**Pico**, antiga ilha de S. Deniz, é a mais próxima do Faial. Quando navegamos no mar do grupo central dos Açores, é a ilha do Pico que avulta aos nossos olhos quer pela grandiosidade da sua extensão, quer pela majestade da sua altura. Em extensão é a segunda do Arquipélago. Em altura, o Pico, que dá o nome à ilha, atinge mais de 2.000 metros, sendo assim o cume mais elevado de Portugal inteiro.

Tem, pois, um aspecto imponente e austero. Vista do mar a ilha do Pico apresenta alguns pedaços de terreno cultivado e verdejante; mas na sua maior parte dá-nos a impressão duma ilha pedregosa, rude, onde a vinha rebenta por entre as pedras.

Se o Faial dá o pão; o Pico dá o vinho. E acode-me à lembrança o simbolismo litúrgico com que o Dr. Joaquim Manso o descreveu por estas palavras textuais:

«Produz a abundância capiosa do vinho, ao passo que as outras produzem o trigo. Este para a hóstia, aquêle para o cálice, ambos para a missa da mesma fé antiga dos mareantes do século xv.»

*(Continua).*

# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1839

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Julho

**Dia 2** — Foi eleito provedor da Santa Casa da Misericórdia António de Nápoles Vaz Vieira Alvim, e escrivão José Joaquim Vieira. Nesta eleição formaram-se dois grupos, um a favor da mesa que foi eleita e outro a favor de Francisco José Gonçalves de Oliveira, escrivão da mesa passada, que queria ser provedor.

A eleição durou até perto das 11 horas da noite. Houve duas mesas empatadas e foi preciso o voto do provedor imediato para desempatar.

O partido do ex-escrivão Francisco José Gonçalves era para que se fizessem obras no actual hospital e se não mudasse, sendo êle desta opinião, e o partido da mesa eleita era para que se mudasse. (P. L.).

**Dia 8** — Por ser o dia aniversário do desembarque de S. M. Imperial D. Pedro, Duque de Bragança, e do exército libertador nas praias do Mindelo, houve no terreiro da Misericórdia revista do batalhão de infantaria n.º 18 em grande uniforme.

A' noite deram-se pequenos repiques de sino em algumas tórres da vila. (P. L.).

**Dia 10** — A Câmara representou ao Ministro dos Negócios Estrangeiros, pedindo-lhe que mandasse estabelecer um correio directo entre Guimarães e Braga.

**Dia 12** — A mesa e definitório da Ordem 3.ª de S. Domingos, vendo que o rendimento do capital das repartições da Ordem e legado do Sagrado Lausperene era mais que suficiente, deliberam firmar o capital necessário para as despesas das

ditas repartições e que o excedente desse capital passe para a repartição do hospital, visto que as obras dele estavam quasi ultimadas e que se fazia necessário acudir à miséria de tantos nossos irmãos pobres, fazendo patente o seu curativo ».

**Dia 18** — Nesta noite foi morto com um tiro, nas Caldas das Taipas, o célebre façanhudo frei Domingos Pedreira, filho de um taberneiro morador a Trás-os-Oleiros (tinha sido pedreiro e natural desta vila). Este facínora depois de ter cometido os maiores crimes, foi morto por um ferreiro (morava aos Pontilhões indo para as Caldas) com um tiro de clavina.

Teria 30 anos pouco mais ou menos. Foi frade graciano, conhecido por frei Domingos Florentino. Não chegou a ordenar-se, porque já no tempo em que esteve no convento se fez muito célebre pelas suas maldades, &&.ª (P. L.).

**Dia 26** — Morreu nesta vila Manuel Joaquim Pinheiro, filho do capitão de Pinhô, natural de Arões e cunhado do João Baptista, do Xisto. Foi depositado e sepultado no dia seguinte na igreja da Sr.ª da Madre de Deus. Estando-se ao officio («os Padres que assistiram eram escolhidos, e quasi todos dos que não communicavam com os parochos intrusos, isto é com os parochos nomeados pelo Governo da Rainha ou pelo Vigario Capitular de Braga»), entrou o prior de S. Sebastião, P.ª Francisco Souto, irmão do médico Souto, de casaco e sem insignia alguma de eclesiástico, que mais parecia um antigo Alcaide do que um eclesiástico, e principiou a dizer que dava por suspenso aquêlê acto, por não lhe terem pedido licença, o que fez grande sensação nos padres que

o celebravam e que ficou assim interrompido por algum tempo. Depois o ex-loio João Bento, apesar da suspensão, recomeçou o officio, seguido pelos mais padres. O prior representou ao vigário capitular de Braga. (P. L.).

**Dia 30** — Portaria do tesouro público, remetendo ao delegado do procurador régio na comarca de Guimarães, a representação de alguns moradores das freguesias de Longos e Santa Leocádia de Briteiros, deste concelho, e Fraião, do concelho de Braga, que pedem se sobre-esteja na cobrança dos foros que pagavam ao arce-diagado de Santa Cristina de Longos, e que julgam extintos pelo decreto de 13 de Agosto de 1832 a fim de que o referido delegado requeira em favor dos supplicantes pela parte que lhes disser respeito, o cumprimento da portaria expedida pelo Ministério da Fazenda em 19 de Fevereiro do corrente ano.

**Dia 31** — Partiu para Braga o marechal de campo graduado, Barão do Almagem, para tomar o comando da 4.ª divisão militar que tinha deixado quando se abriram as Côrtes, por ter sido eleito senador. (P. L.).

## Agosto

**Dia 1** — Foi o 1.º dia de calor que se sentiu neste ano, pois apenas tinha havido um ou outro dia mais quente.

A primavera e parte do estio foram de chuvas e bastante frio. (P. L.).

**Dia 4** — Dia da feira de S. Gualter — Veio a esta vila o Conde das Antas, que estava nas Taipas, e trouxe na sua companhia Manuel Coelho da Mota Prego que não tinha vindo a esta vila desde a Restauração da Rainha e da Carta.

**Dia 7** — A Câmara representa à Rainha, pedindo-lhe a graça de designar Guimarães para Quartel Permanente de Infantaria 18.

**Dia 12** — Morreu nesta vila o Luiz organeiro, morador na rua de Mata Diabos. Este acreditado organeiro foi o que deu principio ao órgão grande da igreja da Colegiada («desnecessário pelas actuais

circunstâncias em que se achava o Cabido») o qual era de esperar fôsse um bom órgão, visto o seu autor se ter feito célebre nos órgãos que tinha feito em Santa Cruz de Coimbra, Universidade, &c. Foi também quem fêz o órgão pequeno da mesma Colegiada. Foi depositado e sepultado no dia seguinte na capela dos 3.ºs dominicos. Morreu de 80 e tantos anos de idade. (P. L.) — Este organeiro chamava-se Luiz António de Carvalho Guimarães, natural de Guimarães e também fêz o órgão da capela dos 3.ºs de S. Francisco. Quando morreu deixou o órgão grande da Colegiada muito adiantado, sendo depois acabado de construir pelo seu official José António da Cruz, deixando bastante a desejar, pelo menos num registo geral.

**N. B.** — O Padre António Ferreira Caldas, no 2.º volume do *Guimarães, apontamentos para a sua história*, a páginas 26, diz que o órgão grande foi construído por frei Domingo Varela, o que é erro, visto que o foi por Luiz António de Carvalho Guimarães, como acima fica dito. (J. L. de F.).

**Dia 14** — Neste dia, vespera da Assunção de Nossa Senhora, fizeram-se vésperas de música na igreja da Colegiada, com assistência de todo o Cabido, havendo exposição do Santissimo e estando a imagem de Nossa Senhora da Oliveira num rico andor. Estas vésperas tiveram enorme concorrência de gente, pois que havia 12 anos que a festa da Senhora se não fazia com tanta solenidade, em consequência das obras que andavam na igreja. Estava quasi tôda reformada, faltando apenas retocar a tribuna da capela-mor, pôr as grades do coro, concluir a pintura da capela de Nossa Senhora das Dores, acabar de assentar e pintar os quatro altares laterais, e acabar o órgão grande. A mesa que fêz esta festa, era a antiga, da qual faziam parte o cônego Francisco Lôbo Villas-Boas, como secretário, e Francisco Nogueira, como tesoureiro. Para a nova mesa foram eleitos o cônego José Teixeira de Abreu Cardoso para secretário e o Viegas para tesoureiro.

O estado em que actualmente se achava a Irmandade era pouco satisfatório, mas ainda assim a Irmandade determinou que se fizesse a festa. (P. L.).

**Dia 15** — Solenizou-se na Colegiada a Padroeira de Guimarães, com missa cantada, música e sermão; no fim da missa cantou-se Sexta e Noa. De tarde vésperas de música como no dia antecedente, e no fim de completas houve também sermão, rematando-se esta festa com a procissão da Senhora, conforme o seu antigo costume, só com a diferença que levava algumas figuras e uma guarda de honra do n.º 18, comandada por um capitão e a música do mesmo batalhão. Também foram a esta procissão algumas Irmandades de fora da igreja, que para isso foram convidadas. Quando a procissão recolheu já era noite. Neste dia foi imensa a concorrência do povo da vila e da aldeia, tanto na igreja na ocasião da festa, como fora dela em tôdas aquelas partes por onde passou a procissão. (P. L.).

**Dia 22** — Instalou-se um conselho de investigação ao capitão Peixoto do 18 de infantaria, que os setembristas tinham escolhido e foi seu deputado, dizendo-se por roubos de dinheiro na companhia e troncamento de livros na mesma. O Governo havia-o nomeado comandante da guarda de segurança pública em Braga. Também se dizia que o Almargem e o Talaia o protegiam, mas que nada faziam «porque a cousa estava muito porca». Foi absolvido. Presidiu ao conselho o major Luiz Carlos e foram vogais o capitão Talaia e o tenente Bezerra, ambos do 14. (P. L.).

**Dia 30** — O *Periódico dos Pobres no Porto* d'êste dia, diz: «Galanterias do Sr. Botelho» — O nosso correspondente de Guimarães nos escreve, dizendo que o Juiz de Direito Botelho está ptísico, e que os habitantes pedem à Senhora da Oliveira o alívio quanto antes, porque o tal Juiz, em consequência da moléstia, não lava a cara nem as mãos, sendo indecente e pouco regular; com tudo parece ser cristão pois mandara baptizar na freguesia de

S. Sebastião um filho (êle não é casado), com uma pompa extraordinária, sendo madrinha a cunhada, a qual fôra vestida de grande gala. Diz mais, que tendo S. S.ª presenciado das suas janelas, nas Caldas, a morte do Vener. Fr. Florentino Pedreira, dissera ao principio que a morte fôra em justa defesa, e que êle era a principal testemunha; mas que agora dizia todo o mundo que tal morte fôra por motivos políticos, e isto em razão de assim lho determinar um dos seus escrivães que é o *totum continens* daquêle julgado.

A respeito d'êste *mastro ambulante*, diz o nosso correspondente que é tal o ascendente que tem, que até o Juiz substituto Sampaio treme dele, tanto assim que, achando-se com êle na Póvoa de Lanhoso, êle o repreendeu por estar tirando umas testemunhas em uma loja, e o mandou subir para uma sala, e que com efeito o Juiz obedecera !!!

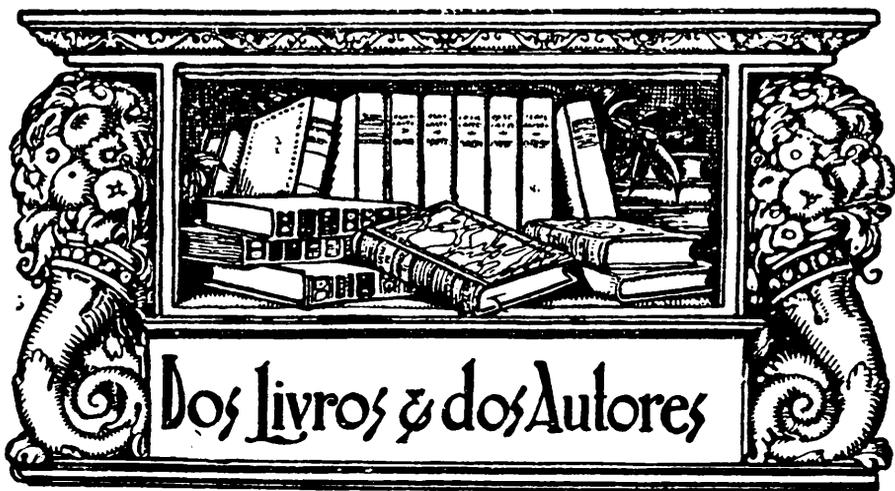
•

« *A Fôrça da Etiqueta* -- O nosso correspondente da mesma vila nos escreve dizendo que há dias fôra o Coronel Mesquita visitar o ilustre deputado de Mata Diabos, José Fortunato, e tendo o criado levado para dentro o recado, viera com a seguinte resposta: Sua Ex.ª não fala senão às duas horas !!! »

•

Nos fins d'êste mês principiaram os 3.ºs franciscanos as obras no Hospital, isto é, o aumento que fizeram às enfermarias para a parte da rua de Couros, correndo a administração das obras pela mesa actual da qual era ministro João António de Oliveira Cardoso. (P. L.).—Nestas obras do hospital velho gastaram-se vinte e tantos mil e tantos cruzados sem autorização, e tudo foi demolido para fazer o actual. (F.).

JOÃO LOPES DE FARIA.



DEZ ANOS NA PASTA DAS FINANÇAS.  
Edições SPN. Lisboa.

Editado pelo Secretariado da Propaganda Nacional, o presente opúsculo é o resumo claro e lúcido da obra financeira de Salazar desde 1928 a 1938. Dividido em onze capítulos, cada um abrindo com uma frase dos *Discursos* de Salazar, apresenta ao leitor toda a obra salazariana confrontando-a com o passado, a melhor maneira de fazer ressaltar o seu valor, sobretudo para as gerações que já vieram «depois do dilúvio». O último capítulo, intitulado «O caminho percorrido», apresenta em síntese todo o trabalho feito. É inútil encarecer o valor deste opúsculo, como inútil se torna acentuar a sua utilidade. Ele fala por si. A edição, como todas as do SPN, é muito elegante e sugestiva.



PORTUGAL. THE NEW STATE IN THEORY AND IN PRACTICE. EL ESTADO NUEVO PORTUGUÉS. PRINCIPIOS Y REALIZACIONES. Eds. SPN. Lisboa, 1938.

Estes dois opúsculos são, respectivamente, a tradução inglesa e castelhana do opúsculo *Estado Novo*, publicado pelo

SPN o ano passado, e têm por fim divulgar nos países de língua inglesa e castelhana os princípios fundamentais do Estado Novo e a obra até hoje realizada. Constituem ambos mais um exemplo de acção inteligente do SPN no sentido de tornar conhecido o Estado Novo Português no estrangeiro onde há ainda tantos elementos empenhados em denegrir a obra feita e em desacreditar os dirigentes do Estado Novo. São, por isso, dois trabalhos meritorios que muito contribuirão para que os outros povos melhor nos conheçam.



O PROBLEMA DOS FANTASMAS, por Hugo Rocha. Edição da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas. Pôrto, 1937.

O sr. H. R. é um jovem jornalista que através de uma dezena de livros e opúsculos se revelou possuidor de recursos, o que não é muito freqüente em jornalistas portugueses, por via de regra pessoas que marcham na pegada de outros, raras vezes revelando personalidade no que escrevem. H. R., pelo contrário, mostra personalidade e fluência no que escreve, mas parece não se ter fixado ainda em certo e determinado

género, antes borboleteando em volta dos assuntos com aquela voluptuosidade da abelha que vai colhendo da flor o pólen abandonando-a para talvez nunca mais voltar ali a pousar. Este processo de dilettante não me parece o mais próprio para um escritor com os recursos de H. R. criar um nome digno das responsabilidades que contrafu para com o público com a publicação do seu *Bayete*; e se H. R. pode argumentar com o exemplo de todos ou quasi todos os escritores vivos, que do mesmo modo cultivam vários géneros, eu não deixarei por isso de manter a opinião antes expendida de que a dispersão é fatal ao escritor.

E pôsto isto, vamos ao livro em questão e que H. R. subintitulou «Ensaio sobre certos aspectos da fenomenologia sobrenatural». Isto foi uma surpresa para mim, que não supunha o A. apaixonado pelos problemas do «além». Lido o livro, êste deixou-me decepcionado, porque se H. R. se mostra em mais do que um ponto ao par dos mais modernos cientistas que têm escrito sobre o assunto, também dá crédito e foros de cidade a muitas lendas e historietas de fantasmas que nada têm de científico. O problema que H. R. estuda é dos mais interessantes, mas entendendo deverá ser tratado exclusivamente sob o ponto de vista científico, não fazendo apêlo à autoridade de autores que trataram o caso meramente como recurso momentâneo ao maravilhoso ou pretenderam fazer crer como evidente e real o que não passava de alucinações de momento. O livro de H. R. revela, assim, um certo desequilíbrio que não me parece torná-lo recomendável aos que porventura desejem abordar o assunto por uma obra de divulgação.

Todavia H. R. é novo e estudioso; poderá vir ainda a refundir o livro e por certo nos dará mais tarde obra séria e digna dos que, não acreditando em fantasmas, lobis-homens, bruxas e feitiçarias, crêem na sobrevivência do espírito ao corpo e nos

fenómenos psíquicos que em mais de uma passagem da Bíblia e do Evangelho nos são revelados.



IBERO-AMERIKANISCHES ARCHIV. Jalirgang XII. Heft 4, Januar 1939.

Este número é o 4.º do 12.º ano do Boletim do Instituto Ibero-americano de Berlim, e, como de costume, encerra variada colaboração respeitante à cultura e à história dos países de língua espanhola e portuguesa. Contém também a habitual secção de crítica literária e a de bibliografia da cultura ibero-americana em que é dada desenvolvida nota de tôdas as obras e artigos jornalísticos e de revista sobre os países da Península e da América ibérica.



BOLETIM CULTURAL DA CAMARA MUNICIPAL DO PÔRTO, vol. II, fasc. I, Março de 1939.

Com êste fascículo inicia êste Boletim, tão auspiciosamente começado há um ano, o seu 2.º volume. Primorosamente apresentado como os fascículos anteriores, encerra valiosíssima colaboração que dele fazem um repositório, dos mais valiosos, de trabalhos culturais que a nenhum homem de estudo é dado desconhecer.

O fascículo a que me venho referindo encerra, entre outros valiosos estudos, os seguintes: *João Pedro Ribeiro e a Historiografia Nacional*, pelo dr. A. de Magalhães Basto; *Cabido da Sé do Pôrto* (continuação), pelo cônego dr. A. Ferreira Pinto; *As Capelas de S. Domingos do Pôrto*, por E. de A. da Cunha Freitas; *O Corporativismo agrícola em Portugal* (continuação), pelo eng.º João Braga; *o Pôrto na Restauração* (continuação), por Fernando Guimarães; etc.

E' ilustrado com belos desenhos e fotografias e publica, como de costume, o rela-

tório do movimento da Biblioteca Pública do Pôrto, referente a Dezembro de 1938 e Janeiro e Fevereiro do ano corrente.



OCIDENTE. *Revista portuguesa*. N.º 13 (vol. v), Maio de 1939; N.º 14 e 15 (vol. vi), Junho e Julho de 1939.

Não falto à verdade se afirmar que de tôdas as revistas portuguesas (e são numerosas, como se sabe), *Occidente* é das que mais rigorosamente pontual se apresenta. E' a primeira das suas qualidades e, vamos lá!, não é a que menos a valoriza. Mas a par dessa já valiosa qualidade, possue ela muitas outras, como seja o escolhido corpo de colaboradores, verdadeiro escol da mentalidade portuguesa, e uma apresentação distintíssima como têm pouquíssimas revistas nesta cansada Europa (e eu, por dever de officio, conheço bastantes...). Por isso é com grande e justificado alvoroço que no principio de cada mês aguardo a visita da excelente revista que é já hoje um apreciável camarada dos lazeres, de cuja amável companhia não posso prescindir. E o mesmo deve sentir todo aquêl que, como eu, vive à parte do mundo, da Babilónia e dos seus ruídos, e só comunica com êle através das páginas amigas desta e de outras revistas congêneres. Tem-se, assim, a vantagem de só se conhecer aquela parte da vida que vale realmente a pena conhecer, deixando ocultas na sombra as misérias dum mundo corrupto. Adiante...

Para conclusão do seu vol. v, publicou *Occidente* um fascículo de mais de 300 páginas que constitui um êxito digno de nota. E se a proeza não pôde repetir-se nos fascículos seguintes, temos de concordar que não foi falta de vontade dos Directores nem de colaboração original dos colaboradores. E' que, no próprio dizer da Direcção, há nas officinas «o inflexível costume de se fazerem as contas às 16 páginas». E por isso perdemos nós, os leitores...

Nos três números a que me venho referindo há variadíssima colaboração, tôda digna de nota. Na impossibilidade de transcrever integralmente os três sumários, limitar-me-ei a apontar os seguintes estudos e ensaios:

*Camilo e Inez de Castro — Porque a mataram?*, do dr. Ricardo Jorge; *Eça de Queiroz — A sua Estética e a sua Ideologia*, do dr. Joaquim Costa; *Samuel Johnson*, de Marcus Cheke; *A moderna poesia brasileira*, de Artur Augusto; *Achegas para a História mística criadora da atmosfera propícia à Restauração de 1640*, do Padre Francisco Manuel Alves; *Tre secol d'Arte in Piemonte*, de Vincenzo Bucci; *A Arte nas suas relações com a Moral*, de Barros Ferreira; *O lugar de Camões na Literatura*, de Joaquim Nabuco; *A crise da intelligencia portuguesa*, de Augusto da Costa; *O Socialismo e o Trabalho*, de Perilo Gomes; *William Bectford of Fonthill*, de Marcus Cheke; *O protocolo da partida de Catarina de Bragança para Inglaterra*, de Eduardo Brasão.

Continúa a publicar a nova edição da notável *Vida e Obras de Gil Vicente*, de A. Braamcamp Freire, o *Relatório da Junta Provincial da Beira* para o «Concurso da Aldeia mais portuguesa de Portugal» e conclue o interessante estudo folclórico-musical *Músico caminheiro*, do prof. Armando Leça.

Além de tudo isto publicam os três citados fascículos variada colaboração de carácter puramente literário, como poesia, romance, novela, teatro, etc., constituindo o conjunto um repositório da mais variada leitura.

No limiar do seu 2.º ano de jornada triunfal daqui saúdo *Occidente* e felicito os illustre Directores com um bom abraço amigo a Alvaro Pinto, a alma dêste belo empreendimento.

ANTÓNIO ÁLVARO DÓRIA.

ETNOGRAFIA DA BEIRA (vol. V), pelo Dr. Jaime Lopes Dias. Depositários: Tôrres & C.<sup>ta</sup>. Lisboa, 1939.

A etnografia da beira é uma das mais ricas e mais variadas do nosso país. O povo beirão, vivendo a vida alegre dos campos, curtido pelas neves que espalham os seus lençóis de alvura pelos penhascos da Estrêla, possui um riquíssimo folclore que o Dr. Jaime Lopes Dias tem pacientemente recolhido e trazido ao nosso conhecimento nos encantadores e bem ordenados volumes que tem publicado.

Neste volume, o V da série em tão boa hora iniciada, descreve-nos lendas e romances, costumes e tradições, crenças e superstições do povo beirão, desde o *pão que se semeta ao pão que se come*, com os processos de cultura, da apanha, da moenda e da cozedura, até aos *ensalmos* cheios de suavidade, misto de fé cristã e de práticas pagãs em que se cria, vive e morre a gente que labuta nos campos.

A *colheita da azeitona* é um capítulo curioso do viver beirão, porque é dos mais característicos daquela nossa província. As *maranhãs*, costume bem tradicional que, infelizmente, vai caindo em desuso, tem semelhanças com os trabalhos de cultura do linho na nossa província do Minho, embora sem a alegria comunicativa das nossas características espadeladas.

Um capítulo cheio de interesse e de colorido descritivo é o que nos relata os actos solenes dos baptizados, dos casamentos e dos enterramentos, de usos e costumes tão diferentes e tão originais em cada um dos concelhos e até nalgumas das freguesias da encantadora Beira Baixa.



AS FÉRIAS, pela Condessa de Ségur. Editora Educação Nacional. Pôrto, s/d.

A Editora Educação Nacional tem editado já algumas das obras de Ségur, escri-

tora notável cujos livros podem andar nas mãos de toda a gente.

Este é um dos livros de que todos gostam, e onde, a par do descritivo, há lições magníficas que só fazem bem a quem se deliciar com estas encantadoras *Férias*.

Tradução correcta de Alvaro Soares.



PARÊNTESES, por A. Garibaldi. Tip. Luzitana. Portalegre, 1938.

Dez quadras formam este *Parêntesis* na vida literária de A. Garibaldi. Nestas dez quadras, um pouco feitas à semelhança das velhas sentenças do nosso povo, há observações flagrantes, algumas felizes, bem acertadas e oportunas.

Vejamos o fecho do *Parêntesis*:

O clúme tempera o amor...  
E há quem diga: mau agoiro!  
— Também se não fôsse o fogo,  
Não tinha valor o oiro...

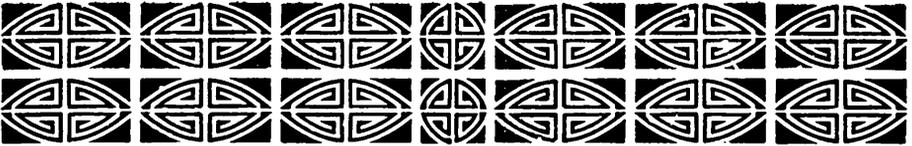


LABIRINTO, por Mesquita Júnior. Pôrto, 1933.

Coincidência curiosa: *Labirinto* é consagrado a A. Garibaldi, o Autor do *Parêntesis* a que acabo de me referir. A chave deste *Labirinto* está no prefácio que Artur Tojal escreveu. E, de facto, lendo o trabalho de Mesquita Júnior verifica-se que, no A., há um «Labirinto de ideias, onde a razão se perde por caminhos invios sem jamais encontrar uma certeza na terra ou uma réstea de sol acariciador». E é pena que assim aconteça. Porque Mesquita Júnior revela qualidades que libertas do Labirinto em que se perdem, podem tornar-se réstea de sol acariciador e fecundo.

*Labirinto* não revela uma personalidade. O próprio A. assim o entendeu porque não deixou que o seu trabalho fôsse publicado sem *limar as arestas*. E isto é já um bom pronúncio. Que Mesquita Júnior se liberte do labirinto que o envolve, é o que sinceramente lhe desejamos.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.



# Padre Luiz Costa, S. J.

por CLAUDIO E ANTONIO CORRÊA

D'OLIVEIRA GUIMARÃIS

A nossa pena, geralmente afoita em seus remígios, rufla há momentos, qual ave hesitante, sôbre o papel. Na inquietação febril da hora presente, possessa de drama, animada por sopros de violência, imersa em dôr, nenhum motivo apasiguante desce até ela. Ora aspiramos vivamente a ascender, em libertadora escapada, ao infinito das coisas simples, religiosas e belas...

Bruscamente, uma voz próxima, em tom amigo, procura-nos, quebra o isolamento propício a que nos entregamos. Transmite-nos *in-abrupto* uma notícia inesperada, confrangente, brutal:

— Morreu — sabem? — o Padre Luiz Moreira de Sá e Costa.

De pronto, como de montanha ferida, por qualquer cataclismo geológico, em plena base, um rio de emoção extravasa de nós. As almas navegam-nos nesse curso interior, submersas quási. Colocamos o coração sôbre estas páginas, qual frágil batel em ressaca trágica. As palavras, que a onda do sentimento trás de longe e para longe projecta em amargura, equivalem por isso a pulsações doridas. E a todos será dado compreender o profundo pesar que a morte do Padre Luiz Costa nos causou.

Acaba de extinguir-se um dos mais salientes valores da nossa geração, dolorosamente experimentada já. Contava apenas vinte e nove anos o malogrado môço. Afirmára contudo, ao longo de alguns tentames, ricos de afoiteza e de segurança mental, os dotes excepcionais da sua inteligência superiormente formada. Humanista, teólogo, estéta e literato ilustre, era a promessa primaveril de um belo estio intelectual e moral, soalheiro de ensinamentos e de triunfos farto.

Em Luiz Moreira de Sá e Costa revelou-se claramente uma idiosincrasia lírica e vibrante, por assim dizer filosófica, tôda presa aos horisontes de uma íntima percepção espiritual. O requinte da sua sensibilidade

estética brotou de méritos pessoais, desenvolveu-se em clima próprio. Vislumbrou-se, nêsse rapaz, a virtude ancestral, singularmente transmissível no sangue, de uma estirpe privilegiada para a compreensão e exercício da Arte. Tal intuição confluuiu do pretérito até êle. Expandiu-se notavelmente no instinto musical do avô e dos pais. Reflecte-se hoje sôbre suas duas irmãs, presas à mesma asa esvoaçante de harmonias e ritmos.

No ambiente doméstico deparou Luiz Costa o terreno fecundo às superiores sugestões da Beleza e da Graça de que a sua singularíssima natureza se embebeu. É até curioso considerar tal caso como um exemplo típico da evolução que a sensibilidade apurada dos estétas, mórmente dos musicógrafos, pode seguir para se fixar num estado de superior intellectualidade.

Conhecemos essa figura gentilíssima de rapaz em condições inesquecíveis para a nossa lembrança. Foi em Coimbra, onde êle cursou Direito. No cenário admirável da *urbe* académica, sortilegamente envolta num halo de contagiosa mocidade, tal encontro revestiu-se de singular encanto. Jamais se desatou — e decorreram já doze anos! — o liame de simpatia que nos prendeu a êsse lúcido e claro espírito, a essa encantadora personalidade de amigo e de estéta.

Cerramos os olhos, para ver melhor. No *écran* movimentado da memória desenvolve-se, em extensa *bóbine*, o filme curioso das horas passadas então em companhia de Luiz Moreira de Sá e Costa. Inteiramente as preenchemos com o debate sereno de alguns problemas de espírito e de arte, em cujos claros caminhos as nossas inteligências jubilosamente se encontraram.

Alguém chamou romanticamente a Coimbra *a colina sagrada* onde se não extingue, como em pira eterna, o fogacho iluminante da espiritualidade. De facto, os seus estudantes erguem sempre, com predestinação secular, êsse lumaréu votivo. Nenhum movimento cultural, nenhuma inovação estética, nenhum lampejo de esperança ou de consciência colectiva, conhece outra origem. A juventude — demais a que lê, estuda e pensa — ensimesma-se ali num horizonte de idealismo criador, nêsse sonho construtivo que é o pórtico generoso da acção. Mantém-se alheia aos zodíacos morais de que o mundo se ressentente. A sua sensibilidade extravasa em florescências raras de primavera artística. A vida prática adúltera depois as almas que em Coimbra se entregam à expressão lírica e ideal da vida.

Nessa hora feliz, enquanto percorríamos a cidade encantada, os aca-

démicos coimbrãos erguiam o mais espontâneo e juvenil testemunho de culto estético à glória nacional e literária de António Corrêa d'Oliveira. Concediam-lhe o simpático título de quintanista de Letras. Cobriam-no com uma capa estudantil, simbòlicamente esfarrapada, para que mais perfeita fôsse a sua integração pessoal nessa ala sôfrega de beleza e de estudo. Tornavam-no seu companheiro de aspirações sentimentais e morais, seu quási irmão. Afirmavam a mocidade admirável do Poeta, indiferentes aos seus cabelos brancos, confiantes na seiva generosa de um pensamento universal, de um patriotismo extreme, de uma inspiração genialmente exuberante e lírica como a dele.

Seguimos até Coimbra em companhia de António Corrêa d'Oliveira. Assistimos com comoção intensa a essa festa singular, eivada de sentido lusitaníssimo e de intenção marcadamente espiritualista. Visionamos de perto êsse espectáculo excepcional, uma das manifestações superiormente belas e estranhamente distintas da nossa época.

Na estação férrea, surpreendeu-nos e assombrou-nos, logo de início, o panorama intraduzível da chegada. Milhares de cabeças em movimento arítmico, diremos até em pulsação alvoraçada de inteligência, ondulavam ante nós. Na atmosfera silente da noite fosforejavam imensos lumes, em reverbero e em miríade, com a insistência irrequieta das cintilações piri-lâmpicas entre a folhagem. Balões venezianos, suspensos de longas canas, erguiam-se sôbre um heterogéneo redemoinho de corpos, na sua variegada policromia, na sua extensa profusão de recortes. Contava-se, por êles, o número exacto de *caloiros* generosamente libertos, por decretal dos *ursos*, da rigorosa praxe que interdicta, pelo ano fora, ao seu anseio, as tentadoras boémias nocturnas. Um mar estranho, feito de capas negras, encapelava-se, comprimia-se, refluía lá fora. Ali ou além, iluminado pelo reflexo fosforecente dos balões, desintegrava-se da indecisão lunar dêsse Maio precoce, fundia-se adiante em esbatimentos sombrios de *soiça*. O ar absorvia-se bizarramente de rítmos. Uma rapsódia viril, dissonante, quási esdrúxula, composta de instrumentos dispaes, dominava o espaço. Essa improvisada orquestra sinfonizava tudo. No embaralhamento confuso dos sons, subiam alto, alavam-se em grito as vozes juvenis dos estudantes. Ao vitoriarem entusiásticamente o nome prestigioso de António Corrêa d'Oliveira, aclamavam também — êles sabiam-no — a glória e a imortalidade do Povo que o Poeta encarna à maravilha, em seus versos.

Horas mais tarde, aquietado o sussurro intraduzível da recepção, extintas as aclamações festivas e longas, encontramos ocasionalmente

Luiz Costa. Com êle e outros rapazes, seus condiscípulos, percorremos devagar a cidade antiga. Ceamos alegremente numa das locandas típicas de Coimbra. Acolhemo-nos, em lírico devaneio, às rumorosas sombras do *Jardim de Santa Cruz*. Botamos até Celas, em tardia jornada. Haurimos, emfim, a plenos pulmões, o repouso daquelas artérias medievais, fechadas para a vida como um repousante sarcófago vasio. O zingazarrear malancólico de qualquer guitarra, excruciante de soluços doridos, a voz estrídula de qualquer estudante enamorado, não perturbavam o magnífico enleio das coisas, totalmente captivas de mistério e de êxtase. Sob a vibração intensa dos admiráveis momentos que viveramos, roçados pela espiritualidade profunda que inteiramente se apossou de nós, a palestra percorreu-nos fácil, vivaz, calorosa, comunicativa, transcendente talvez.

Há caracteres emaranhados, labirintos vivos de psicologia, indecifráveis em suas complexidades de temperamento, em suas obscuras sendas morais. Revelam-se outros inteiramente, todos translúcidos e exactos, à primeira palavra, ao primeiro gesto. A carne é, para a alma dessas pessoas, apenas um envólucro de cristal.

Exemplarmente, Luiz Moreira de Sá e Costa pertenceu ao número restrito das criaturas dotadas de comunicabilidade flagrante e de superior irradiação moral. Revelou-se de pronto à nossa simpatia a formosura do seu espírito e do seu carácter puríssimos.

No dia imediato, por um singular fenómeno de atracção sentimental, estabeleceu-se entre nós mais duradoiro contacto. Apreciamos melhor êsse amigo recente. Vislumbramos o superior requinte da sua inteligência e afectividade excepcionais. Sob o primeiro aspecto, elucidou-nos sobejamente o discurso comovido que dirigiu a António Corrêa d'Oliveira no almôço-homenagem da Academia. Através de uma surpreendente capacidade crítica e de um sentimento estético notável, Luiz Costa revelou nêle a inquietação viva do seu espírito, impregnado de beleza ideal. Sob o segundo aspecto, convenceram-nos gratamente as atenções penhorantes, de certo imerecidas, que ficamos devendo aos primores da sua educação, à sua extrema indulgência.

Ao longo de vários anos, transcorridos em sucessão veloz, imperceptível quási, diversas foram as órbitas em que se moveram as nossas existências dispáres. A natureza, soberanamente contemplativa, de Luiz Moreira de Sá e Costa, levou-o a um invejável desapêgo dos horizontes terrenos, onde tudo é dor, balbúrdia, luta. Uma combatividade irreprimível, fremente, traçou ao nosso temperamento outro caminho. Conduziu-nos

à batalha incruenta em que ainda se empenha tenazmente o nosso anseio. Essa oposição de rumos, apenas formal, não impediu que os iniciais testemunhos de amizade e concordância se prolongassem entre nós três. Provieram êles, em Luiz Costa, de extrema benevolência e bondade de alma. Significaram, por nossa parte, uma simples e merecida admiração.

Ao concluir o seu curso de Direito, o admirável rapaz considerou limitado o horizonte que a advocacia lhe ofertava. Julgou-o incompatível com a sua plenitude moral, o seu desejo de *servir* e de *amar*. Desdenhou mesmo a sinecura agradável de qualquer emprêgo público, extremo para que propendem amiúde os nossos bacharéis, sofrivelmente acomodaticios. Desinteressaram-lhe os arruídos comprometedores da mundaneidade em que as almas se pervertem, desgastam. Sentiu precária, absolutamente vã, a glória terrena. Avaliou a inanidade da nossa trajectória apressada. Ambicioso de uma rota diferente, espiritualmente superior, entregou-se a outro destino. Professou na *Companhia de Jesus*, com o fogo vivo de uma vocação intensa.

Nessa Ordem de *élite*, defensora intemerata da ortodoxia católica, gloriosamente sacrificada ao facciosismo irreverente do mundo pagão, é estuante o espírito de apostolado e de renúncia. Desenvolveu-se ali, como em humus propício, o sentimento profundamente humano do Padre Luiz Costa. Dentro dos seus quadros, em relação directa com a excelência dos valores individuais que os compõem e notabilizam, o acesso desse rapaz, consagrador de méritos singulares, foi evidente e quasi fulminante.

Profêso recente, nóvel na idade, exerceu com excepcional competência o cargo honroso de Secretário da revista *Brotéria*, o admirável órgão mensal dos Jesuitas portugueses. Manteve assim permanente colaboração de esforços e de intuítos intelectuais com o Padre Domingos Maurício dos Santos, uma das mais eruditas cerebrações da nossa terra e do nosso tempo. Indicar êste facto é sugerir, sem adjectivos supérfluos, a dilatada medida do seu talento, o largo panorama da sua cultura mental.

Em Luiz Moreira de Sá e Costa existiu virtuosamente uma predisposição de apóstolo, tôda devotada (palavras suas, em carta íntima) à *missão de salvar almas, que é a coisa mais gigantesca, mais estupenda que pode haver sôbre a terra*. O acêno de Deus à criatura, sempre indigna de excelsa graça, teve para êle um imperativo valor de comando. Obedeceu-lhe plena, jubilosamente, num desprendimento admirável, numa alegria íntima que não chegou a ser sacrifício de bens e honras, e glórias terrenas. A êsse fumo de fogueira, prontamente extinto, mediu a sua intuição religiosa a efemeridade confrangedora.

*As realidades invisíveis são as mais lúcidas certezas*, afirmou quase tomisticamente Luiz Costa, ao sentir a sugestão calorosa da Fé que é asa e vôo, raiz e côma, início e fim de si própria. A sua presença divinatória transfigura e exalta.

Envolve-se em trágicas sombras de arreligiosidade o mundo moderno. A vida humana esgota as totais cadências de um materialismo egoísta e bárbaro. A maldade sortilêga de Salomé ressurge para os nossos olhos na universal modelação das suas formas e das suas danças. Adquire o relêvo de uma simbólica sugestão evangélica. Há quem transporte hoje, em bandeja dourada, a alma do Senhor recrucificado, enquanto a sociedade moderna se entrega a coreografias perversas, lascivas e desvairantes, qual a filha gentil de Herodiade ante a cabeça decepada de Yokamann.

Luiz Moreira de Sá e Costa vislumbrou êsse cristianismo de superfície. Maguou-o a tendência pragmatista dos espíritos modernos, agnósticos ou ateus, a indiferença pelo além, a inconsciência de infinito que limita a ascensão espiritual do homem. Deu-se à tarefa maravilhosa de repôr a criatura, transviada ou perversa, na posição superior que lhe é devida como participante da graça divina através da trindade teocêntrica do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

Na *Companhia de Jesus*, essa ordem de Cavalaria espiritual, de tradição tão honrosa e acentuadamente combativa, todo o lampejo de juventude é uma alumbrada de sol e tôda a parcela de inteligência um gládio fulgurante. Luiz Moreira de Sá e Costa demonstrou nela como se vencem praticamente os últimos resíduos do imperfeito humano que teimam em ficar conosco. No sacrifício pessoal do orgulho e da inveja, diminuição de nós todos; no combate interior movido às solicitações de egoísmo e animalidade que nos restringem; no esquecimento voluntário de si próprio, exercitou-se êle numa admirável escola de heroísmo diuturno.

Como Religioso, na integração perfeita do seu Sacerdócio, Luiz Costa tornou-se um verdadeiro *homem universal* (consoante êle próprio o entendia) *com forças e entranhas de Amor para abraçar em Cristo, não uma pessoa, uma cidade, ou mesmo um povo, mas todo o Mundo, a Terra tôda*. Realizou assim o desdobramento e reencontro sagrados a que alude a palavra eloqüente de S. Paulo.

As transcendentales verdades divinas, os mistérios exaltantes da Graça, sugeriram a êste rapaz a compreensão integral dos problemas humanos. Afastado do mundo, o mundo não deixou de interessar-lhe, especialmente nos reflexos subtis da sua vida religiosa. A miséria terrena, em seus espectáculos desolantes, abriu-lhe a alma para o esplendor luminoso que do

céu brota. Formou-lha nessa brandura afável de convívio e de indulgência que foi o seu maior encanto.

*O Apóstolo, do alto do púlpito «implica» as culminâncias da Vida. Tem que «ser Semeador» às mãos cheias de Verdade, «disciplinar» a Cruzada Bélica, pintar «aprazível» o Reino, «esculpir» Cristo nas almas, «reger» a Sinfonia... Completa. Tem que ser Inteligência, Labareda, Mártir, Santo... Concordou com essa definição lapidar de apostolado, quasi auto-biográfica, a personalidade espiritual e activa do Padre Luiz Costa, inflamada de proselitismo e de ardor missionário.*

A palavra é, depois do exemplo, o mais poderoso agente de persuasão. Perfura como um ariete. Ilumina como um archote. Ressôa em horizontes plenos, quasi ilimitados, de beleza e sinceridade. Por isso os grandes apóstolos são geralmente oradores natos.

Luiz Moreira de Sá e Costa pode considerar-se um dos mais eloquentes maneжadores da palavra de que deu fé a nossa geração. O seu verbo, extravasante de entusiasmo místico e de relêvo intelectual, retemperou algumas inteligências abaladas por profundo scepticismo. Plasticizou, no mármore luminoso da forma, pensamentos de uma lucidez perfeita.

A evocação entusiasmada e o panegírico consciente das extraordinárias virtudes do Beato João de Brito adquire volume em nossa terra. Luiz Costa instou também pela sua canonização justa. Com tal intuito, realizou através do País uma série notável de conferências públicas. Difundiu a glória cristã do Apóstolo de Maduré, seu antecessor e mestre no *Serviço de Jesus*, o maior patrono e agente da espiritualidade nacional entre terras e almas exóticas.

Precisamente, numa dessas jornadas, em plena planície alentejana, (lá onde o sol é braza viva, a alma dos homens se quebranta, a paisagem escalda) contraíu Luiz Costa a tifóide implacável que prematuramente o roubou à saúdosa admiração dos seus amigos, em manifesto prejuízo da colectividade portuguesa e da própria Igreja, que tanto aguardavam do seu talento e do seu coração.

A morte colheu êsse admirável rapaz numa curva imprevista do caminho que a sua vontade apaixonadamente preferiu. Arrebatou-o, no pleno exercício dos deveres espirituais que se impusera, qual um soldado no campo de batalha, a pelear. Não o dominou, apenas, pelo fatalismo biológico a que todos se sujeitam, a que os próprios seres egoistas e inertes não escapam. Buscou-o antes no terreno de uma luta a que sensibilidades triviais se eximiriam, mas êle aceitou com estoicismo completo.

Desapareceu, enfim, como vivera, *a fazer por Cristo o que Cristo fêz por nós: dar a Vida por Amor*, êsse affecto que é sacrificio, culto, piedade, mágua, e se traduz através da intercessão generosa que o Sacerdote exerce em todos os domínios da vida.

Pobre Luiz Moreira de Sá e Costa! Assim diríamos, se fôsse lícito lamentar a sorte daqueles que depressa se fatigam da planície monótona e buscam a Altura, em consórcio místico, resumo de todos os sacramentos no sacramento maior da nossa entrega absoluta a Cristo.

A notícia da sua morte — companheiro de algumas horas! amigo de muitos anos! — colheu-nos de chofre, há momentos. Empeceu-nos a inteligência, habituada já a profundas desilusões. Torturou-nos a sensibilidade, afeita a dores espantosas. Abriu, no cerne vivo da nossa alma entristecida, uma fenda dolorosamente sangrante. Com o coração maguado e o espírito votado a Deus reúnimos estas palavras melancólicas sôbre o seu túmulo.



# Bandeira da minha crença

*T*ENHO dentro de mim uma bandeira  
Altiva, farfalhante de esplendor,  
Que me fala das Leis do Redentor  
E do sofrer duma Nação inteira.

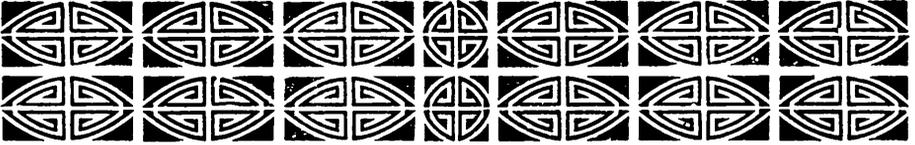
*Essa bandeira abriu em mim trincheira  
Para abater o mal, o ódio, a dor...  
Uma trincheira a dimanar amor,  
Amor altivo, forte, sem fronteira!*

*Bandeira que dimana tanta luz  
E que combate o torpe preconceito,  
Que, no Calvário, arrastou Jesus,*

*Mostrando ao Homem, verbo mais perfeito.  
Ao centro é quente, tem de Cristo a Cruz...  
— Se quereis ver-lhe a côr, rasgai meu peito!*

*Pôrto.*

ARTUR TOJAL.



# Dezassete anos depois

por ROLÃO PRETO

A resolução de reunir nesta Revista os artigos de polémica sôbre o Fascismo Italiano, que publiquei, antes da «Marcha sôbre Roma», no antigo jornal *A Época*, predecessor d'*A Voz*, nasceu das instâncias repetidas dalguns camaradas e amigos que muito aprecio.

Inútil se torna dizer que, por havermos previsto o sucesso de Mussolini e do seu Movimento, nem sombra de vaidade nos perturba.

O lance histórico em que a Itália viu enredados os seus destinos depois da grande guerra só tinha, evidentemente, duas soluções — Bolchevismo ou Nacionalismo.

O sacerdote e jornalista que, sob o pseudónimo literário de «Santa Cruz», tentou convencer-nos de que a solução estava no meio termo, tinha por signo orientador a bandeira do Partido Católico Italiano de Dom Sturzo — Partido Popular, assim chamado. O tempo veio sobejamente provar que o meu contraditor estava enganado. De-certo o seu engano tinha tôdas as atenuantes, pois era, nessa época já longínqua, o êrro intelectual da maior parte dos «bem pensantes».

Do Centro Católico aos sectores da Democracia: das *Novidades* ao *Mundo*; dos dirigentes democrato-cristãos aos senhores Velhinho Correia, Vasco Borges e Urbano Rodrigues simbólicos, a opinião que condenava os métodos, fórmulas e gestos do nacionalismo ardente, saído das trincheiras, era por essa altura quási unânime.

Quanto tempo havia ainda de correr, na verdade, para que tantos e tantos dêsses adversários intransigentes do Fascismo pudessem contemplar, sem sobressalto, entre tão numerosas coisas extraordinárias, o desfilar em plena rua de milícias políticas envergando camisas de combate! É que ao Fascismo ainda então faltava, para o espírito *snoob* e utilitarista de muitos, esta simples justificação definitiva: o Triunfo.

Ainda faltavam a Mussolini a « Marcha sôbre Roma », a dominação completa da Itália, a dissolução de todos os partidos, incluso o Católico, a reconciliação com o Vaticano, a conquista da Etiópia, as vitórias das suas milícias em Espanha, o eixo Roma-Berlim...

Sim, quanto não tardaria a hora, nesse remoto ano de 22 em que Mussolini, alongando a vista para além do « Mare Nostrum », poderia divisar, sôbre a ocidental praia lusitana, democratas cristãos e ateus perseguidores, ateus e cristãos bem irmanados, erguendo o braço direito (oh! com que timidez ainda...) erguendo enfim o braço direito, *romaneamente*.

\*

Ora já nesse momento, e contra semelhante opinião por tantos considerada como a melhor, a mais avisada e prudente, o autor destas linhas antevia e proclamava os triunfos do Fascismo e do seu Duce... Porque já então, e quando ser-se e confessar-se nacionalista significava ocupar uma posição bem incômoda e arriscada, tinha êle a honra de fazer parte da Junta Central do Integralismo Lusitano, sem dúvida a quinta essência do Nacionalismo Português. Hoje em dia não faltará quem o acoime de *bolchevique*, é certo, mas êsse juízo tem explicação bem clara e insofismável: — trata-se apenas da opinião de quantos não conheceram as trincheiras avançadas do Nacionalismo durante as horas ásperas de sacrifício e de luta.

Outrora, nessas horas amargas do « Bom Combate », éramos poucos, talvez, mas conhecíamos-nos melhor uns aos outros. A fronteira das ideias e das acções surgiu sempre como uma linha límpida, precisa, definida.

Nos artigos de branda polémica que se leram, claro está que nunca se confundiram as possibilidades do método com as qualidades ou defeitos dos homens que seriam chamados a adoptá-los.

Pelo contrário, a destrinça é bem patente.

Do método, criador de energias, orientador de convergências, fonte de espiritualidades emotivas e fortes, anunciamos convictamente as úteis consequências, os indiscutíveis proveitos. Quanto à justiça e acerto com que viria a ser aplicado e quanto ao caminho por onde seguiriam os homens que dele haveriam de servir-se ninguém poderia afirmar-se caucionante. Daí as naturais reservas do autor nesse capítulo. Que o método era bom, atestam-no os resultados obtidos: Mussolini conse-

guiu realizar com êle êste prodígio — dar uma alma nova à Itália; Hitler reforjou para o III Reich a espada de Siegfried; ambos dilataram seus impérios e quási extinguíram nêles o desemprego, a miséria e a crise.

\*

Problema de primeira grandeza, problema-base, que tem de resolver todo o homem público que se abalança a reerguer uma Nação — criar-lhe uma alma, refazer-lhe a unidade espiritual. Finanças, economia, defesa nacional, ensino, tudo deverá ser realizado em função do ressurgimento do Espírito, sob pena, se o não fôr, de resultar estéril e precário.

Que dizer então da inquietação de grandeza, do alvoroço interior dum povo que procura reencontrar o caminho da sua vocação histórica? Foi aqui que Mussolini viu claro e viu seguro.

Tôdas as possibilidades do método Fascista foram postas, desde o início, ao serviço da exaltação da alma colectiva italiana, sacudindo-a do seu marasmo, acordando-a do seu torpor secular, dando asas e vida ao sonho obscuro de que a Raça Latina — a nossa Raça — foi sempre portadora sagrada.

Ilusão? Químera?

A origem de tôdas as grandes transformações históricas é sempre um acto de fé, um largo sopro de poesia. A imaginação é mãi fecunda e inesgotável de dinamismos... Assim não são as realidades, não é o condicionalismo das realidades que arrasta e conduz os homens quando êles querem dar um passo em frente — é o seu anseio! E por isso o Duce dá por base ao império êste clamor, que enche de vibrações heróicas a História: Roma!

Dinamizar, exaltar, erguer em torno duma idea suprema, de projecção magnífica, o feixe de vontades que se agitam no seio dum Povo e constituem a sua *élite* activa, a sua intrínseca razão de ser; seduzir empolgar, conduzir, emfim, tôda a Nação, criando uma alta finalidade às suas esperanças, uma compensação gloriosa aos seus sacrifícios, uma satisfação resgatadora à sua marcha — eis o método fascista, o verdadeiro método fascista, como o concebeu e o praticou Mussolini.

Os aspectos duros da indispensável disciplina, os métodos amargos da renúncia individual, as inquietações angustiosas do caminho imprevisto — tudo poderá dest'arte, ser vencido com entusiasmo, dominado

com alegria pelo contínuo milagre surto dessa fôrça prodigiosa e sem limites — a Mística.

Sob o impulso magnético da Mística não há obra a que se abalancem os homens que se não realize, ainda que tenham de verter, gota a gota, o seu sangue, ou hajam de esmagar dentro do peito o seu inquieto coração.

\*

Mussolini afirmou: «Os Homens só se levam pelo entusiasmo ou pelo interesse». No exemplo italiano, a corda sensível — é bem evidente — foi apenas o coração. Quando as angústias da Nação são mais gritantes, quando os sacrifícios parecem tornar-se mais duros, eis o Duce que surge na praça pública, face à turba, iluminado e forte, a proclamar a sua fé nos destinos eternos de Roma, a anunciar a glória que um dia cobrirá de bênçãos os que souberem sacrificar-se para a bem merecer... E o Povo escuta fremente, alvoroçado, na comunhão do grande sonho que a fé indomável do Chefe quási torna visível, palpável, real e vivo na sua imponência sem limites. O Povo escuta, bebendo uma a uma essas palavras que *interpretam* a sua própria esperança, e vai dali convencido do alto valor do holocausto e da coragem com que deve enfrentá-lo, para ser digno de si mesmo, digno de ser soldado e artífice do Império Novo — da Roma Antiga refundada. No sonho colectivo italiano o Duce é a realidade segura, a flama erecta, que a todos abrasa e arrebatava para a glória ou para a morte, que é a glória máxima.

Mussolini compreendeu que, para fazer-se uma Revolução é indispensável amarem-se as ideas que a impulsionam... Amar, isto é, fazer dom total de si próprio ao ideal que lhe enche o espírito. Mussolini não podia, para vir a ser Mussolini, ter apenas uma simples alma de burocrata... Por isso teve a alma dum apóstolo.

\*

Assim o método fascista, sob o ponto de vista da realização imperial italiana, deu pleno resultado. Com as diferenças de interpretação que lhe trouxe o temperamento alemão, pode afirmar-se que o referido método, tal como Hitler o adoptou e pratica, fere, por sua vez, as mesmas teclas, inspira-se nos mesmos motivos: acção.

Hitler, à semelhança de Mussolini, começou por dar uma nova alma ao seu povo e, como o Duce italiano, é na exaltação e no orgulho dessa

alma colectiva que êle fundamenta tôdas as possibilidades de realizar a dura marcha do seu destino, para bem ou para mal.

Em nome dum grande sonho podem fazer-se grandes sacrifícios e alcançarem-se grandes vitórias...

Pode, no entanto, o método fascista, ter também, por vezes, applicações diferentes.

O caso Schuschnigg é um exemplo típico:

— O Fascismo, à maneira do antigo chanceler austríaco, é como que o aplicar, tão somente, do sistema a sua parte negativa — a parte coerciva, esmagadora, paralizante. É um Estado que pretende ser forte e vive em permanente desconfiança, evidente signo de fraqueza; um Estado rico que reduz o país a uma condição miserável; um Estado que não polariza, mas dispersa, que não exalta, mas esmaga.

Nacionalismo fechado, cidadela restrita, onde só entra quem « serve » e não quem « colabora », crivo estreito que nega passagem ao entusiasmo, à espontaneidade, à febre criadora, para só acolher e admitir os « prudentes, os calculistas, os que sempre abdicam da sua personalidade em proveito do seu interesse material ». Tal foi o Nacionalismo à maneira de Schuschnigg. O insuspeito jornalista francês Bertrand de Jouvenel testemunha presencial e clarividente dos últimos dias da Áustria, mostramos bem, nas suas crónicas para o *Oringoire*, as trágicas conseqüências desse método fascista deturpado, dessa caricatura de fascismo, deplorável e odiosa.

Um momento houve em que, para interessar a opinião pública das potências estrangeiras teria sido indispensável « qu'une grosse émotion populaire se manifesta... » Mas como apelar para a alma das multidões austríacas se a pobre Áustria há muito que já não tinha alma!

« La chose, à la vérité était difficile. Car Dolfuss, puis Schuschnigg ont durant cinq ans détruit systématiquement tout ce que pouvait être un foyer d'opposition. » Existira outrora uma fôrça nacionalista ardente e heróica, os « Heimwehren ». Mas: « L'organisation para-militaire des « Heimwehren », dans laquelle s'incarnait le nationalisme autrichien et sur laquelle s'appuyèrent successivement Dolfuss, puis Schuschnigg, ne trouve pas grâce à leus yeux: c'est Dolfuss qui noya cette troupe ardente dans le grand rassemblement amorphe qu'il intitulait « Front Patriotique »... »

« Il ne restait plus en Autriche que le « Front Patriotique », immense organisme sans vie propre. Il semble qu'on ait voulu, à Vienne, appuyer le gouvernement sur un « parti national », comme est en Italie le Parti

Fasciste et en Allemagne le Parti National-Socialiste, mais *sans comprendre que le rôle du « parti unique » est de pomper dans la masse du peuple les individualités énergiques et de faire monter de la base au sommet un flux continuel d'impatiences.*

« En Autriche les chefs régionaux du parti unique *ont été des pré-fets endormeurs, de sorte que le Front Patriotique n'a été qu'un grand éteignoir.* »

Assim, perdida a sua alma, apagado o seu entusiasmo criador, estava o povo austríaco maduro para todos os jugos e Schuschnigg tinha marcado o seu triste destino... nos cárceres dum presídio alemão.

\*

O erro Dolfuss-Schuschnigg consistiu, sobretudo, nesta contradição-base: criar uma organização fascista de que o Chefe se encontrava, por temperamento, educação e espírito exclusivamente católico, ausente e divorciado.

De que serviria, na verdade, o « partido único », as milícias armadas, as organizações de juventudes, as formações corporativas, etc., se a tudo faltava a alma ardente do Chefe, sinceramente crente no sistema, foco inesgotável de entusiasmo e de fé?

A Revolução só se faz com revolucionários. O Fascismo só tem sido realizado por fascistas. Schuschnigg, frio, calculista, sombra melancólica entre as sombras soturnas do Hofburg, desconfiado por temperamento e pela lição dos homens, que êle só vê moverem-se em sua volta levados por vis interesses, céptico perante as ideas de que se serve, mas que sinceramente não serve — o pobre Schuschnigg era bem a perfeita negação, a negação total dum chefe fascista.

O chefe fascista deve ser e tem que ser, no pensamento do Duce, não só o fulcro orientador em tórno do qual gira tôda a actividade nacional, como e principalmente, deve revelar-se e mostrar-se centro motor onde nasça, se multiplique e se expanda tôda a dinâmica do sistema.

O chefe fascista tem sempre uma posição de vanguarda, indicando caminhos novos de acção, ocupando vontades, exaltando brios, criando permanentes motivos de esperança...

Tôda a dificuldade está aí. O seu lugar não poderá nunca ser *atrás, marchando* por que o puxam, *vendo* por que lho mostram, *acreditando* por que os outros o levam a crer.

Um chefe fascista tem que inspirar os seus gestos e as suas palavras neste lema vigoroso: imaginação e audácia.

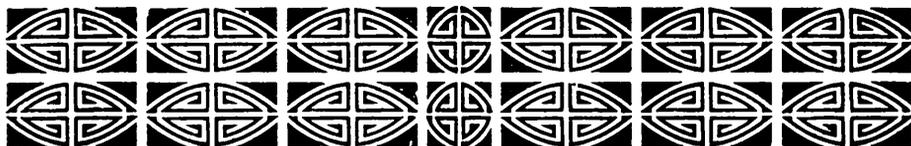
Tudo o mais é perder tempo e atraiçoar, voluntariamente ou involuntariamente, os métodos da realização fascista. A lição austríaca traz-nos estes claros ensinamentos. Dolfuss e Schuschnigg não conseguiram fundar um sistema fascista na Áustria, criaram apenas um sucedâneo, um «ersatz», como se diz na sua língua. Sucadâneo nas milícias, sucedâneo nas corporações, sucedâneo nas organizações da juventude, sucedâneo nas ideias e nas realizações. Impossibilitados de criar motivos de acção para o presente e para o futuro, tentaram então levantar os espíritos dando-lhes, por impulso, os exemplos petrificados da glória passada. Fantasmas rodeando um túmulo, sob a indiferença glacial dum povo miserável, tal era a Áustria de Schuschnigg... As gerações novas é bem verdade que acreditam na História, mas só com a condição delas próprias continuarem escrevendo-lhe páginas triunfais.

\*

Aquêles que tentarem criar e fundar uma situação de tipo fascista quando êles mesmos o não sejam, colocam-se inevitavelmente perante êste dilema sem discussão: — ou o sistema não ganha alma e tudo acaba por cair, arrastando na derrocada o país a que se tiraram tôdas as possibilidades de reacção vital; ou então — paradoxo milagroso — o sistema consegue manter-se, por sua íntima virtude, gerando clima e exaltação mística a despeito dos seus pálidos dirigentes, e, nesse caso, a onda de fundo que cedo ou tarde se há-de erguer, galgando as costas, passará por cima dêstes num grande e forte arranco, numa enxurrada inexorável e fatal.

*(Conclue no próximo número).*





# OS AÇORES

## As ilhas do Faial e do Pico

por AGNELO CASIMIRO

(*Continuação da pág. 121 — Conclusão.*)

Muito próxima da ilha do Faial, tão pequenina e graciosa, ergue-se a ilha do Pico com a majestade de um *pai* austero protegendo constantemente a filha, numa vigilância secular. Não exprimiria a minha impressão, se o classificasse como uma «*sentinela morta*»; é antes um *pai*, ao mesmo tempo carinhoso e severo, levando à filha o seu derradeiro beijo de cada dia nos reflexos violáceos do sol poente. Os poentes do sol dão, com efeito, ao Faial um encanto, em que a nossa alma se recolhe maravilhada. A luz toma então uma doçura infinita, luz como aquela, também violácea, que me foi dado contemplar um dia num poente de Atenas, escorrendo suavemente do Licabeto e do Pentélico.

As nuvens passam-lhe em rendilhadas formas muito abaixo do «pico alto»; êste era límpido e descoberto, como uma prece nos céus, ora com o seu capacete gelado, onde o sol e o luar põem reverberos metálicos.

Continuando o mesmo simbolismo litúrgico o Dr. Manso diz também:

«A neve eterna a colorir-lhe o cume, tal como um capêlo de teologia descendo em veludo, lantejoulado de prata pelo sol, sôbre a dalmática clorofilada de um sacerdote celebrando um *Te-Deum*.»

Entremos na ilha do Pico. Encontraremos quasi tôdas as povoações à beira-mar e a população essencialmente consagrada à vida marítima. Ingrata a cultura dos campos raros, os homens — mocidades bronzeadas e

possantes — preferem dedicar-se à vida do mar com todos os seus sacrifícios, com todos os seus heroísmos. A caça da baleia é uma das suas ocupações favoritas, o que lhes dá um notável comércio de óleos.

Atravessando as suas freguesias sente-se uma desolação. Adivinha-se o árduo labor daquela boa gente na luta com a própria natureza, o que lhe dá aquêlê espírito de tenacidade e sacrifício que a caracteriza. Pedras, muitas pedras, montes de pedras — alguns gigantescos, a que êles chamam *maroiços* — tornam a ilha áspera, rude e desolada. Há regiões em que para um e outro lado da estrada em longa extensão se não avista senão pedra negra, musgosa à superfície, o que lhe dá uma ligeira ondulação que semelha um mar de sargaços. São os chamados *mistérios*.

Tem povoações de certo desenvolvimento, como por exemplo o *Cais*; *Lages*; a *Calheta*; a *Madalena*; mas à parte uns pequeninos recantos floridos, como S. Miguel Arcanjo, a desolação agreste persiste sempre.

Mas, o que na ilha domina, é a imponência do Pico. Quem lograr subir àquele monte, avistará o mais largo e mais surpreendente panorama do Arquipélago.

Nada mais tentador do que uma ascensão ao Pico; e por isso se procura diminuir, tanto quanto possível, as dificuldades dessa linda excursão, que é já hoje muito freqüente pelos naturais. Ainda há bem pouco uma velhinha de 80 anos num acto de piedosa devoção ali subiu.

Mas não era assim há 30 anos. Já fiz essa excursão de que conservo inolvidáveis impressões. Foi em Julho de 1907; eu tinha então 27 anos de idade. Habitado desde rapaz a exercícios desportivos, não me assustava, antes me atraía, a difficil ascensão ao monte mais alto de Portugal, embora o bom conselho de pessoas sensatas e prudentes pretendessem dissuadir-me. Era então incómoda e perigosa aquela ascensão e contavam-se as pessoas que a ela se tinham arriscado, entre as quais alguns sábios de fama mundial levados pelo interêsse científico. Apontavam-se os nomes de Herriot, Dabney, Buller e Morelet. Confesso que não era o interêsse científico que me inspirava: — era o interêsse desportivo, estético, panorâmico.

Encontrei alguns amigos que tinham o mesmo interêsse: o Augusto Osório, brioso rapaz, então Governador Civil da Horta, rico e viajado, tendo casas suas em Pau e Interlaken, onde passava temporadas, habituado às excursões dos Pirineus e dos Alpes suíços, possuidor de vários utensílios de alpinismo — êsse foi o mentor da excursão; o então estudante de medicina Forjaz de Lacerda, hoje distinto médico, e o então empregado aduaneiro Arbués Moreira, cujo destino ignoro — todos con-

tinenciais como eu, alistaram-se na temerária excursão. Também um faialense nos acompanhou: era um forte rapaz chamado Miguel António da Silveira. Ao todo eramos 5.

Orientados pelo «alpinista» Augusto Osório, improvisamos barracas de campanha e bengalas apropriadas àquele exercício desportivo. Contratamos guias e portadores de víveres... e de archotes para a caminhada nocturna. O estudante de medicina Forjaz de Lacerda carregou um homem de instrumentos de observação científica para satisfação das curiosidades do seu espírito gentilíssimo e investigador.

No dia aprazado partimos do Faial para o Pico. Pernoitamos num Hotel da Madalena e na madrugada seguinte, acompanhados dos guias e portadores, partimos a cavalo em demanda do Pico Alto.

Cavalgamos horas — muitas horas — com os necessários descansos para as refeições. Além das chamadas *Criações*, nem os cavalos podiam passar. Entregamos as alimárias aos seus arrieiros e continuamos nós, a pé, a temerária caminhada.

Caminhavamos pela vertente ocidental do Pico. A meia tarde acampamos para almoçar. Tínhamos o nosso acampamento voltado para a ilha do Faial; e o panorama que já dali podíamos observar era qualquer coisa de majestoso. Já a ilha do Faial se desenhava inteira no meio das águas; para a esquerda o mar alongava-se imensamente até se perder na orla pardacenta do horizonte longínquo; para a direita acabava logo ali perto o mar, fechado pelas costas da ilha de S. Jorge, ainda iluminada de sol. Diante de nós estendia-se a serra percorrida, alongando-se em semi-círculo, e como que *por ironia* dava-nos a impressão de plana, regular — e nós dolorosamente sabíamos que o não era — como um tapete estendido ao sol, que ia mergulhar as pontas rendilhadas no mar *adormecido*, que logo adiante *despertava* para se *espreguiçar* indolentemente na praia da cidade da Horta. E esta parecia então ainda mais pequenina, muito baixos os seus relêvos, dando a impressão de uma concha azul invertida sôbre o mar.

Continuamos depois a caminhar. As núvens pairavam já abaixo de nós e tornavam-se mais compactas ao cair da tarde. O nosso horizonte estava agora limitado pelas núvens; não viamos a terra; caminhavamos fora do mundo. De vez em quando, envolvia-nos um nevoeiro e era preciso parar para nos não perdermos, para não irmos cair nalgum precipício, nalguma lagoa de águas pouco profundas das muitas que iam encontrando. Lembro-me que através do nevoeiro, quando êste pela sua tenuidade nos permitia ver ainda a certa distância, os bois e os carneiros, que

por ali pastavam, tomavam formas gigantescas, como vistos através de lentes poderosas.

Aquela meia claridade do sol posto, é indiscreto. A natureza rude do monte agreste, banhado por ela, tomava uma doçura tal que parecia animada dum mágico poder de traduzir um pensamento de resignação. Não havia o mais ligeiro sopro de vento. As águas tranqüilas dos pântanos acariciavam os fetos verdes e mimosos; as próprias quebradas da montanha — algumas de centenas de metros de altura — não infundiam pavor; causavam um sentimento de piedade, como em presença dum castigo da terra ingrata nas convulsões dum sismo vingador.

Eu vivi umas horas de sonho. Envolto pelas núvens, à luz melancólica do fim do dia, havia no ambiente um quer que fôsse de feérico, de místico, de sobrenatural.

Acordei dêsse sonho junto duma furna imensa. Os guias conduziram-nos ali para repousarmos um pouco da noite. Era um verdadeiro salão de fadas essa Furna. O tecto abobadado deixava pender *estalactites* de variadas formas. Lateralmente, a rocha nua, irregular, esburacada, donde saía a custo uma vegetação anémica. O solo regular, plano, alcatifado de fôlhas sêcas. A um lado uma abertura quási circular de cêrca de 2 palmos de diâmetro, para a qual os guias nos chamam a atenção, lançando nela uma pedra volumosa. Ouvimos primeiro os sons ásperos da pedra batendo contra as paredes daquela perfuração; depois sons de cada vez mais cavos, amortecidos pela distância que a pedra ia percorrendo; depois... mais nada. Nunca ouvimos o baque final da pedra caindo no fundo. Era uma perfuração interminável.

Nessa gruta nos hospedamos. Embora estivessemos em Julho, o termómetro do Lacerda marcava 4 graus centígrados. Jantamos à luz dos archotes; mas os guias aumentaram a iluminação lançando fogo às urzes sêcas, que revestiam a encosta fronteira. Era um costume antigo daquela gente: incendiar a encosta para tornar um pouco mais acessíveis os caminhos ínvios da serra deserta. Ao ver arder tôda aquela encosta num aspecto bárbaro e pavoroso lembrei-me do perverso desígnio do malfadado Nero mandando incendiar Roma.

Passamos pelo sono; mas pouco depois, noite fechada ainda, começamos a subida íngreme do Pico Grande. O céu estava limpo, etéreo, sem um farrapo de nuvens. As estrelas brilhavam mais e ao longe — muito ao longe — cintilava frouxamente a iluminação dos faróis das costas açoreanas. Subimos, subimos, subimos sempre. Aqui e além eram necessárias artes de acrobata, em saltos perigosos, em suspensões

arriscadas. Nenhum de nós falava. Só os guias cantavam de vez em quando a melopeia das suas canções regionais. Lembro-me duma canção, que tem um sabor popular regional aliado à sentimentalidade própria da raça.

Dizia assim :

«A neve do Pico Alto  
Ainda se não derreteu;  
E a palavra que me deste  
Ainda me não esqueceu!»

Começava já uma luz indecisa do crepúsculo matutino. As estrêlas esmaeciam na limpidez azulina dos céus. E era manhã quando chegamos ao alto do Pico Grande. O frio era intensíssimo. O mercúrio do termómetro estava já abaixo de zero. Procuramos resistir com uns golos de aguardente do Pico. O Pico dava o *mal*; mas o Pico dava... o *remédio*. Abaixo de nós estava agora uma cratera larga, hiante, com pedregulhos ingentes de gêlo: mas era preciso subir mais ainda: ao cume do «Pico Pequeno».

E' que elevando-se lateralmente num extremo dessa grande cratera, uma erupção mais recente provocara uma nova elevação dumas dezenas de metros de altura. E' o chamado «Pico Pequeno». A encosta íngreme do «Pico Pequeno» era de lava solta, movediça, e por isso difícil e arriscada de subir. Um dos guias trepou a pés e mãos como um gato solerte. Chegando ao cume, lançou-nos uma corda com um laço. Passamos o laço pela cintura e, cada um de nós, por sua vez, foi trepando a pés e mãos, confiados na corda que nos agüentava. Eu sentia o *calor* da lava e dos fumos que pelos interstícios das pedras soltas se evolavam no espaço. Sentia o rumor da ebulição, o ronco dos gazes em luta, o crepitar do fogo. Tinha a impressão de que tôda aquela pedra amontoada, caprichosamente em pirâmide, ia ruir, abater, e que eu ia cair sem remédio numa fogueira colossal.

A um e um fomos chegando ao cume do «Pico Pequeno», cujo planalto tinha uma reduzida extensão. Uma fumarola ténue aquecia-nos. Ali nos conservamos algumas horas. Uma neblina muito abaixo de nós cobria-nos a terra. Viamos apenas acima de nós o céu puríssimo. Os guias garantiam-nos que depois da «nascença do sol» tudo ficaria descoberto. E assim foi.

Foi do cume do «Pico Pequeno» que eu vi nascer o sol daquele dia. Nunca poderei esquecer êsse espectáculo maravilhoso. Como fogueira

rubra o sol surgiu no horizonte. Eleva-se um pouco, e as nossas sombras projectam-se alongadas, muito alongadas, sem fim, sôbre as núvens brancas que cobriam o poente. Disse-nos o excursionista estudante de medicina que êste era o chamado « espectro de Brocken ».

Ao passo que o sol ia subindo iam-se esfarrapando as núvens que tomavam agora côres brancas, muito brancas, como pastas colossais de algodão em rama. Umas estendiam-se pela encosta, dando-nos a impressão de lagos cobertos de gêlos; outras pairavam sôbre o mar, dando-nos a impressão de « ice-bergs »; outras, mais esfarrapadas ainda, impelidas por uma brisa suave, davam-nos a impressão de rebanhos de cordeirinhos brancos pastando, incoerentemente, pela serra.

Finalmente as núvens desapareceram totalmente. Viamos agora todo o vasto — vastíssimo — panorama. Ali perto o Faial, mais pequenino ainda, isolado no seio das águas envolventes; para o outro lado Sam Jorge alongando-se, como uma *courela*, pelo mar; mais ao longe a Graciosa, depois a Terceira, mais esbatidas pela distância. O mar imenso, manso como um lago, parecia acalentar estes pedaços de terra de formas irregulares como berços floridos e tranquilos na imensidade das águas.

A ilha do Pico, em derredor de nós, aparecia-nos na sua configuração montanhosa e era interessante ver como cada um dos muitos montes daquela ilha terminava invariavelmente por uma pequena cratera aberta no cume, donde àquela hora matutina se exalavam fumos brancos em que se desfazia a neblina que o sol ia aquecendo. Avultava ainda a nossos olhos uma quebrada na rocha viva, talhada quási a pique numa altura que nos disseram ser de 400 metros e que ao fundo se alongava num extenso areal.

Por tôda a parte a natureza tomava aspectos bárbaros, acusando convulsões tremendas, rasgões enormes, uma faina titânica, ciclópica, de grandes cataclismos. Era com efeito um panorama formoso, mas, como costuma dizer-se, em certos aspectos horrivelmente belo.

Ao fim de algumas horas começamos a descida com as mesmas precauções da arriscada ascensão. A meio da tarde a serra guardava-nos uma surpresa: — uma chuva intensa que caía das nuvens, que pairavam abaixo de nós. E foi preciso esperar algum tempo para não descermos ao seu encontro.

Formosíssimo todo o Arquipélago especializei estas duas ilhas: o Faial, que sintetiza a beleza; o Pico, que sintetiza a majestade. Ambas com as outras 7 do Arquipélago constituem os melhores pergaminhos de nobresa do nosso heroísmo antigo.

Reproduzo as palavras do erudito Bispo sr. D. António Meireles:

«Vivemos no meio do nosso mar, e as suas ondas, revôltas e jubilosas, cantam eternamente à volta das costas açoreanas o *hino magnífico do nosso domínio*.»

Assim é de facto. O *domínio* de Portugal insular é grandioso e belo. Recebemo-lo dos nossos maiores; cumpre-nos conservá-lo e engrandecê-lo pelo nosso esforço para que os portugueses de hoje se tornem dignos dos seus gloriosos antepassados.



# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1839

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Setembro

**Dia 2** — No jornal *Anacleto*, um vimaranense desmentiu a notícia dada pelo *Periódico dos Pobres no Pôrto* de que a Câmara e povo de Guimarães tinham pedido à rainha a conservação do regimento 18 nesta vila, por se acharem todos os habitantes muito satisfeitos com o comportamento do regimento e do seu coronel, afirmando que a representação fôra feita no quartel ou secretaria do regimento, e assinada à fôrça, em razão do coronel ser chamorro.

O *Periódico* retorquiu que a representação foi muito e muito voluntária e assinada por cartistas, setembristas e miguelistas e que se se copiou na secretaria foi porque andando-se a assinar caiu-lhe um borrão, e o sargento que a copiou tinha muito boa letra, não tendo nem o coronel nem a oficialidade parte nisso.

**Dia 3** — Saiu, com destino a Melgaço, um forte destacamento de infantaria n.º 18, para render outro que lá estava do batalhão de infantaria n.º 19. (P. L.).

**Dia 11** — A Câmara de Aveiro fêz o lançamento do imposto aos gêneros que se vendessem na feira de Santo André, na vila de Esgueira, no ano de 1839, e mencionou «Fabricantes d'algodão e seda, em barracas ou casas 1\$600 — Dita de Guimarães, em barracas ou casas 2\$400», não

se referindo a indústrias de outras terras, mas sòmente às de Guimarães.

**Dia 16** — Houve repiques em tôdas as tôrres da vila, ao romper da aurora, meio dia e à noite por ser o dia natalício de S. A. R. o Príncipe Real D. Pedro. (P. L.).

**Dia 29** — A mesa da Misericórdia delibera que os clínicos façam duas visitas diárias aos doentes do hospital, de manhã e de tarde, porque assim se praticava nos hospitais das terras mais ilustradas.

Num dos dias dêste mês (?)—ou do de Outubro (?)—o jornal *Procurador do Povo*, de Lisboa, denuncia duas conspirações, uma cartista e outra setembrista, ambas em Vila Real. Dizia que para fazerem a primeira foram a Vila Real: o Duque de Palmela, o Conde de Vila Real, o ex-Ministro Aguiar e o Barão de Vila Pouca, quando os dois primeiros não saíram do Pôrto, o Aguiar de Lisboa e o Vila Pouca de Guimarães, e que na segunda entrava Gaspar Teixeira, quando êste já tinha morrido.

## Outubro

**Dia 2** — Morreu nesta vila a Baronesa de Almagem, mulher do Barão do mesmo título. Foi depositada e sepultada com

grande pompa, no dia seguinte, na igreja de S. Domingos. Esta Baronesa era filha do defunto João Manuel de Passos, vulgo Caneiros. Depois do seu cadáver ser dado à sepultura, deu o batalhão de infantaria n.º 18 as três descargas do costume, tendo estado formado, desde o princípio do officio, defronte da igreja. Êste funeral foi um dos maiores que se tinham feito nesta vila. Morreu de 40 e tantos anos de idade. Tinha emigrado com seu marido no tempo do Senhor D. Miguel.

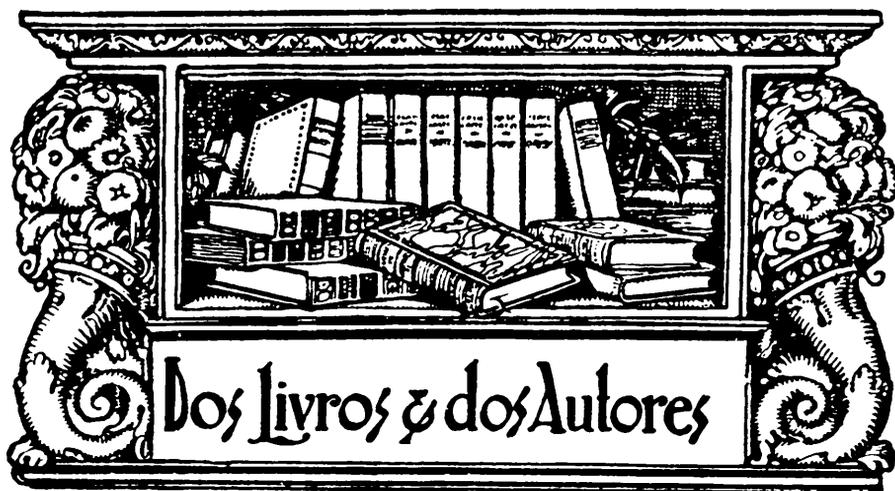
Dia 28 — O *Periódico dos Pobres no Pôrto* dêste dia, diz: — que morrera a Baronesa de Almargem no dia 2 e que o marido também estivera muito mal, por ter tomado uma colher de remédio que o

boticário lhe trocara; — que no dia 23 do corrente, procedendo-se a uma vistoria em Caneiros a requerimento de uma viúva, o louvado desta quisera dar a sua determinação, e que a autoridade lhe dissera que não era assim: e que, dizendo o tal louvado que nem o dinheiro nem os empenhos o convenciam, a autoridade respondera «que haviam paus, punhaes e balas»!!! isto à vista de todos que assistiram à vistoria.

Dia 29 — Houve repiques de sinos e luminárias por ser dia natalício de El-Rei D. Fernando (P. L.).

JOÃO LOPES DE FARIA.





CADEIA ETERNA. Romance, por *Barros Ferreira*. Editora Educação Nacional, L.da Pôrto.

Com êste livro publica Barros Ferreira o seu primeiro grande romance. Auspiciosamente estreado nas letras, em Portugal, com a *Maria dos Tojos*, B. F. continua a rota iniciada de modo tam prometedor. *Cadeia Eterna* é um bom livro, um grande livro mesmo e com êle pode na verdade o autor calçar as suas esporas de oiro de romancista e brilhar entre o restrito número dos nossos cultores do género. E' um livro escrito com nervos, mas também escrito com o coração.

A comovente história do protagonista — Carlos Morais — que na imensidade do Brasil se fêz por si próprio, a sua luta incessante contra o meio e contra a rotina, a sua tenacidade inquebrantável até mesmo no combate ao destino, tudo isso são factos inesquecíveis que levam o leitor a pensar e a transpor para outros ambientes o caso de Carlos Morais, cuja vida decor-

reu sempre na hostilidade do meio, e é, por isso, uma grande lição de energia. B. F. delineou bem o seu personagem central, como observou admiravelmente os secundários. Há talvez muito de autobiográfico na psicologia e no proceder de Carlos, como há muita observação aguda nas pessoas que se movem através de todo o livro e que não são meros símbolos convencionais, mas personagens vivas e palpitantes. Depois o conflito que se esboça a meio do livro e se desenvolve daí até final, é verdadeiramente empolgante e dominador.

Pontos há em que a descrição é verdadeiramente magistral, como a descrição do combate aéreo entre os dois irmãos que se ignoram, um dos quais acaba por ser morto pelo outro; na abertura a tempestade é admiravelmente observada e descrita, lembrando uma página da *História Trágico-Marítima* com todo o seu cortejo de horrores. O capítulo *De profundis clamavi* não se pode ler sem emoção e o final — *Serenidade* — é o digno coroamento de tōda a obra.

O estilo de B. F. ganhou em maleabilidade, perdeu parte da rigidez da *Maria dos Tojos* e vai a caminho da perfeição. Uns anos mais e B. F. terá, emfim, alcançado a serenidade da prosa e a simplicidade emotiva de que já dá largas mostras. No já citado capítulo — *O combate* — êle atinge grandeza épica. Quem nos deu um tal espécime de prosa é credor do nosso reconhecimento, sim, mas também contraiu para connosco um dever que é forçoso cumprir. O que vier terá de ser uma obra-prima para que os seus créditos não diminuam. A edição da Educação Nacional é bela e o desenho da capa é dum simbolismo perfeito.



CATÁLOGO DOS MANUSCRITOS ULTRAMARINOS DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PÓRTO. Lisboa, 1938.

Organizado pelo sr. dr. Artur de Magalhães Basto, a convite da Comissão Executiva da Exposição Histórica da Ocupação e do I Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo, êste catálogo está destinado a servir de auxiliar precioso do erudito e do investigador que desejem documentar-se sôbre a época dos descobrimentos e das conquistas. Todos os documentos que vão inventariados no presente Catálogo, estão agrupados em três séries: *Ásia*, *África e Brasil* e dentro de cada série é dado o número de cada códice, o século a

que pertence, qualidade e formato do papel, número de fôlhas, natureza da letra, qualidade do envolvero que o reveste e título. A par disso traz também comentários úteis sôbre o seu conteúdo, observações históricas ou diplomáticas e os termos em que cada MS. principia e acaba.

São variadíssimos os MS. inventariados, e entre êles figuram : o códice n.º 1235 constituído por onze volumes da autoria de António Francisco Ferreira da Silva Pôrto — *Viagens e apontamentos de um portuense em África* — e que são a narrativa da vida aventureira do célebre sertanejo a quem se deveu no século XIX a imposição do nome português na África central então disputada por outros países; o códice n.º 804, que é o relato do descobrimento da Índia do piloto anónimo que nela tomou parte; o n.º 737 com a relação de vários naufrágios, parte deles não incluídos na *História Trágico-marítima*; o n.º 839 constituído pelas décadas VIII e IX de Diogo do Couto, sendo aquela « bastante diversa da que anda impressa e já teve três edições » no dizer do Catalogador, e que é, possivelmente, a famosa década VIII que foi roubada a Couto e que traz a « afirmação de que o soneto de Camões *Alma minha...* foi feito a uma chinesa, de nome *Dinamene*, a qual morreu em naufrágio no mar, vindo de Macau com o Poeta, etc. ».

Os mais numerosos são os que se referem ao Brasil, constituídos por cartas, relatórios, histórias, descrições e relações de interesse capital para a história da colonização portuguesa no Brasil.

Por esta breve resenha está o leitor habilitado a reconhecer não só a utilidade

do presente Catálogo mas também a riqueza da Biblioteca Pública Municipal do Pôrto em Ms. referentes ao período heroico da nossa história.



PROFESSOR OLIVEIRA SALAZAR'S RECORD, por *Tomaz Wylie Fernandes*. Editions SPN. Lisbon.

Constitue êste fascículo um estudo sobre a obra financeira do Sr. Ministro das Finanças, com o louvável intuito de a tornar conhecida e apreciada nos países de língua inglesa. A experiência portuguesa é devidamente comprovada em números e para que o leitor anglo-saxão melhor a compreenda reduziram-se a libras tôdas as verbas acusadas pelos relatórios ministeriais e pelos Orçamentos do Estado.



DESESPÊRO, por *Artur Tojal*, Pôrto, 1939.

Em edição elegante publica o sr. A. T. um novo livro de versos, subordinados ao título acima e que, ao que parece, constitue a sua estreia como poeta. Para estreia não é mau e embora a maior parte do livro seja constituída por sonetos (sempre o soneto!...) estes são mètricamente correctos e por vezes inspirados e musicais, duas das principais qualidades que são de exigir em género tão difficil e tão ingrato. Já se não pode dizer o mesmo das quadras que não

têm a naturalidade e a inspiração de esperar em tal género tão caro à sensibilidade portuguesa.

Abre o livro com uma « Carta Prefácio » do sr. Rolão Prêto.



HORA VERMELHA (*Exortação aos comunistas*), por *Alvaro Fernandes*, Esposende, 1938.

O autor dêste opusculozinho dirige em verso uma exortação que eu duvido muito que os exortados atendam ou, pelo menos, ouçam. Todavia é louvável o seu intento, embora não seja de aconselhar a forma poética e de essência profundamente romântica. Contudo lê-se com agrado e com simpatia. No final há um apêndice em prosa « O que é o Comunismo », no qual, a par de muito idealismo, há frases de profundo bom senso que não são para desprezar.



COUSAS DA MADEIRA. LENDAS DE OUTRORA, E DE SEMPRE, por *Fernando de Aguiar*. Guimarães, 1939.

Constitue êste opúsculo uma separata desta revista e por isso é já conhecido dos meus leitores. O A., ao que parece, madeirense de alma e coração, inicia com êle uma série de pequeninos estudos subordinados ao título genérico de *Cousas da Madeira*. No que agora saíu à luz da publicidade descrevem-se duas interessantes lendas daquela belíssima Ilha: a do Machim e a

do Arguim, aquela conhecidíssima desde D. Francisco Manuel a divulgar na famosa Epanáfora III.

O sr. F. de A. revela-se um escritor de recursos, manejando a língua com desembaraço e conhecimento; a sua prosa é clara e de efeitos musicais interessantíssimos.

ANTÓNIO ALVARO DÓRIA.



Os PELOURINHOS, por *Luiz Chaves*.

Edições José Fernandes Júnior.  
Lisboa, 1939.

A obra etnográfica do Dr. Luiz Chaves é valiosa e revela bem o cuidado que lhe merecem os assuntos que mais se ligam à história e à tradição admirável do nosso povo.

Os seus trabalhos são modelares e de grande valor para o estudo do carácter e dos costumes da nossa gente, fornecendo-nos assim elementos para um conhecimento mais perfeito de tudo quanto é próprio e característico do nosso país.

Estão nestes casos os *Pelourinhos* tão sacrificados e tão mal compreendidos pelos homens do liberalismo.

Esses admiráveis símbolos do poder municipal e da jurisdição local sofreram uma rasia quasi que completa. E se alguma coisa ainda se conserva de pé deve-se apenas à benéfica reacção dos que tinham uma mais nítida compreensão do que eram esses padrões representativos de uma época de verdadeira acção municipalista.

Muitos desses pelourinhos perderam-se

para sempre; outros foram reconstituídos e levantados de novo num alto critério de civismo.

Os elementos coligidos por Luiz Chaves, para o catálogo geral dos pelourinhos, são valiosos e dão-nos uma resenha completa dos modelos existentes ou reconstruídos. Este trabalho é ainda enriquecido por diversos desenhos e descrições minuciosas de diversos pelourinhos.



EVANGELHO DE UMA AVÓ, pela *Condessa de Ségur*. Editora Educação Nacional. Porto, s/d.

O tradutor — P.<sup>e</sup> José da Silva Ramalho — consagrou este livro aos bemjamins e bemjamins da Acção Católica. E isto revela já as intenções deste trabalho da apreciada escritora.

De facto, todo este livro está cheio dos ensinamentos do Evangelho, de uma maneira tão clara e, ao mesmo tempo tão simples, que se tornam acessíveis a todos.

A A. não se limitou apenas a contar a vida de Cristo, embora com aquêlê brilho tão próprio dos seus livros. Foi mais além, esclarecendo o que podia deixar dúvidas e extraindo uma lição de tôdas as passagens do Evangelho, de maneira que todo o livro é cristãmente educativo.

E' excelente para as crianças — a quem é dedicado, — o que não quer dizer que não seja proveitoso a todos que o leiam e de um modo especial aos que se dedicam ao ensino do catecismo, que na leitura deste trabalho só colherão proveito.

O PROBLEMA DA HIPOTECA AGRÍCOLA EM PORTUGAL, por *João de Amaral Canavarro*. Lisboa, 1938.

O estudo dêste problema é da mais alta importância. Num país essencialmente agrícola, como o nosso, não se pode deixar ao abandono a exploração de terra. A concessão de créditos, a um juro acessível e com garantia hipotecária, está naturalmente indicada para debelar a crise em que a lavoura se debate e que arrasta consigo a crise do comércio e, conseqüentemente, da indústria, etc.

Este trabalho do distinto engenheiro agrônomo tem uma grande oportunidade e se num ou noutro ponto podemos discordar da sua opinião, não podemos deixar de reconhecer que o problema da hipoteca agrícola foi tratado com escrupulo.

Facilitar a vida da lavoura é contribuir para melhorar as condições económicas do nosso país. Porque — como muito bem diz o A. dêste valioso trabalho — «onde a taxa de desconto fôr elevada não pode a agricultura progredir, nem, em boa verdade, pode ela conseguir quaisquer empréstimos que lhe permitam um aperfeiçoamento técnico de produção». E a nossa agricultura, especialmente a do Minho, continua limitada à rudimentar técnica dos nossos antepassados. Continue, pois, o A. a prestar a sua esclarecida atenção a êste importante problema, contribuindo com os seus estudos para se lhe encontrar a melhor e mais justa solução.

O VÍCIO CONJUGAL, pelo *Dr. Georges Surbled*. Editora Educação Nacional. Pôrto, 1939.

Há já muito tempo que se vem travando uma campanha benéfica contra as práticas anti-naturais, verdadeiramente criminosas, que têm alastrado de uma forma apavorante, porque levam ao decréscimo progressivo da população.

A prática do *onanismo*, nome derivado de Onan, de quem a Bíblia fala, e as teorias de Malthus, dão a êste trabalho uma oportunidade que é desnecessário encarecer.

Desejamos que a sua acção benéfica se faça sentir entre nós, porque o problema de que trata é dos mais graves e dos que mais merecem cuidada atenção.

Bem andou, pois, a Editora Educação Nacional em editar esta valiosa obra do Dr. Surbled.



FÔLHAS MURCHAS (versos) — ROSA MARIA (poema) — ETERNA COMÉDIA (poemeto) — ILUMINURAS (poemas) — MOMENTO LÍRICO (prosa e verso) — UMA LÁORIMA e INCENSÁRIO, por *Manuel Aires*. Livraria L. Oliveira & C.<sup>a</sup> (depositária) — Guimarães, s/d.

Afirmou Cassiano Ricardo, um valor da literatura brasileira, que «no intelectua-

lismo dos nossos dias, nada melhor do que um passeio às fontes puras e tradicionais do sentimento».

Foi o que fizemos com a leitura dos trabalhos do esperançoso poeta Manuel Aires. A sua poesia é melodiosa, simples, cantante e atractiva, tem sentimento, ritmo, suavidade.

*Fôlhas Murchas* reúne os primeiros versos de Manuel Aires — «ingênuos, simples, desprezenciosos» — mas sentidos. Manuel Aires revela-se nêles conhecedor de uma perfeita técnica que *Rosa Maria* melhor afirma. Este poema, que o A. escreveu em 1922, «foi ferido de encantamento» — segundo o confessa Manuel Aires.

Escrito na Beira «quando as messes vinham aloirando e os rebanhos baliavam pelas quebradas» — «encantou-se com a melancolia da paisagem».

*Eterna Comédia* é, em verdade, a eterna comédia da vida em que os altivos e orgulhosos se julgam superiores ao próprio Deus. O Alcéo dêste poemeto, porém, reconhece o vasio e a impotência do seu imaginário poderio e curva-se reverente e contrito, confessando o seu arrependimento numa oração encantadora, cheia de beleza e de fé. E' a Humanidade arrasada na loucura das paixões reconhecendo a sua fragilidade ante a Eterna Verdade.

*Iluminuras* é bem uma iluminura de poemas e revela uma nítida compreensão das coisas, quer no burilar dos versos, quer na bizarra, mas atraente, composição das rimas.

Em *Momento Lírico* há uma curiosa modalidade: — a aliança da prosa com o verso, «à saúde de um amor».

Na verdade, em tôda a obra do poeta aparece sempre uma Maria encantadora e graciosa que é a sua fonte perene de inspiração.

E essa «saúde de um amor» transforma-se em *Uma Lágrima* que trai o Poeta e o amargura. Estes versos já são mais melancólicos, como crepúsculo do outono Mas em *Incensário* a esperança do Poeta renasce em alvares primaveris e os seus versos, cheios de frescor e animados de uma nova vida, voltam a ser sorrisos prometedores.

Li êstes livros de Manuel Aires junto do mar. E junto do mar parece que melhor se compreende e sente a poesia, ou não fôsse ela, como o mar, inconstante, insatisfeita, ora meiga como carícia ora fustigante e rugidora como as ressacas.



QUATRO PÁGINAS, por Manuel Aires.  
Livreria L. Oliveira & C.<sup>a</sup> (depositária). Guimarães, s/d.

Mas Manuel Aires não é só poeta. Estas *Quatro páginas* demonstram que êle é, também, um prosador com extraordinárias

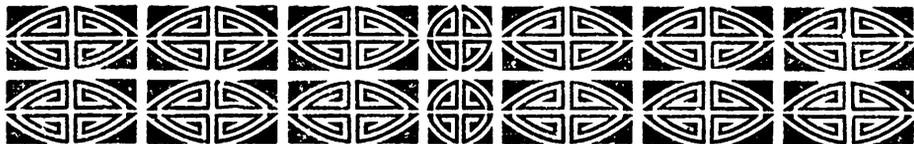
qualidades, quer para o conto, quer para a novela.

Basta lêr *Uma História* para se poder avaliar da perfeição da prosa de Manuel Aires. E a maneira leve e atraente do seu

estilo em tôdas estas *Quatro páginas* mostra-nos que Manuel Aires pode triunfar na prosa como triunfou já como poeta. Esperamos que assim aconteça num próximo futuro.

MANOEL ALVES DE OLIVEIRA.





# Dezassete anos depois

por ROLÃO PRETO

(Continuação de págs 144 — Conclusão)

**O**S últimos acontecimentos desenrolados na Áustria, no momento da sua absorção pela Alemanha, sugerem ainda reflexões doutra ordem, em relação, por exemplo, com as contradições e confusões dos termos presentes. Vejamos:

A substituição do pseudo-fascismo católico Dolfuss-Schuschnigg pelo fascismo hitleriano é motivo, com efeito, para que se erga em certos sectores um vasto clamor de indignação. A prisão do antigo Chanceler e dos mais íntimos colaboradores, o encerramento, pela força, dos centros políticos do célebre partido único — « Frente Patriótica » —, a liquidação da imprensa adversa ao Nacional-Socialismo, etc., eis outras tantas razões de clamor e protesto por parte dos referidos sectores. Todavia essas violências, que o são, na verdade, bem duras e amargas violências, em que diferem, afinal, daquelas outras com que Dolfuss e Schuschnigg edificaram e mantiveram o seu Poder?

Aos nacionais-socialistas, aos sociais-democratas, a tôdas as tendências de opinião que se não subordinaram, total e absolutamente, ao critério particular dos dois antigos chanceleres, não lhes faltaram também perseguições, nem arbitrariedades, tôdas as vezes que ousaram formular as suas reivindicações políticas.

Assim foram-lhe encerrados os « centros » e coartada tôda a liberdade de reunião; a sua imprensa viu-se amordaçada e mesmo por completo suprimidos, postos à mercê dum poder tirânico que os agrediu sem descanso e os reprimiu sem piedade.

\*

Eis, pois, decorridos dezassete longos anos desde a data remota em que, graças aos artigos agora pela primeira vez reeditados, foi anunciada

na imprensa portuguesa a criação e a marcha avassaladora do Fascismo.

Muita água correu debaixo das pontes, como dizem os franceses; muita coisa de transcendental importância veio modificar a face da Europa e do Mundo.

Tanto, senão mais do que a Revolução Russa, a Revolução Italiana contribuiu para as grandes transformações do nosso tempo.

O autor destas linhas tinha, portanto, razão quando, às erróneas previsões do seu contraditor, que afirmavam a liquidação do Fascismo antes da sua Marcha sobre Roma, respondia, com segurança e convicção: o Fascismo « fará da se »... E fez...

Pode objectar-se que as maravilhosas realizações que o Fascismo conseguiu na Itália se não apresentam, em outros países desta época, sob o mesmo signo e a mesma projecção histórica.

Mussolini logo afirmou: « O Fascismo não é um produto de exportação ». Significa isto que os seus métodos, ou melhor o seu método só pode assegurar sucessos dentro das condições e servido pelos factores que na Itália Nova lhe orienta a aplicação.

Entre um Mussolini e um Schuschnigg — permitimo-nos insistir —, existem tôdas as diferenças decisivas de temperamento e de clarividência que vão dum *condottiere* inflamador de massas, exaltador de multidões, a um triste « apagador de almas », a um mísero « carcereiro de espíritos ».

Dá a radicalíssima diversidade, tanto na interpretação como nas realizações, de sistemas aparentemente idênticos na Itália e na Áustria. Influem também é certo, razões de ordem étnica: — ser-se germano não é ser-se latino. Entretanto na experiência do Fuhrer, como na do Duce, existem elementos decisivos, que são a ambos comuns. O factor comando único, o factor Chefe, em primeiro lugar.

Mussolini e Hitler realizaram com o método fascista tudo que empreenderam porque conseguiram ser autênticos chefes dos seus povos respectivos. Isto é, Duce e Fuhrer foram os intérpretes perfeitos de determinados sentimentos, com raízes no fundo obscuro de certas massas populares.

A mística fascista, tanto na Itália como na Alemanha, logrou atingir proporções tais nos seus efeitos enquadrantes, que se mostra capaz de mais facilmente arrastar a Nação para qualquer caminho difícil do que a própria mística comunista, cujo poderoso impulso é todavia bem conhecido.

\*

Para onde vai agora o Fascismo?

Volvidos dezassete anos de ressurreição e inovações máximas, a interrogação deixou de ser simplesmente italiana para interessar o Mundo inteiro, o que bem atesta a glória do caminho andado...

No plano de justiça social e de restauração da Personalidade Humana saberá o Fascismo evoluir também e ultrapassar-se, realizando um novo tipo de homem forte, mais justo, porém, e mais livre?

Saberá o Fascismo não se esquecer de que o seu destino dependerá, sobretudo, das *élites* que conseguir formar e que a mais alta das aristocracias é sempre aquela que realiza a mais alta independência de Pensamento?

E, por outro lado, no campo das realizações imperiais, como e até onde ousará alargar seus vôos dominadores a nova águia romana, já hoje tão insaciável de orgulho e predomínio?

Até que ponto Mussolini continuará, como sempre o tem feito, a conservar-se surdo, indiferente às mil solicitações duma deificação perturbadora, para melhor poder escutar, com clareza e verdade, os votos de ansioso apêlo que, do fundo da História e do condicionalismo das realidades presentes, sobem até êle a fim de que se mantenha fiel à vocação do seu destino — instrumento humano ao serviço da eterna Providência, incognoscível e fatal?

Ninguém sabe profetizá-lo...

Uma coisa, porém, é certa, bem certa: — hoje como há dezassete anos, ante o espectáculo assombroso da energia do Duce, sempre revigorada e renovada, de alto dinamismo revolucionário e de vontade criadora com que se não cansa de realizar, dia a dia, as mais vivas esperanças do povo italiano, poderá de novo dizer-se, afirmar-se, garantir-se — e agora sem que os cépticos ousem contradizer-nos: — *o Fascismo «fará da se»...*

# A DAMA QUE NÃO CANTEI NOS MEUS VERSOS

SERÁ DONA DO LAR DOS MEUS ANSEIOS  
UMA QUE NÃO CANTEI NA MINHA AVENA.  
MEUS SONHOS, MEUS SUSPIROS, MEUS RECEIOS,  
MEUS DESENCANTOS A ACHARÃO SERENA.

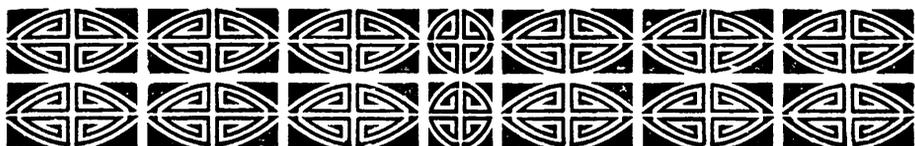
NÃO TERÁ DO MEU SANGUE OS QUENTES SEIOS  
PLENOS DE FOGO E DE SAUDADE AMENA,  
DE MAR, DE SELVA, DE DESERTOS CHEIOS,  
— DA MINHA TRADIÇÃO SOBERBA CENA.

SERME-Á PRIMEIRO POEMA A SUA VINDA,  
INTROITO DA COMÉDIA MAIS DIVINA  
QUE NEM O DANTE IMAGINOU AINDA.

NÃO PENSAREI NUMA BEATRIZ PERDIDA,  
PORQUE TEREI, NA DAMA PEREGRINA,  
A POESIA MELHOR: DA PRÓPRIA VIDA!

SÃO PAULO — BRASIL

ARLINDO VEIGA DOS SANTOS.



# FACETAS DA ARTE

## Romance <sup>(1)</sup>

por JORGE VERNEX

**A** FIRMA-SE que a leitura decaí extraordinariamente. Porém, verificou-se já a qualidade da leitura que se nos oferece? Quem penetrar no âmago dos problemas literários verificará que jamais, como hoje, se desceu tanto da curiosidade meramente espiritual, do gosto de saber, à triste condição de negócio literário...

Como negócio a que está reduzida, a literatura tem de enveredar pelo caminho da emoção de pequena «categoria e seguro envenenamento» — como escreve o ilustre homem de letras, Dr. Rolão Preto, no prefácio do *Desespêro* de Artur Tojal, recentemente dado à luz da publicidade pela «Editorial Meio-Dia».

Não há a Arte pela Arte. Não encontramos o amor das coisas belas. Tudo se vai subordinando aos condicionalismos do «oiro»... Quando surge alguma obra de verdadeiro interesse, vêmo-la morrer asfixiada nos armazéns das livrarias, para gáudio dalguns milhares de ratos! Por isso os livreiros se escudam nessa *tôrre de marfim* para não darem guarida a tentativas interessantes de novos sem nome que assistem ao desprêzo público do seu trabalho espiritual sem, ao menos, poderem protestar, também publicamente! De braços cruzados, quantas vezes o desespêro os invade! E o seu caminho devia ser todo de ascensão, inquietação, avançando irresistivelmente para além de si próprios!...

---

(1) *Romance* é o primeiro capítulo das *Facetas da arte*, estudo que será completado por: *poesia, pintura e escultura, arquitectura, modalidades da arte regional*, etc.

Confessemos, todavia, que estes factos resultam duma crise espiritual de proporções nunca vistas. No meio dessa crise, agarrados à pedra firme de lucros certos, que o hábito cimentou em *modus vivendi*, os livreiros limitam-se a fazer traduções baratas do estrangeiro, enchendo-nos de inutilidades e abastardando, cada vez mais, a nossa mentalidade. A crise é, assim, cada vez maior.

Creio firmemente que o advento duma nova aurora espiritual que abraze as almas, incendiando-as em labaredas de mais largos vôos criadores, trará conseqüentemente uma outra concepção artística, de moldes novos, de ideas novas, sem se divorciar da vitalidade formal das obras clássicas, antes compreendendo-lhes o ritmo lingüístico e, talvez, ético.

Impõe-se desde já, o estudo exaustivo do que possa vir a ser o romance. E' evidente que a novela é a expressão da arte literária que mais se adapta a todos os paladares intelectuais, ou melhor, que satisfaz com mais propriedade a todos os graus de cultura. O romance, novela amorosa, é lido pelos indivíduos de requintada cultura, onde imprime ideas com aspecto de tese; é lido pelos campónios, onde a instrução é mínima, e nêles radica sentimentos; é saboreado pelas «classes-médias» e aí deixa uma mistura de sentimentos e de ideas, principalmente quando tem, nas suas páginas, o anseio de justiça dessas almas vítimas de todos os movimentos sociais.

\*

Vários hão, por certo, de ser os aspectos do romance. Nunca, porém, êle deixará de ter como ponto de partida a análise moral, psicológica e sociológica do meio ambiente. Doutro modo não trará nada novo e em breve cairá nas emoções artificiais e venenosas da literatura contemporânea. O que é preciso é que êle se mantenha criador e se projecte sempre «em frente», com independência artística. Isso não é possível sem o estudo cuidado, minucioso e profundo da sociedade.

Nessa direcção artística, é fácil compreender algumas das mais salientes modalidades do romance. O romance de natureza social revestirá dois aspectos opostos: a crítica social e o empreendimento criador. O primeiro tem de ser fundamentalmente destruidor para desarticular as fórmulas que o tempo e os acontecimentos ultrapassaram já. O segundo procurará erguer, sôbre as ruínas que ficaram, uma outra concepção de vida, mais perfeita nas suas linhas gerais, mais humana em seus aspectos de relação, mais harmónica e justa nos seus detalhes. A acção dos

dois deve exercer-se simultâneamente para que não se verifique um vácuo na ordem vital dos seres e para que a Revolução não se transmute em asquerosa reacção.

Não ficará por aqui a arte novelística. Arte pela Arte; Arte doutrinária; Arte sentimental; romance marítimo; romance campestre, rural, regional, florestal, campino, etc., eis muitos outros detalhes a considerar.

Entretanto, como já disse, creio que isto será impossível sem o aparecimento duma aspiração espiritual mais alta e nova nos seus fundamentos e nos seus fins.

Uma nova concepção da vida traz sempre consigo manifestações artísticas que a confirmam e perpetuam pelos séculos fora... Possa desabrochar essa concepção e entraremos decididamente em rumos diversos, de mais alto fulgor espiritual e de mais justo conceito vital do que o presente.

\*

Aqui e além, isoladamente, começam a surgir tentativas bem dignas de melhor sorte. Uma coorte de rapazes e de raparigas, ciente do marasmo que nos rebaixa, vai lutando, com os olhos postos no futuro. E' a sua alma esbraseada que protesta, inquieta, e quer abrir-se de par em par às luzes *humanistas*. O desprêzo pelo seu esforço é manifesto. Hoje só vivem, só fazem escola os profissionais do *saber feito*, os que disfrutam posições estabelecidas...

Uma parte dêsses rapazes vira-se, confiada, para o Brasil. De lá espera ela a salvação... Todavia, afigura-se-me que o remédio é outro; temos de procurá-lo em nós próprios. A literatura de amanhã não pode chegar-nos à deriva, seja donde fôr. Ela tem de ser o resultado dos nossos horizontes sociais e espirituais (1).

\*

Todo o trabalho tende a desenvolver um objectivo e a alcançar uma finalidade. A arte literária não pode eximir-se a êsse imperativo. Qual é o seu objectivo e qual é a sua finalidade?

---

(1) Esta primeira parte, até aqui, foi publicada a título de ensaio, no *Diário de Coimbra* e na *Estrêla do Minho*. Sensivelmente remodelada, completa-se agora com o que segue.

---

Labutando nós intelectualmente, com tôdas as nossas fôrças, por uma outra sociedade onde a Justiça tempere e humanize os ímpetos arbitrários, uma outra sociedade mais perfeita nas suas engrenagens, é evidente que a literatura tem que tornar-se porta-voz dum objectivo definido e completo. Um tal objectivo só pode ser a *comunidade*. Todavia, a comunidade abrange os vários degraus que vão desde a Família, da Localidade, do Município, da Região, à Nação e à Humanidade. E' um objectivo claro que não pode ser postergado, nem sofismado, sob pena de nos afogarmos de vez na onda emocional que inferioriza a maior parte da literatura actual.

E' indispensável considerar, penetrando-a e compreendendo-a, completamente, perspicazmente, a sociedade comunitária, mas penetrando-a e compreendendo-a, em cada um dos seus degraus, nos horizontes que lhe definem a acção e a prendem ao meio. Doutro modo, não a estudamos para a melhorar, antes se inverterá arbitrariamente o conceito que se tinha em mente, deixando-o sem finalidade. E' só neste campo que é possível criar personagens *universais e eternos*, personagens de todos os tempos, que se conservem inalteravelmente humanos, sempre cheios de frescura e de beleza. Também só assim podemos conceber, distinguir e perpetuar na arte literária a finalidade que ela, para o ser, exige antes de mais nada! E qual é essa finalidade?

Se o objectivo é social e *comunitário*, só o Homem pode ser *o fim*. O Homem soberano de si mesmo, tanto na perseguição da guerra aos seus defeitos e aos seus vícios, na derrota das suas maselas sociais, morais e políticas, como na ascensão contínua do seu Espírito e do seu corpo para a melhoria das suas condições vitais, humanas, criadoras, é que marca *o fim* a conseguir numa literatura que, além de interpretar o seu tempo minuciosamente, rasgue com audácia, a golpes de bisturi revolucionário, o véu que encobre pesadamente o futuro. A finalidade literária pode, assim, comparar-se a uma estrada que o Homem vai percorrendo continuamente até se atingir a si próprio, de frente erguida, senhor indiscutível dos seus destinos.

Este caminho é particularmente favorável ao romance, porquanto é nêle que mais fàcilmente se enquadra o Homem em qualquer aspecto da sua labuta no mundo. Mas não é só por isso. O romance tem a superior vantagem de impressionar tôdas as camadas sociais, deixando em cada uma o terreno preparado para novas conquistas, para culturas sobremaneira vastas e importantes de fermento espiritual. A justificá-lo, temos a mentalidade *feminina e afeminada* que um romantismo bas-

tardo, piegas, artificial, muito longe das realidades da vida, deixa, ainda hoje, bem vincada em muitas cabeças sem auto-direcção, sem opinião pessoal, sem a noção do seu valor!... Não se nos afigura que uma diversa e adequada feição literária pode criar frutos saborosos num próximo futuro?

O romance presta-se ao desabrochar duma era que eleve as almas pelo fragor quente da mística, que as mobilize, que as dinamize, para as arrancar à modorra em que se perdem, se amesquinham e anatematizam. Para tanto, é imprescindível que seja o fiel espelho da realidade, sem subterfúgios, tanto na expressão crítica e desarticuladora, como na forma criacionista, construtiva, esfusiante de alegria e de vida, a-fim-de podermos observar melhor as suas gafes, para as corrigir, e os seus predicados, para os elevar ainda mais!

E desenganem-se todos.

O romance precisa de ser universalista em todo o seu conteúdo; esclareçamos, porém, que o universalismo não se encontra na imitação, nem na influência do estrangeiro sobre o nacional. Qualquer movimento desse género é limitado a uma época, a poucos povos, a restritas parcelas do globo e fina-se com as circunstâncias particularistas da imaginação que dele fez completa mitologia... Para ser universalista de verdade, sem limites, sem gramalheiras de nenhuma espécie, o romance estuda, interpreta e incarna e estua completamente o homem nos próprios centros em que vive ou vegeta... Por ser exclusivamente russo, na sua forma e no seu conteúdo, é que o romance de Dostoiévsky é universal, permanente, sempre novo. E' que êle prescindiu do tempo e das influências que lhe podiam cortar e limitar os vãos! O Homem, na projecção da sua vitalidade, dentro dos condicionalismos sociais e geográficos que o rodeiam e influenciam, mas que êle interpreta, vive, sente, é que é a suprema universalidade, a verdadeira, que perdura em tantas obras de arte literária! Pròpriamente no campo da sociedade enfêrma, Voltaire não deixa de impor-se-nos como um grande criador de universalidade, com as suas demolições irresistíveis, com a sua mordacidade certa, com os seus personagens eternos! Se à sua obra arrancarmos as passagens que o momento não podia fugir a traçar-lhe, o que fica é de todos os tempos, de todos os dias! O próprio Vitor Hugo, com a imortal obra *Os Miseráveis*, é também um exemplo perfeito de universalismo. A sua luta contra as convenções humanas, convenções a que a própria Humanidade tem de curvar-se reverente por verificar a sua impotência contra a rotina, irmana-se, dentro doutra escola, doutro meio e doutra

psicose, a Dosteïewsky nas *Recordações da Casa dos Mortos*. Tanto um como o outro são a voz acusadora que se propaga pelos tempos fora, bramindo, alterosa, contra as injustiças dos homens!

Em Portugal, orgulhêmo-nos disso, há muito de literatura universal. Os espíritos lusos que interpretam os anseios e inquietações, que retratam e reproduzem as aleivosias da Humanidade inteira numa época, não escasseiam. Bastaria lembrar o *Amadis de Gaula*. Creio que não temos outro exemplo mais completo e nem tão completo. Mais tarde encontramos em Herculano o *Eurico*. Despindo-o das vestes sacerdotais, nada resta além da sociedade que ruía em face da sociedade que surge. E' a Humanidade inteira num dos seus arrancos fulminantes, pagando, em recontros sangrentos, os erros que manteve e pelos quais se deixou seduzir! Eurico eterno, Eurico universal. Essa época de transição, com a minúcia dos pormenores possíveis, é Eurico e Eurico e a época personificada totalmente.

Os preconceitos que morrem, os dógmas que dominam o próprio Homem, um período de extertor e agonia, e extertor e agonia de que sai nova concepção da vida, na sua grandeza mais universal, com o Cristianismo, eis o *Eurico o presbítero*, obra sem rival em todo o século XIX!

Sob êste aspecto, quão inferior não é Garrett a Herculano! A *Joaquina das Viagens na minha terra* é, talvez, muito ao de leve, a única figura garrettiana digna de se juntar à galeria das nossas personagens universalistas! Já Eça de Queiroz é dum universalismo evidente. Mas o seu universalismo é a cosmópole em movimento e muito raro se fixa ao ambiente geográfico, à terra, condição indispensável para que o Homem se apresente em tôda a sua pujança vital. A universalidade dos seus tipos tanto se pode localizar em Lisboa, como em Paris, em Londres ou Moscovo! Haveria a objectar com *A Cidade e as Serras*. Porém, com essa obra dá-se o mesmo que com as outras. Tanto é possível fixá-la na Itália, como na Provença, tanto no Minho, como em qualquer ponto da costa Mediterrânica!

\*

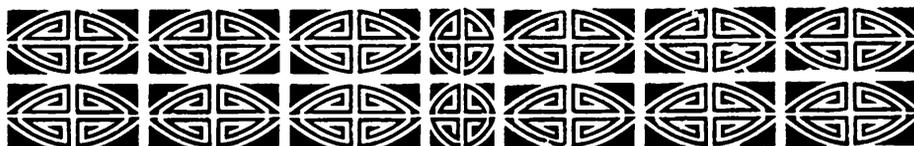
Estes apontamentos pretendem ser o esbôço do romance de amanhã. Portanto, para que o nosso trabalho fuja da necrópole artística do presente, onde o inútil se mistura com o prejudicial, é preciso não descurar nenhum dêstes predicados, ligeira e improficiente descritos, para se afirmar

proveitoso. E' que o romance não é apenas a distracção que procuramos para os nossos ócios. Ele deve ser a forma agradável de expor uma tese, de desenvolver e aprofundar um conceito, além de ser ainda o meio de fazer compreender a todos alguns problemas de psicologia humana nas suas variadas formas! Mas, sobretudo, o romance tem de se tornar um processo de inventário social com tendência para fazer surgir um clima propício a grandes realizações. A mística dinamizadora, o eflúvio, constante que viriliza o homem, penetrando-lhe a alma, dando-lhe Alma, não podem passar despercebidos ao romancista.

O romance é a primeira *obra de arte* para todos. E' dele que transitamos à poesia, às artes plásticas, à arquitectura e até à arquitectura duma outra comunidade da qual o Homem seja, materialmente, *o fim último*. O Homem é na ordem material do universo aquilo que Deus é na ordem espiritual. Para alguma coisa é feito à Sua imagem e semelhança! (1)

---

(1) Faltou falar na novelística infantil que é por onde principiam a radicar-se no nosso *eu* as impressões sociais. Dada, porém, a complexidade técnica do assunto e a decisiva influência que essa modalidade literária pode e tem que exercer na formação mental da juventude, longe dos *Salgaris*, dos *Tarzans*, dos *Sherlocks*, etc., longe dessa emotividade doentia, e depois de preparação literário-doutrinária convenientemente adequada, não cabia aqui fazê-lo. Destina-se-lhe, contudo, um futuro trabalho ainda a pensar.



# DA INQUIETAÇÃO

por CÉSAR DE OLIVEIRA

O culto do paradoxo e do exótico arrastaram o mais empertigado cabotinismo e o pedantismo mais estulto a atitudes de rábida impotência e de indisciplina mental que nunca se atreveram a confessar, ao menos por sinceridade. Mas foi aquela suja espuma da inteligência, que a si própria se outorga o monopólio da intelectualidade, quem lançou o palavrão e o consagrou. Inquietação!

Durante vinte anos, isto é: de Guerra a guerra, a inquietação foi o tema, o bordão, a sanfona a que se agarravam todos quantos se não conformavam com as duras realidades de um clima social agreste, cá neste vale de lágrimas onde só existia uma triste mediocridade que era a perfeita antítese dos seus anseios de vida farta, alegre, fácil e doce.

As gerações que fizeram a passada guerra, saíram das trincheiras como murganhos sôfregos de sonho e de conforto. Mas encontraram o queijo da vida inteiramente ocupado por egoísmos ratões, por um conservantismo roaz e matreiro que não se deixava desalojar nem abdicava de seus privilégios, antes revirava o dente agressivo contra todos os direitos de um lugar ao sol, contra as mais humanas reivindicações de espaço vital.

A paz trazia consigo, na emaranhada confusão de interesses e na trifulhice ideológica que presidiu ao ajuste de contas em Versalhes, a origem de novas guerras.

Foi nesses levianos tempos do após-guerra, turbados de revoluções sociais, alvoroçados de inflações, de bancarrotas e de razias económicas, que afloraram em certas classes semi-cultas os primeiros indícios da Inquietação. Com o tempo, a inquietação tornou-se endémica. Povos e

indivíduos foram tomados por uma irresistível tensão nervosa, por um doentio pessimismo que lhes agoirava subversões e tragédias para o dia de amanhã.

\*

E lá para o Oriente, — corolário fatal dos princípios proclamados pela revolução de 89, — a Democracia atingia o zenith da expansão e do seu lógico desenvolvimento, tão certo está o consagrado aforismo de que tôda a democracia política será uma burla enquanto não coexistir com a igualdade económica.

O advento do Comunismo lançou a confusão e a inquietação no pensamento de alguns teóricos da Liberdade pura, que há muito haviam esquecido os canibalismos precursores da «emancipação» a quando da Comuna de Paris. Mas não alarmou nem inquietou as regaladas democracias ocidentais.

Pelo contrário. Elas absolveram o bolchevismo da traição de Brest-Litowski e passaram uma esponja sôbre os débitos astronómicos, sôbre os grandes empréstimos com que a França pagara a aliança ao derrubado império dos czares. E tão longe foi a ternura, o maternal carinho da Democracia pela pupila comunista, que durante mais de três lustros, — apesar das intermitentes sangueiras em que a Rússia se depurava e emancipava, apesar de todos os satanismos e ateísmos e talvez por isso mesmo, apesar dos freqüentes e cínicos ataques à moral e ao direito internacionais, — tôdas as democracias auxiliaram, discreta ou descaradamente, a consolidação e expansão do regime soviético.

Dinheiro, créditos, mercados, planos de armamento e de fomento industrial, técnicos e finos desejos de *bonne-chance*, — tudo foi liberalmente concedido a êsse tão simpático e interessante laboratório da «emancipação» proletária... Alianças e pactos foram negociados com o expoente perfeito dos princípios democráticos. O «totalitarismo» soviético não agonizava então as democracias.

E quando, de cambulhada com elas, o bolchevismo fêz a sua entrada triunfal em Genebra, e começou a ditar à Europa e ao mundo as leis da sua diplomacia, — só um país, cá do calcanhar da península ibérica, protestou em desafronta do seu nacionalismo.

E foi tudo. O mundo democrático não se escandalizou nem se inquietou. Mas o burguês conservador, êsse bichinho voraz e medroso que ainda tem que perder, experimentou uma grave inquietação.

\*

Essa foi a única inquietação justificável, grosseira e materialona, sim, mas sincera no seu instinto de «conservação». Esse materialismo, que é a base das democracias, torna-se, quando bem instalado na vida, ferozmente egoísta, isto é: conservador.

«Por pecado original, — afirma António Sardinha, — são as democracias impotentes para solucionar as crises que geraram com o seu advento.»

O lento declinar do Capitalismo, fenómeno já observado antes da grande guerra, adquiriu seguidamente um ritmo mais apressado. Aí por 1929, parecia mesmo que o sistema havia sido atacado de fulminante apoplexia. Ainda não era a morte. Por tal motivo, a inquietação alastrou. A incerteza ameaçava os interesses, o que era escandaloso. Feria o orgulho da inteligência, o que era horrível. Quando, porém, uns após outros, — na Europa, na América, na Ásia, — vários países «desinquieta» sacudiam o pesadelo comunista ou democrático, e rejuvenesciam, e progrediam, e se libertavam da servidão plutocrática, sem democracia ou contra a democracia, a inquietação atingiu o paroxismo das grandes dores universais, cruciantes e delirantes. Os bonzos assustaram-se. Nos países resgatados, o inconformismo mascarou as rebeldias reaccionárias de muita gente saudável do passado liberalista. A inquietação amargurou os últimos dias dos velhos ídolos derrubados das cátedras, aluídos dos pedestais em que fincavam seu jamais contestado poderio. Corrente trepidante de fluídos mórbidos que arpejavam de indefinível mal-estar a epiderme social, a inquietação lavrou em tôdas as latitudes, e tanto mais fundo quanto mais refractário à violência resgatadora era o ambiente em que se desenvolvia e propagava, como uma epidemia mortal de indisciplina nervosa e de intelectual insanidade.

•

Comentando uma célebre passagem de Tito Lívio, em que o historiador latino, referindo-se à corrupção do império seu contemporâneo, diz que «já não podemos suportar os males de que sofremos, nem os remédios que precisamos para nos curar», — assim conclue Sardinha o seu libelo contra o materialismo histórico que desencadeou as forças do Mal:

«Ciência sem consciência é a mais execrável de tôdas as tiranias. Nós lhe padecemos o jugo de ferro, porque não quisemos ouvir o con-

selho prudente do Eclesiastes, que foi Rei em Jerusalém. Atrás das promessas mentirosas dum estreito ideal optimista só cuidamos do prazer e da riqueza, na persuasão ingénua de que era a marcha do Progresso que nós acompanhavamos. Mas nunca os instintos bateram mais fortes dentro de nós, nunca na escuridão das criptas ancestrais o gorila aguçou com mais apetite os dentes ansiosos de carnagem! Olvidamos as verdades eternas. E, na infantil libertação dos nossos espíritos, mandaram em nós os mitos mais abominantes, as mais desprezíveis superstições. Como em Roma antigamente, os bárbaros não «demorariam a ensombrar, com as suas figuras de pesadêlo, a elegância rara de Petrónio abrindo as veias desdenhosamente, enquanto de vagar floriam as verbenas...»

\*

Ansias de liberdade sem freio; abdicação do sonho em face de realidades mesquinhas; dificuldades e derrotas na luta pela vida; desoladoras impotências mentais perante a inatingível perfeição; sêdes devoradoras de absoluto e de infinito que se não mitigavam, por orgulho, no puro orvalho da humildade; tédios longamente macerados no rescaldo de todos os gozos; fracassos e desilusões; aberrações e despeitos, — em tudo a inquietação gravou um estigma de fatalismo, de renúncia ou de simples cabotinismo! A inquietação não foi apenas, forçoso é confessá-lo, uma crise dolorosa do pensamento contemporâneo. Foi também uma atitude pedante e cómoda de descerebrados que fizeram profissão de intelectualismo e justificaram todos os desconchavos doutrinários e todos os desvios mentais e morais com a petulante decisão de polícias sinaleiros nas encruzilhadas do futuro e da anarquia. Mas foi, acima de tudo e em resumo, um estado de excitação colectivo. Uma biliosa de pessimismo e de incerteza. Uma irritável doença de nervos, num ciclo torturado de interrogações e tortuoso de fugas voluntárias à conformação, à disciplina e à regra. Uma psicose de guerra, emfim. Porque a inquietação e o inconformismo, no fundo, são apêlos bárbaros à guerra, quando o homem se torna impotente para estabelecer a paz consigo próprio.

\*

Há dez anos que essa louca inquietação devorava os nervos da Humanidade. O seu fim era a guerra. Por isso a guerra surgiu, confusa, esfíngica e receosa. O estrondo dos engenhos de morte aquietou as agita-

ções interiores, e nota-se apenas o temor de que a guerra não dure até que a morte estenda por sobre a Terra o alvo sudário da Paz definitiva. A guerra veio. E como por encanto, a inquietação abandonou o pensamento e a atitude dos homens... Para sempre? Não. Até ao dia do implacável ajuste de contas. Até que a Humanidade, já atropelada pelas hordas de Gog e Magog, seja surpreendida, no indescritível espanto da angústia suprema, pela grande, pela alucinante Inquietação!





# “IL POVERELLO,” (1)

por JOSÉ TRÊPA

○ Sr. Amorim de Carvalho publicou recentemente *Il Poverello*, poema em que exalta a trágica escalada do Homem para atingir o cume da glória suprema. As exterioridades do mundo, com todos os seus pecaminosos impulsos, cedem, após longos flagelos e alucinadas visões, ao império das fôrças morais. É o triunfo do Espírito. O homem seria um ente desprezível se não procurasse vencer-se e guiar o seu destino pelo caminho da alma. Só êle leva a conhecer a verdadeira razão da vida. Cada ser realiza um poder de imortalidade medido pelo nível ético que atingiu na sua passagem sôbre a terra—diz-nos o autor. O que morre em nós é o imoral. Sobrevive, na plenitude da sua essência, a verdade, a justiça, a virtude, o amor...

*Il Poverello* é um símbolo. Em páginas de largo sentido filosófico, Amorim de Carvalho cantou um hino à grandeza anímica, que nos conduz, na sua floração de bondade, a uma mais viva aproximação de Deus. Despido de propósitos apologéticos, o poema tem um profundo sabor panteísta. Francisco de Assis é o devoto de todos os credos confessionais, em sua idealidade ou aspiração. O Deus para quem dirige o fervor das suas preces nada tem de pessoal: está dentro dos princípios que formam a base de tôdas as religiões. E por isso, êle não clama voltado para Cristo ou para Allah, para Budha ou para Brahma:

«altíssimo, onnipotente, bon Signore»

e, antes, dirige-se ao

«mundo bondoso e onnipotente...»

---

(1) Amorim de Carvalho, Edições «Claridade», Pôrto.

Êle é o eco de tôdas as dores. A projecção de todos os negrumes. A voz do desespero erguida onde chora a miséria, onde grita a prepotência, onde a mentira, sob qualquer das suas faces, conspurca os melhores frutos da moral humana. Abraão, Moisés, Satã, essas e outras figuras da Bíblia êle reincarna. Um leva o filho ao sacrificio que Deus — ó suprema heresia! — lhe impõe. Cutelo em punho e lenha para a fogueira, lá vão seguindo, ainda a estrêla de alva lhes alumia os passos:

«Ambos seguem, calados, num silêncio de gêlo  
como o corpo e sombra.

. . . . .  
Por onde os dois passaram,  
Um frémito de horror e estranhos medos  
Abriu em choro o seio dos fraguados.»

Outro, corre em busca da Terra Prometida

«...até que um dia  
sobe o profeta a um monte, donde vê,  
trémulo de alegria,  
o país que nos sonhos conhecia  
e onde o conduzira a sua fé.»

De novo, nesse velhinho, «de barbas claras, de fronte macerada, e de inspirado olhar», se reconhece o *Poverello*. E roja-se, no chão, a soluçar, como se tivesse cometido um crime inexpiable. Deus é o despertar atônito duma visão sublime:

«Ante a sua vontade, a ousadia dos homens se desfaz!»  
. . . . .  
E terceira visão,  
ainda mais atroz,  
surgiu ao seu olhar amedrontado:

Milhares de anjos sopram nas trombetas a sua voz,  
que corre o mundo, lado a lado...»

É na passagem da evocação bíblica ao Juízo Final e onde o fogo de imaginação de A. de C. atingiu mais alto poder de realização dramática:

«Ó mortos, levantai-vos! despertai!»  
. . . . .  
Mas os mortos, que dormem, não se levantam.  
Tornam mais alto as lívidas trombetas:  
. . . . .

Porque esperais? Rompeu o dia!  
E um apêlo mais forte dilacerou os ares;  
Abrem-se, como conchas, os leitões tumulares  
cheios apenas duma cinza fria!...»

O ateísmo de A. de C. é evidente se o quisermos ver pelo prisma católico, ou duma outra, seja qual fôr, seita religiosa. Não à luz da sobrevivência do espírito que é uno e eterno, essência da vida em constante marcha evolutiva. «Uma fôrça existe, encerrada no mais recôndito do ser, e a que nós surpreendemos, aqui e além, de anos em anos, uma manifestação fugitiva» — afirmava Eça de Queiroz. Estavamos em plena florescência do positivismo, depois de Augusto Comte e da sua religião da humanidade. O mundo havia saído da superstição, da intolerância fanática da Meia-Idade. Darwin, Lemarck, Claude Bernard, tinham desvendado os segredos da matéria. Buchner, com a difusão dos seus conhecimentos científicos, abalava o mundo das crenças. Mas ao fim e ao cabo das investigações que invadiram todos os sectores, o espírito conserva o seu prestígio, porventura mais alto, longe naturalmente do campo das superstições, e continua «embora como ponto de luz indistinta que picasse vagamente uma vaga e massiça abóbada de treva...»

Espiritualista, o sr. A. de C., para êle os progressos sociais são um fenómeno de consciencialização e não se obtém pela prática da penitência. Francisco de Assis, na sua criação artística, é um crente, mas à margem da ortodoxia. Podemos vê-lo anterior a Cristo — na luta incessante da humanidade através do Tempo. «Eu sou o Sonho humano, eternamente a combater com Deus!» Vem do cáos, das sombras lúgubres das Cousas, numa ânsia pangenésica, comprimindo ao peito a Imensidade. Depois, observa, interroga, ausculta. Fustigam-lhe a frente as ventanias. Pesam sôbre êle desvairos e loucuras. Olhos fitos na miragem duma vida paradisíaca, caminha sempre cantando, como poeira pelos ventos levada. «E chega, finalmente! O drama universal da Vida resolve-se pelo mais alto grau de santidade. Para além da «poeira da aparência», pôde apreender «a razão transcendente do Universo» — do Universo cumprindo, através da linha humana, o seu determinismo moral.»

\*

Versos de inspiração elevada e duma ampla tendência social — apenas a realização formal do poema, quanto a nós, poderá ser discutida, mas essa mesma não na sua contextura, sim no pormenor, que

revela por vezes algumas passagens menos cuidadas. A luz de espiritualidade que doura as suas páginas vence porém as demais virtudes contidas em *Poverello*, sem que estas deixem de ser dignas de menção.

Todos os capítulos foram vasados em versos de diferentes medidas, que vão de duas a vinte e tal sílabas, o que tem dado lugar a classificarem o autor como poeta «modernista». Não obstante, e embora a combinação de metros que vão além dos vulgarmente usados na poesia portuguesa, sabemos que o A. enfileira entre os nossos vates de estrutura clássica mais categorizados. É curioso notar como A. de C. consegue tirar efeitos rítmicos dentro duma tal variedade métrica

O trabalho a que nos reportamos dá-nos algumas inovações interessantes. Mostra-nos, por exemplo, que um verso de impressionante extensão, fora das normas estabelecidas pelos vólhos compêndios, não é mais do que a justaposição de versos clássicos de 6, 8, 10 e 12 sílabas. Vejamos, abrindo o seu livro ao acaso:

• De súbito tremi. De súbito trememos, como o ar onde passa um frémito de horror; (pág. 24)

• Levantei os meus olhos para os astros e fitei Deus de frente — sombra do meu pavor (idem 45)

• O medo, que alvoroçou o meu espírito, fez-se audácia, vingança e crueldades...» (idem 47)

Estamos em presença de três versos do livro do sr. A. de C., com mais de duas dezenas de sílabas cada um. Há muitos outros em *Poverello* de igual distenção e a verdade é que tal metro não existe, salvo êrro, na poesia tradicional. Decompondo porém êstes versos, teremos:

« De súbito tremi. De súbito trememos,  
Como o ar onde passa um frémito de horror »,

que são versos *alexandrinos* formados por hemistíquios rigorosamente medidos e a que não falta, para serem mais perfeitos, a respectiva cesura.

O segundo exemplo apresentado e sujeito à mesma operação analítica, dá-nos:

« Levantei os meus olhos para os astros  
e fitei Deus de frente,  
sombra do meu pavor... »

e aqui existem um *decassílabo* e dois versos *heróicos quebrados*, moldados com irrepreensível acentuação tónica.

Finalmente, o terceiro caso:

« O medo,  
que alvoroçou o meu espírito,  
fez-se audácia, vingança e crueldades... »

combinação de um verso de duas sílabas, seguido de outro de oito e de outro, ainda, de dez.

Dêste modo, não se poderá dizer que o autor de *Poverello* é um poeta *modernista*, insistimos. Mas poder-se-á chamar-lhe um poeta clássico? Nenhum dos autores consagrados pelo classicismo usou metros idênticos. Nenhum deles foi além do *alexandrino*. Isto contudo não quer dizer que A. de C., pelas razões acima expostas, deva ser banido dessa feição escolástica. O que êle fêz, salvo melhor juízo, foi introduzir uma inovação na métrica usual. Beneficiando a arte? Prejudicando-a? A crítica o dirá. Pela nossa parte, lealmente o confessamos, não lhe descortinamos vantagem, mas também não o confundimos com os *modernistas*, cujos processos são muito diversos.

A' primeira vista, entre o autor de *Poverello* e um versilivrista há pontos de contacto. Ambos excederam a medida normativa e, aparentemente, a disposição gráfica pode assemelhá-los. Mas enquanto com A. de C., separando os elementos constitutivos do verso, vemos parcelas rigorosamente metrificadas, com aquêles não vemos senão linhas de prosa mutilada, sem preocupação (êles o dizem) das regras impostas a quem verseja. E assim é que os poemas de A. de C. têm ritmo — o que, inteiramente, falta aos outros. Podíamos patentear idênticas características da sua maneira de ser artística, em absoluto desacôrdo com o feitio temperamental dos modernistas. *Poverello* mostra-nos qualidades, como sejam a natureza da rima consoante — a mais bela das rimas — e estâncias irregulares, com disposição rimática diversa, mas especialmente *emparelhada* e *cruzada*, que são de per si um documento iniludível da formação clássica do autor. Frisamos êste ponto que não deixa de ter certa expressão elucidativa.

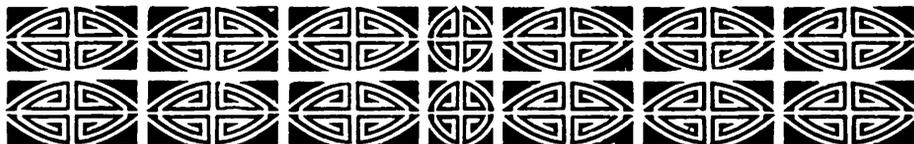
As regras métricas possuem, naturalmente, um fim. E' dentro do seu condicionalismo que se obtém a musicalidade indispensável nos bons versos. Os que não obedecem à contagem silábica e desprezam os acentos tónicos onde êles são necessários, tornam-se quasi sempre arítmicos e agridem o ouvido de quem os pronuncia. As regras mesmo exercem funções muito apreciáveis para a retenção na nossa memória auditiva daquilo que lêmos. Sabe-se que decoramos mais facilmente o verso do

que a prosa — e porquê? Justamente porque a rima e a cadência auxiliam a fixação mental, facto que deveria figurar na conta corrente da poesia modernista com grandes algarismos de passivo. Quem se teria lembrado de recitar, conseguindo prender a atenção do auditório, um poema em verso branco, irregular, confuso, exaustivo? Que diferença, imensa, não existe entre, por exemplo, a « Lágrima » de Junqueiro e um conjunto estrófico de agora — dêsses que não respeitam a harmonia orquestral de uma tal forma de linguagem escrita? Que diferença entre a larga e bela sonoridade daquela e as inevitáveis dissonâncias das coisas modernistas?!

Fala-se na idea como factor nevrálgico dos poemas. De acôrdo. Mas que superioridade terá uma idea mal vestida sôbre outra idea, igualmente nobre, metida numa indumentária elegante? « Uma vez que não degenerem em mero formalismo, a poesia só se enriquece quando consegue reunir a mais alta idealidade poética à mais alta perfeição formal. » Se o fim de quem escreve é, sòmente, dizer algo da sua justiça ou expor um pensamento útil, que se realize o desiderato em prosa — faltando arcaboço para mais...

Não é o caso, evidentemente, de A. de C., poeta de fácil execução plástica e de um estro já pôsto à prova em várias obras conhecidas. Mas então por que teria êle feito aquelas aparentes invasões no campo alheio? Por economia de papel? Por economia rimática? Por espírito de originalidade? Sem querermos diminuir as qualidades do livro, não há dúvida que o processo adoptado da adição de versos pode em certos casos aligeirar alguns obstáculos. Isto porém não é razão bastante e nós ignoramos a sua verdadeira explicação. O sr. A. de C. promete-nos um tratado de versificação e aí nos dará a chave dêste enigma, sendo, portanto, prematuro o mais que poderíamos dizer sôbre o assunto.





## UM EDITOR NACIONALISTA

# José Fernandes Júnior

por FERNANDO CAMPOS

*No fascículo 3-4 e na secção Pensamentos, Palavras & Obras fizemos referência a um artigo que o nosso distinto colaborador Fernando Campos, consagrou no «Bazar» de A Voz, de 20 de Janeiro, a José Fernandes Júnior. Mal imaginávamos nós que, em 14 de Dezembro, teríamos de chorar a perda dêste prezado camarada que, com 39 anos, faleceu fiel aos seus princípios católicos e monárquicos, pelos quais combateu e sofreu perseguições.*

*Arquivando, agora, na Íntegra, o artigo de Fernando Campos queremos prestar homenagem à memória do saudável camarada Fernandes Júnior, cuja morte causou profundo pesar em todos que o estimavam e admiravam o seu belo carácter.*

Quando, um dia, se fizer a história do movimento de renovação nacionalista que teve o seu início com o aparecimento da revista *Nação Portuguesa* em Abril de 1914, movimento que teve no Integralismo Lusitano e na Acção Realista Portuguesa as suas organizações principais, um nome há-de também ser lembrado, ao recordarem-se os dos propagandistas e doutrinários do pensamento que tão profunda influência exercia na mentalidade portuguesa: o do editor nacionalista José Fernandes Júnior.

E' que, numa hora em que tudo era frieza ou hostilidade à volta daqueles que, com sacrifício dos seus interesses materiais, e muitas vezes com risco da própria vida, se lançavam no bom combate às superstições funestas do demo-liberalismo empenhando o seu melhor esforço na propaganda das doutrinas contra-revolucionárias, nunca José Fernandes Júnior faltou onde quer que a sua acção ou a sua experiência fôsem precisas.

E é bem possível que a ideologia nacionalista não tivesse caminhado e alastrado tão depressa através da indiferença e da campanha de silêncio que pretendia atabafá-la, se não fôra a iniciativa e a dedicação de um editor a quem o lucro não seduzia, porque era apenas a sua fé que o levava a empreender as publicações a que o seu nome ficou ligado. Um editor que se recusava a promover a publicação de tudo que não fôsem obras de carácter nacionalista; que, entre os lucros certos de uma obra dissolvente e aquêles mais do que problemáticos de um livro monárquico ou tradicionalista, não hesitava um momento, optando pelo segundo, só movido pela fôrça das suas convicções, e bastando-lhe, para recompensa do seu esforço desinteressado, a satisfação de *servir*, a satisfação do dever cumprido.

No nosso reduzido meio editorial, onde aquêles que defendiam os bons princípios do nacionalismo português difficilmente encontrariam quem lhes divulgasse os trabalhos, correndo o risco de os editar, a obra de José Fernandes Júnior constitue um caso digno de registo; representa um acto de benemerência espiritual a que nos é grato prestar justiça, numa hora em que algumas das nossas reivindicações de há vinte anos transcendem já dos domínios do Espírito para o campo das realidades nacionais.

A ninguém surpreenderá que alguém se lembre de pôr em relêvo a acção de um homem que não foi escritor nem pretendeu sê-lo, mas que prestou às ideas do nacionalismo integral tantos ou maiores serviços do que outros que manejavam a pena. Não se dá, entre nós, aos editores, a importância devida pelos altos serviços que prestam ao pensamento e às letras, ao contrário do que sucede em França, por exemplo, onde os seus nomes e as suas iniciativas são julgadas e lembradas frequentemente pelos autores consagrados e por quantos se consagram às coisas da Inteligência. Bem fácil seria documentar semelhante afirmação.

Mas o melhor elogio da obra de José Fernandes Júnior, — obra tantas vezes realizada com grandes dificuldades e sacrificio — a melhor homenagem a prestar a êste homem bom, a êste português de boa gema, como diria António Sardinha, que o teve por amigo e justamente avaliava o seu esforço e os seus méritos de administrador e editor, consiste na enumeração dos trabalhos que se devem à sua iniciativa editorial, pelo que lembrarei os principais do catálogo dos livros de sua edição:

Alfredo Guimarães: *Exposição de arte sacra*; Alfredo Pimenta: *Os srs. Professores André Velasco e Queiroz Veloso plagiadores*; Martins Sarmento literato e historiador; *O Pensamento político do sr. D. Manuel II*

*através das suas cartas*; António Serras Pereira: *Portugal na história da Civilização*; Carlos da Silva Lopes: *Ensaio sobre a Nobreza portuguesa*; Fernando Campos: *O Pensamento contra-revolucionário em Portugal (Século XIX)* 2 volumes; *A Genealogia do Pensamento Nacionalista*; *No Saguão do Liberalismo*; D. Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Mestre da Contra-Revolução*; Fernão de Oliveira: *Gramática da linguagem portuguesa* (3.<sup>a</sup> edição feita de harmonia com a 1.<sup>a</sup>, de 1536); Carolina Michaelis de Vasconcelos: *Das origens da poesia peninsular*; J. Lúcio de Azevedo: *A' margem dum capítulo de Alberlo Sampaio*; J. Mendes Cunha Saraiva: *O conceito histórico da palavra Beira*; João Ameal: *Panorama do Nacionalismo português*; José Pequito Rebelo: *As falsas ideias claras em economia agrária*; Luiz Chaves: *A inspiração folclórica na obra de Rafael Bordalo Pinheiro*; *Os Pelourinhos — Elementos para o seu catálogo geral*; Manuel Murias: *O Seiscentismo em Portugal*; *A política de Africa de El-Rei D. Sebastião*; *Cultura peninsular no Renascimento*; *A língua portuguesa no Brasil*; Marcelo Caetano: *Legislação civil comparada*; Rodrigo de Sá Nogueira: *Curso de filologia portuguesa*; *Da necessidade de se reformar a Gramática*; *Subsídios para a linguagem das salinas*; Rodrigues Cavalheiro: *Os motins de Campo de Ourique em 1803*; *Novos documentos sobre duas embaixadas de D. João IV*; Rui de Azevedo: *Documentos falsos de Santa Cruz de Coimbra (Séculos XII e XIII)*; General Vitoriano José César: *A batalha de Ourique*; *Cartas do Conde de Gallwey ao 2.º Conde de Assumar, anotadas e prefaciadas por Gastão de Melo de Matos*; *Tombo da Capela de Diogo de Gouveia na vila de Alenquer, com prefácio de Luciano Ribeiro*. E as seguintes revistas:

*Ordem Nova* — Revista anti-moderna, anti-liberal, anti-democrática, contra-revolucionária, reacionária, católica, apostólica, romana, etc., da direcção dos drs. Marcelo Caetano e Albano Pereira Dias de Magalhães.

*História*: revista de História, primitivamente da direcção do sr. Henrique de Campos Ferreira Lima e de que são actuais directores os srs. Augusto Botelho da Costa Veiga, Gastão de Melo de Matos e Conde de Tovar. Comporta duas séries, uma, de revista propriamente dita; outra, consagrada à publicação de inéditos e documentos.

*A Língua Portuguesa*, dirigida pelo professor dr. Rodrigo de Sá Nogueira.

*Nação Portuguesa*: a primeira tribuna donde se proclamaram e pregaram os princípios do nacionalismo integral, da Monarquia orgânica, tradicionalista, anti-parlamentar, e de que foram directores, Alberto Monzaraz e António Sardinha e que é actualmente dirigida pelo dr. Manuel Murias.

Com José Fernandes Júnior, que havia já então adquirido a propriedade da *Nação Portuguesa*, premeditava António Sardinha constituir uma sociedade destinada a editar obras de natureza cultural e nacionalista e a explorar o ramo livresco, sociedade de que a referida revista seria o ponto de partida e o órgão de propaganda. Esse plano, cujas bases definitivas tinham sido combinadas em Dezembro de 1925, deveria transformar-se em realidade no mês de Janeiro do ano seguinte. Mas a morte de António Sardinha veio pouco depois malograr a sua realização.

José Fernandes Júnior foi ainda administrador da revista *Cultura*, da direcção de *Águia de Pina* e dos jornais *Monarquia*, *Monarquia Nova*, *Revolução* (jornal monárquico sindicalista) e do semanário nacionalista e literário *Bandarra* de que foi redactor principal Pedro Correia Marques.

Em face da relação que aí fica, parece-me desnecessário insistir nas razões que me assistem para prestar a José Fernandes Júnior a simples mas sincera homenagem que estas linhas representam, homenagem a que *A Voz* generosamente se associou e que há muito era devida a quem, pelos seus sacrifícios, pela sua dedicação e pelas suas qualidades de trabalho se impõe ao reconhecimento de todos os nacionalistas portugueses.



# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1839

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Novembro

**Dia 7** — No pôço de uma mina na Quinta do Cavalinho apareceu um rapaz de 12 anos de idade que ali se encontrava há 2 dias, tendo sido lançado por um tendeiro da Venda da Serra por o rapaz dizer que êle tinha roubado um lenço quando estava a vender algumas fazendas na casa de Feijô, junto a Margaride. Além de estar exposto à morte por não poder sair do pôço, teve a felicidade de ser defendido por um sardão, o qual tinha lutado com uma grande cobra para que esta lhe não fizesse mal.

O rapaz foi levado ao hospital, donde saiu a 16 de Dezembro seguinte, e aí disse chamar-se José de Sousa, filho de João António, jornaleiro, morador no lugar da Trofa, da freguesia de Pombeiro, e que estava na mina há 2 dias, por o motivo que acima fica dito. O tendeiro, vendedor de lenços, João Manuel, solteiro, de 16 anos, da freguesia de Calvos, entrou na cadeia por ordem do administrador do concelho, a 11 dêste mês. Foi sentenciado a 5 anos de trabalhos públicos e partiu para a Relação do Pôrto, acompanhado por uma escolta do regimento n.º 14, em 27 de Abril de 1841.

**Dia 10** — O correio do Pôrto que devia chegar a Guimarães às 4 horas da manhã, só chegou às 4 da tarde, tendo sido roubado em Alfena. Ataram o condutor a um

pinheiro, arrombaram a mala, roubaram-lhe 160 reis em dinheiro e duas encomendas, pondo em desordem as cartas. (Duvido se foi neste dia ou em 10 de Dezembro. — F.)

**Dia 12** — « Foi nomeado arcipreste do julgado desta vila, um célebre João Bento Correia, ex-lóio, que tinha sido coreiro e músico da Colegiada. Era um doido e de um péssimo moral. Estava reservado para êste julgado, que continha um grande número de eclesiásticos, entre êles alguns mui dignos, o ver arcipreste um eclesiástico doido, sem porte, e ignorante!... » — P. L. Diz outro noticiário: « Apresentou-se aqui como arcipreste do julgado eclesiástico João Correia que logo no dia 23 roubou a filha do Pimenta ourives e no dia 27 foi demitido. »

**Dia 20** — Portaria do ministério do reino concedendo licença ao juiz e mesários da confraria do SS.º Sacramento, da freguesia de S. Jorge de Selho, para aforar um pequeno olival que a confraria possuía no sitio de Gomes, com a cláusula, porém, de que o aforamento seja perpétuo e feito em hasta pública pelo maior preço oferecido, superior ao da avaliação a que se devia proceder, não sendo admitidos a lançar nenhum dos mesários, por si nem por interposta pessoa.

**Dia 23** — « À' noite, fugiu da casa do

pai uma rapariga, filha do Pimenta ourives, morador na rua dos Mercadores.

Nesta mesma noite também fugiu de casa uma filha do João Pereira Togeira, por causa dos maus tratos que lhe dava seu pai. Fugiu para casa de uma tia que morava em Santo Tirso. » (P. L.)

**Dia 27** — Pelo vigário capitular de Braga foi exonerado o arcepreste dêste julgado, João Bento Correia, e nomeado em seu lugar João Bernardo, « Cutalho », pároco de S. João das Caldas. A exoneração do João Bento foi em consequência do que se passou no dia 23 dêste mês. (P. L.)

**Dia 30** — A Câmara representa à Rainha pedindo a conservação do Castelo e Paços dos Duques.

## Dezembro

**Dia 1** — Fez-se a eleição camarária e saíram eleitos: *efectivos* — Barão de Vila Pouca, 1.019 votos; José Joaquim Vieira, 980; António de Nápoles Vaz Vieira, 979; Manuel Joaquim da Silva Areias, 802; João Barroso Pereira, 798; José Joaquim Moreira de Sá, 735; dr. João António de Oliveira Cardoso, 687; José António de Faria, 631 e Joaquim de Meneses Cardoso, 628; *substitutos* — João Pereira Soares de Azevedo, 568; António Joaquim Gomes de Abreu, 517; Francisco José da Costa Sampaio, 516; Henrique Navarro, 496; António José Mendes de Oliveira, 454; Manuel Baptista Sampaio, 451; António Leite de Lemos Xisto, 417; Manuel Joaquim de Macedo, 404 e Francisco Martins da Costa.

**Dia 6** — Antes da meia noite, por arrombamento duma janela, na rua do Anjo, na casa em que morava Ventura de Sousa, marchante, roubaram: 4 cordões de ouro, 1 laço de diamantes de ouro, 2 pares de

brincos de diamantes e ouro, 1 pente de pedras, 4 anéis de prata e dinheiro, tudo no valor de 800\$000 réis. O roubo foi praticado por Manuel Ferreira Fandango, seu criado, Francisco José da Cunha, vendeiro, Francisco dos Leites, de Fafe, e José de Sousa, soldado do batalhão de infantaria 18 aqui estacionado.

O Fandango foi em 12 de Abril de 1842 condenado em 5 anos de degrêdo para a Ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, pelo Juiz João António de Oliveira Cardoso.

**Dia 16** — O arcepreste do julgado eclesiástico, João Bernardo de Abreu Vieira, dirigiu uma circular aos párocos, para que lhe enviassem uma relação de todos os clérigos seus paroquianos e dos que actualmente existiam em suas paróquias, aos quais intimariam para, no prazo de 8 dias depois de intimados, apresentarem seus documentos a êle, arcepreste, a fim de ver se estavam legais, segundo o determinado pelo Ordinário.

**Dia 20** — Dissolveu-se a Sociedade Patriótica.

**Dia 24** — Na Colegiada celebraram-se matinas, à noite, e missa do galo, concorrendo à igreja bastante gente. Assistiram poucos cônegos.

Há 9 anos que se não realizavam estas solenidades por causa das obras da igreja. Nesta ocasião estava a igreja concluída, faltando apenas pintar os altares colaterais e acabar o órgão grande. (P. L.)

\*

Este ano foi muitíssimo chuvoso. Na primavera, estio e outono, não houve 8 dias de sol a fio e no mês de Agôsto só se registaram poucos dias de calor. (P. L.)

JOÃO LOPES DE FARIA.

# ÍNDICE DO XV VOLUME

## TEXTO :

PÁGS.

Pro Rege Nostro — <i>Redacção</i> . . . . .	5
Lendas de outrora, e de sempre — <i>Fernando de Aguiar</i> . . . . . 7 e	48
O Fascismo — <i>Roldão Preto</i> . . . . . 13, 41, 77 e	108
Florbela Espanca e a crítica — <i>Guido Battelli</i> . . . . .	20
Arte e História — <i>Armando de Mattos</i> . . . . . 22, 35 e	65
Velharias Vimaraneses (1839) — <i>João Lopes de Faria</i> 28, 54, 91, 122, 152 e	187
Tu es Petrus — <i>Redacção</i> . . . . .	33
Ciúme — <i>Silvina Furtado de Sousa</i> . . . . .	34
Avé Viriatos! — <i>Mécia Mousinho de Albuquerque</i> . . . . .	71
Cartas sem franquia (VIII) — <i>António A. Dórta</i> . . . . .	72
A côr do Samba — <i>Franchini Netto</i> . . . . .	84
Os Açores — <i>Agnelo Casimiro</i> . . . . . 88, 118 e	145
Os olhos falam — <i>Mário Gonçalves Viana</i> . . . . .	97
Cantinho precioso — <i>Silvina Furtado de Sousa</i> . . . . .	107
Mi adios a los aviadores de España — <i>José Pequilo Rebelo</i> . . . . .	114
Padre Luiz Costa, S. J. — <i>Claúdio e António Corrêa de Oliveira Guimarães</i> .	129
Bandeira da minha crença — <i>Artur Tojal</i> . . . . .	137
Dezassete anos depois — <i>Roldão Preto</i> . . . . . 138 e	161
A dama que não cantei nos meus versos — <i>Arlindo Veiga dos Santos</i> . . . . .	164
Facetas da Arte — Romance — <i>Jorge Vernex</i> . . . . .	165
Da Inquietação — <i>César de Oliveira</i> . . . . .	172
«Il Poverello» — <i>José Trêpa</i> . . . . .	177
Um editor nacionalista — José Fernandes Júnior — <i>Fernando Campos</i> . . . . .	183

## Pensamentos, Palavras & Obras: — *Da Vida: dos Factos: Das Letras:*

Franco venceu! — <i>Manuel Alves de Oliveira</i> . . . . .	56
Joaquim Romano . . . . .	57
Prémio Dr. António Sardinha . . . . .	57
José Fernandes Júnior . . . . .	58
Um novo romance de Nuno de Montemor . . . . .	58
Dr. Afonso Lopes Vieira . . . . .	58
Guido Battelli . . . . .	59

## Dos Livros & dos Autores:

<i>Estudos Verndculos</i> (I), por Vasco Botelho do Amaral . . . . .	30
<i>Ocidente</i> . . . . . 30, 61 e	127
<i>Boletim Cultural</i> . . . . . 31 e	126

	PÁGS.
<i>Nuno Alvares</i> , por Mário Gonçalves Viana . . . . .	31
<i>Orientália</i> , por António da Silva Rêgo . . . . .	31
<i>Mousinho de Albuquerque</i> , por Mário Gonçalves Viana . . . . .	32
<i>Pena sem prisão</i> , por J. C. Ataliba Nogueira . . . . .	32
<i>Artur Bigordon — De Proletário a Burguês</i> , por Jean Drault . . . . .	32
<i>Dicionário Inglês-Português</i> , por Eduardo Pinheiro . . . . .	60
<i>O sentimento de solidão na obra de Florbela Espanca</i> , por Diogo Tavares . . . . .	60
<i>Ibero-Amerikanisches Archiv</i> . . . . .	60 e 126
<i>Do Governo dos Príncipes ao Rei de Cipro — Do Governo dos Judeus à Duquesa de Brabante</i> . Trad. de Arlindo Veiga dos Santos . . . . .	61
<i>As Festas dos Centenários</i> , por Alfredo Pimenta . . . . .	62
<i>As Maravilhas Celestes</i> , por Camilo Flammarion . . . . .	62
<i>O escaravelho de ouro</i> , por Edgar Pöe. . . . .	62
<i>Almanach Açôres</i> . . . . .	62
<i>O vagão de 3.ª classe</i> , por Jean Drault . . . . .	62
<i>D. Quichote de la Mancha</i> , por Miguel de Cervantes. . . . .	63
<i>D. António Coelho</i> . . . . .	63
<i>Santo António de Lisboa</i> , por Mário Gonçalves Viana . . . . .	63
<i>Barcelos nas festas centenárias</i> , pelo Dr. Adélio Marinho. . . . .	63
<i>1640 em Barcelos</i> , por J. Mancelo Sampaio. . . . .	64
<i>Aldeias Portuguesas</i> , por Gustavo de Matos Sequeira . . . . .	64
<i>Lições de Linguagem</i> (vols. II e III), por Augusto Moreno . . . . .	64
<i>Túmulos portugueses</i> , por Nuno Catarino Cardoso. . . . .	93
<i>Clamor da Terra</i> , pelo Conde de Aurora . . . . .	93
<i>Sermões e Lugares Selectos</i> , do Padre António Vieira . . . . .	94
<i>Terra sem mulheres</i> , por Barros Ferreira . . . . .	94
<i>Congresso Espírita Internacional</i> . . . . .	95
<i>Maria Mim</i> , por Nuno de Montemor . . . . .	95
<i>Ritmos de Sempre</i> , por José Trêpa . . . . .	96
<i>O maior amor</i> , por Mário Gonçalves Viana. . . . .	96
<i>Dez anos na pasta das Finanças</i> . . . . .	125
<i>Portugal The New State in Theory and in practice. El Estado Nuevo Portugués. Principios y Realizaciones</i> . . . . .	125
<i>O Problema dos Fantasmas</i> , por Hugo Rocha . . . . .	125
<i>Etnografia da Beira</i> (vol. V), pelo Dr. Jaime Lopes Dias . . . . .	128
<i>As Férias</i> , pela Condessa de Ségur . . . . .	128
<i>Parêntesis</i> , por A. Garibaldi . . . . .	128
<i>Labirinto</i> , por Mesquita Júnior. . . . .	128
<i>Cadeia Eterna</i> , por Barros Ferreira . . . . .	154
<i>Catálogo dos Manuscritos Ultramarinos da Biblioteca Pública do Porto</i> . . . . .	155
<i>Professor Oliveira Salazar's Record</i> , por Tomaz Wylie Fernandes . . . . .	156
<i>Desespêro</i> , por Artur Tojal. . . . .	156
<i>Hora Vermelha</i> , por Alvaro Fernandes . . . . .	156

	PÁGS.
<i>Cousas da Madeira. Lendas doutr'ora, e de sempre</i> , por Fernando Aguiar . . . . .	156
<i>Os Pelourinhos</i> , por Luiz Chaves . . . . .	157
<i>Evangelho de uma avó</i> , pela Condessa de Ségur . . . . .	157
<i>O problema da hipoteca agrícola em Portugal</i> , por João de Amaral Canavarro . . . . .	158
<i>O vício conjugal</i> , pelo Dr. Georges Surbled . . . . .	158
<i>Fôlhas Murchas, Rosa Maria, Eterna Comédia, Iluminuras, Momento lírico, Uma Lágrima e Incensário</i> , por Manuel Aires . . .	158
<i>Quatro páginas</i> , por Manuel Aires . . . . .	159



# ÍNDICE DOS AUTORES

	PÁGS.
Agnelo Casimiro. . . . .	88, 118 e 145
Antônio A. Dória. . . . .	72
Arlindo Veiga dos Santos. . . . .	164
Armando de Mattos. . . . .	22, 35 e 65
Artur Tojal. . . . .	137
César de Oliveira . . . . .	172
Cláudio e Antônio Corrêa de Oliveira Guimarães . . . . .	129
Fernando de Aguiar. . . . .	7 e 48
Fernando Campos . . . . .	183
Franchini Netto . . . . .	84
Guido Battelli. . . . .	20
João Lopes de Faria . . . . .	28, 54, 91, 122, 152 e 187
Jorge Vernex . . . . .	165
José Pequito Rebelo . . . . .	114
José Trêpa . . . . .	177
Manuel Alves de Oliveira . . . . .	56
Mário Gonçalves Viana . . . . .	97
Mécia Mousinho de Albuquerque . . . . .	71
Redacção . . . . .	5 e 83
Rolão Preto . . . . .	13, 41, 77, 108, 138 e 161
Silvina Furtado de Sousa. . . . .	34 e 107

